



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Helena Miranda Cherem

**A BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XXI:
Da Guerra Global ao Terror aos Acordos de Abraão (2000-2020)**

Florianópolis

2022

Helena Miranda Cherem

**A BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XXI:
Da Guerra Global ao Terror aos Acordos de Abraão (2000-2020)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Graciela De Conti Pagliari

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cherem, Helena

A Balança de Poder do Oriente Médio no Século XXI : Da Guerra Global ao Terror aos Acordos de Abraão (2000-2020)
/ Helena Cherem ; orientadora, Graciela Pagliari, 2022.
149 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Oriente Médio. 3. Balança de Poder. 4. Segurança Internacional. 5. Ordem Regional Tripartite. I. Pagliari, Graciela. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

Helena Miranda Cherem

**A BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XXI: Da Guerra
Global ao Terror aos Acordos de Abraão (2000-2020)**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Graciela de Conti Pagliari, Dr.^a

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Danielle Ayres Pinto, Dr.^a

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Danny Zahreddine, Dr.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Graciela de Conti Pagliari, Dr.^a

Orientador(a)

Florianópolis, 2022.

Ao meu querido avô, João Joaquim
dos Santos Miranda.
O amor e orgulho que sentimos um
pelo outro será sempre nosso elo.

*Obrigada por todas as borboletas
amarelas no meu caminho.*

AGRADECIMENTOS

Durante aqueles que foram os dois anos mais difíceis da contemporaneidade para todo o globo, tenho a sorte e o prazer de dizer que concluo hoje mais uma etapa na minha vida acadêmica com sucesso. Apesar dos duríssimos tempos, pude sempre contar com o apoio de colegas e professores para tornar o ensino remoto em uma experiência incrível – não faltaram mestres inspiradores ou colegas prontos para os debates durante as disciplinas. Sendo assim, gostaria primeiramente de agradecer à toda comunidade da Universidade Federal de Santa Catarina: professores, servidores, profissionais terceirizados e os caros colegas do Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) – ver a academia seguindo firme e forte mesmo com tantos ataques à educação é algo digno das maiores honrarias. Agradeço também à CAPES e ao CNPQ (e seus respectivos profissionais) pelo apoio financeiro durante minha jornada acadêmica e estímulo à pesquisa, tornando menos complexo o desafio de ser pesquisadora no Brasil. Seguimos todas e todos unidas(os) na luta por um ensino brasileiro público, gratuito e de qualidade.

À minha orientadora, professora Graciela de Conti Pagliari, meus mais sinceros agradecimentos por todo estímulo, orientação e conversas à distância durante esses difíceis tempos. Foi uma honra ser orientanda de uma profissional tão brilhante e pessoa tão querida.

Àqueles que me apoiaram em todos os momentos, expresso aqui minha eterna gratidão: mãe, obrigada por sempre ter sido meu maior exemplo de professora dedicada e batalhadora; pai, obrigada pelo contínuo apoio aos meus sonhos acadêmicos; Gui, obrigada por ser meu fã número um em todas as etapas. Amo vocês mais do que palavras expressam, sou grata demais pela família incrível que tive a sorte de receber. Obrigada por sempre me incentivarem a dar o meu melhor e alcançar os mais altos céus.

Ao meu companheiro de todas as horas e que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais lindos e mais difíceis nos últimos 13 anos: Fê, obrigada pela parceria inabalável e por sempre segurar minha mão não importando o terreno, és meu porto seguro. Casar contigo no mesmo ano em que defendo minha dissertação transformou 2022 no meu ano preferido até hoje! Obrigada também pela família estendida incrível que me destes, meus sogros e cunhadas que nunca me pouparam um abraço e sempre fizeram eu me sentir em casa. Vocês são maravilhosos.

RESUMO

A balança de poder do Oriente Médio carrega como um de seus principais elementos o caráter multipolar, com uma constante disputa pelo *status quo* regional e pelo maior poder de influência. O cenário que se formou ao final de 2020 reforça tal traçado: uma nova ordem regional tripartite, dividida entre três grandes eixos de alianças – Eixo Pró-Status Quo (liderado pela Arábia Saudita), Eixo de Resistência (pelo Irã) e Eixo Islamita-Sunita (pela Turquia) – e com diferentes capacidades de *hard* e *soft power*, gera o tensionamento necessário para manter um equilíbrio que parece superar as instabilidades pós-Primavera Árabe. Para alcançar tal conjuntura, esta pesquisa elenca três marcos históricos estruturais e estruturantes do século XXI: a Guerra Global ao Terror (2001), a Primavera Árabe (2011) e os Acordos de Abraão (2020), indicando respectivamente: aumento das ingerências externas e baixas interações político-securitárias entre os atores regionais, vácuo de poder e centralização das relações com aumento na formação de estratégias regionais autóctones, e a aproximação concreta entre países árabes e Israel como uma reformulação de ameaça regional construída. Assim, visando responder sobre de que formas a balança de poder do Oriente Médio foi alterada entre a primeira e a segunda décadas do séc. XXI, em termos político-securitários, para alcançar a ordem tripartite de 2020, este trabalho tem por objetivo analisar esse deslocamento de forma a abranger o contexto regional macro, identificando seus principais agentes determinantes e as consequências que dele emergiram. Para tal, é utilizada a metodologia de pesquisa hipotético-dedutiva, a fim de validar a hipótese de que essa mudança acentuada na balança foi particularmente impulsionada pela virada de chave sistêmico-regional da Primavera Árabe e pela reformulação de retórica estratégica (e reconstrução da ameaça regional, fruto da Guerra Fria Regional Irã-Arábia Saudita) de Israel para Irã.

ABSTRACT

The balance of power in the Middle East carries as one of its main elements the multipolar character, with a constant dispute over the regional status quo and the greatest power of influence. The scenario that emerged at the end of 2020 reinforces this distribution: a new tripartite regional order, divided between three major alliances – Pro-Status Quo Axis (led by Saudi Arabia), Resistance Axis (by Iran) and Islamist-Sunni Axis (by Turkey) – with different hard and soft power capacities, generates the necessary tension for maintaining a balance that seems to surpass the post-Arab Spring instabilities. To grasp such scene, three structural and structuring historical landmarks of the 21st century are listed: the Global War on Terror (2001), the Arab Spring (2011) and the Abraham Accords (2020), indicating respectively: increase in external interference and low political-security interactions between regional actors, a vacuum of power and centralization of relations with an increase in the formation of autochthonous regional strategies, and the concrete rapprochement between Arab countries and Israel as a reformulation of a regionally constructed threat. Thus, in order to answer about the ways in which the balance of power in the Middle East was altered between the first and second decades of the 21st century, in political-security terms, to achieve the tripartite order of 2020, this work aims to analyze this shift in order to cover the macro regional context, identifying its main determining agents and the consequences that emerged from it. To this end, a hypothetical-deductive research methodology is used, in order to validate the hypothesis that this sharp shift in the balance was particularly driven by the turn of the systemic-regional key of the Arab Spring and by the reformulation of strategic rhetoric (and reconstruction of the threat as a result of the Iran-Saudi Arabia Regional Cold War) from Israel to Iran.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio no final do século XX (1990-99)	31
Figura 02 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio e as maiores potências mundiais (EUA e Rússia) entre 1990-2000	36
Figura 03 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio entre 2001-2010	57
Figura 04 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio e as maiores potências mundiais (EUA e Rússia), entre 2001-2010	61
Figura 05 – Impactos iniciais da Primavera Árabe (2011)	68
Figura 06 – Estados do Oriente Médio, 5 anos após o início da Primavera Árabe (2016)	70
Figura 07 – Estados do Oriente Médio, 10 anos após o início da Primavera Árabe (2020)	73
Figura 08 – Refugiados de 4 dos 5 países em guerra civil no Oriente Médio (2018)	81
Figura 09 – Países de origem e destino de cidadãos asilados advindos de guerras civis do Oriente Médio e África	81
Figura 10 – Zonas de influência da Guerra Fria regional Irã-Arábia Saudita	86
Figura 11 – Países do MENA com relações diplomáticas com Israel (2020)	91
Figura 12 – Poder militar do Oriente Médio Central (2021/22)	95
Figura 13 – Relações dos poderes regionais do Oriente Médio (2015)	102
Figura 14 – O Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (1970-90)	119
Figura 15 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio em 2020	128
Figura 16 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio e as maiores potências mundiais (EUA e Rússia) entre 2010-2020	132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Renda advinda do petróleo no Oriente Médio, em porcentagem do PIB (1970-2010)	48
Gráfico 02 – Níveis de desemprego no Oriente Médio (2004-2010)	48
Gráfico 03 – Capacidades materiais da Arábia Saudita: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)	50
Gráfico 04 – Desenvolvimento econômico da Arábia Saudita (2001-2010)	50
Gráfico 05 – Capacidades materiais do Irã: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)	51
Gráfico 06 – Desenvolvimento econômico do Irã (2001-2010)	51
Gráfico 07 – Capacidades materiais da Turquia: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)	52
Gráfico 08 – Desenvolvimento econômico da Turquia (2001-2010)	52
Gráfico 09 – Capacidades materiais de Israel: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)	53
Gráfico 10 – Desenvolvimento econômico de Israel (2001-2010)	53
Gráfico 11 – Capacidades materiais do Egito: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)	54
Gráfico 12 – Desenvolvimento econômico do Egito (2001-2010)	54
Gráfico 13 – Capacidades materiais da Arábia Saudita: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)	97
Gráfico 14 – Desenvolvimento econômico da Arábia Saudita (2011-2020)	97
Gráfico 15 – Capacidades materiais do Irã: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)	98
Gráfico 16 – Desenvolvimento econômico do Irã (2011-2020)	98
Gráfico 17 – Capacidades materiais da Turquia: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)	99
Gráfico 18 – Desenvolvimento econômico da Turquia (2011-2020)	99
Gráfico 19 – Capacidades materiais de Israel: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)	100

Gráfico 20 – Desenvolvimento econômico de Israel (2011-2020)	100
Gráfico 21 – Capacidades materiais do Egito: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)	101
Gráfico 22 – Desenvolvimento econômico do Egito (2011-2020)	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Despesas militares por país em porcentagem do PIB (1990-2004)	43
Tabela 02 – Despesas militares por país em porcentagem do PIB (2005-2010)	46
Tabela 03 – Situação política interna de países que passaram pela Primavera Árabe (2020) ...	74
Tabela 04 – Os <i>proxies</i> do Irã e da Arábia Saudita, durante a Primavera Árabe	85
Tabela 05 – Despesas militares por país em porcentagem do PIB (2010-2020)	94
Tabela 06 – Balança de poder do Oriente Médio entre 1945-99	106
Tabela 07 – Os três eixos do sistema atual do Oriente Médio (2020)	113
Tabela 08 – Principais preocupações securitárias de cada eixo (2020)	116
Tabela 09 – Comparação quantitativa de relações entre Estados do Oriente Médio em 3 tempos (1990-2000, 2001-2010, 2011-2020)	130

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. TEORIAS E METODOLOGIA: ALIANDO A CORRENTE NEORREALISTA À TEORIA DOS COMPLEXOS REGIONAIS DE SEGURANÇA	17
2. CAPÍTULO I: A BALANÇA DE PODER REGIONAL DO ORIENTE MÉDIO PRÉ- PRIMAVERA ÁRABE	26
2.1. A BALANÇA DE PODER NO ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XX.....	27
2.2. OS IMPACTOS PÓS-11/09/2001 NA BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO	37
2.2.1. Capacidade Material vs. Institucionalização do poder	43
2.3. CONCLUSÃO PRÉVIA.....	64
3. CAPÍTULO II: A BALANÇA DE PODER REGIONAL DO ORIENTE MÉDIO PÓS-PRIMAVERA ÁRABE	65
3.1. OS IMPACTOS DA PRIMAVERA ÁRABE À BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO	66
3.1.1. Conflitos decorrentes da Primavera Árabe.....	77
3.2. OS IMPACTOS DOS ACORDOS DE ABRAÃO À BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO	88
3.3. CAPACIDADE MATERIAL vs. INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PODER PÓS- PRIMAVERA ÁRABE E ACORDOS DE ABRAÃO.....	93
3.4. CONCLUSÃO PRÉVIA.....	104
4. CAPÍTULO III: O COMPLEXO REGIONAL DE SEGURANÇA DO ORIENTE MÉDIO E A ORDEM REGIONAL TRIPARTITE NA BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO EM 2020	105
4.1. A ORDEM REGIONAL TRIPARTITE DO ORIENTE MÉDIO	105
4.2. A TEORIA DOS (SUB-)COMPLEXOS REGIONAIS DE SEGURANÇA APLICADA AO ORIENTE MÉDIO	117
4.3. O SOMATÓRIO DAS DUAS VISÕES E A BALANÇA DE PODER REGIONAL RESULTANTE.....	126
4.4. CONCLUSÃO PRÉVIA.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	140

1. INTRODUÇÃO

Dentre as maiores regiões do mundo, com cerca de 22 países e mais de 500 milhões de habitantes, o Oriente Médio¹ atual é uma determinação geopolítica em um dos ecossistemas mais complexos e em constante transformação do globo. Suas fronteiras contam múltiplas histórias e margeiam intrincados imbróglis territoriais com disputas por influência na balança de poder. Enquanto o século XX foi ali marcado por neocolonialismos, formação de novos Estados e uma forte aproximação com grandes potências mundiais – decorrente do contexto global da Guerra Fria; o séc. XXI passou a apresentar uma nova configuração com revisão de estratégias securitárias regionais, ordenamento de dinâmica relacional muito mais voltado para dentro e uma multiplicidade de disputas concomitantes por poder e influência multinível.

Este trabalho tem como tema central os deslocamentos dessa balança de poder nas primeiras duas décadas do século XXI, assim como a análise da nova ordem regional tripartite que parece ter emergido desse cenário. Para tal, há três grandes marcos temporais que indicam esse amadurecimento nas relações entre os Estados até o final de 2020. São eles: a Guerra Global ao Terror (2001), a Primavera Árabe (2010) e as primeiras assinaturas dos Acordos de Abraão (2020). Cada um desses eventos produziu resultados tangíveis na balança de poder regional e trouxe consigo consequências em múltiplas dimensões – especialmente política, securitária e econômica.

Esta seção introdutória desenvolve-se em dois momentos: uma explanação contextual do tema, a fim de situar o leitor no enquadramento político-securitário do Oriente Médio moderno utilizado; seguida por um tratamento teórico e metodológico que explicita o formato de condução do trabalho, oferecendo também as bases teóricas para o mesmo – conjugando a Teoria Neorrealista à Teoria dos Complexos Regionais de Segurança – e seus respectivos reflexos no desenvolvimento dos três capítulos.

¹ A área fisicamente delimitada nesta pesquisa pode ser compreendida como Oriente Médio Central (ou *Machreck*, em árabe), dentro da conceituação mais ampla do “Grande Oriente Médio” formulada por AMINEH (2007) – ver Anexo I. Pelo fato de ‘Oriente Médio’ ser um conceito geopolítico e não um subcontinente ou uma região claramente demarcada (SAID, 1978; HOURANI, 1991; VISENTINI, 2014), há discordâncias sobre suas fronteiras de fato – organismos internacionais como a ONU, por exemplo, utilizam-se do entendimento de MENA (*Middle East and North Africa*), que exclui certos Estados acolhidos por Amineh. A escolha do foco e delimitação espacial deste trabalho, por fim, dá-se essencialmente pelo quadro relacional entre atores estatais com políticas externas mais ativas e maior relevância na balança de poder regional dos últimos 100 anos.

Proveniente de um século XX marcado pela dicotomia entre monarquias e regimes apoiados pelo Ocidente (como a Dinastia do Xá, no Irã; ou os novos países do golfo) e movimentos de independência nacionalistas (o Nasserismo no Egito, o Baathismo no Iraque ou a Revolução Islâmica Iraniana), o Oriente Médio do início do século XXI ainda era incipiente em seus vínculos e alianças regionais (BUZAN, WEAVER, 2003; AMINEH, 2007). O lançamento da Guerra Global ao Terror (SAINT-PIÈRE, 2015) em 2001, contra tudo e todos que o Ocidente passou a denominar de “terrorista”, serviu como ferramenta de manutenção daquela balança de poder da década anterior e os Estados continuavam a interagir mais nas dinâmicas sistêmica ou interna do que na conjuntura regional com seus vizinhos.

Com o final daquela década e entrada da seguinte, contudo, os impactos da crise financeira global de 2008 e dos Levantes Verdes no Irã (2009), somados às particularidades nacionais (mais semelhantes e concomitantes do que nunca) de governos autoritários, altos índices de desemprego dentre a juventude e insatisfação popular, agitaram as estruturas da região. Em 2010, surgiria desse descontentamento a Primavera Árabe, uma série de levantes populares com o objetivo de reestruturar politicamente a região sob um caráter autóctone. Catalisado pela Revolução de Jasmim, na Tunísia, o movimento ganhou *momentum* na maioria dos países árabes e foi liderado por jovens em redes sociais – indicando seu aspecto peculiar, inovador e contemporâneo. O resultado foi a queda de estadistas (no Egito, Iêmen e Líbia) e a instauração de guerras civis que se prolongam até hoje (em especial, Síria e Iêmen). Dentre as consequências a nível macro, o Oriente Médio (e não apenas a porção árabe²) pode sentir um rearranjo das suas relações entre Estados, em um movimento que recentrou seu foco para dentro – paulatinamente preterindo a influência externa hegemônica.

Nos momentos seguintes, outro conflito pairava sobre aqueles Estados: Irã e Arábia Saudita se utilizavam do vácuo de poder regional recém-criado para disputar poder de influência em sua Guerra Fria Regional – tanto politicamente naquele espaço, quanto na liderança do Islã (xiita vs. sunita-Wahabita) e nas matrizes energéticas. Pouco a pouco, ambas potências agregaram mais aliados para si e os vizinhos foram forçados a escolher um lado;

² Já que, apesar de o Oriente Médio ser majoritariamente formado por Estados e nações árabes, há também uma miríade de outros atores naquele espaço que não se encaixam nessa categoria étnica; dentre os principais, destacam-se Irã e suas origens persas, Israel, Turquia e a nação curda – todos indispensáveis para a composição e organização da ordem regional. Assim, é possível alargar a correlação de estabilidade regional que parte das relações entre Estados e seus nacionalismos individuais para também abarcar esses atores não-árabes.

enquanto Riad conquistava estadistas, seu adversário se aproximava de atores não-estatais e tentava contrabalancear o *status quo* daquele cenário. Seus embates ocorriam – e o seguem até o presente – de forma *proxy*, em outros territórios já em conflito (Síria, Iêmen, Líbano, Egito, Iraque, para citar alguns).

Entre 2015 e 2018, Teerã ficou sob os holofotes internacionais por conta do acordo nuclear (JCPOA) que assinou depois de anos de interlocução com o Ocidente, e pela saída do presidente estadunidense Donald Trump do mesmo – reavivando o discurso de “Eixo do Mal” proferido por George W. Bush em 2002. Esse novo cenário, somado às relações político-securitárias cada vez mais próximas entre os sauditas e os aliados estadunidenses na região (em favor da manutenção do *status quo*), levou também à ascensão de mais uma aliança, agora entre Israel e países árabes³. Os Acordos de Abraão, como ficaram conhecidos, começaram a ser assinados em 2020⁴ e, apesar de ainda não terem provido frutos de grande impacto, oficializam os andamentos do terceiro marco histórico desta pesquisa, uma vez que reforçam e aprofundam o distanciamento entre Riad e Teerã – e seus respectivos eixos – na disputa pelo topo da balança de poder do Oriente Médio.

Concomitantemente, um terceiro grupo emergia na região, composto por atores que não se encaixavam nos demais – mas que igualmente almejavam ascender na balança: Turquia e Catar. Apesar da menor interação intragrupo, esse terceiro eixo também formulou e manteve estratégias político-securitárias e arrecadou para si alianças com atores não-estatais em crescimento – o que também argumenta às diferenciações entre a primeira e a segunda décadas do século. Desta forma, compreende-se que existe espaço para a acomodação plena dos três eixos e de um cenário multipolar com grande abrangência de atores estatais e não-estatais, dentro da segurança médio oriental.

O panorama de balança de poder que se tinha ao final de 2020 se dava, portanto, pelas dinâmicas relacionais que formaram a ordem regional tripartite e seus respectivos subsistemas, que ficaram conhecidos como: Eixo Pró-*Status Quo* (composto por Arábia Saudita, Egito, Israel, Bahrein e Kuwait) Eixo de Resistência (Irã, Iraque e Síria), Eixo Islamita-Sunita (Turquia e Catar). De modo geral, dois elementos trazem destaque a esse cenário: I. a forte

³ Apesar não terem sido as primeiras, dado que Tel-Aviv já possui relações diplomáticas com o Egito desde 1967, e com a Jordânia desde 1994.

⁴ Primeiramente pelos Emirados Árabes Unidos, depois Bahrein, Marrocos e Sudão. Desde então – até maio/2022, ainda não houve maiores movimentações oficiais com outros atores.

presença e atuação dos três maiores atores não-árabes do Oriente Médio, um em cada eixo de alianças; II. o aprofundamento de alianças que até o início do século XXI não se imaginava (como Irã-Iraque, Arábia Saudita-Israel ou mesmo Turquia-Catar).

Para compreender essa conjuntura atual, este trabalho analisa uma série de elementos políticos, securitários e até mesmo econômicos, para montar quadros relacionais que amadurecem desde o final do século XX até 2020, assim como explora as razões por trás de cada movimentação e as consequências geradas para o diagrama final, que vê a região num formato atualmente multipolar, heterárquico e tensionadamente estável.

Dentre as principais contribuições aqui, está também a associação de duas linhas teóricas para embasar as análises: de forma principal, toma-se Neorrealismo (WALTZ, 1990; 2010) para delinear os conceitos securitários mais objetivos no âmbito regional (balança e vácuo de poder⁵, construção de capacidades materiais e a força do Estado) e compreender as relações entre os Estados enquanto unidades do Sistema e as consequências de suas ações para o mesmo, em um cenário anárquico de busca pelo poder. Enquanto de modo complementar, a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (BUZAN, 1991; BUZAN; WEAVER, 2003) serve de base para analisar as interações securitárias regionais e, para além da própria distribuição de poder, apontar elementos como polaridade e heterarquia, relações entre as unidades (amizade, inimizade e neutralidade/estranhamento relativo), e securitização/construção de ameaças e perigos percebidos. Para além dos autores das teorias securitárias e de relações internacionais, esta pesquisa alcança também a teóricos específicos de segurança do Oriente Médio, como FÜRTIG (2014), ZEHREDDINE; TEIXEIRA (2015), JAROSLAW (2018), KOCH; STIVACHTIS (2019) e BECK; RICHTER (2020); e de forma ainda mais particular, autores e autoras que tratam do tema da ordem regional em 3 eixos, como HARRISON; SALEM (2017) e BAZOUBANDI (2020).

⁵ É importante ressaltar que, ainda que o termo não possa ser compreendido em sua extensão literal – uma vez que um “vácuo” de poder *per se* não é possível, já que sempre há algum ator minimamente com mais poder de influência em um determinado espaço –, optou-se por utilizar tal categorização por se tratar de um termo já efetivamente existente no campo das Relações Internacionais, quando o controle (ou o poder hegemônico do *status quo*) é perdido e há um vazio até que ele retorne ou seja substituído.

1.1. TEORIAS E METODOLOGIA: ALIANDO A CORRENTE NEORREALISTA À TEORIA DOS COMPLEXOS REGIONAIS DE SEGURANÇA

Esse cenário altamente complexo dos primeiros 20 anos do século XXI apresenta um inegável elemento sob a ótica da corrente neorrealista de Kenneth Waltz: o deslocamento na Balança de Poder regional. Nesta concepção teórica, os conflitos derivados da anarquia do Sistema Internacional são analisados com foco nos produtos resultantes dos conflitos – ao invés de nas interações dos atores em si; facilitando assim a compreensão macro da ordem regional anárquica de um dado sistema. Em seu artigo *Realist Thought and Neorealist Theory* (1990), um dos pontos que o autor utiliza para diferenciar as escolas é que:

O Neorrealismo afirma que a política internacional pode ser entendida apenas se os efeitos da estrutura forem adicionados às explicações de nível de unidade do realismo tradicional. [...] [Ele] reconhece a ligação casual entre as unidades de interação e os resultados internacionais (WALTZ, 1990, pg. 34 – tradução livre⁶).

Ainda que nessa época o autor não tratasse das interações ocorrentes em nível regional, é possível traçar um paralelo com o nível internacional, mas com unidades (costumeiramente) mais semelhantes. Em sua obra anterior, *Theory of International Politics* (1979), o autor já apontava:

As diferenças entre as estruturas nacionais e internacionais refletem-se nas formas como as unidades de cada sistema definem seus fins e desenvolvem os meios para alcançá-los. Em esferas anárquicas, unidades semelhantes cooperam, [...] são funcionalmente semelhantes e tendem a permanecer assim. Unidades semelhantes trabalham para manter uma medida de interdependência e podem até lutar pela autarquia (WALTZ, 1979, pg. 104 – tradução livre⁷).

Em outros termos, uma balança de poder permanecerá constante e estável enquanto aquela ordenação (*status quo*) for benéfica para seus agentes (unidades); uma alteração apenas ocorrerá quando houver algum desconforto forte o suficiente para tal – seja ele interno a algum daqueles Estados ou externo ao bloco (como uma reordenação de outra ordem maior, dentro da qual aquela esfera faz parte). No caso em questão, do Oriente Médio no início do século XXI, a dinâmica da balança foi alterada no sentido sistêmico-regional uma vez que o arranjo da

⁶ Trecho original: *Neorealism contends that international politics can be understood only if the effects of structure are added to traditional realism's unit-level explanations. [...] [It] reconceives the casual link between interacting units and international outcomes.*

⁷ Trecho original: *Differences between national and international structures are reflected in the ways that units of each system define their ends and develop the means for reaching them. In anarchic realms, like units coact, [...] are functionally similar and tend to remain so. Like units work to maintain a measure of interdependence and may even strive for autarchy.*

primeira década se encontrava mais interligado à esfera internacional (em especial considerando a eclosão da Guerra Global ao Terror e à subsequente presença ocidental no Afeganistão e no Iraque), enquanto a Primavera Árabe de 2011 e suas respectivas consequências (vácuo de poder regional, a ascensão da Guerra Fria Regional Irã-Arábia Saudita e guerras civis prolongadas) serviram como marco de virada para uma segunda década mais voltada para dentro, inclusive com destaque às relações regionais entre atores Estatais e não-Estatais.

O marco temporal da Primavera Árabe é particularmente importante à ordem regional por conta das alterações das relações político-securitárias, que impossibilitaram a manutenção da configuração anterior. O movimento alterou o padrão das interações (regionais e extrarregionais) no Oriente Médio de forma estrutural, com a ascensão de dois elementos em especial: 1. Pelo fato de os levantes terem deslocado a balança de poder na dimensão sistêmico-regional, as relações e as prioridades político-securitárias entre os atores regionais passaram a ser priorizadas em detrimento das extrarregionais (BECK; RICHTER, 2020) – já indicando uma maior interação entre vizinhos geográficos do que até então se sentia; 2. A amplificação da já existente Guerra Fria Regional entre Irã e Arábia Saudita no caótico cenário de vácuo de poder, um espaço com múltiplos palcos e *proxies* dentro de conflitos nacionais – registrando um aumento na militarização e uma manutenção da instabilidade regionais como um todo (CHEREM, 2019). Em ambos cenários, também se apresentou considerável o aumento das relações entre atores Estatais e não-estatais.

A segurança da região também é caracterizada por muito mais, do que na maioria das outras regiões, dinâmica e variabilidade das principais questões de conflito. Isso pode ser claramente percebido quando se olha para as principais fontes de instabilidade na região e os motivos dos conflitos nos Estados do Oriente Médio na última década (JAROSLAW, 2018, pg. 155 – tradução livre⁸).

Além dessa realocação de ordem, houve também uma mudança na estratégia securitária de “ameaça/inimigo comum” regional e a subsequente (re-)divisão dos atores em três grupos/eixos, cujas análises dão início às aproximações conceituais deste trabalho com a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (BUZAN, 1991; BUZAN, WEAVER, 2003), uma vez que “dar uma identidade firme aos subsistemas regionais estabelece dois níveis intermediários

⁸ Trecho original: *The security of the region is also characterized by much greater, than in most other regions, dynamics and variability of the main issues of conflict. As it is clearly seen when one looks at the main sources of instability in the region and reasons for conflicts in the Middle Eastern states during the last decade.*

à análise entre sistema e Estado: os próprios subsistemas, e os padrões de relações entre eles” (BUZAN, 2004⁹, pg. 188 – tradução livre¹⁰) e que “em se definindo segurança regional, o principal elemento que deve ser adicionado às relações de poder é o padrão de amizade e inimizade entre Estados” (pg. 189 – tradução livre¹¹). Assim sendo, aqui serão considerados elementos como as predileções e relações entre atores, construções de ameaças e as constituintes dessa multipolaridade¹²/integração regional.

Um complexo de segurança é definido como um grupo de estados cujas principais preocupações com segurança conectam-se tão suficientemente próximas que suas seguranças nacionais não podem ser realisticamente consideradas separadas umas das outras. (...) Os complexos de segurança enfatizam a interdependência da rivalidade e também dos interesses compartilhados (BUZAN, 2004, pg. 192 – tradução livre¹³).

Dessa forma, dentre os principais elementos que argumentam pela necessidade da conjunção da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS) à Teoria Neorrealista neste trabalho estão: a interpretação das unidades como participantes de um sistema um nível médio (entre nacional e internacional/sistêmico), fechado em si, com subsistemas a ele pertencentes e interações internas ou com outras potências do SI ocorrendo de forma característica – como é o caso da pendularidade das influências e relações do CRSOM (Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio, proposto por Buzan e Weaver em 2003 e melhor explorado no capítulo III deste trabalho) entre as duas décadas aqui analisadas, ou das particularidades que o separam de países geograficamente próximos, mas pertencentes a complexos desanexados (como a Índia, à leste; o Sudão, ao sul; ou o Azerbaijão, ao norte); e, conseqüentemente, a construção de ameaças (sejam elas externas ou internas ao Complexo ou à região), por se tratar de uma percepção e/ou elaboração daquele grupo de atores, em juízo coletivo e particular ao grupo.

⁹ Segunda edição da obra original do autor (com o mesmo título) de 1991.

¹⁰ Trecho original: *Giving a firm identity to regional subsystems established two intermediate levels of analysis between system and state: the subsystems themselves, and the pattern of relations among them.*

¹¹ Trecho original: *In defining regional security, the principal element that must be added to power relations is the pattern of amity and enmity among states;*

¹² A título de categorização teórica, ressalta-se que mesmo dentro do Realismo, diferentes autores possuíram diferentes predileções sobre qual forma de polaridade seria mais estável – para Waltz, bipolar; para Morghentau, multipolar; e a discussão segue até hoje com teóricos mais recentes, como Richard Haass ao cunhar o termo “não-polaridade” em 2008. Este trabalho, contudo, não almeja delimitar seu foco sobre tal debate de preferências, apenas indica a multipolaridade intrínseca ao Oriente Médio durante o último século.

¹³ Trecho original: *A security complex is defined as a group of states whose primary security concerns link together sufficiently closely that their national securities cannot realistically be considered apart from one another. [...] Security complexes emphasize the interdependence of rivalry as well as that of shared interests.*

Em linhas gerais, a TCRS oferece a possibilidade de uma análise onde o Oriente Médio, enquanto região geopoliticamente construída, é um sistema em si – ao invés de atores unitários que apenas participam de um sistema global. Em outros termos, ela se torna indispensável para uma avaliação em múltiplas dimensões, onde a região é sempre autóctone – especialmente após o século XX e a onda da Guerra Global ao Terror do início do século XXI –, independente de determinações externas¹⁴, e formada por pequenas constelações ou subgrupos.

Com o objetivo de reduzir o uso da força nas relações internacionais, os Estados se comprometem a não utilizar para fins de agressão, apenas em resposta ou defesa. De forma semelhante a um “contrato social”, ainda que o sistema em si permaneça anárquico, a resposta deve ser elaborada de maneira coletiva, em forma de defesa comum pelo ataque a um dos Estados daquele grupo de atores sem que se desconstrua o véu anárquico daquele espaço.

Ainda que o sistema regional do Oriente Médio seja, assim como qualquer outro, anárquico e volátil – uma vez que os direcionamentos e predileções de cada ator (seja ele Estatal ou não-estatal) podem se alterar a cada novo governo nacional ou vizinho, grande ação de seus aliados ou inimigos, surgimento ou desaparecimento de grupos insurgentes, entre muitas outras possibilidades –, a cooperação dos Estados se dá na mesma forma que se daria na dimensão sistêmica, via formação de alianças e coalizões, criação de mecanismos de resolução de disputas, estabelecimento (ou distensionamento) de medidas de confiança, assinatura de tratados para o controle de armamentos e para o desarmamento, etc. (BUZAN, 2004). “Uma vez que Estados são essencialmente construções políticas, o sistema político internacional [e regional] é a parte mais importante do ambiente dos Estados” (BUZAN, 2004, pg. 147 – tradução livre¹⁵).

Para além da distribuição de poder, três elementos dicotômicos-chave compõem a base dos CRS (Complexos Regionais de Segurança): polaridade (anarquia vs. integração) – atualmente compreendida como multipolar no Oriente Médio –, relações entre unidades (amizade vs. inimizade) e em relação aos processos de construção de ameaças (securitização

¹⁴ Ainda que siga sendo possível – e coerente – a interação de atores regionais com outros extrarregionais, como as potências do Eixo pró-status quo com os EUA, ou do Eixo de Resistência com a Rússia. A diferença nesse cenário é que as decisões de aproximação e distanciamento são formuladas coletivamente, com base não apenas nos preceitos neorrealistas de busca por poder em um contexto anárquico, como também nos elementos securitários da TCRS.

¹⁵ Trecho original: *Because states are essentially political constructs, the international political system is the most important part of the environment of states.*

vs. dessecuritização) – compreendidos aqui como as ameaças e perigos securitários percebidos pelos três eixos.

Em relação à dimensão de relacionamentos entre Estados para se identificar cada CRS, Buzan indica que ela envolve compreender as forças relativas de interdependência securitária entre diferentes países, de muito fortes a relativamente fracas, ou de positivas (apoio mútuo) a negativas (rivalidade visível); o que, por fim, nos leva a uma rede geral intrincada de interdependência securitária (ou “overall seamless web of security interdependence”), com os mais variados níveis de intensidade nas linhas de amizade e inimizade, enquanto os limites se dão entre fronteiras com relativa indiferença (BUZAN, 2004).

Em se tratando da estratégia de reordenamento de ameaças, o Oriente Médio partiu daquele majoritário antissemitismo do século XX (SANT’ANNA, 2015) à aproximação diplomática de importantes países árabes com Israel, concomitantemente ao tensionamento nas relações com o Estado iraniano – visto o poder e capacidades (militares e não-militares) do bloco liderado pelos sauditas, que de certa forma forçou os atores da região a oferecerem seu apoio ou arcarem com a hostilização. Essa paulatina reformulação estratégica foi também influenciada de certa forma pela saída dos Estados Unidos (sob o governo do presidente Donald Trump, aliado da família real saudita) em 2018 do acordo nuclear iraniano (JCPOA), que assegurava controle do programa nuclear persa e da conseqüente expansão do país. Ainda que de forma indireta, essa ação foi essencial para dar força ao projeto anti-Iraniano e reavaliar o direcionamento de ameaça securitária regional.

Desta forma, a passagem da primeira para a segunda década do século XXI apresentou uma nova redistribuição de alianças sub-regionais, apresentando mais uma vez a peculiaridade político-securitária médio oriental. Havia agora três grandes eixos envolvendo os principais atores Estatais e não-Estatais daquele espaço: Eixo Pró-*Status Quo* (Arábia Saudita, Egito, Israel, e países do GCC¹⁶ – com exceção do Catar e de Omã), Eixo de Resistência (Irã, Iraque, Síria, Hezbollah e Houthis) e Eixo Islamita-Sunita (composto por Turquia, Catar, Irmandade Muçulmana e Hamas). Essa reorganização garantiu não só um maior alinhamento entre atores com interesses securitários semelhantes, como também a possibilidade de apresentarem uma

¹⁶ O Gulf Cooperation Council (traduzido livremente como Conselho de Cooperação do Golfo) é uma organização de integração econômica que reúne seis Estados do Golfo Pérsico: Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait).

frente unida contra agentes com interesses opostos – fossem eles regionais ou extrarregionais – em seus territórios.

Dentre os principais teóricos analistas de Oriente Médio contemporâneo, o embasamento também é plausível. Na obra de Harrison *From Chaos to Cooperation: Toward Regional Order in the Middle East* (2017), o autor implica à região uma desestabilização da ordem regional dentro dessas últimas duas décadas – não necessariamente pelos conflitos em si, mas sim pelas consequências que dali vieram, em especial a ascensão de Irã e Turquia e a consequente transformação de ambos em ameaças securitárias pelo Oriente Médio árabe, uma vez que eram atores relevantes e com considerável capacidade e anseio anti-*status quo*.

Ainda segundo o autor, o Oriente Médio anteriormente arabecêntrico, transformou-se em um sistema tripartite¹⁷, composto por: 1. Poder Árabe, em processo de enfraquecimento; 2. Poder Iraniano/Persa, em vias de enrobustecimento; 3. Poder Turco, instável mas relevante ao contexto regional. “O mundo árabe colapsou e agora estamos vendo outras potências preenchendo esses espaços, [...] em um sistema conflitivo” (Informação verbal pelo professor Ross Harrison, no curso *The Middle East in Transition: Stalled Uprisings, Failed States, and Regional Conflict*, 2017 – tradução livre). Essas movimentações representam, portanto, uma nova ordem regional, com dinâmicas e sistemáticas distintas e cujas consequências são analisadas neste trabalho.

Querine Hanlon em *Toward Regional Cooperation: the internal security dimension* (in: HARRISON, 2017) implica a precariedade e instabilidade na segurança interna dos Estados da região como um dos principais fatores que dificultam a cooperação regional de forma mais formal.

O paradoxo da cooperação regional no Oriente Médio e no Norte da África é que ela é uma das regiões menos integradas do mundo, apesar da existência de inúmeros desafios compartilhados - e até mesmo de interesses comuns. Em nenhuma área de potencial colaboração esse paradoxo é mais evidente do que na dimensão da segurança interna (HANLON in: HARRISON, 2017, pg. 177 – tradução livre¹⁸).

¹⁷ Autores como BECK & FÜRTIG (2014) também apontam para o impacto de um quarto poder: o Estado egípcio – contudo, optou-se neste pesquisa por deixá-lo de fora, uma vez que sua maior relevância se deu durante o século XX.

¹⁸ Trecho original: “The paradox of regional cooperation in the Middle East and North Africa is that it is one of the least integrated regions in the world, despite the existence of numerous shared challenges – and even common interests. In no area of potential collaboration is that paradox more evident than in the internal security dimension”.

Ainda no aspecto de poder, Martin Beck (in: FÜRTIG, 2014) desenvolve outras teorizações sobre poder no Oriente Médio, considerando justamente essa falta de um óbvio hegemon ou líder regional e identificando uma série de características peculiares àquele espaço:

Se lidarmos com o fato de que não existe potência regional no Oriente Médio de forma produtiva [...], temos uma chance justa de chegar a um melhor entendimento das estruturas que realmente moldam o Oriente Médio. Parece haver quatro características principais que diferenciam o Oriente Médio de uma região de tipo ideal moldada por uma potência regional: dispersão de alta potência; preponderância de comportamento competitivo em vez de cooperativo e uso de *hard power* em vez de *soft power*; o domínio apenas de capacidades de baixo poder global e a falta de uso de recursos para o desenvolvimento regional por atores regionais; e o papel distinto dos Estados Unidos como uma potência *quasi-regional* (BECK in: FÜRTIG, 2014, pg. 04 – tradução livre¹⁹)

Por fim, esse sistema emergente é, ainda, citado e trabalhado em outras obras reconhecidas internacionalmente, como *Analysing security subcomplexes in a changing Middle East—the role of non-Arab state actors and non-state actors* (SEEBERG, 2016), *Fluctuating Regional (Dis-)Order in the Post-Arab Uprising Middle East* (BECK; RICHTER, 2020), *An Alternative Approach to Regional Security in the Middle East* (RAGAB, 2020), *Rebalancing Regional Security in the Persian Gulf* (ULRICHSEN, 2020), *The New Regional Order in the Middle East* (BAZOOBANDI 2020) e *Shift in the Relationship of Power of Actors in the Persian Gulf* (SHAYAN, 2021). Tamanha presença de autores e obras estrangeiras expõe a falta de bibliografias brasileiras com o mesmo peso e reforça, portanto, a importância de pesquisas como esta.

Dadas as bases teóricas utilizadas nesta pesquisa, rumo-se agora para seu caráter metodológico, partindo do questionamento sobre de que formas a balança de poder do Oriente Médio foi alterada entre a primeira e a segunda décadas do séc. XXI, em termos político-securitários, para alcançar a ordem tripartite de 2020. Este trabalho tem por objetivo analisar esse deslocamento de forma a abranger o contexto regional macro²⁰, identificando seus

¹⁹ Trecho original: “If we deal with the fact that there is no regional power in the Middle East in a productive way; [...], we have a fair chance to reach a better understanding the structures that actually shape the Middle East. There appear to be four major features that set the Middle East apart from an ideal-type region shaped by a regional power: high power dispersion; preponderance of competitive rather than cooperative behavior and hard-power rather than soft-power use; the command of only low global-power capabilities and the lack of usage of resources for regional development by regional actors; and the distinct role of the United States as a quasi-regional power”.

²⁰ Este formato de análise não almeja adentrar nos pormenores de cada conflito ou retórica estratégico-securitária nacional, senão que apenas fornecer uma compreensão macro do Oriente Médio, enquanto região plural e não monolítica.

principais agentes determinantes e as consequências que dele emergiram. Para tal, é utilizada a metodologia de pesquisa hipotético-dedutiva, a fim de validar a hipótese de que essa mudança acentuada na balança foi particularmente impulsionada pela virada de chave sistêmico-regional da Primavera Árabe e pela reformulação de retórica estratégica (e reconstrução da ameaça regional, fruto da Guerra Fria Regional Irã-Arábia Saudita) de Israel para Irã.

Destrinchando tal suposição, propõe-se quatro hipóteses secundárias, que constroem a cena de forma multifatorial: I. A Guerra Fria Regional Irã-Arábia Saudita se apresenta ao mesmo tempo como pano de fundo e elã político de uma nova balança de poder na segunda década do século XXI, impulsionada pelo vácuo de poder e instabilidade regional deixados pela Primavera Árabe de 2011; II. Em relação a poder e influência, houve o redirecionamento das relações prioritárias no Oriente Médio da dinâmica sistêmica (onde os agentes internacionais ainda exerciam maior ingerência e dominação neocolonial residual sobre os acontecimentos e a distribuição de poder na região) para a regional (onde a agência dos atores daquele espaço provou-se categoricamente autóctone após as ondulações da Primavera Árabe e os novos desdobramentos da Guerra Fria Irã-Arábia Saudita); III. Em se tratando da construção securitária de ameaças coletivas – algo como uma percepção de inimigo comum regional –, sentiu-se no Oriente Médio a transferência da rivalidade de Israel (culminando nas recentes alianças dos Acordos de Abraão) para o Irã; IV. Por fim, como principal resultado desse cenário de mudanças, está o surgimento de uma nova ordem regional tripartite, dividida em: Eixo Pró-*Status Quo*, Eixo de Resistência, Eixo Islamita-Sunita.

Propostos tais cenários, a divisão dos três capítulos e seus respectivos objetivos específicos se dá na seguinte forma: I. Investigar as relações político-securitárias entre os principais atores Estatais²¹ dos 3 eixos de alianças (atuais) do Oriente Médio entre 2001-2010 (pré-Primavera Árabe), sob o intuito de compreender não os pormenores de cada relação bilateral, mas sim a intrincada teia formada por essas relações e o desenvolvimento inicial da ordem dos 3 eixos que se daria na década seguinte na região. O objetivo ao final desta primeira parte da pesquisa é delinear com mais propriedade os principais elementos políticos e securitários nas relações dos 10 principais players da região (Arábia Saudita, Catar, Egito, Irã, Iraque, Israel, Síria, Turquia, o duo pró-Arábia Saudita no GCC: Kuwait e EAU, e Líbano –

²¹ Integrantes do Oriente Médio Central (Anexo I) com maior atividade interrelacional no último século (ver Nota de Rodapé 1, ou item 4.2 deste trabalho para uma visão mais detalhada).

como ator externo aos eixos, mas com potencial poder de influência no jogo) e como elas constroem a balança de poder no Oriente Médio. Para tal, é feita antes uma introdução resumida de como se deram essas relações e o quadro contextual do Oriente Médio do século XX, para que se possa compreender o cenário anterior – com suas rupturas e continuidades.

Sequencialmente, almeja-se: II. Investigar as relações político-securitárias entre os mesmos principais atores Estatais dos 3 eixos de alianças (atuais) do Oriente Médio entre 2011-2020 (pós-Primavera Árabe), com o intuito de perceber o desenvolvimento e a transformação daquelas relações da década anterior na mesma balança de poder regional, compreendendo as evoluções (e possíveis retrocessos) que culminaram nos Acordos de Abraão e no redirecionamento das principais estratégias securitárias do Oriente Médio ao final da década. Em ambos capítulos, além da contextualização dos grandes marcos temporais supracitados e de análises teóricas sobre os elementos que correlacionam cada grupo de atores, é oferecida também uma investigação com elementos objetivo-quantitativos para se medir a capacidade material dos Estados em comparação com a institucionalização de seu poder. São contrapostas a construção de capacidades materiais (medidas pelas despesas militares dos países em relação ao PIB, como elemento concreto de *hard power*) e os investimentos em crescimento nacional (renda advinda do petróleo, níveis de desemprego, desenvolvimento econômico – IDH e expectativa de vida) com o intuito de verificar se o elemento de força estatal tem o mesmo impacto nacional e regionalmente.

Por fim, o último capítulo tem por objetivo: III. Analisar o impacto e as consequências político-securitárias de tais transformações à balança de poder do Oriente Médio, alcançando a Nova Ordem Regional Tripartite sob aspectos da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (mais especificamente, do Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio – CRSOM). Aqui, compara-se por fim os dois escopos temporais para compreender de que formas a ordem regional moldou e foi moldada pelos três elementos principais: a “virada para dentro” na dinâmica sistêmico-regional, o redirecionamento intencional e estratégico da ameaça coletiva (de Israel para Irã), e as principais instabilidades atuais da região (falências Estatais, múltiplas guerras civis prolongadas e crises políticas).

2. CAPÍTULO I: A BALANÇA DE PODER REGIONAL DO ORIENTE MÉDIO PRÉ-PRIMAVERA ÁRABE

Este capítulo tem como objetivo elencar e analisar os principais elementos político-securitários do Oriente Médio entre 2001-2010, para então delinear o cenário macro da sua balança de poder regional. Em um primeiro momento, apresenta-se um levantamento multifatorial da estabilidade e segurança regionais, da força das unidades nacionais – considerando Estados falidos e/ou em guerra civil e os maiores conflitos regionais e nacionais – e o impacto de grandes eventos internacionais à região, como as consequências do 11/09/2001 e a Guerra Global ao Terror (SAINT-PIÈRE, 2015).

Desta forma, parte-se aqui da pergunta sobre quais elementos deste passado próximo se mostram fundamentais para explicar a ordem regional tripartite que vemos ao final da segunda década do século XXI (conforme tratado na introdução deste trabalho). Dentre os argumentos aqui explorados, tem-se que a variação do poder de influência dos atores externos na região passou de muito intenso no início da década (com as invasões ao Afeganistão e ao Iraque) para gradativamente regressivo até 2010 – onde os atores estatais passariam a concentrar-se mais nas relações bi e multilaterais intrarregionais; em outros termos, a dinâmica das relações no Oriente Médio passou de sistêmica para preferencialmente regional até o final da década.

Outro argumento aqui levantado se refere à des/reconstrução do discurso da ameaça regional principal. Essa primeira década do século XXI ainda trazia consigo a desconfiança e a hostilidade regionais para com Israel; contudo, na mesma linha de revisão de atores pertencentes àquele subsistema, o Oriente Médio conjuntamente passa a reconstruir as ideias securitárias regionais e, até o final da década, passa a reexaminar seu discurso – que, futuramente, viria a se focar na figura do governo iraniano.

Esses realinhamentos, contudo, carregam consigo múltiplos elementos, como a experiência de décadas de ingerências externas e conflitos internos. Por tal razão, antes de dar início à análise efetiva das relações e conjunturas, será oferecida uma breve contextualização dessa balança de poder ainda em meados do século anterior, para que o distanciamento histórico facilite a compreensão do ponto de partida das análises de Oriente Médio do capítulo.

Por fim, visando uma análise mais sólida, será também oferecida uma série de dados, gráficos e figuras para um embasamento mais objetivo daqueles mesmos argumentos e hipóteses, aliando análises materiais às argumentações teóricas.

2.1.A BALANÇA DE PODER NO ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XX

A ordem regional ao final do século XX emerge principalmente da confluência de dois fatores: a consolidação da soberania dos Estados, que tiveram de formular suas independências para soltar-se das amarras do neocolonialismo europeu; e a mudança paradigmática no conceito de nacionalismo árabe, que partiu do panarabismo almejado nas décadas anteriores e exaltado pelo Nasserismo²² para uma visão mais fluida e focada em interações interestatais diplomáticas e relações de aliança entre vizinhos (árabes) regionais – ou, segundo o autor Michael Barnett:

A existência simultânea dos Estados soberanos individuais e do nacionalismo árabe, e o estabelecimento de expectativas relativamente estáveis e normas compartilhadas para governar as relações interárabes (BARNETT, 1995, pg. 481 – tradução nossa²³).

Entender os múltiplos nacionalismos daquele espaço como elementos-chave na estabilidade regional é uma lógica de pensamento que parte do pós-Guerra Fria. Durante a primeira metade do século XX, a influência de nações europeias (em especial França e Inglaterra, em razão dos Acordos de Sykes-Picot de 1916) ainda se fazia muito presente nos Estados da região, enquanto a ideia de um nacionalismo ligado ao Estado era custosa (já que as fronteiras geopolíticas ali impostas não necessariamente condiziam com as divisões étnicas, alianças históricas e desavenças estruturais). “A instabilidade da região, alimentada pela fragilidade dos novos Estados e pela força dos grandes interesses externos, criou um campo de conflitos aparentemente anárquico” (VISENTINI, 2014, pg. XIII).

Mas foi exatamente nesse momento em que o nacionalismo árabe se destacou dos demais: a longeva ideia de uma grande nação panárabe e a subsequente ‘traição’ dos europeus após a derrota do Império Otomano na I Guerra Mundial mantiveram em efervescência os movimentos independentistas do século XX. Assim, o Oriente Médio que emergiu das negociações do pós-guerra e ficou por décadas sob domínio imperialista francês, britânico e russo não tardou a se voltar para dentro e buscar nos vizinhos a força que precisava para pouco a pouco se tornar independente. Em 1945, sete Estados²⁴ árabes (ainda que com formas de

²² Movimento ideológico nacionalista, nascido a partir das ideias do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, nas décadas de 1960/70.

²³ Trecho original: *The simultaneous existence of separate sovereign states and Arab nationalism and the establishment of relatively stable expectations and shares norms to govern inter-Arab relations.*

²⁴ Foram eles: Egito (cuja capital, Cairo, é até hoje sede da Liga), Arábia Saudita, Iêmen, Iraque, Líbano, Transjordânia e Síria.

governo e ideais políticos largamente distintos) se uniram em prol do crescimento socioeconômico coletivo e da formulação de uma estratégia securitária mutuamente profícua, institucionalizando alianças e protegendo o mundo árabe de potenciais inimigos externos (HOURANI, 1991; VISENTINI, 2014).

Paralelamente e em oposição àquele cenário arabecêntrico e voltado para conexões regionais, três atores estatais não-árabes faziam crescer seu poder de influência ao aliar-se aos EUA naquela região: Turquia (sob o comando do presidente e pai da Turquia moderna, Mustafa Kemal Atatürk²⁵ entre 1923 e 1938), Irã (pelos imperadores Reza Xá e Mohammed Reza Xá, entre 1925 e 1979) e Israel (estabelecido sobre território palestino com apoio do próprio Ocidente, em 1947). Os dois primeiros, em particular, romperam com o *status quo* de governos que estavam no poder há séculos e, com o apoio do ocidente, implementaram rapidamente políticas seculares, modernizantes e ocidentalizantes.

Olhando a partir do viés sistêmico, as décadas de 1940 a 1970 indicavam um Oriente Médio dividido e que representava regionalmente o cenário global da Guerra Fria: por um lado, Estados com forte influência ocidental e alinhados a ‘modernizações’ socioculturais que se distanciavam de suas raízes; e por outro, um mundo árabe majoritariamente influenciado pelos estadistas à frente dos movimentos Nasserista e Terceiro-Mundista²⁶, com certo apoio da União Soviética. De modo geral, a conexão com as potências externas parecia especialmente se fortalecer quando a figura central do governista era maior do que a própria nação²⁷.

Após diversos conflitos nacionais e regionais, contudo, esse cenário foi aos poucos sendo alterado: as diversas guerras²⁸ entre nações árabes e Israel pareceram apenas fortalecer o poderio militar deste frente aos vizinhos; enquanto a Revolução Islâmica Iraniana (1979) mostrou ao mundo a verdadeira intenção da população em reencontrar-se com suas raízes xiitas, opondo-se ao Ocidente e sua agenda imperialista; e a I Guerra do Golfo (1990), que, pela

²⁵ Atatürk fundou o Estado turco moderno após a queda do Império Otomano na I Guerra Mundial e recebeu esse adendo ao seu nome que significa, em turco, “Pai dos Turcos”.

²⁶ Reforçado após a Conferência de Bandung, em 1955 e pela formação temporária da República Árabe Unida (1958-1961).

²⁷ A exemplos de Nasser (Egito), Ataturk (Turquia) e ambos os Xás (Irã).

²⁸ Em ordem cronológica: Guerra árabe-israelense (1948-49), Guerra de Suez (1956). Guerra dos Seis Dias (1967), Guerra do Yom Kippur (1973).

primeira vez na história, viu uma nação árabe (o Iraque de Saddam Hussein) invadir e entrar em guerra²⁹ com outra (Kuwait).

A crise do Golfo de 1990-1991 foi, por qualquer padrão, uma das crises internacionais mais significativas da época pós-1945. Envolveu a mobilização de cerca de um milhão de homens armados, o envolvimento diplomático de grande parte da comunidade internacional e uma guerra que, apesar de seu caráter limitado, foi um caso significativo de conflito interestatal (HALLIDAY, 1994, pg. 109 – tradução nossa³⁰).

Além de um momento de impacto global, a invasão iraquiana ao Kuwait alterou os padrões de relacionamento regional do Oriente Médio, à medida em que a grande maioria dos países se uniu à coalizão de oposição ao movimento expansionista de Saddam. Ao final da guerra (1991), poucas alianças restaram a Bagdad.

Somado a isso, elenca-se pela visão regional a série de regimes antidemocráticos³¹ (sem participação popular na política ou nas tomadas de decisão) que se instalava na região – muitos, inclusive, que saíam apenas sob os protestos e movimentos populares da Primavera Árabe de 2011 – como foi o caso do Egito (Hosni Mubarak, entre 1981-2011), Iêmen (Ali Abdullah Saleh, 1990-2012 – mas tendo antes sido presidente do Iêmen do Norte entre 1978 e 1990), Líbia (Muammar al-Gaddafi, 1969-2011) e Síria (Hafez al-Assad, 1971-2000); além das diversas formas de monarquia que permaneceram intocadas (Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Kuwait, Marrocos e Omã).

Algumas das fontes mais importantes de instabilidade regional e internacional estão enraizadas em disputas de reivindicações nacionais e étnicas e no fracasso do Estado em capturar a lealdade de seus cidadãos (BARNETT, 1995, pg. 479 – tradução nossa³²).

O panorama geral era bastante conflitivo e as relações regionais se estruturavam mais pelos interesses pontuais do que por relações estabelecidas em parâmetros de longo prazo: a maior parte dos chefes de Estado apoiava vizinhos em momentos e celeumas pontuais e

²⁹ Com a intenção de transformar o Kuwait em uma província iraquiana, dobrando suas reservas de petróleo, e consequentemente seu poder econômico e influência regional e global.

³⁰ Trecho original: *The Gulf crisis of 1990-1991 was, by any standards, one of the more significant international crises of the post-1945 epoch. It involved the mobilization of around one million armed men, the diplomatic involvement of much of the international community, and a war that, for all its limited character, was a significant case of inter-state conflict.*

³¹ Ainda que este conceito não seja naturalmente ligado ao “fazer política” médio oriental, ou à ideia de Islã Político, serve como elemento de indicação de distância entre sociedade civil e representatividade de seus desejos e anseios.

³² Trecho original: *Some of the most important sources of regional and international instability clearly are rooted in contending national and ethnic claims and the failure of the state to capture the loyalties of its citizens.*

efêmeras, com base em suas estratégias nacionais. Assim, os vínculos entre os Estados eram majoritariamente econômicos e as futuras alianças políticas e militares estavam ainda em seus primórdios de formação.

Diante dessa conjuntura aparentemente caótica e anárquica este trabalho oferece o primeiro de uma série de gráficos interrelacionais com dez atores estatais³³ do Oriente Médio central, almejando uma comparação histórica mais visual dos três eixos de atores estabelecidos ao final da década de 2010 (2019-20), com base nos padrões de amizade/aliança e inimizade da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (BUZAN, 1991). Afinal, “a lógica das regiões de segurança decorre do fato de que a segurança internacional é uma questão relacional” (BUZAN, WEAEVER, 1998, pg. 10 – tradução nossa³⁴) – conforme tratado na Introdução deste mesmo trabalho.

Os CRS são definidos por padrões duráveis de amizade e inimizade que assumem a forma de padrões subglobais e geograficamente coerentes de interdependência de segurança. O caráter particular de um CRS local será frequentemente afetado por fatores históricos, como inimizades de longa data [...], ou o abraço cultural comum de uma área civilizacional [...] (BUZAN, WEAEVER, 2004, pg. 45 – tradução nossa³⁵).

Para fins de uma análise mais precisa e que se encaixasse ao cenário, essa sequência de gráficos e análises oferece duas adaptações importantes à teoria de Buzan e Weaver: a adição de uma terceira categoria de análise das relações, compreendida como “relativa neutralidade/estranhamento” (quando na falta de uma manifestação oficial de ambos atores quanto ao “status” daquela relação); e uma amplitude temporal menor para se declarar o “status” de um dado relacionamento, considerando o histórico relativamente recente dos Estados atuais do Oriente Médio.

³³ A escolha se dá a partir dos maiores atores do panorama do final da década de 2010 (2019-2020), montando assim um traçado histórico que remonta os antecedentes de afinidades (alianças), distanciamentos (inimizades) e neutralidades entre os mesmos.

³⁴ Trecho original: *The logic of security regions stems from the fact that international security is a relational matter.*

³⁵ Trecho original: *RSCs are defined by durable patterns of amity and enmity taking the form of subglobal, geographically coherent patterns of security interdependence. The particular character of a local RSC will often be affected by historical factors such as long-standing enmities [...], or the common cultural embrace of a civilisational area [...].*

Figura 01 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio no final do século XX (1990-99)

	Arábia Saudita	Egito	Israel	GCC*	Irã	Iraque	Turquia	Catar	Palestina	Síria
Arábia Saudita		Amizade/Aliança	Inimizade	Amizade/Aliança	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança
Egito	Amizade/Aliança		Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento
Israel	Inimizade	Amizade/Aliança		Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento
GCC*	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento		Inimizade	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento
Irã	Inimizade	Inimizade	Inimizade	Inimizade		Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança
Iraque	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade	Inimizade	Inimizade		Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade
Turquia	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade		Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade
Catar	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento		Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança
Palestina	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento		Relativa neutralidade/estranhamento
Síria	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Inimizade	Inimizade	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	

LEGENDA:

Amizade/Aliança
Relativa neutralidade/estranhamento
Inimizade

*Três dos seis países do GCC: Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Kuwait

Fonte: Elaboração própria, com base em CARLEY (1995), STEIN (1997), NAAZ (1999), ATAMAN (2012), MERAL (2014), LEJINSE (2018), AHMAD (2020) e RAHMAN (2021).

Como resultado, o gráfico a seguir (Fig. 01) apresenta como o somatório das relações bilaterais na região no final do século XX culminou numa região de relações instáveis – mais do que alianças efetivas – e altamente conflitiva: das 81 conexões político-militares³⁶ entre Estados, apenas 20 representam alianças com certo nível de confiabilidade (em verde, com reconhecimento de ambas as partes e regional/internacional, por pelo menos 1 década),

³⁶ Foram excluídas destes gráficos as relações econômicas, por apresentarem pouca precisão na representação das relações de aliança política efetiva entre os governos. Em seu lugar, optou-se por utilizar as relações políticas e militares minimamente estruturadas – com base nas fontes apresentadas.

enquanto 30 referem-se a inimizades (em vermelho, com reconhecimento de ambos há pelo menos 3-5 anos, considerando os conflitos ainda em ebulição na região). As demais (em amarelo), mostram relações meramente cordiais e sem grandes sobressaltos no passado recente.

Os diversos conflitos das duas últimas décadas do século XX contribuíram para uma região com poucas alianças duradouras e bem consolidadas uma vez que a cada novo conflito, os governos precisavam tomar a decisão sobre quem apoiar com base em um número muito grande de fatores (alianças paralelas já estabelecidas, convicções sociopolíticas nacionais, estratégias securitárias de curto, médio e longo prazo, relações econômicas, etc.). Em 2005, Raymond Hinnebusch indicou a geopolítica como o principal determinante da política externa em nível regional dos países do Oriente Médio:

Em um sistema de estados como o Oriente Médio, onde a militarização regional aumentou muito as ameaças externas, essas frequentemente ocupam o primeiro lugar nas agendas de política externa dos estados. Embora, de um modo geral, a ameaça externa tenda a precipitar uma busca por poder de compensação ou alianças de proteção (ou, na falta dessas, tentativas de apaziguar o estado ameaçador), é a posição geopolítica de um estado que define especificamente as ameaças e oportunidades que ele enfrenta. Constitui um bairro de estado onde os conflitos fronteiriços e o irredentismo se concentram e se buscam zonas tampão ou esferas de influência. A posição determina os rivais naturais: assim, Egito e Iraque, civilizações mais fortes do vale do rio, são competidores históricos pela influência no Mashreq, mais fraco e fragmentado; Irã e Iraque são rivais naturais pela influência no Golfo. A posição de poder de um estado no sistema regional, moldada por seus recursos, tamanho do território e população e a importância estratégica ou vulnerabilidade de sua localização, molda suas ambições: portanto, pequenos estados (Jordânia, Estados do Golfo) são mais propensos a buscar a proteção de potências maiores e maiores para estabelecer esferas de influência regional (por exemplo, Síria no Levante, Arábia Saudita no GCC) (HINNEBUSCH, 2005, pp. 91-92 – tradução nossa³⁷).

Em relação ao gráfico (Fig. 01), sua análise se dará a partir de quatro atores principais: Arábia Saudita, Irã, Israel e Turquia – e suas respectivas relações com os demais atores estatais da região. São consideradas nesta explicação: guerras e conflitos diretos entre os Estados,

³⁷ Trecho original: *In a states system like the Middle East, where regional militarisation has greatly increased external threats, these often take first place on states' foreign policy agendas. While, generally speaking, external threat tends to precipitate a search for countervailing power or protective alliances (or, these lacking, attempts to appease the threatening state), it is a state's geopolitical position that specifically defines the threats and opportunities it faces. It constitutes a state's neighbourhood where border conflicts and irredentism are concentrated and buffer zones or spheres of influence sought. Position determines natural rivals: thus, Egypt and Iraq, stronger river valley civilisations, are historical competitors for influence in the weaker, fragmented Mashreq; Iran and Iraq are natural rivals for influence in the Gulf. A state's power position in the regional system, shaped by its resources, size of territory and population and the strategic importance or vulnerability of its location, shapes its ambitions: hence small states (Jordan, Gulf States) are more likely to seek the protection of greater powers and larger ones to establish spheres of regional influence (e.g. Syria in the Levant, Saudi Arabia in the GCC).*

apoios indiretos (geralmente inimigos com aliados em comum, ou vice-versa) ou convicções mais enunciadas de um dado governo.

O primeiro dos quatro atores selecionados para uma exploração mais profunda, a Arábia Saudita, foi também nesse período o Estado (dentre os 4) com o maior número de alianças mais bem estabelecidas: quatro (com Egito, grupo de países do GCC, Palestina e Síria), em especial por conta de seus papéis ressonantes na Liga Árabe e do apoio constante à soberania palestina e ao movimento antissionista. Outros elementos que chamam atenção nas relações de Riad são: as desavenças com Irã, presentes desde a Revolução Islâmica Iraniana de 1979³⁸, que paulatinamente escalonaram para a Guerra Fria Regional entre ambos; o relacionamento conturbado com Iraque (com apoio pontual na Guerra Irã-Iraque, de 1980-88) e oposição em outros (como a invasão iraquiana ao Kuwait, em 1990); assim como o relativo estranhamento, ou choque, com a Turquia pós-Kemalista, em especial por conta da própria instabilidade política em Ankara na década de 1990:

As relações bilaterais entre [ambos] entraram em uma nova fase durante a Primeira Guerra do Golfo. Como a política regional da Turquia estava alinhada com a Resolução do Conselho de Segurança da ONU e a posição americana, a confiança saudita e o apreço pela Turquia aumentaram. As relações [entre ambos] melhoraram, pelo menos retoricamente, durante o curto governo de Erbakan em 1996, mas o clima político tenso após o golpe pós-moderno de 28 de fevereiro causou outra ruptura. Algumas crises de baixa escala, como a demolição da Torre Ajyad, construída em Meca durante os Otomanos, criaram mais ressentimento entre [ambos] (ATAMAN, 2012, pp. 123-124 – tradução nossa³⁹).

De forma concomitante, as relações iranianas também se apresentavam complexas, com apenas dois aliados *de facto*: Palestina (mais particularmente nos grupos não-estatais nacionais) e Síria (com apoio perdurável aos presidentes xiita-alawitas da família Assad).

Após a revolução de 1979, o Irã encerrou sua aliança com Israel e começou a apoiar os palestinos, simbolizado pela entrega da embaixada israelense em Teerã à Organização para a Libertação da Palestina. Como parte de sua campanha para exportar a revolução, a teocracia também ajudou grupos islâmicos palestinos

³⁸ Durante boa parte do século XX (durante a Dinastia do Xá), ambos Estados/monarquias haviam sido vizinhos cordiais e pacíficos, mas nunca efetivamente aliados, uma vez que competiam entre si pelo posto de maior armador dos EUA na região. Com a revolução de 1979, os países se viram lados completamente opostos do tabuleiro político e desde então, as tensões seguiram presentes (CHEREM, 2019).

³⁹ Trecho original: *Bilateral relations between Ankara and Riyadh entered a new phase during the First Gulf War. As Turkey's regional policy was in line with the UN Security Council Resolution and the American position, Saudi confidence in and appreciation of Turkey increased. Due to the domestic political instability in Turkey in the 1990s, there were ups and downs in bilateral relations. Relations improved, at least rhetorically, during Erbakan's short government in 1996, but the strained political climate in the aftermath of February 28 post-modern coup caused another rupture. Some low-scale crises, such as the demolishment of Ajyad Tower, built in Mecca during the Ottomans, created further resentment between Riyadh and Ankara.*

emergentes, notadamente a Jihad Islâmica e o Hamas. [...] O Irã em geral se opôs ao processo de paz do Oriente Médio apoiado pelos EUA (BRANDENBURG, 2010, s/p – tradução nossa⁴⁰).

Em comparação com o quadro de relações regionais de Teerã de meados do século XX, a conjuntura é completamente distinta – a revolução de 1979 virou o jogo com grande parte de seus vizinhos, tornando a maioria em inimigos e opositores do novo governo. Já no ano seguinte (1980), o país entrou em guerra contra o Iraque e reforçou seu quadro de inimizades marcadas: Arábia Saudita, Egito, Iraque, GCC e Catar – o grupo que oferecera apoio a Bagdad.

Israel também, à época, contava com poucos aliados regionais: Turquia (oficializado com múltiplos acordos⁴¹), e Egito⁴², cuja aproximação se deu com os Acordos de Camp David em 1967 (após a Guerra dos Seis Dias) (NAAZ, 1999). Por fim, vale também mencionar⁴³ as relações com os países do GCC, que começavam a ser mais profícuas:

As linhas de comunicação e cooperação entre os Estados do Golfo e Israel não são novas. Vários países da região, incluindo Qatar, Bahrein e Omã, estabeleceram conexões com Israel na década de 1990 depois que a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e Israel assinaram os Acordos de Oslo (RAHMAN, 2021, s/p – tradução nossa⁴⁴).

No mais, o país dividia o restante de suas relações entre Estados sionistas que ainda não haviam aceitado sua presença na região, e seguiam na luta a favor da Palestina no duradouro conflito Árabe-Israelense; e aqueles outros mais distantes (geográfica e politicamente falando).

Por fim, ainda que a Turquia possuísse apenas um aliado mais seguro, é dos quarto atores selecionados aquele que menos possuía relações de inimizade acentuada. Grande parte de suas relações eram de certa neutralidade/estranhamento, e desde então Ankara já era vista como pouco pertencente política, securitária e socioculturalmente ao Oriente Médio: “Os árabes tendem a ver os turcos vivendo em uma crise perpétua de identidade, nem totalmente parte do

⁴⁰ Trecho original: *After the 1979 revolution, Iran ended its alliance with Israel and started supporting the Palestinians, symbolized by turning over the Israeli embassy in Tehran to the Palestine Liberation Organization. As part of its campaign to export the revolution, the theocracy also aided emerging Palestinian Islamic groups, notably Islamic Jihad and Hamas. [...] Iran generally opposed the U.S.-backed Middle East peace process.*

⁴¹ Citando como alguns (mas não apenas tendo existido estes): Acordo de Turismo e Cooperação (1992), Acordo de Educação e Treinamento Militar (1996), Acordo de Cooperação da Indústria de Defesa (1997).

⁴² Que, conjuntamente com a Jordânia, passaram a ser os únicos dois aliados árabes de Tel-Aviv.

⁴³ Uma vez que culminariam futuramente nos Acordos de Abraão (2020).

⁴⁴ Trecho original: *The lines of communication and cooperation between the Gulf states and Israel are not new. Multiple countries in the region, including Qatar, Bahrain, and Oman, established connections with Israel in the 1990s after the Palestine Liberation Organization (PLO) and Israel signed the Oslo Accords.*

Ocidente ou do Oriente Médio, nem totalmente independentes de qualquer um deles” (CARLEY, 1995, pp. 21-22 – tradução nossa⁴⁵). De fato, desde a queda dos Otomanos, os turcos tentam retomar o poder de influência que uma vez teve sob a região, e as relações do país com seus vizinhos regionais pareciam ser, à época, primariamente econômicas – especialmente no Golfo. Quanto aos vizinhos fronteiriços, Irã, Iraque e Síria, as conexões políticas seguiam a mesma orientação do (futuro) século XXI: a depender de como esses Estados viriam a lidar com os Curdos e o PKK.

Em outros exemplos desses cenários menos intensos, destacam-se particularmente as relações com Irã e Egito – atores de maior porte e peso político no Oriente Médio islâmico. Particularmente com Teerã, as disputas por influência que sempre fizeram parte da história das relações bilaterais desses atores, com diversas aproximações (Kemal Atatürk e Mohammed Reza Xá) e distanciamentos (pelos desencontros nas visões políticas de seus respectivos chefes de governo) com o passar do século XX, mas foram finalmente retomadas após a revolução iraniana de 1979. Em relação ao Cairo, contudo, o cenário foi um pouco mais conturbado:

Como os dois países passaram por tempos turbulentos nas décadas de 1980 e 1990, a relação entre eles permaneceu fraca tanto econômica quanto diplomaticamente. [...] também sofreram por serem atores marginalizados em uma região dominada e moldada por outros, embora ambos mantivessem percepções de poder, influência e grandeza como a porta de entrada para o Oriente Médio (MERAL, 2014, s/p – tradução nossa⁴⁶).

Ao final do século XX, a balança de poder regional do Oriente Médio expressava relações mais instáveis e um cenário geral com alianças pouco expressivas, particularmente porque a região ainda estava tentando pousar no ponto de equilíbrio ideal entre identidade regional com nuances nacionais e estratégias securitárias comuns, e um espaço profundamente heterogêneo com dificuldade de criar vínculos políticos e securitários duradouros (AMINEH, 2007).

Em relação às relações extrarregionais com os maiores *players* globais, o Oriente Médio tinha mais conexões econômicas do que estruturalmente políticas ou de estratégias militares

⁴⁵ Trecho original: *Arabs tend to see Turks as living in a perpetual identity crisis, neither fully a part of the West or the Middle East nor fully independent of either.*

⁴⁶ Trecho original: *As both countries went through turbulent times in the 1980s and 1990s, the relationship between them remained weak both economically and diplomatically. [...] also suffered from being sidelined actors in a region dominated and shaped by others even as they both maintained perceptions of power, influence, and grandeur as the gateway to the Middle East.*

(com exceção de Israel e EUA, é claro). O gráfico a seguir apresenta de forma simplificada a mesma logística de interações políticas e atores estatais citados na Figura 01, mas agora em relação a Estados Unidos e Rússia, para melhor apresentar essa influência externa no mesmo cenário.

Figura 02 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio e as maiores potências mundiais (EUA e Rússia) entre 1990-2000

	Arábia Saudita	Egito	Israel	GCC*	Irã	Iraque	Turquia	Catar	Palestina	Síria
EUA	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento
Rússia	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança

LEGENDA:

	Amizade/Aliança
	Relativa neutralidade/estranhamento
	Inimizade

*Três dos seis países do GCC: Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Kuwait

Fonte: Elaboração própria, com base em MODIGS (2003), CLARKE (2017) e RUMER (2019).

As aproximações e os distanciamentos com os EUA na região se davam em particular por quatro elementos de sua política externa: a questão Israel/Palestina, na qual a potência sempre apoiou o estabelecimento de Israel de maneira praticamente incondicional; a Guerra do Golfo (1991) e o enfraquecimento da imagem estadunidense após optar por não atacar a figura e o governo de Saddam Hussein no Iraque naquele momento – causando um certo ressentimento por parte dos sauditas⁴⁷:

Apesar da promessa feita ao rei saudita de que as forças dos EUA voltariam para casa após a Guerra do Golfo, eles não o fizeram. Porque Saddam Hussein ainda estava no poder. [...] Os EUA ficaram na região, inclusive na Arábia Saudita, com bases americanas subindo e descendo o golfo (Fala do prof. Richard Clarke, no curso *The Middle East in Transition – Middle East Institute*, 2017 – tradução nossa⁴⁸).

⁴⁷ Ainda que esta tenha permanecido relativamente positiva, tendo em vista o papel do petróleo na balança comercial de ambos.

⁴⁸ Trecho original: *Despite the promise given to the Saudi king that the US forces would return home after the Gulf War, they didn't. Because Saddam Hussein was still in power. [...] The US stayed in the region, including in Saudi Arabia, with US bases up and down the gulf.*

Somados àqueles dois, havia ainda o petróleo (por axiomáticas razões econômicas e de abertura para se infiltrar e fixar em solo médio-oriental⁴⁹); e, por fim, a ameaça comunista⁵⁰ da URSS na região – como no caso do embate entre ambas potências em solo afegão durante os anos 1970/80 (MODIGS, 2003). Em relação à Turquia, havia um certo sentimento de compromisso por ambas fazerem parte da OTAN.

Já em se tratando da Rússia, os relacionamentos com a potência sofreram um período de certa suspensão, enquanto os abalos do fim da URSS ainda pairavam sobre Moscou e a mesma reestruturava suas estratégias de influência externa. Durante aquela década e mesmo já no início do século XXI, as únicas relações mais estreitas na região eram com Irã e Síria – ambos por reflexos de laços políticos mais firmes das décadas anteriores.

A década de 1990 foi um período de ampla e profunda retração da Rússia em relação ao cenário mundial, e o Oriente Médio não foi exceção a esse fenômeno. A economia russa pós-soviética não estava em posição de sustentar uma presença militar ativa ou qualquer grau real de envolvimento diplomático, econômico ou humanitário no Oriente Médio (RUMER, 2019, s/p. – tradução nossa⁵¹).

2.2.OS IMPACTOS PÓS-11/09/2001 NA BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO

Os ataques às torres gêmeas em 11/09/2001 foram quicá um dos eventos de maior impacto internacional sentidos no século XXI, em especial pelo efeito permanente de suas consequências securitárias pelo globo. Enquanto o Ocidente buscava um novo inimigo comum após o final da luta contra o comunismo da Guerra Fria (1947-1991), o 11 de setembro marcou o momento histórico necessário para a fundação de uma nova Era securitária e o movimento da Guerra Global ao Terror (SAINT-PIÈRE, 2015).

A política externa dos Estados Unidos transformou os atentados do 11 de Setembro no pivô de uma nova ordem mundial em função da exigência de um realinhamento de alianças e projeções estratégicas com o objetivo de oferecer combate contra um “terrorismo” não definido ou, o que é pior, mal definido. De fato, a frente de projeção estratégica que polarizou a correlação de forças internacionais durante a década de combate ao terrorismo (a década do sonambulismo estratégico) foi um fenômeno difuso e global que, em sua ambiguidade conceitual, tornou-se politicamente versátil

⁴⁹ Especialmente após os Choques do Petróleo (1973 e 1979).

⁵⁰ Que terminaria com a queda do regime em 1991.

⁵¹ Trecho original: *The 1990s were a period of a broad and deep Russian retrenchment from the world stage, and the Middle East was no exception to that phenomenon. The post-Soviet Russian economy was in no position to sustain an active military presence or any real degree of diplomatic, economic, or humanitarian engagement in the Middle East.*

para identificar o inimigo em três planos diferentes, substituindo a função que desempenhou o conceito polemológico do “comunismo” durante toda a Guerra Fria (SAINT-PIERRE, 2015, s/p).

Já amplamente discutida na literatura, a associação do termo “terrorismo” com Islã e tudo aquilo que remetia do Oriente Médio, foi a principal pauta do início do novo século. Essa nova conexão foi responsável por desencadear invasões na região (Afeganistão, 2001 e Iraque, 2003), impactos graves à economia e todo um rearranjo no molde das relações políticas e securitárias – tanto locais, quanto extrarregionais (BUZAN, WEAVER, 2003; VISACRO, 2009; VISENTINI, 2014; SAINT-PIÈRE, 2015).

Em termos teóricos da Segurança Internacional, por mais uma vez na história moderna levantava-se os questionamentos sobre quem define a (in)segurança, qual a legitimidade da construção do “discurso do vencedor” – e, conseqüentemente, como aferir a influência de um grupo de atores sobre outro. O entendimento de terrorismo internacional como uma prática ameaçadora e geradora de insegurança, apesar de não nascer nesse momento (senão décadas antes), usou o grande Oriente Médio como plataforma política a partir de 2001 – impedindo a própria região, inclusive, de expressar seus medos e intenções para com o próprio Ocidente.

Indubitavelmente, os atentados de 11 de setembro, possuíram a magnitude de agressão que determinou a entrada dos Estados Unidos, como beligerante, na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, ao contrário do conflito de 1939-1945, quando a ameaça externa, representada pelos países do Eixo, era perfeita e incontestavelmente reconhecida, o inimigo que emergia dos escombros das torres gêmeas era, não só para a opinião pública interna, mas também para a opinião pública internacional, abstrato e difuso (VISACRO, 2009, p. 30).

Naquele momento, a guerra não se dava contra um inimigo específico, ou contra o particular grupo responsável pelos ataques nos EUA: a guerra contra um conceito. Amplo e difuso, aquele “inimigo” era dado a múltiplas representações e interpretações – a depender, é claro, do discurso que Washington montasse.

A Casa Branca declarou formalmente “Guerra Global contra o Terror”. Porém, o terrorismo nada mais é do que uma modalidade de guerra irregular, um mero recurso operacional. Então, quem eram os verdadeiros inimigos? Quais suas motivações? Quais seus objetivos políticos e militares? Em suma, qual guerra estava sendo, de fato, travada? (VISACRO, 2009, p. 30).

Em retrospecto, é possível apontar elementos como o “inconveniente” da I Guerra do Golfo (1990-1991) à política externa estadunidense na região, ou as ameaças antiliberais e anticidentais do final do século XX, como a Revolução Islâmica Iraniana de 1979 ou presença

comunista no Afeganistão nas décadas de 1970/80. A “Guerra Global contra o Terror” talvez não fosse tão global assim, da mesma forma como o conceito impreciso de “terrorista” talvez tivesse, enfim, um rosto.

Novamente barrado de se pronunciar e manifestar, o Oriente Médio passaria a ser visto como um ator passivo, cujo destino seria decidido pelo *outro*. Em um dos discursos mais famosos da época, o presidente estadunidense George W. Bush (em sua posse em 2002, no evento do *State of the Union*) chegou a tratar de alguns Estados da região como integrantes do “Eixo do Mal” (tradução livre para “*Axis of Evil*”⁵²): Irã e Iraque – tratando-os como regimes tão problemáticos e ameaçadores quanto a Coreia do Norte.

O fim da ordem bipolar, a Guerra do Golfo e o conseqüente colapso do arabismo, contudo, abriram uma nova era de dominação americana na região, uma que prega a substituição do conceito de Mundo Árabe pelo de Oriente Médio, no qual Israel, o mais importante aliado norte-americano na região, tornar-se-ia o centro de um novo sistema que prega exatamente a abertura política e econômica dos países árabes, a subordinação de seus interesses àqueles caros a Israel e aos EUA e o controle militar de toda a região via nova ordem de segurança [...] (FERABOLLI, 2005, p. 166).

Assim como explicado por FERABOLLI (2005), o grupo de Estados que particularmente mais sofreu com essa nova lógica foram os árabes. Paralelamente, aqueles atores pertencentes a outras etnografias (turcos, iranianos/persas e israelenses) de certa forma passariam a prosperar na dinâmica sistêmica – o que faria aumentar ainda mais as rachaduras e distanciamentos regionais.

O alto nível de influência externa contribuiu para manter a balança de poder regional travada e com baixa interatividade entre os Estados⁵³ (em particular entre os grupos árabes e

⁵² Trecho indicado do discurso disponível em:

<<https://www.nytimes.com/video/us/politics/100000004021075/the-axis-of-evil-speech.html>>. Acesso em: nov/2021.

⁵³ Essa movimentação remete ao conceito de “*Overlay*”, de Buzan, definida como “condição que ocorre quando a presença direta de poderes externos na região é forte o suficiente para suprimir a operação normal das dinâmicas de segurança entre os Estados locais. Esta condição [...] normalmente envolve o posicionamento extensivo de forças armadas na área sobreposta pelas potências intervenientes e é consideravelmente distinta do processo normal de intervenção por potências em assuntos de complexos de segurança locais. A intervenção geralmente reforça as dinâmicas de segurança locais; o *overlay* as subordina a um padrão maior de rivalidades entre grandes poderes, e pode até as obliterar. [...] Sob o *overlay*, não se pode ver as dinâmicas de segurança locais com clareza alguma e, portanto, não se pode exatamente identificar um complexo local; apenas se sabe como essas dinâmicas locais eram antes do *overlay*” (BUZAN et al., 1998, pp. 12-13 – tradução nossa). Tal conceituação teórica exprime precisamente a condição securitária do Oriente Médio no início do século XXI: as invasões ocidentais ao Afeganistão e ao Iraque (e a subsequente Guerra Global ao Terror) tiveram tamanho impacto sobre a região, que suprimiram as dinâmicas locais daqueles atores securitários.

não-árabes). Segundo FAWCETT (2005), havia três fatores que contribuíam para esse cenário à época, sendo eles: rivalidades persistentes e inconstantes; a ausência de hierarquias duráveis entre os Estados; a presença de identidades poderosas que se sobrepõem e até entram em conflito com o sistema de Estados existente e a influência frequentemente contrária de influências externas.

Em se tratando do primeiro, rivalidades persistentes e inconstantes, remete-se ao quadro relacional da Figura 01, destacando as inimizades de grande parte dos países árabes com Israel (desde sua fundação em 1947), Irã (pós-revolução de 1979) e Iraque (desde a Guerra do Golfo de 1990/91).

Quanto à questão hierárquica, os mesmos Estados que reivindicavam o papel de líder do Oriente Médio no século XX mantinham-se assim no início do século XXI – em especial por não estarem na esfera de invasões ocidentais naquele momento. Em particular, cita-se Egito (ainda que seu poder de influência regional estivesse em paulatino declínio após a morte de Nasser, em 1970), Arábia Saudita (com o apoio dos EUA) e Irã (anti-hegemônico desde 1979). Esses dois últimos, desde a Guerra Irã-Iraque já disputavam não apenas pelo *status quo* e o papel de ‘hegemon regional’, como também o título de líder do mundo islâmico – cada qual com seus próprios argumentos (a monarquia, por abrigar em seu território as maiores cidades sagradas do Islã, Meca e Medina, e a república justamente por ser a única representante verdadeiramente islâmica por desejo popular desde seu reposicionamento em 1979) –, que ficou conhecida como a Guerra Fria Regional⁵⁴ do Oriente Médio (LIU, 2003; ZEIN, 2015; CHEREM, 2019).

Por fim, a falta de potências grandes e influentes o suficiente pra alterar o *status quo* regional e/ou impedir a região de invasões e intervenções externas de grande impacto também pode ser verificada pelo fato de que boa parte dos atores regionais eram, naquele momento, neutros ou aliados do Ocidente (AMINEH, 2007).

O início de uma nova Era securitária, justificada pela Guerra Global ao Terror, deixou a região com um norte difuso sobre os futuro de suas estratégias securitárias – uma vez que os maiores aliados extrarregionais (o Ocidente, de maneira geral), que haviam em certa medida

⁵⁴ Naquele momento, contudo, a disputa entre ambos atores estava temporariamente retraída e, apesar de algumas manifestações de poder de influência durante as invasões do Afeganistão e do Iraque, ela viria a impactar mais intensamente a balança de poder regional apenas após as revoluções da Primavera Árabe de 2011.

apoiado os Estados da região contra o neocolonialismo europeu do século XX e em direção ao crescimento econômico e da entrada no mercado internacional (em especial quanto ao petróleo), estavam agora virando-se contra aqueles mesmos atores locais.

Durante algum tempo, a expressão de poder e influência do Oriente Médio permaneceu reduzida aos olhos do mundo:

É verdade que os Estados árabes até agora não demonstraram credenciais de poder duráveis. Se o poder diz respeito à capacidade de influenciar resultados ou de fornecer liderança institucional, está claro que a maioria dos Estados árabes até agora não conseguiu adquiri-lo. O mesmo se aplica a Israel e ao Irã: ambos são potências regionais óbvias (em termos militares e econômicos), ambos têm contado com o apoio de potências externas, mas nenhum deles até agora contribuiu para uma ordem regional viável e bem-sucedida, por razões relacionadas a isolamento e estrutura doméstica semelhantes (FAWCETT, 2005, pg., 206 – tradução nossa⁵⁵).

Ademais, com o histórico de baixa integração regional, as invasões e subsequente guerras ao Afeganistão (2001) e Iraque (2003) não produziram grande resposta estratégica (militar ou política) coletiva. O que de fato ocorreu foram reações individuais, focando majoritariamente naqueles Estados e em seus vizinhos àqueles em conflito.

Em se tratando dos organismos de cooperação regionais, o Oriente Médio nunca pode contar com mecanismos muito eficazes, o que apenas reforça a dificuldade de formulações estratégicas político-militares conjuntas e que compreendam a região de forma mais coesa.

Ao contrário do Leste Asiático, África, Américas ou Europa Ocidental, não há um fórum dedicado ou mecanismo institucionalizado para as principais potências regionais comunicarem, identificarem preocupações, resolverem conflitos, desenvolverem interesses comuns e trabalharem para estabelecer um conjunto de princípios para o desenvolvimento regional. interação que não seja guerra direta ou por procuração (HARRISON; SALEM, 2017, pg. 02 – tradução nossa⁵⁶).

Dentre as instituições mais relevantes, contudo, destacam-se: o Conselho de Segurança do Golfo, a Liga Árabe, a União do Magreb Árabe, a Organização de Cooperação Islâmica, o Grupo de Apoio Internacional à Síria (e, de alguma forma, a Organização dos Países Produtores

⁵⁵ Trecho original: *It is true that Arab states have hitherto not demonstrated durable power credentials. If power is about the ability to influence outcomes or to provide institutional leadership, it is clear that most Arab states have so far failed to acquire it. The same applies to Israel and Iran: both are obvious regional powers (in military and economic terms), both have enjoyed support of external powers, yet neither has so far contributed to a viable and successful regional order, for reasons that relate to relative regional isolation and domestic structure alike.*

⁵⁶ Trecho original: *Unlike in East Asia, Africa, the Americas or Western Europe, there is no dedicated forum or institutionalized mechanism for the main regional powers to communicate, identify concerns, defuse conflicts, build on common interests, and work toward establishing a set of principles for regional interaction other than direct or proxy war.*

de Petróleo – OPEP). Apesar de representarem Estados de uma mesma macrorregião (neste caso, o Grande Oriente Médio), talvez o elemento mais aglutinador nestes organismos seja justamente sua inércia e ineficácia (HARRISON; SALEM, 2017).

Seus esforços, particularmente no início da década, ocorreram no sentido de proposições institucionais e meramente teóricas. Em 2002, por exemplo, a Liga propôs⁵⁷ um plano conjunto de paz, com foco na defesa do território e do povo palestino e em reprimenda a Israel e suas ações.

Os líderes reafirmam suas resoluções anteriores sobre seu compromisso com uma paz justa e abrangente como um objetivo e uma escolha estratégica a ser alcançada pelo cumprimento da legitimidade internacional. Eles exortam Israel a retomar as negociações de paz em todos os sentidos com base nas resoluções relevantes do Conselho de Segurança [...]. Eles afirmam que uma paz abrangente e justa só pode ser alcançada: com a retirada completa de Israel de todos os territórios árabes que ocupa, e especialmente do Golã Árabe Sírio ocupado até a linha de 4 de junho de 1967 e os territórios libaneses ainda sob ocupação, incluindo as terras agrícolas de Shab'a [...] (aa – tradução nossa⁵⁸).

A iniciativa, contudo, não obteve grandes resultados na prática. Em oposto, foi muito mais relevante no sentido de reforçar a desaprovação dos países árabes com Tel-Aviv a nível regional e institucional.

Em relação às invasões extrarregionais ao Afeganistão e ao Iraque, a ausência da Liga fez-se sentir, em particular, com o contrassenso à guerra em Bagdad – uma vez que o país é um dos membros-fundadores do organismo: a Liga se manteve nas mesmas linhas silenciosas da Guerra do Golfo na década anterior, além das relações dos vizinhos árabes com o governo interino iraquiano que deixaram muito a desejar nos anos seguintes:

Em setembro de 2003, cinco meses após a queda de Saddam Hussein, a Liga Árabe estendeu o reconhecimento diplomático ao governo interino do Iraque. No entanto, nenhum desses estados estabeleceu ainda uma missão diplomática permanente no Iraque, um ponto sensível nas relações com Bagdad (MORAN, 2005, s/p. – tradução livre⁵⁹).

⁵⁷ Segundo a resolução 6153, da reunião da Liga Árabe em 10/03/2002. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-181223/>>. Acesso em: jan/2022.

⁵⁸ Trecho original: *The leaders reaffirm their past resolutions on their commitment to a just and comprehensive peace as an objective and a strategic choice to be achieved by compliance with international legitimacy. They urge Israel to resume the peace negotiations on all tracks on the basis of the relevant Security Council resolutions [...]. They affirm that a comprehensive and just peace can only be achieved: by Israel's complete withdrawal from all the Arab territories it is occupying, and especially from the occupied Syrian Arab Golan to the line of 4 June 1967 and the Lebanese territories still under occupation, including the Shab`a farmlands [...].*

⁵⁹ Trecho original: *In September 2003, five months after the fall of Saddam Hussein, the Arab League extended diplomatic recognition to the interim Iraqi government. However, none of these states has yet established a permanent diplomatic mission in Iraq, a sore point in relations with Baghdad.*

2.2.1. Capacidade Material vs. Institucionalização do poder

Outra forma de medir os impactos do 11 de setembro e da Guerra Global ao Terror na região é via elementos objetivo-quantitativos. Esta seção tem por objetivo analisar os dados dos campos econômico (particularmente via PIB) e militar (em termos de investimentos proporcionais ao PIB, por exemplo) dentre o mesmo grupo de 10 países já mencionado (figuras 01 e 02), uma vez que a esfera de influência dos atores estatais no Oriente Médio está diretamente ligada à sua capacidade econômica.

A distribuição das capacidades econômicas é o principal determinante da vida social e política no Oriente Médio. Na verdade, os estados estão no controle de todos os domínios, desde o econômico até o cultural. [...] Nas sociedades do Oriente Médio, as receitas do petróleo, a presença de forças armadas fortes e expandidas, o número crescente de burocratas estatais, oposições políticas fracas e apoio militar e financeiro estrangeiro aumentaram as capacidades e força do Estado sobre a sociedade (Abootalebi 1998, 8). O crescimento desproporcional das capacidades do Estado ampliou a esfera de influência do Estado (KOCH; STIVACHTIS, 2018, pg. 26 – tradução nossa⁶⁰).

A tabela a seguir utiliza dados da agência SIPRI para expor o cenário anarquicamente conturbado da virada do século, possibilitando uma visualização do quadro de *Hard Power* do Oriente Médio entre 1990 (Guerra do Golfo) e 2004 (ano seguinte à invasão ao Iraque):

Tabela 01 – Despesas militares por país em porcentagem do PIB (1990-2004)

	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004
Arábia Saudita	14.0%	9.3%	10.5%	11.4%	9.8%	8.7%	8.1%
Bahrein	5.3%	5.2%	4.0%	4.1%	4.6%	4.7%	4.0%
EAU	-	-	8.3%	5.6%	4.9%	4.7%	4.6%
Egito	3.5%	3.1%	2.6%	3.0%	3.3%	3.3%	2.9%
Irã	2.9%	2.2%	2.3%	2.4%	2.2%	2.4%	2.8%
Israel	12.4%	7.9%	6.3%	6.5%	6.6%	6.5%	6.4%
Kuwait	48.5%	13.6%	7.2%	7.7%	7.4%	6.5%	5.8%
Qatar	10.7%	-	-	-	3.9%	3.3%	2.4%
Síria	6.9%	7.4%	5.5%	5.5%	5.4%	6.2%	5.5%
Turquia	3.5%	3.9%	3.7%	3.6%	3.8%	3.3%	2.7%

Fonte: Elaboração própria, com dados de SIPRI (2021)⁶¹

⁶⁰ Trecho original: *The distribution of economic capabilities is the main determinant of social and political life in the Middle East. In fact, states are in control of every domain ranging from the economic to the cultural field. [...] In Middle Eastern societies, oil revenues, the presence of strong and expanded militaries, the increasing number of state bureaucrats, weak political oppositions, and foreign military and financial support have increased state capabilities and strength over society (Abootalebi 1998, 8). The disproportionate growth in state capabilities has expanded the state's sphere of influence.*

⁶¹ Disponível em: <<https://bit.ly/3AcVeWs>>. Acesso em: nov/2021.

Essa investigação sobre a capacidade material dos Estados, quando comparada com o PIB dos mesmos, indica tanto a (des)proporcionalidade dos investimentos do país quando comparada com a institucionalização do seu poder; quanto também a intensidade das reações militares estratégicas.

É possível analisar pelos dados não apenas a flutuação natural dos investimentos⁶², como também os pontos de alta desencadeados pelos três eventos específicos: Guerra do Golfo (1990-91), com um exponencial aumento dos investimentos militares do Kuwait defendendo-se da invasão iraquiana e retornando à média nos anos seguintes, e reações defensivas da Síria (na temeridade de outra demonstração de forças da vizinha Bagdad) e incremento no apoio saudita; e as guerras do Afeganistão (2001) e Iraque (2003). Apesar de uma baixa reatividade, a Arábia Saudita demonstrou ser o ator mais suscetível a mudanças e sobressaltos, seguida sutilmente pelos demais países do GCC.

Nos anos que se seguiram, o cenário das duas guerras manteve-se contínuo, assim como os padrões nas relações político-militares da região. Em relação a outros conflitos menores, destaca-se: Israel-Líbano⁶³ (2006), por ter reforçado as tensões árabe-israelenses; e a execução de Saddam Hussein (2006), não só por ter remodelado o Baath iraquiano e a estabilidade política geral do país, como também por ter alterado a estrutura do Iraque enquanto *buffer state* que separava o Irã das nações árabes a oeste e no Golfo:

A remoção de Saddam Hussein perturbou o equilíbrio tradicional de poder na região. Embora em grande parte psicológico, isso foi significativo para os regimes árabes sunitas. Até a Guerra do Iraque de 2003, o equilíbrio de poder regional sempre envolveu as potências árabes e o Irã. [...] A percepção da remoção do buffer iraquiano para o Irã após a Guerra do Iraque gerou uma preocupação generalizada entre os estados árabes de que o Irã pode manobrar mais facilmente no centro do Oriente Médio, do Líbano a Gaza. A destituição do líder iraquiano criou a percepção de maior vulnerabilidade do lado árabe, resultando em uma tendência de exagerar o espectro do Irã e seus aliados não-estatais associados (WEHREY et al, 2010, pg. XI – tradução nossa⁶⁴)

⁶² Em especial em se considerando que na série história mais ampla (não visível na tabela, mas verificável diretamente no documento da fonte), diversos países já vinham decrescendo dos anos anteriores (pós-Guerra Irã-Iraque e os diversos conflitos com Israel).

⁶³ Mais particularmente, entre o governo israelense o partido do governo libanês, Hezbollah.

⁶⁴ Trecho original: *The removal of Saddam Hussein upset a traditional balance of power in the region. While largely psychological, this was nonetheless significant for Sunni Arab regimes. Until the 2003 Iraq War, the regional balance of power has always involved Arab powers and Iran. [...] The perceived removal of the Iraqi buffer to Iran following the Iraq War led to widespread concern among Arab states that Iran can more easily maneuver in the core of the Middle East, from Lebanon to Gaza. The ousting of the Iraqi leader created the perception of increased vulnerability on the Arab side, resulting in a tendency to exaggerate the specter of Iran and its associated nonstate allies.*

Esse vácuo de poder pós-Saddam deixou a região, cuja estabilidade naquele momento já se apresentava bastante frágil, ainda mais suscetível a disputas e embates pelo ápice da balança de poder.

Contudo, esse breve momento em que o Estado iraniano parecia ascender progressivamente em relação aos vizinhos não durou muito: em 2009, o país que atravessaria eleições nacionais, deparou-se com profundas mobilizações de insatisfação popular que ficaram conhecidas como os “Levantes Verdes” (tradução livre para “*Green Uprisings*”⁶⁵), desencadeadas pelas mesmas raízes que o mundo árabe viria a experimentar 2 anos depois na Primavera Árabe – um somatório de anos de políticas públicas arbitrárias e pouco voltadas os déficits e necessidades efetivas da população (particularmente emprego, liberdade e empoderamento feminino, segundo o *Human Development Report* – PNUD 2002⁶⁶), acrescido dos impactos globais da crise financeira de 2008 (em especial do consumo mundial reduzido de petróleo⁶⁷).

O ponto essencial e que distinguiu esse movimento de insurgências das demais foi exatamente o cenário político eleitoral. Forças populares, lideradas especialmente pela juventude e pela população feminina, manifestavam seu desejo de um sistema político mais plural e representativo (em oposição ao atual, no qual todos os candidatos e mesmo as próprias legislações devem passar pelo aval do Conselho de Guardiões⁶⁸) contra candidatos que se afirmavam reformistas – não que isso signifique, contudo, que este foi um movimento de ateus ou irreligião, mas sim que enfatizou os direitos civis acima dos deveres religiosos, para salvar a religião do Estado que opera sob a rubrica de uma interpretação religiosa restrita (verdadeiramente, uma revolução antissistema). O Levante Verde fez parte de uma genealogia de protesto iraniano, informada pelo passado (1979) e visando impactos no futuro.

A contestada eleição presidencial de junho de 2009 desencadeou o mais sério movimento de protesto em massa desde o nascimento da República Islâmica do Irã em 1979. A agitação generalizada nas principais áreas urbanas deu origem ao que veio a ser conhecido como Movimento Verde, cuja demanda inicial mínima pode ser resumida no slogan simples, mas profundo, "Onde está meu voto?" Foi um movimento

⁶⁵ Ainda que também se utilize o termo “*Green Revolution*” (ou “Revolução Verde”, em tradução livre), optou-se aqui pelo uso do primeiro; uma vez que, apesar da grande mobilização popular, não houve realmente uma revolução em qualquer estrutura política do país de fato.

⁶⁶ Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/reports/263/hdr_2002_en_complete.pdf>. Acesso em nov/2021.

⁶⁷ Conforme dados divulgados pela OMC, em março/2009: *WTO sees 9% global trade decline in 2009 as recession strikes*. Disponível em: <https://www.wto.org/english/news_e/pres09_e/pr554_e.htm>. Acesso em nov/2021.

⁶⁸ Ver CHEREM, 2019, pp. 27-28, para uma explicação mais completa sobre o sistema político iraniano.

nascido da raiva de um eleitorado que se sentiu traído pelo resultado adulterado de uma eleição que eles tinham certeza de que seu candidato havia vencido. Também emanou da frustração causada pelas aspirações não realizadas de anos investidos no movimento de reforma durante a presidência de Mohammad Khatami (1997–2005). A organização espontânea de manifestações de massa durou várias semanas, ameaçou o status quo e provocou o ataque repressivo do regime (HAGHIGHATJOO in: FAHRI, 2016, pg. 224 – tradução nossa⁶⁹).

Assim, ao final de 2009, o Oriente Médio encontrava-se quicá em tanta perturbação política e securitária quanto no início da década. Os gráficos a seguir mostram uma série de dados e estatísticas que corroboram com essa inferência, para além das análises histórico-contextuais. Para melhor representar a região, foram elencadas três categorias de dados: uma de dispêndios militares em proporção ao PIB (em continuação à Tabela 01) e duas econômicas complementares. A intenção aqui é possibilitar uma análise objetiva das capacidades materiais da região e, no todo, uma visão do quanto o *hard power* influenciou a balança de poder do Oriente Médio nessa primeira década.

Tabela 02 – Despesas militares por país em porcentagem do PIB (2005-2010)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Arábia Saudita	7.7%	7.8%	8.5%	7.4%	9.6%	8.6%
Bahrein	3.2%	3.1%	3.0%	2.8%	3.6%	3.3%
EAU	3.7%	3.2%	3.3%	3.7%	5.5%	6.0%
Egito	2.7%	2.6%	2.4%	2.2%	2.0%	2.0%
Irã	3.0%	3.3%	2.7%	2.7%	3.0%	2.8%
Israel	6.3%	6.0%	6.4%	6.4%	6.1%	5.9%
Kuwait	4.3%	3.5%	3.6%	3.0%	4.0%	3.8%
Qatar	2.0%	1.8%	2.0%	2.0%	2.0%	1.5%
Síria	5.0%	4.4%	4.1%	3.6%	4.0%	4.1%
Turquia	2.4%	2.4%	2.2%	2.2%	2.5%	2.3%

Fonte: Elaboração própria, com dados de SIPRI (2021)⁷⁰

⁶⁹ Trecho original: *The contested presidential election of June 2009 unleashed the most serious mass protest movement since the birth of the Islamic Republic of Iran in 1979. The widespread unrest throughout major urban areas gave birth to what came to be known as the Green Movement, whose minimal initial demand was epitomized in the simple but profound slogan, “Where is my vote?” It was a movement born out of the anger of an electorate that felt betrayed by the tampered result of an election they were certain their candidate had won. It also emanated from the frustration caused by the unfulfilled aspirations of years invested in the reform movement during the presidency of Mohammad Khatami (1997–2005). The spontaneous organization of mass rallies lasted for several weeks, threatened the status quo, and brought the repressive onslaught of the regime.*

⁷⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/3GHXmbt>>. Acesso em: nov/2021.

Na categoria representada pela Tabela 02, os investimentos militares apresentaram-se relativamente estáveis quando comparados lado a lado (e país por país) com os dados dos anos anteriores. Aqui, após o início das guerras afegã e iraquiana, há um momento específico onde múltiplos países apresentaram um aumento considerável (2008/2009) – em particular os países do GCC, indicando a continuidade de suas estratégias militares conjuntas e um impacto ainda indireto da crise financeira global de 2008.

Em se tratando de economia, foram elencados dois elementos-chave: as exportações de petróleo da região (considerando a principal *commodity* regional) e o nível de desemprego da população – ainda que o primeiro construa a série histórica desde 1970, e o seguinte apenas a partir de 2004, é possível extrair diversos elementos e ver, na prática, o impacto dos conflitos históricos.

Pelo gráfico da renda por exportação de petróleo, é possível enxergar o profundo impacto econômico que tiveram cada uma das crises da/na região com o passar dos anos. A interesse do recorte de pesquisa neste momento, ressalta-se a seguinte sequência: breve queda no início da Guerra ao Terror (2001), ascensão durante os anos seguintes até 2006 (por conta especialmente de um aquecimento do setor nos países do Golfo⁷¹), e brusca queda com a crise global de 2008.

Enquanto isso, os 3 cenários salientados no primeiro gráfico são subsequentemente evidenciados no segundo: queda na taxa de desemprego com o aquecimento da economia (2004-2008) e ascensão com seu arrefecimento a partir de 2008.

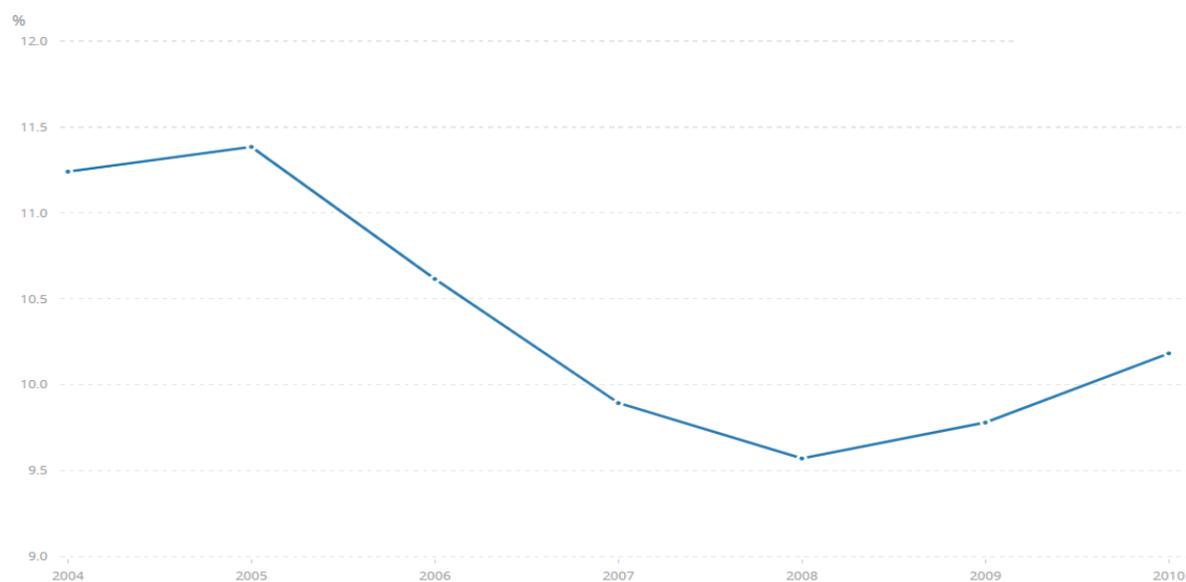
⁷¹ Conforme Ibrahim Saif: “O recente boom do petróleo (2002 a meados de 2008) gerou um grande volume de receitas para os seis países do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC): Bahrein, Omã, Kuwait, Catar, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita. Estimada em uma média anual de US \$ 327 bilhões no período de 2002 a 2006, as receitas mais que dobraram sua média em comparação com os cinco anos anteriores” (SAIF, 2009, pg. 01).

Gráfico 01 – Renda advinda do petróleo no Oriente Médio, em porcentagem do PIB (1970-2010)



Fonte: Banco Mundial⁷²

Gráfico 02 – Níveis de desemprego no Oriente Médio (2004⁷³-2010)



Fonte: Banco Mundial⁷⁴

⁷² Disponível em: <<https://bit.ly/31YIQ0m>>. Acesso em: nov/2021.

⁷³ Não há dados para a região nos anos anteriores.

⁷⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/3DQP7aK>>. Acesso em: nov/2021.

Compreende-se portanto que, ainda que momentos de instabilidade tenham atingido diversos países da região de forma individual, suas consequências à época tenderam a ficar restritas ao solo nacional. São apenas os elementos de alcance global que efetivamente impactam na economia regional. A dizer, os anos que antecederam a Primavera Árabe, por exemplo, não conceberam reivindicações completamente novas, mas foi exatamente o complexo conjunto de fatores (especificamente aqueles econômicos e estruturalmente políticos) que levariam múltiplas nações à série de levantes em questão. Pouco a pouco, até o final da década, mais países entravam para a lista⁷⁵ de Estados frágeis⁷⁶ e o cenário começava a entrar em ebulição (VEEN, 2011; VISENTINI, 2014).

Focando nos Estados de maior impacto e influência regionais (tanto à época, quanto na década seguinte, na circunscrição do cenário dos 3 Eixos de Alianças), esta pesquisa parte para o levantamento das capacidades materiais individuais (compreendidas por investimentos militares em % do PIB nacional) em comparação com os investimentos em desenvolvimento nacional da mesma época para 5 atores-chave: os três principais líderes dos Eixos em 2020, Arábia Saudita, Irã e Turquia; Israel – igualmente importante na corroboração da mesma explicação no futuro; e Egito, que até poucos anos antes havia sido um dos principais atores na disputa pela balança de poder regional (WU, 2012).

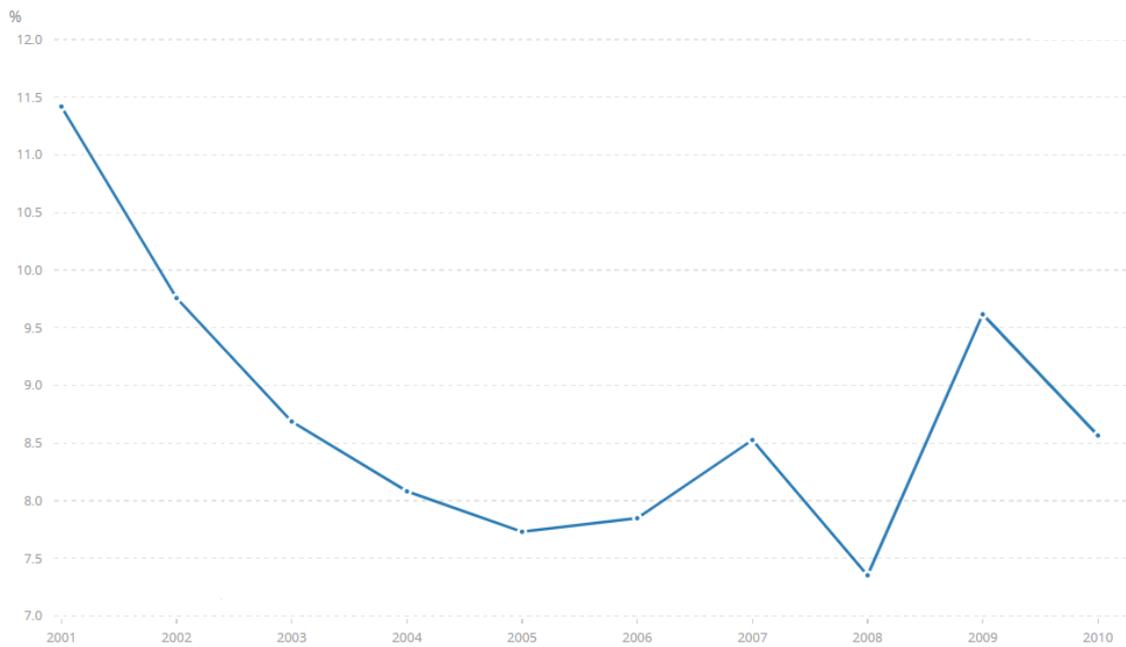
O gráfico formado para apresentar o segundo ponto (investimentos em crescimento nacional) é composto por dois dados cruzados, em forma de tendência⁷⁷, para a otimização da análise: PIB per capita e expectativa de vida ao nascer. O primeiro, indica diretamente o crescimento econômico nacional, enquanto o segundo assegura como a população efetivamente se encontrava em termos de desenvolvimento humano. Desta forma, é possível visualizar se os investimentos no setor militar (apresentado nas tabelas 01 e 02) foram igualmente condizentes com os índices de desenvolvimento de suas respectivas populações, e se o país conseguiu, por fim, institucionalizar seu poder (capacidades materiais proporcionais ao desenvolvimento nacional).

⁷⁵ Até 2010, seguiam entre os “top 10” da lista global: Afeganistão, Iraque e Iêmen (VEEN, 2011).

⁷⁶ Anteriormente conhecidos como “Estados falidos”, podem ser definidos quando seu nível de violência interna passa a ser identificada como ameaça à segurança internacional: “São caracterizados pelo predomínio de tensões internas, de conflitos enraizados e da existência de grupos armados, insurgências e levantes civis” (CARSOLO in: SAINT-PIÈRE; VITELLI, 2018, pg. 447) – ainda que o conceito seja um tanto quanto controverso, uma vez que indica uma visão externamente (e ocidentalmente) imposta sobre o cenário interno daquele país.

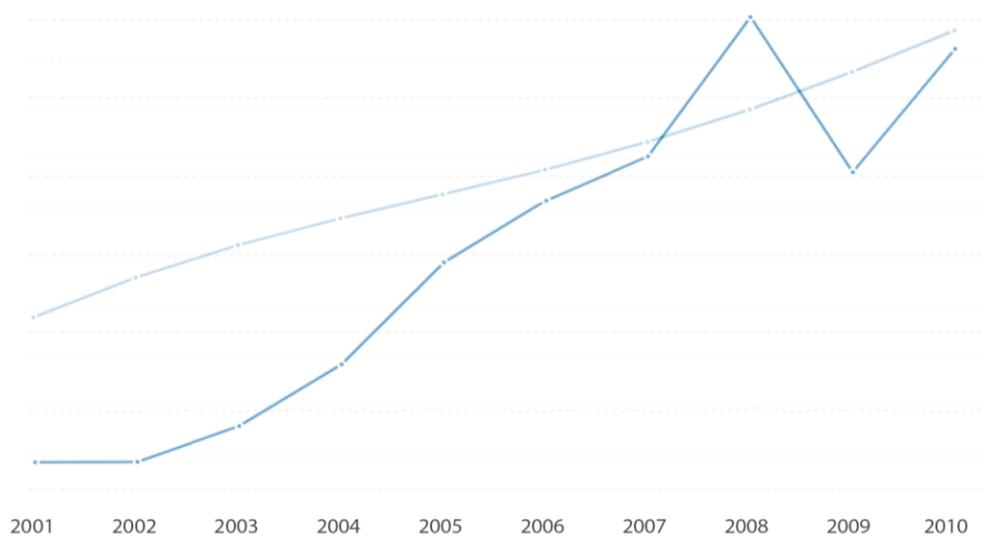
⁷⁷ Os gráficos não apresentam os números (PIB em US\$ per capita, ou anos de expectativa de vida ao nascer), já que a intenção é apresentar as tendências de crescimento/redução em ambas taxas de forma concomitante.

Gráfico 03 – Capacidades materiais da Arábia Saudita: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)



Fonte: Banco Mundial⁷⁸

Gráfico 04 – Desenvolvimento econômico da Arábia Saudita (2001-2010)



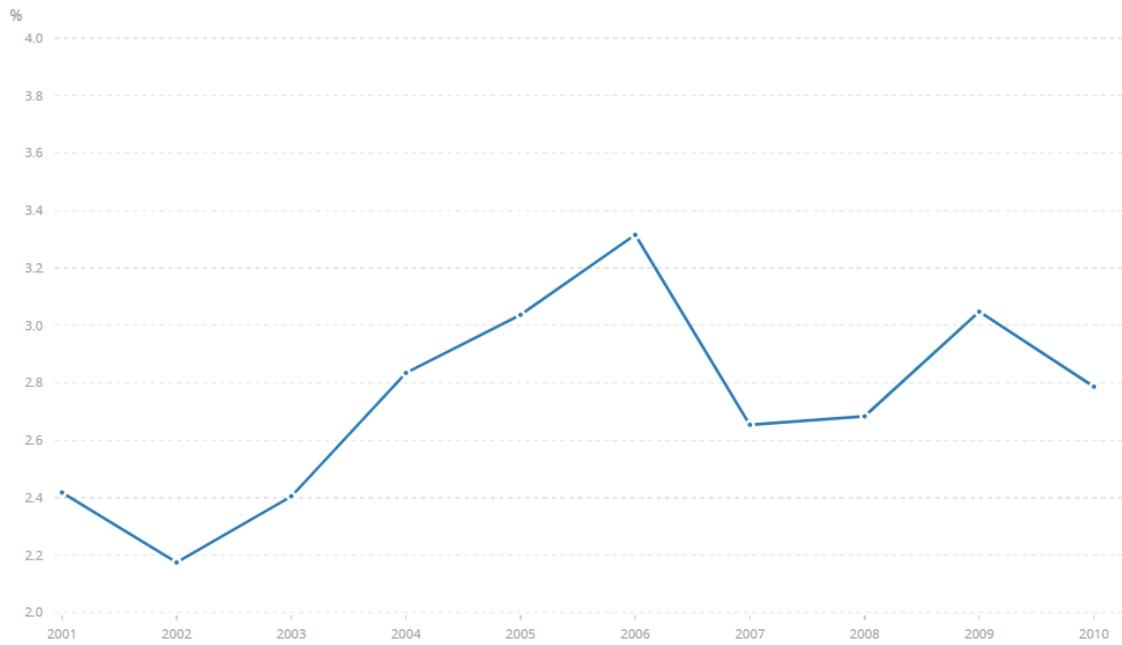
LEGENDAS:

- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados do Banco Mundial

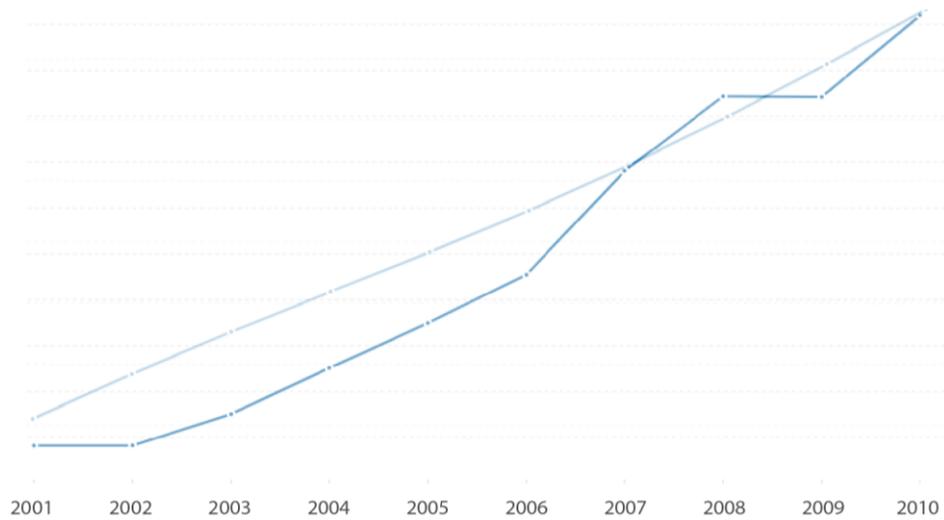
⁷⁸ Disponível em: <<https://bit.ly/3ymGEuC>>. Acesso em: dez/2021.

Gráfico 05 – Capacidades materiais do Irã: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)



Fonte: Banco Mundial⁷⁹

Gráfico 06 – Desenvolvimento econômico do Irã (2001-2010)



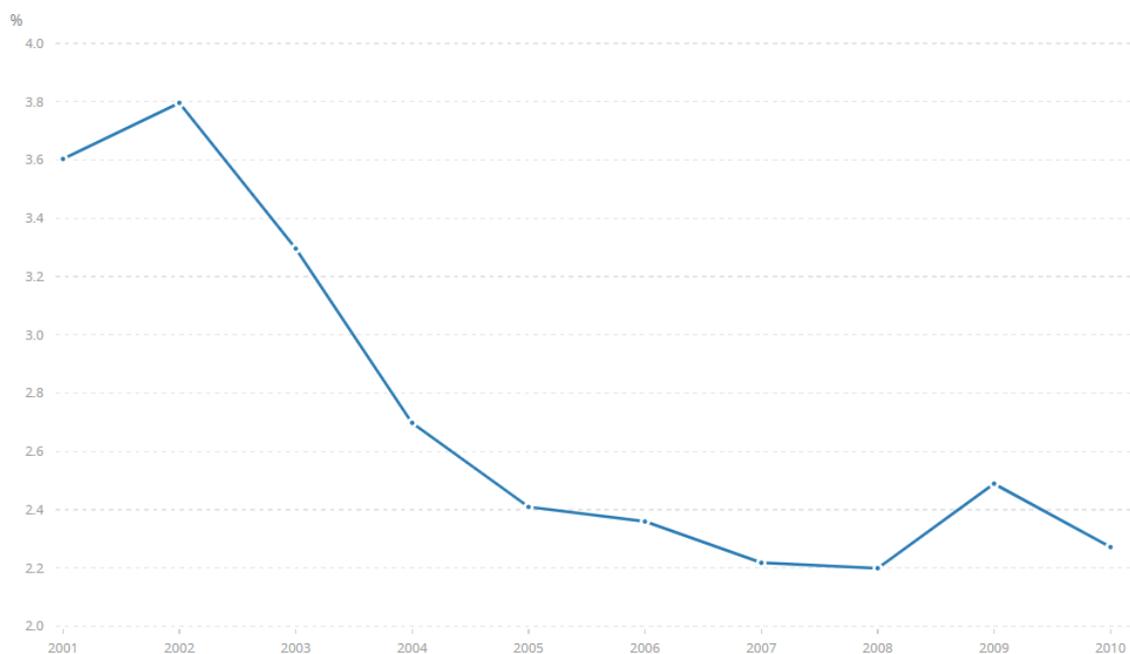
LEGENDAS:

- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados do Banco Mundial

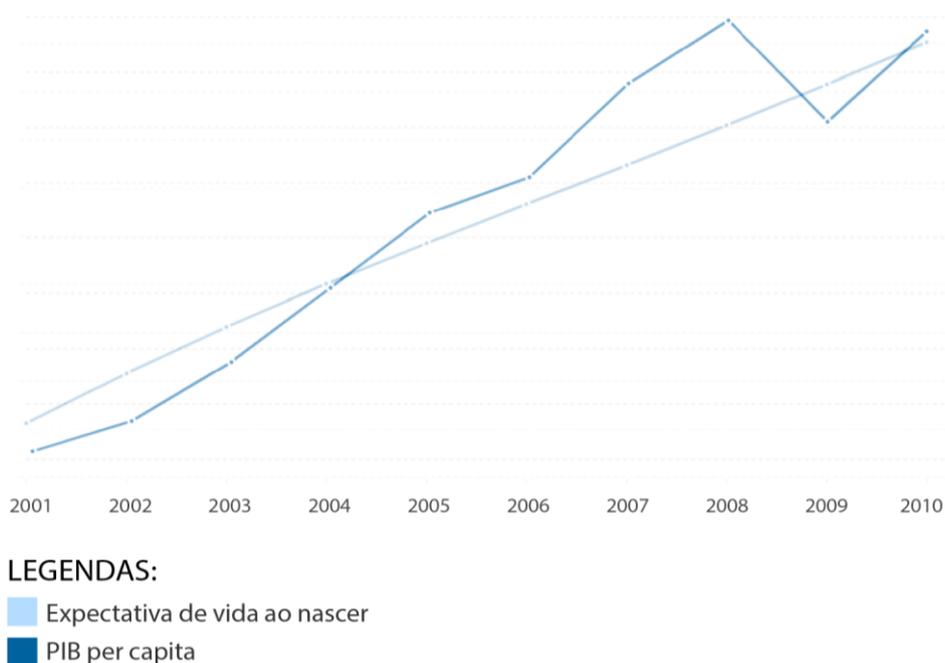
⁷⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/3s35UVB>>. Acesso em: dez/2021.

Gráfico 07 – Capacidades materiais da Turquia: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)



Fonte: Banco Mundial⁸⁰

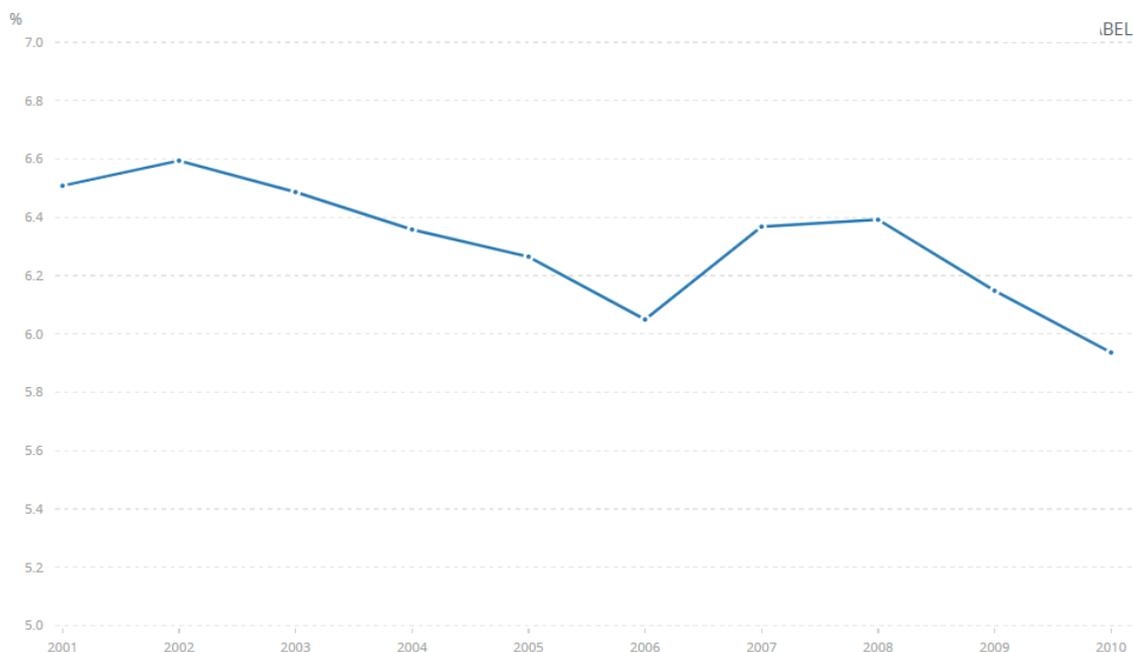
Gráfico 08 – Desenvolvimento econômico da Turquia (2001-2010)



Fonte: Formulação própria, com base nos dados do Banco Mundial

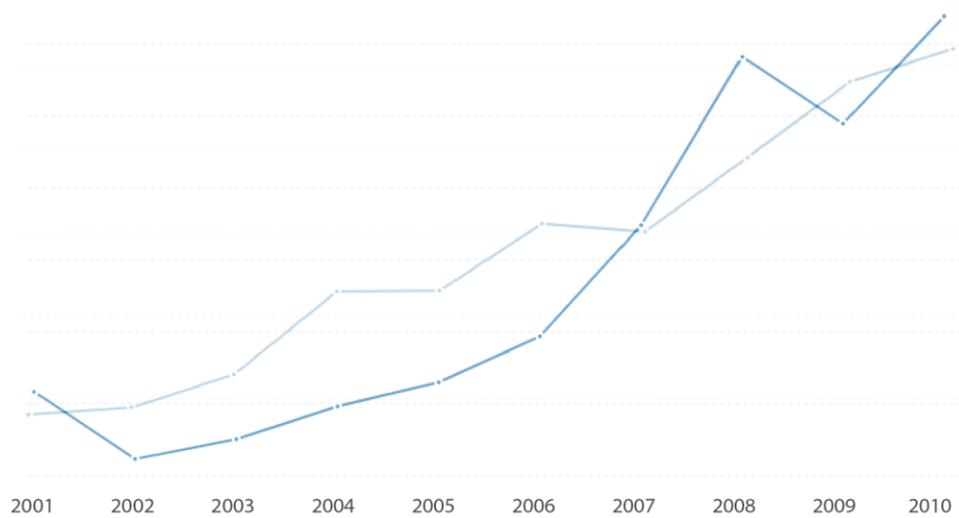
⁸⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/321de9h>>. Acesso em: dez/2021.

Gráfico 09 – Capacidades materiais de Israel: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)



Fonte: Banco Mundial⁸¹

Gráfico 10 – Desenvolvimento econômico de Israel (2001-2010)



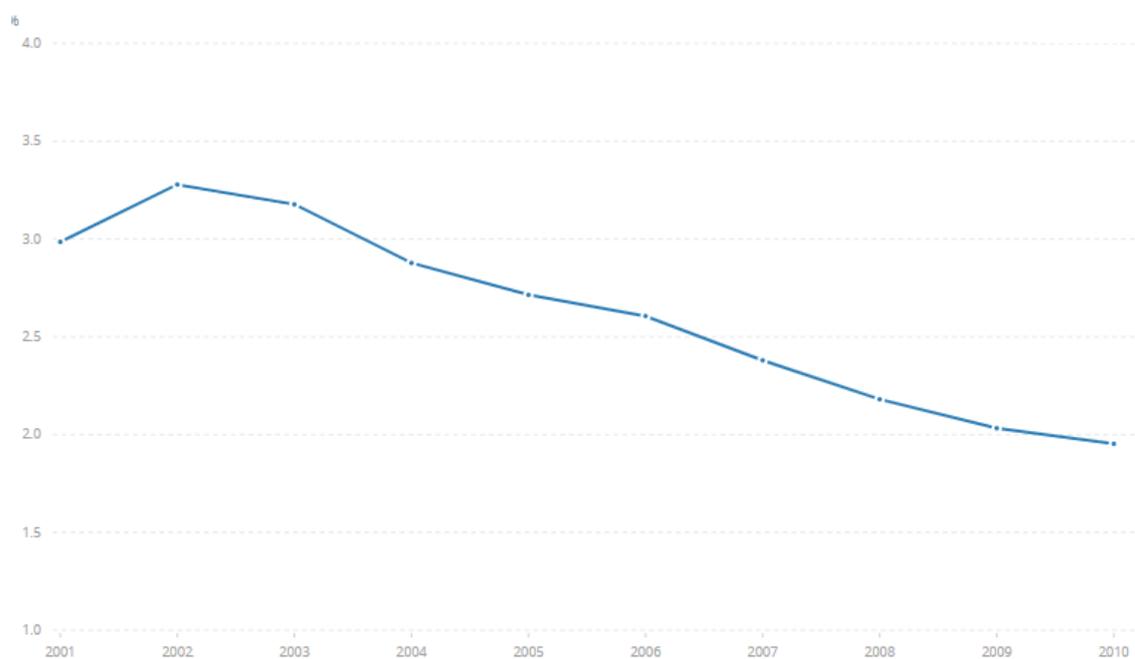
LEGENDAS:

- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados do Banco Mundial

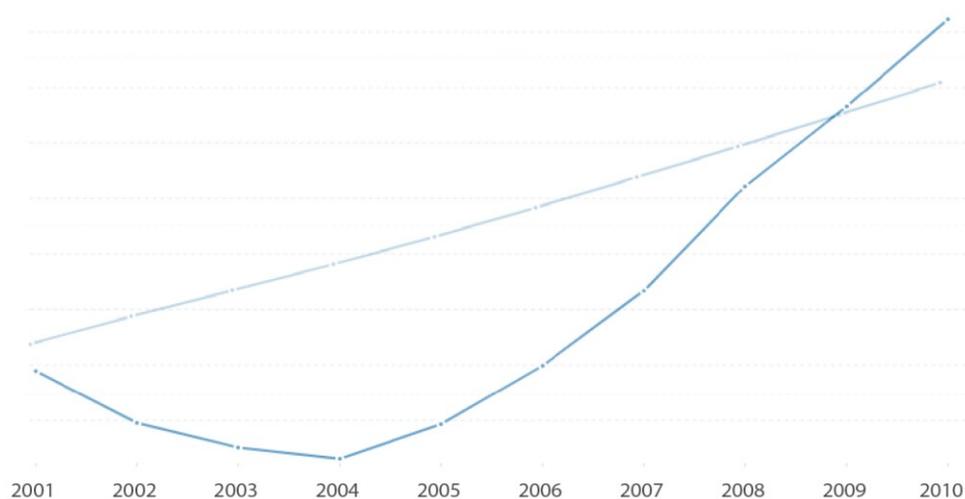
⁸¹ Disponível em: <<https://bit.ly/3fq0KM0>>. Acesso em: dez/2021.

Gráfico 11 – Capacidades materiais do Egito: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2001-2010)



Fonte: Banco Mundial⁸²

Gráfico 12 – Desenvolvimento econômico do Egito (2001-2010)



LEGENDAS:

- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados do Banco Mundial

⁸² Disponível em: <<https://bit.ly/3nQB0x9>>. Acesso em: dez/2021.

O primeiro dado a ser analisado na série são as capacidades materiais dos países (gráficos 03, 05, 07, 09 e 11). De forma coletiva, os investimentos no setor militar apresentaram queda considerável, com exceção de Irã e Israel – reforçando uma das hipóteses iniciais deste trabalho, na qual ambos atores são considerados ameaças regionais, e agem como tal, em diversos momentos das últimas décadas. Teerã, em particular, conta ainda com um segundo fator para o aumento súbito e aparentemente contrário à tendência de queda regional: a Revolução Verde de 2009 (FAHRI, 2016).

A tendência de redução, contudo, não necessariamente indica um enfraquecimento do setor, mas sim uma percepção de tranquilidade e confiança coletivas: após a agitação do 11 de setembro (e as consequentes invasões ocidentais ao Afeganistão e ao Iraque), a região sentiu uma certa estabilidade até o final da década.

Em corroboração à justificativa acima, são oferecidos os gráficos de desenvolvimento econômico nacionais (gráficos 04, 06, 08, 10 e 12), com o cruzamento de dados sobre PIB per capita e expectativa de vida ao nascer. Nestes sim, não há debate ou exceção sobre a tendência de crescimento de todos os atores selecionados – ainda que os ângulos individualmente indiquem velocidades diferentes de ascensão.

Paralelamente, o autor Russell James indica elementos que, à época, ainda mantinham um véu de insegurança no Oriente Médio – como argumentos remanescentes de uma Guerra Global ao Terror após seu ápice no início do século. São eles: a emergência de alianças entre Estados poderosos e atores não-estatais (Irã, Síria, Hezbollah, Hamas, milícias xiitas e organizações políticas iraquianas) em oposição a Israel e aos EUA; o embate em ascensão entre elites de Estados sunitas do Golfo e o bloco xiita dominado pelo Irã, no espaço de vácuo deixado pelos EUA na região; o aumento das capacidades nucleares iranianas e o perigo para os EUA de tê-lo como inimigo; movimentos políticos islâmicos fortalecidos por toda região, que agora devem ser acomodados por regimes da região; produtores de petróleo ansiosos (JAMES, 2007). O autor indica tal construção argumentativa como um “novo dilema securitário” no Oriente Médio, mas é possível perceber dois elementos em destaque: 1. o inimigo construído dos EUA (e, de certa forma, do Ocidente) no Oriente Médio sofrendo uma metamorfose de árabes para não-árabes (particularmente voltando para Teerã); 2. a dissonância entre o discurso de medo (reforçando a narrativa de um Oriente Médio instável e perigoso) e a realidade do momento.

Mas ao tomar como referência obras de autores médio orientais, a visão tende a ser diferente e, mesmo para além da balança de poder regional em si, há outros argumentos que justificam a estabilidade nessa época. Para Selvik e Stenslie, na obra “*Stability and Change in the Modern Middle East*”, estabilidade no Oriente Médio está intrinsecamente interligada com estabilidade dos regimes:

Se olharmos por trás das manchetes da mídia, descobrimos, pelo contrário, que a estabilidade é uma característica proeminente da política no Oriente Médio. Para ser mais preciso, estabilidade significa estabilidade de regime, que caracteriza a região há quarenta anos. Em geral, os sistemas políticos que existiam quatro décadas atrás sobreviveram até hoje. As exceções são o Irã, onde o reino do xá foi substituído pela república islâmica em 1979, e o Iraque, onde o sistema político de Saddam Hussein foi derrubado em 2003. Além disso, houve pouca mudança no topo desses regimes (SELVIK; STENSLIE, 2011, pg. 01 – tradução nossa⁸³).

O ponto é que o Oriente Médio nessa época (em especial após a segunda metade da década, entre 2005-2010), em contraste aos anos anteriores, não apresentava grandes conflitos regionais entre atores estatais – os que haviam, estavam muito mais ligados a desavenças ideológicas, ou a hostilidades de muitas décadas de certa forma mais brandas (em particular contra Israel, ou entre Arábia Saudita e Irã).

As relações de força entre os países construíam uma balança de poder relativamente estável e ao que tudo indicava, o Subcomplexo Regional de Segurança do Oriente Médio (BUZAN; WEAVER, 2003) garantia uma seguridade coletiva mais confiável do que nas décadas anteriores⁸⁴.

A seguir, são trazidos novamente os levantamentos cruzados de relacionamentos entre atores estatais no Oriente Médio (Fig. 01), para uma análise macro das relações de poder e padrão de interações e compreensão da balança de poder regional (adaptado agora para o período em questão: 2001-2010).

⁸³ Trecho original: *If we look behind the media's headlines, we find, on the contrary, that stability is a prominent feature of politics in the Middle East. To be more precise, stability means regime stability, which has characterised the region for forty years. By and large the political systems that existed four decades ago have all survived to this day. The exceptions are Iran, where the Shah's kingdom was replaced by the Islamic republic in 1979, and Iraq, where Saddam Hussein's political system was toppled in 2003. Furthermore, there has been little change at the top of these regimes.*

⁸⁴ Conforme apresentado na Figura 01.

Figura 03 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio entre 2001-2010

	Arábia Saudita	Egito	Israel	GCC*	Irã	Iraque	Turquia	Catar	Palestina	Síria
Arábia Saudita		Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade
Egito	Amizade/Aliança		Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade
Israel	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento		Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento
GCC*	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento		Relativa neutralidade/estranhamento					
Irã	Inimizade	Inimizade	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento		Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança
Iraque**	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança		Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento
Turquia	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento		Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento
Catar	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança		Amizade/Aliança	Inimizade					
Palestina	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança		Relativa neutralidade/estranhamento
Síria	Inimizade	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	

LEGENDA:

Amizade/Aliança
Relativa neutralidade/estranhamento
Inimizade

*Três dos seis países do GCC: Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Kuwait
 **Considerando o redirecionamento de governo pós-intervenção estadunidense (2001) e a exclusão de qualquer poder de influência ou ação do Baath ou de Saddam Hussein, o alinhamento do país seria pró-EUA, mas mantem-se aqui os alinhamentos autênticos em oposição a esse enviesamento forçado.

Fonte: Elaboração própria, com base em NIC (2008), SLACKMAN (2009), TUR (2012), MERAL (2014), FAHRI (2016), BASKAN (2019), CHEREM (2019) e KIRISCI (2019), SHAYAN (2021).

Em comparação com a Figura 01, que apresentava as relações entre os mesmos atores na década anterior (1990-2000), há dois elementos que chamam a atenção: o primeiro, é uma diminuição considerável nas relações de inimizade (de 30 para 18), rumo a uma paulatina reconstrução mais pacíficos – ainda que o número de alianças político-securitárias mais bem estabelecidas tenha se mantido o mesmo (20). Este ponto se deve em especial à relativa quietude nas celeumas na região durante esses 8 anos, com exceção das já debatidas interferências

ocidentais à região. Este, em verdade, indica o segundo aspecto de mudança: o alinhamento de certos países (em especial Arábia Saudita e Egito, além da tradicional Israel – e, de forma mais branda, mas regularmente guiando-se pelas movimentações sauditas, os Estados do Golfo) aos EUA.

Iniciando as análises pela Arábia Saudita, há 6 relações mais impactantes: 3 positivas (Egito, GCC e Turquia) e 2 de inimizade (Irã e Síria). Em relação ao Cairo, ambos atores produziam, àquele momento, impacto considerável no cenário regional e nas instituições e organismos regionais do Oriente Médio – ainda que o governo de Mubarak estivesse continuamente perdendo sua força e poder de influência regionais⁸⁵.

Eles foram desafiados pelo Irã, se opuseram aos meus vizinhos árabes muito menores [como o Líbano] ridicularizados pela Síria e desafiados por grupos não-estatais influentes como o Hamas e o Hezbollah. [...] Funcionários da Arábia Saudita e do Egito reconhecem tudo isso; eles admitem que não são mais donos de seu universo (SLACKMAN, 2009, s/p – tradução nossa⁸⁶).

Enquanto isso, a Turquia construía excelentes relações (não apenas com Riad, mas também com o governo catari) nos anos 2000, desde a ascensão de Erdogan como 1º ministro turco:

A Turquia trabalhou para cultivar relações robustas com a Arábia Saudita e o Qatar na década de 2000 [...] e não teve relações problemáticas com os dois países até então e muitas vezes adotou posturas semelhantes sobre desenvolvimentos globais e regionais [...], bem como expandiu seu comércio com ambos (BASKAN, 2019, p. 87 – tradução nossa⁸⁷).

Do lado das inimizades, não surpreende a manutenção da hostilidade com o Irã – que paulatinamente, levavam as potências a escalonar sua Guerra Fria Regional. Assim como, uma considerável animosidade com aqueles governos próximos a Teerã, como a Síria sob o regime

⁸⁵ O regime militar de Mubarak tentava, naquele momento, conter o cenário interno e abdicou das responsabilidades que vinham com a (agora já abdicada) intenção de ser hegemom regional, como havia feito em meados do século XX. Agora, Cairo focava particularmente em sua orientação pró-estadunidense – e consequentemente pró-israelense e anti-iraniana – e, de modo geral, suas relações bilaterais seguiam linhas muito semelhantes à Arábia Saudita.

⁸⁶ Trecho original: *They have been challenged by Iran, opposed my much smaller Arab neighbors [such as Lebanon] mocked by Syria and defied by influential nonstate groups like Hamas and Hezbollah. [...] Officials in Saudi Arabia and Egypt acknowledge all this; they admit they are no longer maters of their universe.*

⁸⁷ Trecho original: *Turkey had worked to nurture robust relations with both Saudi Arabia and Qatar in the 2000s [...] and had no troubled relations with both countries until then and had often adopted similar stances on global and regional developments [...], as well as expanded its trade with both.*

de Assad (que, outrossim, ainda havia tomado o lado oposto a Riad no conflito Israel-Líbano/Hezbollah).

Contudo, ademais dessas interações, há três outras que igualmente se destacam, por seu impacto e complexidade. Em relação a Israel: “Em 2002, a Arábia Saudita liderou a Iniciativa de Paz Árabe, que posteriormente codificou o sequenciamento proposto nas relações árabes com Israel” (RAHMAN, 2021, s/p – tradução nossa⁸⁸), o que elevou a monarquia a um certo prestígio e poder na balança de poder regional. Em segunda instância, as relações com o Iraque devem ser consideradas com cautela: enquanto o governo Iraquiano era guiado pela intervenção estadunidense no país, e Washington e Riad tinham uma relação de moderada aliança, assume-se, conseqüentemente, que Riad e Bagdad nesse período estivessem em uma relação de relativa neutralidade; esta análise, contudo, intenciona ressaltar o direcionamento autêntico ao Estado iraquiano, que, neste caso, consideraria as relações bilaterais com Riad de estranhamento⁸⁹ (próximo a uma inimizade). Por fim, a Palestina que em décadas anteriores havia recebido forte apoio da coroa saudita, passou a ficar num imbróglcio complexo, uma vez que aquela indicava veementemente ser pró-Fatah⁹⁰ e não pró-Hamas: já era possível perceber tímidos indícios de uma aproximação estratégica a Israel, que futuramente culminaria em alianças de um mesmo Eixo na década seguinte) (KEAR, 2018; AHMAD; MOHAMMED, 2020).

Em uma breve análise sobre o governo Iraniano daquela década, torna-se visível uma certa intenção por relações bilaterais mais pacíficas: sua animosidade para com o Iraque (em especial advinda da guerra na década de 1980) passou a uma – então ainda – tímida aliança, construída em cima de um inimigo e de uma ameaça comuns: os EUA e as intervenções ocidentais ao Oriente Médio – e, sequencialmente, a inimizade e o distanciamento daquelas potências regionais que os apoiavam, Arábia Saudita, Egito e Israel. Em relação a Palestina e Síria, o apoio de Teerã vinha por aproximações ideológicas com seus governos (Hamas e regime Assad). Em linhas gerais, o Irã presenciava naquele momento, uma estabilidade considerável em sua política externa⁹¹ com o governo de Ahmadinejad, como não via há muito tempo.

⁸⁸ Trecho original: *In 2002, Saudi Arabia spearheaded the Arab Peace Initiative, which thereafter codified the proposed sequencing in Arab relations with Israel.*

⁸⁹ O que, ao fim e ao cabo, mantém também a mesma cor de legenda no gráfico.

⁹⁰ Historicamente criticado pelo Hamas e seus aliados de ser pouco reativo no conflito, quase como um “agente israelense disfarçado”.

⁹¹ O que não se refletiu na política interna do país, que em 2009 culminou nos Levantes Verdes.

Por fim, a entrada da nova década, também contou com um realinhamento das relações bilaterais turcas, sob o novo governo de Recep Erdogan como primeiro ministro a partir de 2002. De forma mais positiva, destaca-se a interação com a Arábia Saudita e o Catar⁹², com aumento relações econômicas (no comércio entre o trio) e políticas (como parceira estratégica do GCC) – as relações bilaterais Turquia-Catar, contudo, eram ainda mais fortes do que com a Arábia Saudita, uma vez que os atores tinham aproximações com a Irmandade Muçulmana, relações cordiais com o Irã e laços com Hamas e o regime sírio de Assad – todos cenários que a Arábia Saudita se mantinha em desacordo.

Um marco histórico nas relações, o Conselho de Cooperação do Golfo (GCC), do qual a Arábia Saudita e o Catar são membros, declarou a Turquia um parceiro estratégico em 2 de setembro de 2008. É digno de nota que esta foi a primeira declaração do GCC de um país como um parceiro estratégico. O GCC também assinou um Memorando de Entendimento com a Turquia, que instituiu reuniões anuais do Diálogo Estratégico de Alto Nível para consultas sobre questões políticas, econômicas, de defesa, segurança e culturais (BASKAN, 2019, p. 88 – tradução nossa⁹³).

A relação entre os governos de Mubarak e Erdogan tornou-se menos hostil (culminando em um acordo bilateral de livre comércio, firmado entre ambos em 2005), mas ainda sim havia um estranhamento considerável, vista a aspiração de ambas para preencher o vácuo deixado pelo Iraque pós-Saddam:

Com a ascensão do Partido Islâmico da Justiça e Desenvolvimento (AKP) da Turquia em 2002, a animosidade ideológica entre os dois países diminuiu gradualmente. Em vez disso, a rivalidade sobre as influências regionais emergiu como a linha de falha saliente entre eles. A competição deles se concentrou [principalmente] no Iraque pós-Saddam (KIRISCI, 2019, s/p – tradução nossa⁹⁴).

Já no conflito Israel-Palestina, Erdogan reforçou sua visão, declarando apoio ao Hamas: “A década de 1990 testemunhou uma crescente reaproximação nas relações entre a Turquia e

⁹² Que futuramente faria parte do mesmo Eixo de Alianças, na década seguinte, juntamente com o palestino Hamas.

⁹³ Trecho original: *A historical milestone in the relations, the Gulf Cooperation Council (GCC), of which Saudi Arabia and Qatar are members, declared Turkey a strategic partner on September 2, 2008. It is noteworthy that this was the GCC's first such declaration of any country as a strategic partner. The GCC also signed a Memorandum of Understanding with Turkey, which instituted annual meetings of High Level Strategic Dialogue to consult on political, economic, defense, security and cultural matters.*

⁹⁴ Trecho original: *With the ascendance of Turkey's Islamist Justice and Development Party (AKP) in 2002, the ideological animosity between the two countries gradually diminished. Instead, rivalry over regional influences emerged as the salient fault line between them. Their competition [mainly] focused on post-Saddam Iraq.*

Israel, que em uma década se tornaram tensas, atingindo o nível mais baixo de todos os tempos [...] em 2010” (TUR, 2012, pg. 45 – tradução nossa⁹⁵)

Ainda assim, essa diminuição das hostilidades em relações bi/multilaterais na região por si só falhou em indicar a previsibilidade de um ponto importante: os levantes nacionais que viriam nos meses seguintes ao final da década, da Primavera Árabe. O que se percebeu, contudo, foi uma correlação intrínseca entre os dois elementos: uma reestruturação, ou realinhamento, na dinâmica regional, antes muito mais influenciada pelas forças do Sistema Internacional (de maneira especialmente intensa até a invasão estadunidense ao Iraque, em 2003). Agora, o Oriente Médio passaria pouco a pouco a tornar-se para dentro, em relação a seu próprio desenvolvimento regional e formulação de uma comunidade de segurança mais ativa – de forma paulatina, é claro, mas ainda sim considerável.

Essa hipótese também pode ser justificada com base no padrão das interações com EUA e Rússia (semelhante à Figura 02, que apresentava as mesmas relações bilaterais relativas à década anterior). A Figura 04 apresenta menos relações de aliança com as potenciais globais – particularmente com a Rússia, que sentiu o peso das consequências da queda da URSS e sentiu-se obrigada a voltar sua atenção para suas questões internas.

Figura 04 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio e as maiores potências mundiais (EUA e Rússia), entre 2001-2010

	Arábia Saudita	Egito	Israel	GCC*	Irã	Iraque	Turquia	Catar	Palestina	Síria
EUA	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento
Rússia	Relativa neutralidade/estranhamento									

LEGENDA:

Amizade/Aliança
Relativa neutralidade/estranhamento
Inimizade

*Três dos seis países do GCC: Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Kuwait

Fonte: Elaboração própria, com base em ZOUBIR (2007), HARB (2014), SLADDEN (2018) e WU (2018).

⁹⁵ Trecho original: *The 1990s witnessed a growing rapprochement in relations between Turkey and Israel, which in a decade’s time have become strained, reaching an all-time low [...] in 2010 (TUR, 2012).*

As principais aproximações e distanciamentos dos EUA na região tiveram o marco certo de 2001, com os ataques de 11 de setembro: enquanto alguns países estreitaram relações com a potência (quer fosse por medo/defesa ou por considerarem o governo afegão e os grupos não-estatais correlatos como ameaças em comum), outros condenaram o excesso de interferências do Ocidente (especialmente após a segunda invasão, em 2003 no Iraque).

Antes da Primavera Árabe, a configuração estratégica no Oriente Médio era “os Estados Unidos buscando a hegemonia, com dois campos se opondo a ela”. [...] Contendo países anti-estadunidenses como Irã e Iraque, e apoiando países pró-estadunidenses, como a Arábia Saudita e o Egito, os Estados Unidos buscaram isolar e neutralizar as forças antiamericanas no Oriente Médio, para encorajar os países islâmicos do Oriente Médio a aceitar um caminho pró-americano (WU, 2018, pg. 30 – tradução nossa⁹⁶).

Arábia Saudita é exemplo do primeiro grupo. A monarquia compartilhava, à época (e em verdade até hoje), a aversão por grupos não-estatais que pudessem ameaçar o *status quo* regional, como a Al Qaeda e o Talibã – responsáveis pelos ataques em Nova Iorque. O que favoreceu, duplamente, a Riad: ao mesmo tempo em que tinha a maior potência do mundo lutando contra seus inimigos/ameaças regionais, a aliança reforçada serviu para a que os EUA retirassem suas tropas do solo saudita em 2003.

Previsivelmente, Israel manteve-se como principal aliado estadunidense na região – e, automaticamente, o alinhamento oposto da Palestina para com ambos atores. Nesse mesmo grupo de oposição, permaneceram, ainda, Irã – que em meados de 2008/09, alinhava conversas de um programa nuclear externamente apoiado tanto com os EUA, quanto a Rússia; e Iraque – que, por outro lado, adentrava à categoria com uma série de particularidades em razão da ocupação estadunidense em solo nacional desde 2003: o “Estado” iraquiano ficou temporariamente suspenso, enquanto o partido à frente do governo até então (Baath) era derrubado e seu líder (Saddam Hussein), executado, ocasionando um vácuo de poder e consequente desestabilização política enorme.

Outros países, contudo, permaneceram em uma situação relativamente estável com Washington, mas ainda não o suficiente a ponto de uma aliança garantida, como foi o caso nos

⁹⁶ Trecho original: *Before the Middle East upheaval, the strategic configuration in the Middle East was “the United States seeking hegemony, with two camps opposing it.”[...] By containing anti-American countries such as Iran and Iraq, and supporting pro-American countries, such as Saudi Arabia and Egypt, the United States sought to isolate and neutralize anti-American forces in the Middle East, to encourage Middle Eastern Islamic countries to accept a pro-American way.*

países do golfo e do Catar – onde a relação na época era basicamente pautada na economia petrolífera e no demais, carregada pela Arábia Saudita; ou o caso turco, cuja coparticipação na OTAN passava a ter cada vez menos significado; e mesmo o caso egípcio – cuja conexão era baseada majoritariamente na assistência econômica e militar recebida pelo Cairo (SHARP, 2008).

Embora os laços diplomáticos permaneçam fortes, o paradigma atual do relacionamento tornou-se obsoleto e a condenação dos pobres direitos humanos e histórico de democratização do Egito aumentou tanto na mídia dos EUA quanto no Congresso (SHARP, 2008, pg. 01 – tradução nossa⁹⁷).

Em um segundo momento de análise da mesma imagem, a Rússia aumentava moderadamente a expressividade de suas relações bi e multilaterais na região – com o presidente Putin esforçando-se para engajar mais do que seu predecessor Yeltsin:

A partir de 2005, a Rússia aumentou visivelmente seu envolvimento em o Oriente Médio. De 2005 a 2007, o presidente Vladimir Putin visitou o Egito, Israel, Arábia Saudita, Jordânia, Qatar, Turquia, Irã e os Emirados Árabes Unidos (Emirados Árabes Unidos) e a Rússia ganhou o status de observador na Organização de Cooperação Islâmica. Essas visitas permaneceram em total contraste com a relativa inatividade do predecessor de Putin, o presidente Boris Yeltsin, que não fez nenhuma visita oficial à região (SLADDEN *et al.*, 2018, pg. 02 – tradução nossa⁹⁸).

Dentre os casos, destaca-se algumas negociações regionais, como o processo de paz do Oriente Médio (o maior até aquele momento, acerca do conflito Israel-Palestina) e as negociações P5+1 com o Irã sobre seu programa nuclear. Em todos os cenários, contudo, as interações foram muito mais frutíferas quando em contextos multilaterais, com envolvimento em especial do Ocidente; enquanto as relações bilaterais diretas ainda estavam em fase embrionária.

⁹⁷ Trecho original: *Although diplomatic ties remain strong, the current paradigm of the relationship has grown stale and condemnation of Egypt's poor human rights and democratization record has increased both in the U.S. media and in Congress.*

⁹⁸ Trecho original: *Beginning in 2005, Russia noticeably increased its engagement in the Middle East. From 2005 to 2007, President Vladimir Putin visited Egypt, Israel, Saudi Arabia, Jordan, Qatar, Turkey, Iran, and the United Arab Emirates (UAE), and Russia gained observer status in the Organization of Islamic Cooperation. These visits stood in stark contrast to the relative inactivity of Putin's predecessor, President Boris Yeltsin, who made no official visits to the region.*

2.3. CONCLUSÃO PRÉVIA

Ao que tudo indica, o Oriente Médio apresenta, a cada 10 anos, uma reformulação ou intenso escalonamento de sua dinâmica e balança de poder regionais, de forma quiçá pendular (até um extremo, voltando para o centro e tendenciando o extremo oposto). Até a década de 1970, a região estava imersa em monarquias e governos fortemente conectados com o Ocidente, e de alguma forma distantes política e militarmente dos próprios vizinhos. A Revolução Islâmica Iraniana de 1979 trouxe à década seguinte (1980) uma nova dinâmica, agora não apenas de neutralidade ou estranhamentos regionais, mas de efetivos desarranjos ideológicos e conflitos regionais (como a Guerra Irã-Iraque). A década de 1990, por sua vez, galgando mais uma etapa de instabilidade, apresentou a primeira guerra entre dois atores árabes (a invasão iraquiana ao Kuwait e subsequente I Guerra do Golfo) e uma presente desconfiança securitária entre os atores (Fig. 01).

Já a entrada do século XXI, pouco a pouco, foi indicando o oposto: no início, o retorno do campo de influência das potências externas (invasões ao Afeganistão e ao Iraque e a construção discursiva da Guerra Global ao Terror), enquanto as relações bi e multilaterais entre os próprios atores da região iam gradualmente se abrandando e acalmando – com uma diminuição de 1/3 nas relações bilaterais de inimizade (Fig. 03). De modo geral, inferir que essa primeira década gravitou por uma dinâmica sistêmica é compreender que as principais forças que impactaram a região originaram de agentes externos: para além das invasões, a crise financeira de 2008, que inflamaria os levantes da Primavera Árabe três anos depois

Os demais desarranjos na região, ainda que menores e mais localizados, tiveram dois dos três principais atores não-árabes da região como protagonistas: Israel, no conflito com o Líbano em 2006; e o Levante Verde no Irã (2009). Quiçá por isso seu impacto não tenha sido sentido no Oriente Médio com a mesma força que os demais: não apenas por não contarem com interferência ou intervenções do Ocidente, como também por não abarcarem os interesses do mundo árabe como um todo.

A progressiva estabilidade da região vinha apresentando como tendência aquilo que de fato viria a ocorrer no século XX (e que será abarcado no capítulo seguinte): mais uma reformulação na dinâmica de poder e relacional, desta vez uma na qual as alianças políticas e militares se multiplicariam, tornando-se ainda mais visíveis e enraizadas.

3. CAPÍTULO II: A BALANÇA DE PODER REGIONAL DO ORIENTE MÉDIO PÓS-PRIMAVERA ÁRABE

Este segundo capítulo servirá como espelho e comparação para o primeiro, visando elencar e analisar os principais elementos político-securitários do Oriente Médio entre 2011-2020, partindo da Primavera Árabe para então delinear o cenário macro da balança de poder regional (com a acessão dos Acordos de Abraão e a ordem multipolar entre 5 potências) ao final da década.

Esta seção questionará, portanto, quais elementos dessa segunda década, em continuação ou contraposição àqueles da primeira, auxiliam na explicação da ordem regional tripartite que se vê a partir de 2020. Dentre os argumentos aqui explorados estão a desestabilização e reformulação da balança de poder advindos da Primavera Árabe (como, por exemplo, a forma como os múltiplos conflitos nacionais e regionais nascidos a partir dela alteraram elementos securitários estruturais na região); seguidos da manutenção dessa instabilidade (CHEREM, 2019), pela forma como as potências que melhor lidaram com os levantes se posicionaram – oficialmente (via organismos regionais) ou extraoficialmente (especialmente pelo aumento ou diminuição da diplomacia em suas relações bilaterais); para averiguar e concluir um sistema com dinâmica regional muito mais voltado para si, com menor influência das potências internacionais. Como exemplos, apresenta-se elementos muito mais autóctones, como os Acordos de Abrão, ou a Guerra Fria Regional Irã-Arábia Saudita, na construção desse cenário multipolar recentrado.

Em termos mais pontuais, o capítulo se divide essencialmente em três partes, sempre tendo a balança de poder como objeto final de análise: uma investigação inicial dos principais elementos da Primavera Árabe à balança, seguido de suas principais consequências (guerras civis, crises nacionais, aproximações e distanciamentos entre vizinhos, aumento da militarização regional, dentre outros), com uma apresentação resumida da situação política interna de países que passaram pela P.A.; os impactos dos Acordos de Abraão e de uma (possivelmente) paulatina aproximação entre países árabes e Israel após décadas de inimizade; e, por fim, uma análise mais aprofundada da correlação ente a capacidade material dos atores estatais e sua institucionalização de poder (interna e externamente), sob uma série de dados e gráficos objetivos, para embasar empiricamente as arguições teóricas.

3.1.OS IMPACTOS DA PRIMAVERA ÁRABE À BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO

Em contraposição à dinâmica sistêmica (extrarregional) dos anos 2000, o início da década seguinte trouxe à balança de poder do Oriente Médio uma reestruturação autóctone. Este capítulo, por conseguinte, se inicia com o principal marco histórico da época, responsável por grandes impactos políticos, securitários, econômicos e humanitários: a Primavera Árabe.

A série de levantes populares que se iniciou com a Revolução de Jasmim em 2010, na Tunísia, tinha como objetivo mudanças sociopolíticas estruturais e fundamentais na região. Contudo, longe de um processo altamente frutífero nesse sentido, a Primavera Árabe acabou por trazer outros elementos de impacto regional.

As revoluções⁹⁹ árabes ocorreram em um momento ideológico na história do pós-Guerra Fria, quando a própria ideia de revolução havia praticamente desaparecido do pensamento social e das lutas políticas, quando as três principais ideologias pós-coloniais – nacionalismo anticolonial, marxismo-leninismo e islamismo militante – que a revolução vigorosamente defendida havia desaparecido ou sido solapada. Em seu lugar estava o poderoso paradigma neoliberal e seu quadro normativo (BAYAT, 2017, pg. 18 – tradução nossa¹⁰⁰)

O autor Asef Bayat segue para explicar a particularidade desses ideais, alicerçados em políticas identitárias – que, conseqüentemente, fundamentam o caráter regional e autóctone aqui explorado. A ideia de um movimento com múltiplas células emergindo concomitantemente e levantando questões semelhantes, distingue esse movimento dos demais na região até então – ainda que com foco apenas nos países árabes (sem incluir, portanto, Irã, Turquia e Israel – que, à época, passavam por momentos e questões sociopolíticas diferentes).

Se havia algo “grande” nesses pensamentos críticos, era a política de identidade, a “política de reconhecimento” que transcendia a política de redistribuição, com status

⁹⁹ Ainda que a própria ideia de que os múltiplos levantes da Primavera Árabe foram, na verdade, pequenas revoluções (ou mesmo partes de uma grande revolução) seja ainda um tema em debate dentro da área acadêmica. Entende-se como revolução aqueles movimentos que, além de intencionarem derrubar o chefe de Estado com uso de violência, efetivamente conseguem alterar os mecanismos políticos e socioeconômicos, ou a estrutura do Estado de forma mais profunda (BOBBIO, 1983) – sendo este último elemento, da mudança estruturante efetiva, a razão principal pela qual não se denomina a Primavera Árabe como revolucionária até o presente momento (2022). Dos 22 países que participaram do quadro, apenas a Tunísia alcançou todos os requisitos necessários para nomear uma revolução (Revolução de Jasmim).

¹⁰⁰ Trecho original: *The Arab revolutions occurred at an ideological time in post-Cold War history, when the very idea of revolution had largely disappeared from social thought and political struggles, when the three major postcolonial ideologies – anticolonial nationalism, Marxism-Leninism, and militant Islamism – that vigorously advocated revolution had vanished or been undermined. In their place was the powerful neoliberal paradigm and its normative frame.*

e identidade substituindo a política de classe (BAYAT, 2017, pg. 19 – tradução nossa¹⁰¹).

Dentre os elementos mais inovadores e transformadores das manifestações, estavam: 1. O uso das redes sociais para a difusão de um grande movimento regional, especialmente pelas camadas mais jovens (WOLFSFELD et al., 2013; MERAL, 2017); 2. O caráter civil, que colaborou para evitar combates armados e destruição – apesar de essa alta pacificidade (por parte dos manifestantes, e não necessariamente das respostas estatais) ter sido, justamente, o que levou ao fracasso dos manifestantes, que acabaram por não conseguir levar ao governo aquilo que originalmente almejavam – profundas reestruturações no Estado (BAYAT, 2017); 3. Seu alicerçamento em valores globais de direitos humanos, ao invés de ideias voltadas para a identidade regional, ou os quesitos ideológico e religioso (FÜRTIG, 2014).

Ainda que esses aspectos tenham carregado os desejos e necessidade de diferentes populações pelo mapa, o somatório dos levantes foi justamente o que estruturou o peso necessário para ocasionar uma desestabilização na balança de poder regional. De modo geral, contudo, as aspirações giravam em torno de mudar os mesmos três elementos: pobreza estrutural¹⁰², corrupção política e regimes autoritários de autocratas que estavam no poder há décadas (VISENTINI, 2014) – algo que o Ocidente entendeu como um desejo intrínseco por democracia (DOOMEN, 2013), ainda que o próprio Islã Político (este sim, conceito inerente a boa parte das nações médio orientais) conceitue esse papel de chefe de Estado e seus atributos fundamentais de ainda outra forma (ABU-RABI, 2011).

Nenhuma resposta simples é suficiente para resolver os desafios que a Primavera Árabe trouxe. De qualquer forma, uma coisa parece clara: se os Estados vieram a ser democráticos – o que significa que os critérios para um procedimento democrático seriam atendidos – não há como voltar atrás. Uma democracia que não leva em consideração a igualdade básica e, portanto, não trata todos os cidadãos (formalmente) igualmente, enfrentará uma reversão à estrutura que levou às revoltas em primeiro lugar (embora o domínio dos cidadãos que serão discriminados não precisa ter exatamente a mesma extensão no novo estado de coisas) e é confrontado com a dificuldade adicional de que aqueles discriminados sob um novo regime possam estar suficientemente motivados para se rebelar contra ele (DOOMEN, 2013, pg. 407 – tradução nossa¹⁰³).

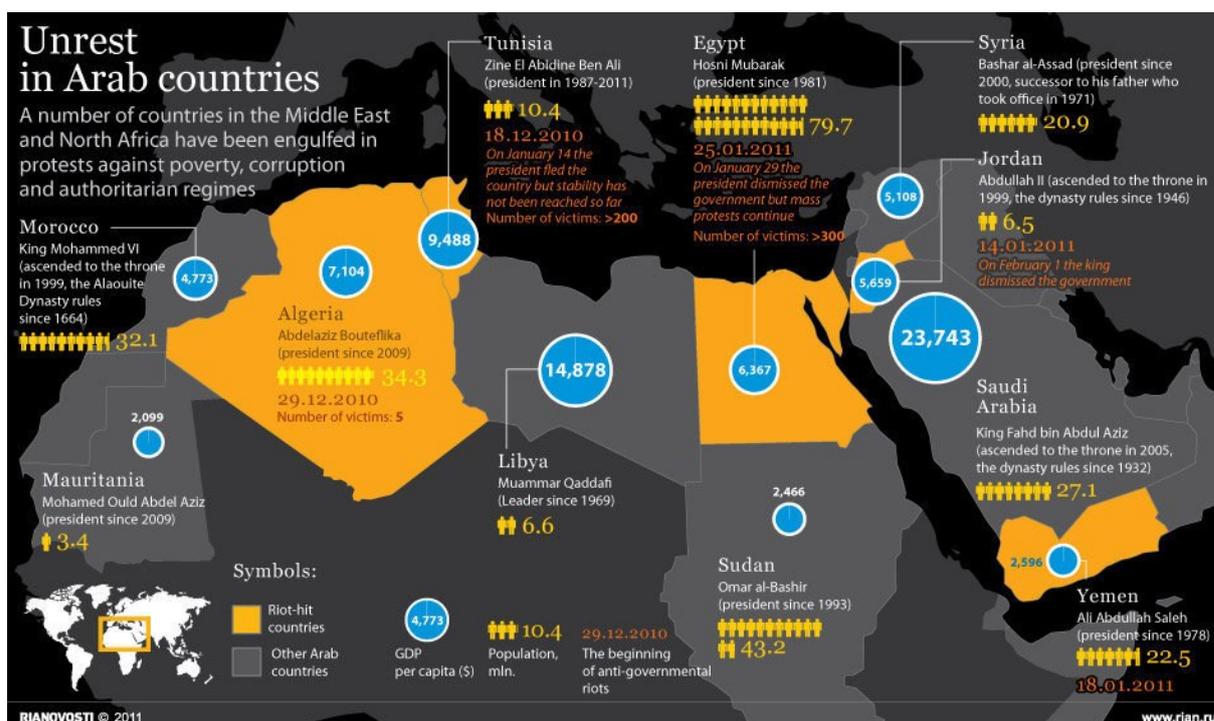
¹⁰¹ Trecho original: *If there was anything “grand” in these critical thoughts, it was the identity politics, the “politics of recognition” that transcended the politics of redistribution, with status and identity substituting for class politics.*

¹⁰² Tendo a igualdade básica, legal e estrutural como condição necessária após a mudança de regime (DOOMEN, 2013).

¹⁰³ Trecho original: *No simple answers suffice to resolve the challenges the Arab Spring has brought. One thing seems clear in any case: if the states are to be democratic— meaning that the criteria for a democratic procedure*

A imagem a seguir¹⁰⁴ mostra de que formas os levantes alcançaram os distintos países envolvidos – do Marrocos à Arábia Saudita – particularmente com foco nos elementos econômicos (PIB per capita), políticos (população e presidentes) e securitários (número de vítimas nos conflitos decorrentes aos levantes – que na maior parte das vezes eram entabulados pelas respostas do próprio Estado/governo, uma vez que as manifestações eram, por princípio, pacíficas).

Figura 05 – Impactos iniciais da Primavera Árabe (2011)



Fonte: Arabian Gazette¹⁰⁵

Nos anos que se seguiram, os desenrolares isolados de cada levante foram peculiares a cada cenário nacional – dentre deposições, guerras civis, conquistas sociais, etc. – em especial

are met—no way back is possible. A democracy that does not take into consideration basic equality, and thus does not treat every citizen (formally) equally, will face a reversion to the structure that has led to the uprisings in the first place (although the domain of citizens who will be discriminated need not have precisely the same extension in the new state of affairs) and is confronted with the additional difficulty that those discriminated under a new regime may be sufficiently motivated to rebel against it.

¹⁰⁴ Elaborada em 2011 (poucos meses após o início da Primavera), num momento em que os levantes em diversos lugares ainda estavam em efervescência; o que indica, portanto, o cenário de um momento ainda incipiente (e não necessariamente o ápice de cada caso – apresentado em outra imagem mais à frente).

¹⁰⁵ Disponível em: <arabiangazette.com/economic-reasons-arab-spring-20130206>. Acesso em jan/2022.

porque cada governo lidou com os manifestantes de uma forma distinta: alguns de forma mais pacífica, outros mais violenta e prolongada e um terceiro grupo (dos países do Golfo), silenciando completamente qualquer manifestação desde seus instantes embrionários.

Na Tunísia, no Egito e no Iêmen, um ditador foi afastado de forma relativamente pacífica. No Marrocos e na Jordânia, as reformas foram prometidas pelo rei. No Bahrein e na Arábia Saudita, as manifestações foram esmagadas pelos militares. Na Líbia e na Síria, as manifestações levaram a uma guerra civil. Com a ajuda da OTAN, a guerra da Líbia chegou ao fim, com a morte de Muammar Gadaffi. Na Síria, a guerra ainda está em andamento (DEBEUF, 2017, p. 46 - tradução nossa¹⁰⁶).

Na visualização regional, a Primavera Árabe não apenas contribuiu, como se tornou fator determinante na instabilidade e no vácuo de poder do Oriente Médio – e não apenas no mundo árabe, uma vez que as consequências foram sentidas por todo aquele espaço e atores (LYNCH, 2017; CHEREM, 2019).

A região era agora uma ameaça securitária em si mesma e criava-se uma aparente contradição: fora exatamente a busca pela renovação do *status quo* nacional de cada ator participante da Primavera, que levava ao quadro generalizado de instabilidade regional. A dra. Eman Ragab estuda os enlaces securitários da P.A.:

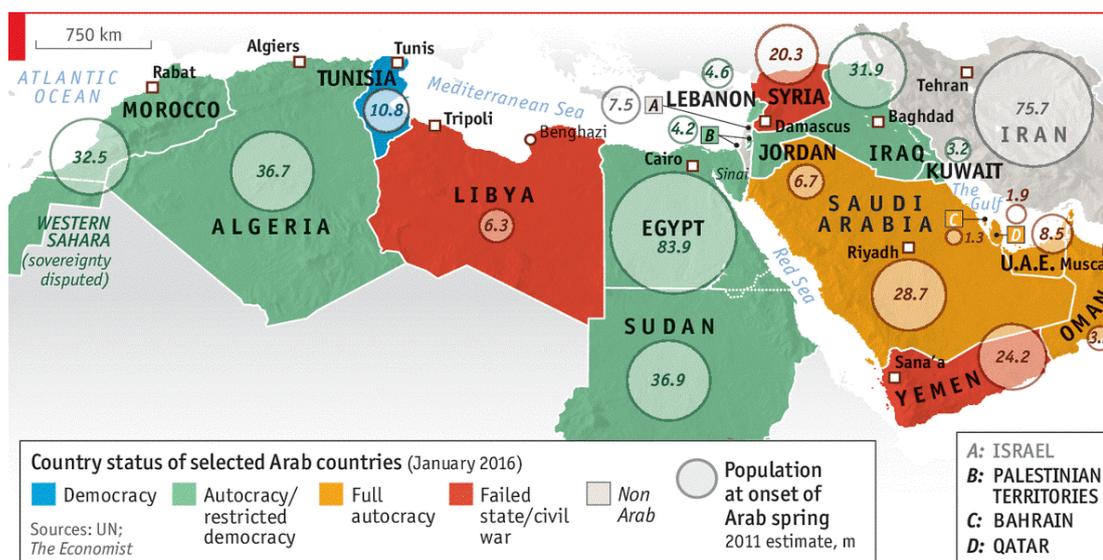
A Primavera Árabe foi um evento decisivo que continua a reformular as perspectivas de segurança da região e redefinir o que significa segurança regional nesta parte do mundo. Por um lado, está mudando a percepção das ameaças à segurança entre os países árabes. Por outro lado, está fazendo da garantia da segurança nacional territorial a prioridade dos países árabes e, como resultado, seu apoio e participação em qualquer arranjo de segurança coletiva está sujeito à medida em que serve à segurança nacional. [...] No período pós-Primavera Árabe, a sobrevivência do Estado-nação continua sendo a prioridade para vários países árabes. Isso é especialmente verdade porque uma das consequências da Primavera Árabe foi o surgimento de conflitos armados que enfraqueceram a estrutura do Estado, como na Líbia após a operação liderada pela OTAN em 2011, no Iêmen desde 2015 e na Síria desde 2011. A ênfase na sobrevivência do Estado no discurso oficial de muitos líderes árabes durante esse período não se limitou às dimensões políticas e de segurança como costumava ser. Em vez disso, abrange dimensões humanitárias, sociais e econômicas, desde que fortaleçam a capacidade das instituições estatais (RAGAB, 2020, s/p – tradução nossa¹⁰⁷).

¹⁰⁶ Trecho original: *In Tunisia, Egypt, and Yemen, a dictator was ousted in a relatively peaceful way. In Morocco and Jordan, reforms were promised by the King. In Bahrain and Saudi Arabia, demonstrations were crushed by the military. In Libya and Syria, demonstrations led to a civil war. With the help of NATO, the Libyan war came to an end with the killing of Muammar Gaddafi. In Syria, the war is still ongoing.*

¹⁰⁷ Trecho original: *The Arab Spring was a decisive event that continues to reshape the security outlook of the region and redefine what regional security in this part of the world means. On one hand, it is shifting the perceptions of security threats among Arab countries. On the other hand, it is making ensuring territorial national security the priority for Arab countries, and, as a result, their support for and participation in any collective security arrangement is subject to the extent to which it serves their national security. [...] In the post-Arab Spring period, the survival of the nation state remains the priority for several Arab countries. This is especially true since one of the consequences of the Arab Spring has been the emergence of armed conflicts weakening the state*

O paradigma político-securitário estava montado: enquanto o movimento se tornava regional e os manifestantes elaboravam formas de contato e comunicação mesmo entre vizinhos com governos repressores (WOLFSFELD et al., 2013), engrandecendo a natureza regional da Primavera; cada Estado, agora instável (e alguns até mesmo perto da falência estatal), lidava com seus levantes populares e conflitos internos por si próprio, o que acabou por gerar quadros extremamente diferentes.

Figura 06 – Estados do Oriente Médio, 5 anos após o início da Primavera Árabe (2016)



Fonte: Jornal *The Economist*, 2016.

Em azul, a Tunísia, foi o único país a conquistar o regime democrático após os levantes; em verde, percebe-se as autocracias/democracias restritas; em amarelo, as autocracias completas; em vermelho, os Estados falidos ou em guerra civil; e, em cinza, os países não-árabes (caso do Irã e de Israel, no mapa) participantes. Mas é necessário compreender a correlação, não apenas diretamente entre os levantes enquanto aconteciam, mas também de suas raízes e consequências.

Cada uma das guerras da região e convulsões políticas domésticas fazem parte de uma história maior. As transições fracassadas da chamada Primavera Árabe, a ascensão do Estado Islâmico e as várias guerras que consumiram o Oriente Médio são

structure, as in Libya after the NATO-led operation in 2011, in Yemen since 2015, and in Syria since 2011. The increasing emphasis on state survival in the official discourse of many Arab leaders during this period has not been confined to political and security dimensions as it used to be. Instead, it encompasses humanitarian, societal, and economic dimensions as long as they strengthen the capacity of state institutions.

frequentemente tratadas como eventos distintos. Eles não são. A transição do Egito, a guerra civil da Síria, o colapso da Líbia, o surgimento do Estado Islâmico e o sucesso da Tunísia fazem parte de uma única história. A Primavera Árabe foi um evento singular, unindo todo o mundo árabe em uma narrativa única e incrivelmente potente da possibilidade de mudança. O fracasso de cada levante tem sido muitas vezes explicado pelas condições locais. Mas essas lutas pelo futuro árabe nunca deixaram de ser totalmente regionais em sua natureza (LYNCH, 2016, pg. 04 – tradução nossa¹⁰⁸).

Alguns anos depois, contudo, a situação já era outra. Dentre aqueles mesmos países do mapa anterior (Fig. 06), uma década depois, o cenário mudara em certos aspectos: primeiramente, o único país que havia efetivamente alcançado mudanças estruturais política e socioeconômicas, a Tunísia, passou por um período altamente conturbado de crise política (BORGES, 2021); o Egito passou por um regime radicalista islâmico e em 2020, ainda se encontrava sob uma ditadura militar (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020); e o Líbano, que ao final da década também foi palco interno de uma grave crise política e econômica. Dentre os elementos que se mantiveram, contudo, ressalta-se a forte repressão Estatal das monarquias (especialmente do Golfo) (ABOUZZOHOOR, 2021) e as duradouras e devastadoras guerras civis na Síria, Iêmen, Líbia e Iraque.

Desde então, os estudiosos perguntam o que significa que nenhum monarca foi derrubado e se a monarquia árabe é importante para o resultado da sobrevivência do regime. Vários especialistas ligaram este último à legitimidade dos monarcas, apoio externo e riqueza de recursos. Embora não haja consenso, está claro que os monarcas contiveram repetidamente e com sucesso diferentes tipos de ameaças da oposição nas décadas anteriores à Primavera Árabe e continuam a fazê-lo 10 anos depois (ABOUZZOHOOR, 2021, s/p – tradução nossa¹⁰⁹).

Em estudos sobre a persistência e transição em diferentes tipos de sistemas autoritários no Oriente Médio, a dra. Abouzzohour apresenta semelhanças e distanciamentos entre as

¹⁰⁸ Trecho original: *Each of the region's wars and domestic political upheavals is part of a larger story. The failed transitions of the so-called Arab Spring, the rise of the Islamic State, and the various wars that have consumed the Middle East are often treated as discrete events. They are not. Egypt's transition, Syria's civil war, Libya's collapse, the Islamic State's emergence and Tunisia's success are all part of a single story. The Arab uprising was a singular event, uniting the entire Arab world within a single, incredibly potent narrative of the possibility of change. The failure of each uprising has often been explained by local conditions. But these struggles for the Arab future never stopped being fully regional in their nature.*

¹⁰⁹ Trecho original: *Since then, scholars have asked what it means that no monarch was overthrown and whether Arab monarchy matters to the outcome of regime survival. Various experts have linked the latter to monarchs' legitimacy, external support, and resource wealth. Though there is no consensus, it is clear that monarchs have repeatedly and successfully contained different types of opposition threats for decades prior to the Arab Spring and continue to do so 10 years later.*

diversas monarquias do golfo durante a Primavera Árabe: enquanto países como Catar e Emirados Árabes Unidos tiveram manifestações mais breves e pontuais – praticamente silenciosas por natureza própria, ou silenciadas pela monarquia –, os vizinhos Kuwait, Jordânia, Marrocos e Oman tentaram brados mais altos, mas foram igualmente suplantados.

No Kuwait, rico em petróleo, os cidadãos buscavam um sistema político mais representativo e reformas que reduzissem os poderes do emir, notadamente por meio da legalização dos partidos políticos. Em monarquias economicamente vulneráveis como Jordânia, Marrocos e Omã, a agitação foi desencadeada por altas taxas de desemprego, reformas planejadas de subsídios e preços crescentes de alimentos e combustíveis. Os manifestantes também buscaram reformas constitucionais, melhores leis eleitorais, eleições transparentes e poderes legislativos mais fortes. Os Emirados Árabes Unidos e o Catar experimentaram distúrbios muito limitados. [...] No Catar, não houve petições nem protestos; no entanto, logo após o regime do Kuwait anunciar que forneceria aos cidadãos um total de US\$ 4 bilhões em doações, os cidadãos cataris exigiram um pacote semelhante (ABOUZZO HOUR, 2021, s/p – tradução nossa¹¹⁰).

De modo geral, as monarquias do golfo lidaram com os levantes de forma semelhante: oferecendo contrapartidas financeiras, algumas concessões políticas e estratégias pontuais de repressão popular desde o início dos movimentos. O Estado que mais se assemelhou aos vizinhos “extra-golfo”, em termos de protestos mais intensos foi o Bahrein – que resultou num cenário consideravelmente mais repressivo, de um regime militar:

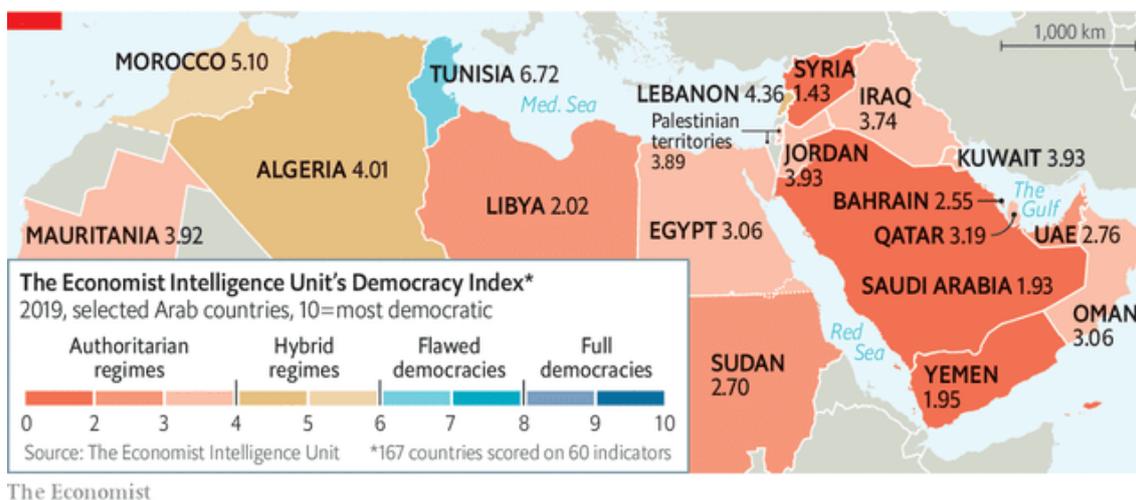
No outro extremo do espectro, o Bahrein experimentou a maior agitação, pois os protestos que inicialmente buscavam abertura política e igualdade para a maioria xiita aumentaram devido ao uso excessivo de força pelo regime. De fato, o Bahrein foi a única monarquia onde o movimento de protesto pedia a abdicação da família governante. A violência brutal desencadeou mais protestos, o que levou a mais repressão. Esse ciclo acabou se intensificando, e a monarquia do Bahrein solicitou e obteve ajuda militar de seus vizinhos para conter a situação (ABOUZZO HOUR, 2021, s/p – tradução nossa¹¹¹).

¹¹⁰ Trecho original: *In oil-rich Kuwait, citizens sought a more representative political system and reforms that would reduce the emir's powers, notably through the legalization of political parties. In economically vulnerable monarchies like Jordan, Morocco, and Oman, unrest was triggered by high unemployment rates, planned subsidy reforms, and soaring food and fuel prices. Protesters also sought constitutional reforms, better electoral laws, transparent elections, and stronger legislative branches. The UAE and Qatar experienced very limited unrest. [...] In Qatar, there were no petitions nor protests; however, shortly after the Kuwaiti regime announced it would provide citizens with a total of \$4 billion in handouts, Qatari nationals demanded a similar package.*

¹¹¹ Trecho original: *At the other end of the spectrum, Bahrain experienced the most unrest, as protests that initially sought political opening and equality for the Shia majority escalated due to the regime's use of excessive force. In fact, Bahrain was the only monarchy where the protest movement called for the abdication of the ruling family. Brutal violence triggered more protests, which led to further repression. This loop eventually intensified, and the Bahraini monarchy requested and obtained military aid from its neighbors to contain the situation.*

A figura a seguir (Fig. 07) apresenta os mesmos atores do mapa geopolítico da anterior (Fig. 06), mas agora com uma régua democrática¹¹² para apresentar o cenário político dez anos após os primeiros levantes.

Figura 07 – Estados do Oriente Médio, 10 anos após o início da Primavera Árabe (2020)



Fonte: Jornal *The Economist*, 2020.

Em tradução à legenda da imagem, os países representados pela cor alaranjada mais forte são aqueles compreendidos como mais autoritários (mais longes de um regime democrático, como as monarquias autocráticas); em bege, os regimes híbridos (onde a população tem alguma parcela de participação política); em azul claro, as democracias falhas – onde o único representante é a Tunísia; e, por fim, em azul escuro e sem Estados representantes, as democracias plenas (nas quais a população teria plena capacidade de participação política, somado à estabilidade política).

Seguindo as análises da balança de poder regional, a tabela a seguir foi formulada a partir das principais consequências sentidas pelos países do grupo selecionado neste trabalho (os mesmos das figuras do cap. I), 10 anos após os levantes iniciais da Primavera Árabe.

¹¹² Que deve ser analisada com cautela, uma vez que, conforme já exposto neste trabalho e reafirmado por outros colegas acadêmicos, a noção ocidental de “democracia” não se adequa plenamente ao Oriente Médio.

Tabela 03 – Situação política interna de países¹¹³ que passaram pela Primavera Árabe (2020)

País	Situação
Arábia Saudita	Desde 2017, o príncipe herdeiro do reino saudita, Mohammed Bin Salman, vem aumentando seu nível de responsabilidade na administração do país de forma rigorosamente autoritária . Assim, qualquer instabilidade social e/ou política é rapidamente silenciada pela coroa, resultando em uma forte crise de liberdades civis .
Bahrein	Além da situação de instabilidade nacional desde a Primavera Árabe, o país encontra-se sob um regime militar que já extirpou de sua população as liberdades de expressão, associação, imprensa, etc. Há atualmente uma forte crise de democracia e liberdades civis no país.
EAU	Com forte apoio das monarquias vizinhas, além de uma sólida base financeira no petróleo, o país é um dos poucos que atualmente se encontra relativamente estável política e socioeconomicamente .
Egito	Após duas trocas de governos nacionais (Mumbarak – Mursi, e Mursi – Al-Sisi), o país vive sob um regime militar opressivo, em uma crise democrática que perdura há quase uma década.
Iraque	Desde a queda de Saddam Hussein, e após a presença do grupo ISIS, o país encontra-se sob uma longa guerra civil , com múltiplos atores sob diversas agendas; o país também está atualmente definido como um Estado falido .
Kuwait	Com o apoio das monarquias vizinhas, o governo do Kuwait passou (e reforçou) reformas brutas contra direitos humanos e liberdades civis , como restrição do direito de livre expressão e pena de morte em casos questionáveis pelos principais órgãos internacionais.
Catar	Assim como os EAU, o país tem uma estabilidade política interna reativamente perene, desde os abafamentos dos levantes em 2011. O principal distanciamento, contudo, se dá pelo isolamento (via bloqueios diplomáticos, econômicos e fronteiriços) que sofre das monarquias vizinhas desde 2017, afetando parte de sua economia .
Síria	A Guerra Civil Síria , a erupção do ISIS com sua enorme multiplicidade de atores e agendas acarretou na maior crise de refugiados da história, assim como colocou o país também na lista de Estado falido .

Fonte: Elaboração própria, com base em HUMAN RIGHTS WATCH (2018), CHEREM (2019), BAZOOBANDI (2020), CORDESMAN (2020), HUMAN RIGHTS WATCH (2021), FRAGILE STATES INDEX (2021).

¹¹³ Ainda que o quadro das situações apresente um cenário bastante complexo, há outros casos que marcaram ainda mais a região durante os levantes, em especial Iêmen, Líbano e Tunísia – adjacentes à exploração principal desta pesquisa, (e, portanto, pospostos neste momento), mas primordiais na compreensão macro situacional da Primavera Árabe e dos momentos que a seguiram.

Ao analisar a eficácia dos levantes da Primavera, cerca de uma década depois de seu início, as opiniões acadêmicas tendem a convergir no fato de que o processo não teve – quiçá ainda – grandes impactos, mas que efetivamente ocasionou as primeiras rachaduras na estrutura política regional:

A recente onda de demanda dos cidadãos por mudanças na estrutura de poder regional certamente ainda não levou a resultados desejáveis. A demanda por mudança até agora foi apenas o início de uma longa e provavelmente dolorosa jornada pela mudança. Dito isso, fica claro que a dinâmica regional geral começou a mudar. [...] Estes são talvez o início de um longo processo de transformação na estrutura do poder político em toda a região (BAZOOBANDI, 2020, pg. 07 – tradução nossa¹¹⁴).

Assim como em:

Nem todos os movimentos, no entanto, podem ser considerados bem-sucedidos. De fato, em muitos países do Oriente Médio, as revoltas da Primavera Árabe resultaram em crescente instabilidade e opressão. Em alguns casos, esses protestos se transformaram em guerras civis em grande escala, como visto em países como Líbia, Síria e Iêmen (KOCH; STIVACHTIS, 2018, pg. 35 – tradução nossa¹¹⁵).

Assim sendo, é importante ressaltar que, apesar do forte impacto e alteração na dinâmica e balanço de poder regionais, algo que a Primavera Árabe não fez foi alterar a estrutura constitucional (tanto individualmente dos Estados participantes, quanto da regional de forma macro): “A Primavera Árabe, apesar de representar um avanço histórico, não provocou uma mudança substantiva na estrutura constitucional regional” (QUERO; SOLER in SZMOLKA, 2017, pg. 259 – tradução nossa¹¹⁶).

Outrossim, há ainda outro elemento importante que alinhava as crises democráticas da tabela anterior (Fig. 08): a falta de transparência quanto às ações do Estado sobre opositores do governo desde os primeiros levantes. Em 2020, por exemplo, a organização *Human Rights Watch* publicou quanto ao governo egípcio de Al-Sisi:

Dezenas de milhares de críticos do governo, incluindo jornalistas e defensores dos direitos humanos, continuam presos por acusações de motivação política, muitos deles

¹¹⁴ Trecho original: *The recent wave of citizens' demand for change in the regional power structure has certainly not led to any desirable outcomes yet. The demand for change has so far only been the very beginning of a very long, and probably painful, journey for change. Having said that, it is clear that the overall regional dynamics have begun to change. [...] These are perhaps the beginning of a rather lengthy process of transformation in the structure of political power across the region.*

¹¹⁵ Trecho original: *Not all of the movements, however, could be deemed successful. In fact, in many Middle East countries the revolts of the Arab Spring resulted in increased instability and oppression. In some cases, these protests morphed into full-scale civil wars, as seen in countries such as Libya, Syria, and Yemen.*

¹¹⁶ Trecho original: *The Arab Spring, despite representing a historical breakthrough, did not provoke a substantive change in the regional 'constitutional structure'.*

em longa prisão preventiva. As autoridades frequentemente usaram acusações de terrorismo contra ativistas pacíficos e perseguiram e detiveram parentes de dissidentes no exterior (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020, s/p. – tradução nossa¹¹⁷).

Ademais, o autoritarismo presente em múltiplos cenários nacionais mostrou-se adaptável, beneficiando-se do medo e instabilidade de outros atores locais da região – além da (re-)ascensão global do autoritarismo, muitas vezes apoiado pelos próprios constituintes (HANNA in: MIDDLE EAST INICIATIVE, 2021).

Eles precisam de representação para sobreviver [...], o regime de Sisi, o regime de Assad, todos eles têm constituintes populares. Parte disso se baseia no medo, na falta de alternativas percebidas e na necessidade desses governos diante da instabilidade regional (HANNA in: MEI, 2021, s/p – tradução nossa¹¹⁸).

Contudo, elementos como o significativo crescimento econômico (em especial do setor petrolífero) e a proximidade política estratégica com o Ocidente auxiliaram os regimes a manter-se relativamente estáveis e sem intervenções externas – somado ao abafamento das vozes populares (especialmente aquelas mais distantes da elite) desde o início da Primavera Árabe (KOCH & STIVATCHIS, 2018; BAZOUBANDI, 2020).

Por todo o GCC, o petróleo impulsionou o crescimento, o desenvolvimento e a longevidade das famílias dominantes desde sua descoberta na primeira metade do século XX. As receitas do petróleo permitiram às famílias governantes manter um contrato social cuidadosamente equilibrado entre elas e seus cidadãos, baseado em benefícios econômicos em troca de aquiescência política (BAZOOBANDI, 2020, pg. 27 – tradução nossa¹¹⁹).

Esse somatório de situações críticas concomitantes acaba por gerar um quadro generalizado de instabilidade regional, uma vez que os múltiplos atores que servem de alicerce para aquela balança de poder colocam a região em risco – por isso a afirmação de que esse marco histórico regional contemporâneo foi elemento essencial à mudança na balança de poder médio oriental na virada das décadas 2000/2010 (CHEREM, 2019).

¹¹⁷ Trecho original: *Tens of thousands of government critics, including journalists and human rights defenders, remain imprisoned on politically motivated charges, many in lengthy pretrial detention. Authorities frequently used terrorism charges against peaceful activists and harassed and detained relatives of dissidents abroad.*

¹¹⁸ Trecho original: *They require representation to survive [...].*

The Sisi regime, the Assad regime, they all have popular constituents. Some of that is built on fear, the lack of perceived alternatives, and in the necessity of these governments in the face of regional instability.

¹¹⁹ Trecho original: *Across the GCC, oil has driven growth, development and the longevity of the ruling families since its discovery in the first half of the twentieth century. Oil incomes have enabled the ruling families to maintain a carefully balanced social contract between themselves and their citizens, based on economic benefits in return for political acquiescence.*

Ademais, parte da razão para essa morosidade na reestruturação efetiva pós-Primavera Árabe está, ainda, na falta de mecanismos regionais mais atuantes – assim como já discutido no capítulo anterior, as organizações regionais do Oriente Médio tendem a ser mais teóricas do que efetivas.

Embora todos os estados e sociedades da região se beneficiem de uma ordem regional estável e cooperativa, eles estão presos no que pode ser melhor descrito como uma “armadilha da violência”. Parte do problema são os padrões de percepção de ameaças que alimentam o conflito em curso, que precisam ser descompactados e desembaraçados (HARRISON; SALEM, 2017, pg. 05 – tradução nossa¹²⁰).

3.1.1. Conflitos decorrentes da Primavera Árabe

Esta seção tem como objetivo sintetizar os principais conflitos decorrentes da Primavera Árabe e de suas consequências imediatas ao Oriente Médio como um todo – e não apenas aos atores árabes –, que levaram a região a interações temporariamente mais brandas, mas que acabaram também por conduzi-la à ordem regional tripartite que se viu ao final da década.

Os distintos cenários variaram de situações nacionalmente contidas, a ameaças legítimas à segurança coletiva regional (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2020) – uma vez que perturbaram o acordo tácito de defesa comum entre vizinhos aliados, impedidos de agir em razão de estarem internamente fragilizados, especialmente aqueles com maiores capacidades humanas e materiais (como o Egito, por exemplo). Em todos os casos, contudo, as consequências foram (ou vêm sendo) duradouras e afetaram direta ou indiretamente a balança de poder regional.

I. Guerras Civis

Dentre os principais conflitos internos que escalonaram a guerras civis, destacaram-se Afeganistão e Iraque (desestabilizados e extremamente fragilizados mesmo mais de uma década após as invasões estadunidenses), Iêmen, Líbia e Síria (grandes participantes da Primavera, que conseguiram ou chegaram perto de derrubar seus déspotas).

Como resultado de três elementos – as respostas enérgicas do regime em reação às revoltas em massa desde 2010, a deserção parcial das forças de segurança e as intervenções de atores externos – guerras civis devastadoras eclodiram no Oriente

¹²⁰ Trecho original: *While all the region's states and societies would benefit from a stable and cooperative regional order, they are stuck in what might be best described as a 'violence trap'. Part of the problem are patterns of threat perception that fuel the ongoing conflict, which need to be unpacked and disentangled.*

Médio após 2010. Essas guerras criaram três novas e duradouras zonas de guerra na Líbia, Síria e Iêmen (BECK; RICHTER, 2020, pg. 72 – tradução nossa¹²¹).

Em se tratando dos dois primeiros atores, Afeganistão e Iraque, destaca-se que suas respectivas guerras civis não têm relação direta com a Primavera Árabe, mas que a manutenção da instabilidade e aumento de militarização regionais causadas por ela (BECK; RICHTER, 2020) e por outros conflitos regionais (CHEREM, 2019) foram indiretamente responsáveis por sua continuidade, uma vez que mecanismos regionais e vizinhos de maior peso estavam indisponíveis para uma cooperação mais ativa. Contudo, particularmente o caso Iraquiano ganha um segundo destaque após 2010, por sua atuação contra o grupo ISIS em seu território – em certa colaboração com o Curdistão Iraquiano e os EUA –, responsável por também auxiliar na volubilidade e em inúmeras incertezas securitárias no país.

Esta situação levou a uma permanente situação volátil entre xiitas e sunitas, à insurgência jihadista e do Estado islâmico, bem como à autonomia de fato da parte curda do país. O Estado Islâmico assumiu o controle de grandes partes do país em 2014 nas áreas de população sunita, e o risco de colapso do país levou a uma crescente presença iraniana e assistência ao exército iraquiano e à milícia xiita e paramilitares. Apesar de não apoiar o Estado Islâmico no Iraque, a Arábia Saudita favorece a oposição sunita (THE MAGREB AND ORIENT COURIER, 2018, s/p – tradução nossa).

Dentre os outros três Estados que participaram mais ativamente da P.A., apenas a população líbia obteve sucesso em derrubar seu chefe de Estado, Muammar al-Gaddafi¹²², – ainda que não tenha efetivamente alcançado as reformas estruturais necessárias para alcançar uma revolução de fato¹²³. O resultado, contudo, foi uma situação política extremamente complexa, com tentativas resolutivas por diversos organismos internacionais (como Conselho

¹²¹ Trecho original: *As a result of three elements – the forceful regime responses in reaction to the mass uprisings since 2010, the part defection of security forces, and the interventions by external actors – devastating civil wars broke out in the Middle East after 2010. These wars created three new and lasting war zones in Libya, Syria and Yemen.*

¹²² "Presidente revolucionário" do país entre 1969-2011, inicialmente guiando o Estado sob um braço socialista/comunista e, mais tarde, sob seu próprio princípio da "Terceira Teoria Universal". Foi capturado e morto pela própria população ainda em 2011.

¹²³ Assim como Sana, Trípoli também falhou na transição democrática, frustrando o "tsunami democrático" que se imaginava no início da Primavera (SZMOLKA, 2017).

de Segurança das Nações Unidas e OTAN¹²⁴, Liga Árabe¹²⁵ e até mesmo a União Africana¹²⁶), enquanto o país se divide até hoje, de forma bastante controversa, em dois governos com distintos reconhecimentos de outros atores – em Trípoli (com maior apoio extrarregional) e Tobruk/al-Bayda. Como consequência interna concomitante, o país desestabilizou-se de tal medida que se tornou incapaz de lidar com outros conflitos externos – como a influência da Irmandade Muçulmana a leste do país, e a Ansar al-Sharia (braço da al-Qaeda) a oeste.

Concomitantemente, enquanto a Líbia conseguiu ao menos uma mudança de comando, tanto Síria quanto Iêmen, não tiveram o mesmo destino, e encontram-se até hoje em intensas problemáticas humanitárias e deslocamento humano forçado.

Talvez com o maior impacto regional, Guerra Civil Síria (2011-presente¹²⁷) ficou conhecida por três elementos de destaque: o primeiro, o fator “maior crise humanitária desde a II Guerra Mundial”; em segundo, a enorme quantidade de atores (estatais e não-estatais, locais, regionais e globais) envolvidos, o que tornava o conflito um emaranhado de distintos objetivos e interesses; por fim, o fato de ter sido palco de duas grandes guerras *proxy* (EUA-Rússia e Arábia Saudita-Irã; onde Rússia e Irã apoiavam o regime de Bashar al-Assad, e EUA e Arábia Saudita subsidiavam aqueles contrários ao regime).

Desde o dia 15 de março de 2011, após manifestações pacíficas da população síria, que protestavam contra o governo do presidente Bashar al Assad, que o país vivencia uma das crises mais violentas de sua história recente. A reivindicação de parcela da população por reformas constitucionais que favorecessem uma maior abertura política do país recebeu como resposta um sonoro não, que ao passar dos meses se transformou em uma guerra civil (ZAHREDDINE, 2013, pg. 06).

Dentre outros elementos de caráter regional, o país foi suspenso¹²⁸ da Liga Árabe ainda em 2011, foi (e continua sendo) palco de distintos conflitos concomitantes dentro de seu

¹²⁴ Resolução 1973 (2011). Disponível em: <<https://www.un.org/securitycouncil/s/res/1973-%282011%29>>. Acesso em mar/2022.

¹²⁵ RUSI, 2011. Disponível em: <<https://rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/arab-involvement-libyan-intervention>>. Acesso em mar/2022

¹²⁶ (Cuja tentativa de mediação foi rejeitada, tanto pelo governo, quanto pela ONU). BBC, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-51293355>>. Acesso em mar/2022.

¹²⁷ Ainda que essa continuidade seja debatida dentre os estudiosos no tema, uma vez que já não há mais dúvidas a despeito da consolidação do presidente Al Asad no poder (CHACRA, 2020); há aqueles que defendam que a extrema violência perene ainda é um traço da guerra ativa, apesar de possuir novos elementos identitários (WPR, 2022).

¹²⁸ Mas desde 2018, o órgão estuda seu retorno – onde alguns, inclusive, veem “potencial iminente” (ARAB CENTER, 2021. Disponível em: <<https://arabcenterdc.org/resource/syrias-return-to-the-arab-league-is-imminent/>>. Acesso em mar/2022).

território (como a guerra contra o ISIS, no nordeste do país, desde 2014), e conta com uma enorme reprovção de regime por seus vizinhos regionais – fator que dificulta enormemente a construo de estratgias coletivas regionais, ou qualquer tipo de dilogo securitrio efetivo – e internacionais¹²⁹.

Enquanto isso, no Iemen, a transio poltica abriu espao para a instaurao de uma instabilidade difcil de ser controlada, com insurgncias, guerras internas e movimentos guerrilheiros.

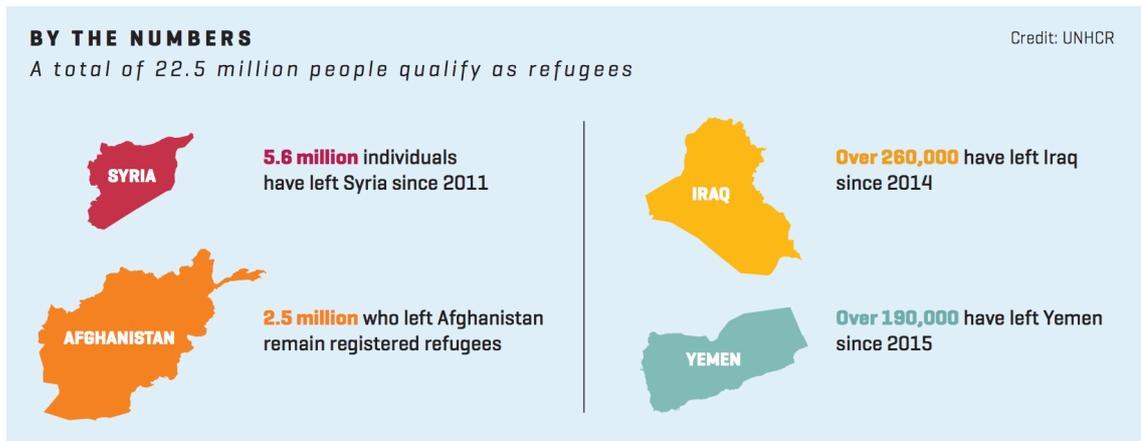
[...] O presidente Hadi enfrentou diferentes problemas, entre eles, ataques da Al-Qaeda e de um movimento separatista no sul, corrupo, insegurana alimentar e o fato de que muitos militares seguiam sendo leais a Saleh. O movimento Houthi, que defende a minoria xiita zaidi do Iemen e lutou em vrias rebelies contra Saleh na dcada passada, se aproveitou da debilidade do novo presidente para tomar controle da Provncia de Saada e de zonas prximas (BBC, 2018, s/p).

Ao final de 2014, o grupo rebelde Houthi (majoritariamente xiita, apoiado pelo Irã) tomou controle da capital do pas, Sanaa, forando Hadi a se exilar. O escalonamento do conflito se deu nos meses seguintes, j em 2015, quando especialmente quando a Liga rabe (com Arbia Saudita à frente) formou uma Força Militar Conjunta (CALFAT, 2015), dando incio a um combate direto contra os rebeldes sob a justificativa de restaurar a democracia e o governo eleito.

As figuras a seguir representam a crise de refugiados que se originou com esses atores, e seus impactos em nmeros (Fig. 08, que possibilita a compreenso do tamanho da calamidade) e destinos de asilo (Fig. 09, onde se refora que a vasta maioria dos cidados foradamente deslocados de seus territrios no vo para o continente europeu, mas estabelecem-se nos vizinhos regionais – agravando ainda mais o j instvel cenrio generalizado).

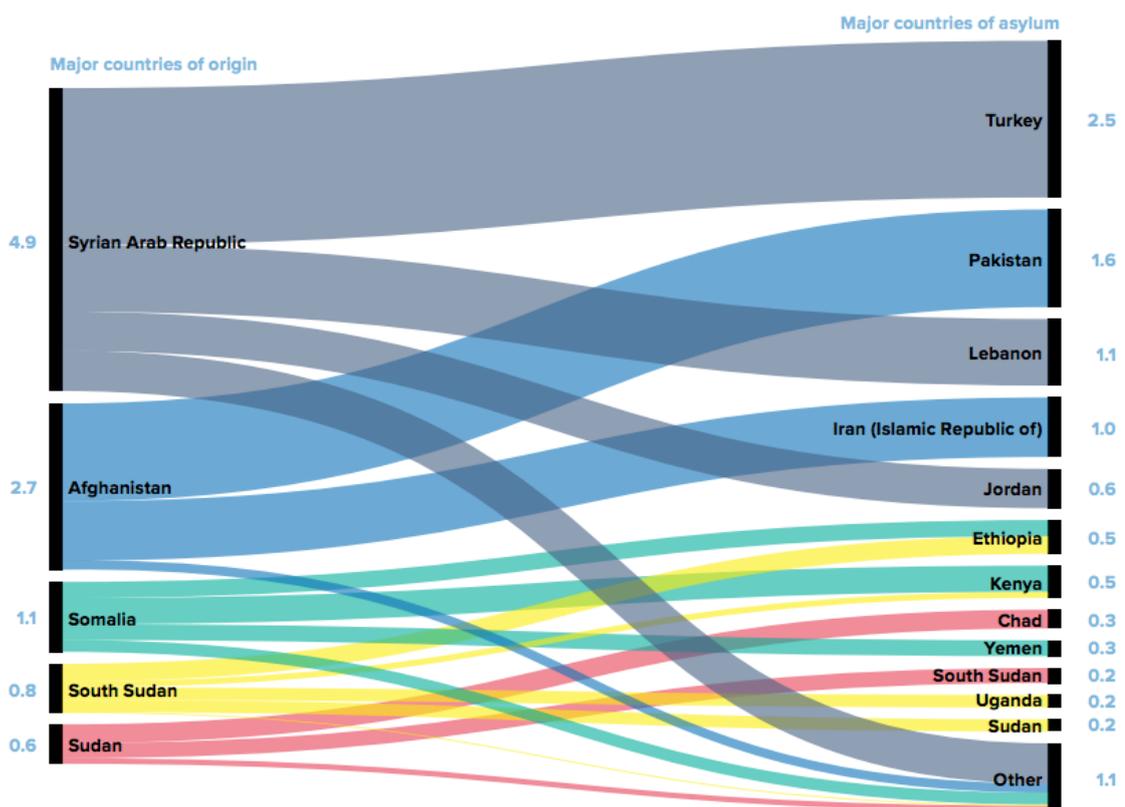
¹²⁹ Declarao uso armas qumicas na Sria. Disponvel em: <<https://bit.ly/36kAF08>>. Acesso em mar/2022

Figura 08 – Refugiados de 4 dos 5 países em guerra civil no Oriente Médio (2018)



Fonte: al-Fanar Media¹³⁰

Figura 09 – Países de origem e destino de cidadãos asilados advindos de guerras civis do Oriente Médio e África



Fonte: Vox¹³¹

¹³⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/3wxiQp1>>. Acesso em mar/2022.

¹³¹ Disponível em: <<https://bit.ly/3MrSH04>>. Acesso em mar/2022.

II. Demais crises políticas nacionais

Os dois atores aqui destacados, o estão por razões ao mesmo tempo paralelas e desconformes: as múltiplas mudanças de regime no Egito foram consequência direta da participação da população na Primavera Árabe (conhecida no contexto nacional como os protestos, ou a revolução, da Praça Tahrir – marco urbano importante no centro de Cairo); enquanto isso, a crise política Libanesa tem origens mistas entre consequências da P.A., insatisfações nacionais contra os excessos do grupo Hezbollah (a maior influência política do país há décadas) em conflitos que não dizem respeito à segurança da população/Estado libaneses, e, desde 2017, uma profunda crise política e econômica afundam o país paulatinamente. O resultado são cenários individuais instáveis que, concomitantemente, ameaçam a segurança e estabilidade da região como um todo – mesmo que (ainda?) não tenham alcançado o patamar de “Estados Frágeis”.

Conhecidamente um dos atores mais influentes da região, o Egito foi um dos Estados mais proeminentes da Primavera Árabe, com uma alta participação popular/civil nas manifestações da Praça Tahrir (THE SQUARE, 2013); especialmente após a derrubada do então chefe de Estado, Hosni Mubarak¹³². O principal obstáculo às liberdades civis, contudo, se deu nos anos que se seguiram, com as figuras que tomaram a frente do poder no país: entre a queda de Mubarak e as próximas eleições (fev/2011 a jun/2012), esteve à frente do país uma junta do Conselho Supremo das Forças Armadas; sequencialmente e eleito por vias democráticas questionáveis (eleições com apenas duas opções de voto, indicados pela Junta), Mohamed Morsi foi presidente pelo partido da Irmandade Muçulmana durante um ano atroz (jun/2012 a jul/2013) e então deposto do cargo; por fim, e desde então (jul/2013 – presente), o país vem sendo governado pelo militar Abdel Fattah al-Sisi, onde as liberdades civis e democráticas são constantemente cerceadas (ESPOSITO et al, 2016; ZOHNY, 2018). O resumo corrente é de um país em forte crise política e democrática.

A euforia e as esperanças da Primavera Árabe do Egito com a derrubada de Mubarak e as primeiras eleições democráticas do Egito e depois daqueles que apoiaram o golpe liderado pelos militares foram abaladas. O período pós-golpe viu as aspirações democráticas murcharem quando os egípcios experimentaram o uso mais violento da força e assassinato pelos militares na história egípcia moderna e, sob o presidente Al-

¹³² Um dos presidentes a permanecer mais tempo no cargo, de 1981-2011 (após ter sido vice-presidente entre 1975-1981). Resignou após 18 dias de protestos populares ininterruptos da maior onda da Primavera Árabe. Também foi acusado de uma série de crimes, incluindo o assassinato mandado de diversos manifestantes do levante (THE SQUARE, 2013).

Sissi, a restauração do autoritarismo e a repressão, a libertação de Hosni Mubarak e em abril de 2015 a condenação de Mohamed Morsi, o primeiro presidente democraticamente eleito do Egito, a 20 anos de prisão (ESPOSITO et al, 2013, pg. 236 – tradução nossa¹³³).

Em se tratando do caso libanês, a crise político-econômica que entrou em ebulição com os protestos populares do final da década (2017/18/19) também pode ter seu início traçado à Primavera Árabe – ainda que o estopim de fato tenha sido a queda da economia desde anos anteriores, a influência dos vizinhos regionais em se levantarem por aquelas que acreditavam serem as mudanças necessárias, levou a população libanesa a fazer o mesmo. O resultado, que aparentou brevemente ser satisfatório, foi a queda de uma série de políticos e figuras de poder importantes e a formação de um novo governo (supostamente) tecnocrático – com ministros que não são ligados a nenhum grupo político. Contudo, este presente governo conta apenas com o apoio de certos partidos políticos (como a Frente Patriótica Nacional, principal partido cristão no país; o Hezbollah e o Amal, ambos partidos xiitas, dentre alguns outros menores). Dentre as principais resignações (conquistadas pelos protestos) está a do Primeiro Ministro Saad Hariri (out/2019) (TAVANA; PARREIRA, 2019).

Outrossim, o papel do partido Hezbollah também pode ser tratado como um elemento polêmico em si: sua participação tanto na política doméstica, quanto na externa, com fortes ligações ao governo iraniano, deixam Beirut em uma posição perigosamente suscetível a fatores externos (reforçando a particularidade libanesa de ser um “microcosmos” das/nas disputas regionais). Essa insatisfação popular, somada às crises política e econômica, perturbam a estabilidade do Oriente Médio, tornando o país uma potencial ameaça securitária. Dentre as evidências do impacto do Hezbollah tanto *advindo da*, quanto *sobre a* região, estão as sanções internacionais impostas ao grupo – que acabam por respingar também ao governo libanês:

Adicionando ainda mais à grave crise bancária e econômica do Líbano em meio à suspensão do financiamento dos Estados do Golfo, em 2019, o governo dos EUA do presidente Donald Trump inaugurou uma “estratégia de pressão máxima” contra o Irã, a Síria e o Hezbollah, intensificando as sanções contra este último grupo e instituições ligado a ele. O ato foi uma resposta direta aos ganhos territoriais e políticos que o presidente sírio Assad conseguiu na guerra civil nos últimos anos, bem como um sinal

¹³³ Trecho original: *The euphoria and hopes of Egypt’s Arab Spring with the overthrow of Mubarak and Egypt’s first democratic elections and then of those who supported the military-led coup have been shattered. The post-coup period saw democratic aspirations wither as Egyptians experienced the most violent use of force and killing by the military in modern Egyptian history, and under President Al-Sissi, the restoration of authoritarianism and repression, release of Hosni Mubarak and in April 2015 the sentencing of Mohamed Morsi, Egypt’s first democratically elected president, to 20 years in prison.*

de oposição a alguns países do Golfo e da Europa que tentam normalizar as relações com Assad. [...] Em setembro, os EUA expandiram suas sanções contra o Líbano, colocando na lista negra ex-ministros de finanças e transportes por seus laços com o Hezbollah, e anexando uma ameaça explícita de incluir outros próximos ao presidente Aoun. As sanções também vieram em um contexto de vários países árabes normalizando as relações com Israel [¹³⁴], incluindo os estados do Golfo dos Emirados Árabes Unidos e Bahrein (CALFAT in: EUROPA, 2021, pp. 507-508 – tradução nossa¹³⁵).

III. A Guerra Fria Regional Irã-Arábia Saudita

Ainda que não tenha nascido propriamente com a Primavera Árabe, a Guerra Fria entre Irã e Arábia Saudita seguramente teve uma intensa expansão durante essa época. Os dois países, que já possuíam relações conflituosas desde a Revolução Islâmica iraniana (1979), nunca efetuaram ataques diretos entre si, mas sempre utilizaram de outros países em conflito como palcos para suas guerras *proxy* (ZEIN, 2015; WEDDINGTON, 2017).

Particularmente entre 2011 e 2013, enquanto boa parte dos países da região passava por seus levantes individuais, o somatório de três elementos correlacionados formaram a conjuntura ideal para a disputa iraniano-saudita por aquela balança de poder regional: o vácuo de poder, uma vez que os grandes líderes de outrora estavam agora enfraquecidos e voltados para resolver suas mobilizações nacionais; somado à anarquia daquele sistema regional, uma vez que os grandes organismos também estavam temporária e relativamente estagnados; e alcançando, por fim, a instabilidade securitária regional de modo geral (CHEREM, 2019).

Em cada um dos territórios vizinhos, as potências apoiavam atores opostos, de acordo com seus grupos de aliança já delimitados – Riad ao lado daqueles que defendiam o *status quo* regional, majoritariamente atores estatais; enquanto Teerã tomava o partido dos atores de oposição, predominantemente grupos não-estatais.

¹³⁴ Aproximações estas que culminaram nos Acordos de Abraão, tratados ao final deste capítulo.

¹³⁵ Trecho original: *Further adding to Lebanon's severe banking and economic crisis amid the halt of funding from the Gulf states, in 2019 the US Administration of President Donald Trump inaugurated a "maximum pressure strategy" against Iran, Syria and Hezbollah, intensifying sanctions against the latter group and institutions linked to it. The act was a direct response to the territorial and political gains that Syrian President Assad had achieved in the civil war there in recent years, as well as a sign of opposition to some Gulf and European countries attempting to normalize relations with Assad. [...] In September the USA expanded its sanctions against Lebanon, blacklisting former finance and transport ministers for their ties with Hezbollah, and appending an explicit threat to include others close to President Aoun. The sanctions also came in a context of several Arab countries normalizing relations with Israel, including the Gulf states of the UAE and Bahrain.*

O quadro a seguir apresenta os principais palcos e *proxies* dos embates por procuração de cada ator.

Tabela 04 – Os *proxies* do Irã e da Arábia Saudita, durante a Primavera Árabe

	Irã	Arábia Saudita
Tunísia	Protestantes antigoverno	Presidente Ben Ali
Bahrein	Protestantes xiitas antigoverno	Rei <u>Hamad</u>
Líbia	Protestantes antigoverno	–
Iêmen	–	Protestantes antigoverno
Iraque*	Primeiro-Ministro <u>Maliki</u>	–
Síria	Presidente Bashar Al-Assad	Protestantes sunitas antigoverno
Egito	1. Protestantes antigoverno de <u>Mumbarak</u> (2011) 2. Presidente <u>Mursi</u> (2013)	1. Presidente <u>Mumbarak</u> (2011) 2. Protestantes antigoverno de <u>Mursi</u> (2013)

* Vale lembrar que tanto Irã, quanto Arábia Saudita, não almejavam a desestabilização do Iraque, tendo em vista seu papel enquanto Estado *buffer* entre as duas potências e sua potencial aliança.

Fonte: CHEREM (2019).

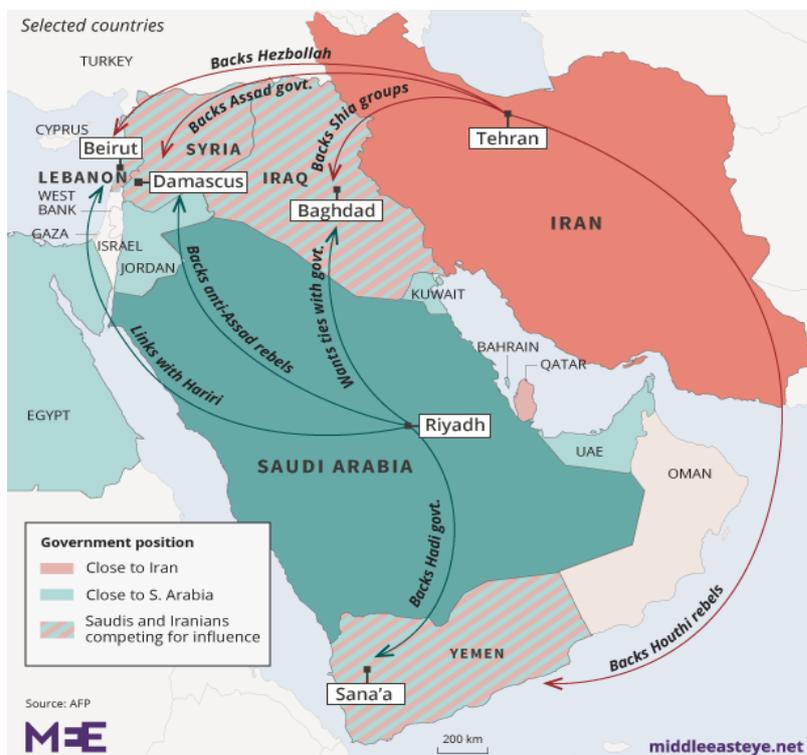
Dentre as consequências desse cenário, o que se viu foi a retroalimentação dessa própria instabilidade regional, e um aumento da militarização regional:

A dificuldade dos Estados em retornarem à normalidade após os levantes da Primavera Árabe está diretamente ligada à contenda iraniano-saudita, que persiste em manter fornecendo ferramentas militares e poder de reposta aos seus *proxies* (mesmo que sob suas respectivas agendas), com o objetivo final de ganhar a Guerra e poder afirmar-se enquanto líder da balança de poder regional (CHEREM, 2019, pg. 93).

Nos anos que se seguiram, a contenda de certa forma se abrandou, mas não desapareceu (tendo sido mantida em grande parte nos países em guerra civil e maiores conflitos internos citados anteriormente). O conflito tornava-se, agora, característica estrutural da região, dividindo os maiores atores estatais e não-estatais entre aliados de uma das duas potências, pro ou anti-*status quo* – e aqueles que não se encaixassem no cerco, como Turquia, Catar, Irmandade Muçulmana e Hamas, haveriam de formar um terceiro grupo (a ponta final da tríade da ordem regional que se veria fortalecer no final da década). A figura abaixo apresenta o cenário que se estabeleceu nos últimos anos (sendo em vermelho, os países ligados ao Irã; em verde, aqueles aliados à Arábia Saudita), onde é possível perceber inúmeras cisões internas, que

indicam a persistência dos conflitos proxy e de *proxies* de lados opostos neles (geralmente governo vs. antigoverno).

Figura 10 – Zonas de influência da Guerra Fria regional Irã-Arábia Saudita



Fonte: The Middle East Eye

IV. A cisão saudita-catari-iraniana e a balança de poder regional

Nos anos que se seguiram, outra grande perturbação à balança de poder e que ajudou a delinear a ordem tripartite foi bloqueio econômico, fronteiriço e diplomático, por parte da Arábia Saudita, EAU, Bahrein e Egito ao Catar desde 2017 – alegadamente pelos vínculos de Doha com o inimigo saudita Irã e com a Irmandade Muçulmana. Num primeiro momento,

As percepções que o Qatar e a Arábia Saudita tinham da Primavera Árabe eram muito diferentes. Ambos os estados seguiram políticas conflitantes em relação a ele durante esse período. Eles apoiaram facções em guerra em vários países árabes. A Primavera Árabe exacerbou a rivalidade de poder regional entre os dois Estados e aumentou as discrepâncias entre eles (BILGIN, 2018, pg. 128 – tradução nossa¹³⁶)

¹³⁶ Trecho original: *The perceptions Qatar and Saudi Arabia had of the Arab Spring differed greatly. Both states pursued conflicting policies in respect to it during that period. They supported warring factions in numerous Arab countries. The Arab Spring exacerbated regional power rivalry between both states and increased discrepancies between them.*

Até que em 2017, essa nova crise no Golfo (que duraria até o final dos bloqueios, em 2021) concretizou-se de fato:

Em 4 de junho [de 2017], os Emirados Árabes Unidos (EAU), a Arábia Saudita e o Bahrein escalaram dramaticamente um conflito em andamento com seu vizinho do Golfo, o Catar. Cortaram os laços diplomáticos; fecharam rotas aéreas, marítimas e terrestres; restringiram a entrada de cidadãos e residentes do Catar em seus países; e deram aos seus próprios cidadãos 14 dias para deixar o Qatar. O Egito também cortou os laços diplomáticos com o Catar e o acesso ao seu espaço aéreo [...]. A frustração com o Catar vinha fervendo há anos, em grande parte devido ao seu apoio a movimentos islâmicos, incluindo a Irmandade Muçulmana e o Hamas, suas relações cordiais com o Irã e sua prática de receber figuras da oposição e dar-lhes voz na Al Jazeera, sua rede televisiva de notícias amplamente assistida. [...] Além de convocar seus embaixadores, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Bahrein tomaram medidas sem precedentes para isolar o Catar econômica e socialmente. (KABBANI, 2017, s/p – tradução nossa¹³⁷).

Após as acusações, contudo, o governo catari negou as alegações de aproximação com Teerã, o que acabou por finalmente instituir a cisão entre os três atores – cada um à frente de um grupo de países – e gerar o que anos depois ficaria conhecido a ordem regional dos 3 Eixos do Oriente Médio contemporâneo (HARRISON; SALEM, 2017; BAZOOBANDI, 2020).

Outro elemento que já indicava o distanciamento Doha a Teerã e Riad, era sua aproximação com a Turquia e a Irmandade Muçulmana (seus companheiros de “grupo regional”) reforçada desde as movimentações de 2013 no Egito, que tiraram o presidente Morsi do poder e instauraram um golpe militar (BASKAN, 2019). Ambos governos saudita e iraniano há muito já se faziam antagônicos às ideias da Irmandade, e quando viram o Catar iniciar alianças, rapidamente trataram de isolá-lo.

O golpe egípcio e suas consequências afetaram inevitavelmente as relações bilaterais entre Turquia, Catar e Arábia Saudita. Tendo adotado posições semelhantes, Turquia e Catar forjaram uma relação especial após o golpe. [...] As relações da Arábia Saudita com o Catar, por outro lado, deterioraram-se seriamente e finalmente entraram em colapso em março de 2014, quando o Reino retirou de Doha seu embaixador junto com dois outros países do Golfo, Emirados Árabes Unidos e Bahrein (BASKAN, 2019, pg. 93 – tradução nossa¹³⁸).

¹³⁷ Trecho original: *On June 4, the United Arab Emirates (UAE), Saudi Arabia, and Bahrain dramatically escalated an ongoing conflict with their Gulf neighbor, Qatar. They severed diplomatic ties; closed off air, sea, and land routes; restricted the entrance of Qatari citizens and residents to their countries; and gave their own citizens 14 days to leave Qatar. Egypt also cut off diplomatic ties with Qatar and access to its airspace [...]. Frustration with Qatar had been simmering for years, largely over its support for Islamist movements, including the Muslim Brotherhood and Hamas, its cordial relations with Iran, and its practice of hosting opposition figures and giving them a voice on Al Jazeera, its widely viewed television news network. [...] In addition to recalling their ambassadors, the UAE, Saudi Arabia, and Bahrain took unprecedented measures to isolate Qatar economically and socially.*

¹³⁸ Trecho original: *The Egyptian coup and its aftermath inescapably affected bilateral relations among Turkey, Qatar and Saudi Arabia. Having adopted similar stances Turkey and Qatar forged a special relationship in the*

Por fim, em relação a essa miríade de conflitos paralelos, percebe-se que, apesar de seus movimentos por vezes tem sido (ou assim o aparentarem) localizados (nacionais ou bilaterais), é justamente o fato de terem ocorrido de forma concomitante e duradoura com o passar da década, que seu somatório confluiu em consequências de alcance regional; dentre as quais: aumento da militarização regional e manutenção da instabilidade da balança de poder (CHEREM, 2019), declínio do institucionalismo regional (BECK; RICHTER, 2020), aumento e manutenção das ameaças securitárias (em especial, humana e coletiva) (KOCH; STIVACHTIS, 2018) e a necessidade de uma revisão tanto da abordagem, quanto das próprias percepções da segurança regional (RAGAB, 2020).

A Primavera Árabe expôs as fragilidades estruturais da região árabe e a ausência de uma potência hegemônica árabe que, sozinha, possa dominar a criação de uma política de segurança regional coletiva. Também exacerbou a rivalidade entre os países da região para ser o Estado líder que define a agenda de segurança da região. Torna-se óbvio que os países mais fortes em termos de capacidades militares e econômicas que adotam um discurso influente apoiado por outros países da região são atores securitizadores que definem a agenda de segurança regional que serve tanto à segurança nacional quanto aos interesses políticos. Consequentemente, a agenda de segurança da região, se houver, poderia ser moldada para fortalecer a legitimidade política interna e externa dos países mais poderosos. (RAGAB, 2020, s/p – tradução nossa¹³⁹).

3.2.OS IMPACTOS DOS ACORDOS DE ABRAÃO À BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO

Aproximando-se do final da década, uma confluência de elementos tornou previsivelmente possível a aproximação de certos países árabes com Israel: uma certa estabilidade político-securitária dentre as monarquias do Golfo; o medo compartilhado – também *entendido como e estendido para* uma ameaça regional – entre esses países árabes e Tel-Aviv quanto ao programa nuclear iraniano, especialmente após o acordo nuclear com os

aftermath of the coup [...] Saudi Arabia's relations with Qatar, on the other hand, seriously deteriorated and finally collapsed in March 2014 when the Kingdom withdrew from Doha its ambassador along with two other Gulf countries, the United Arab Emirates and Bahrain.

¹³⁹ Trecho original: *The Arab Spring exposed the structural weaknesses of the Arab region and the absence of an Arab hegemonic power that can alone master the creation of a collective regional security policy. It also exacerbated the rivalry among the countries in the region to be the leading state that defines the security agenda of the region. It is becoming obvious that the strongest countries in terms of military and economic capabilities that adopt an influential discourse supported by other countries in the region are securitizing actors that define the regional security agenda that serves both their national security and political interests. Consequently, the security agenda of the region, if there is any, could be shaped to strengthen the political internal and external legitimacy of the more powerful countries.*

EUA (JCPOA¹⁴⁰), até então inimigo de Teerã e aliado de Riad e Tel-Aviv, (RAHMAN, 2021) e também de uma potencial paulatina perda de poder hegemônico do mundo árabe, de modo a também abranger a Turquia:

É a ameaça de hegemonismo que emana das forças não-árabes do Oriente Médio que dá aos árabes-Israel um terreno comum para falar, seja do Irã ou da Turquia. Ter uma forma específica de parceria política na qual eles continuem a ver as coisas de uma maneira muito semelhante influenciará todas as nações aliadas (REHMAN, 2020, pg. 74 – tradução nossa¹⁴¹).

Somado a esses dos elementos, está a busca saudita por maior influência regional frente à ameaça iraniana em sua Guerra Fria Regional (CHEREM, 2019); e, em uma análise extrarregional, cabe também indicar o papel do presidente estadunidense na época, Donald Trump, e sua visão de reestruturar a segurança no Oriente Médio (FRAIOLI, 2020).

Os Acordos de Abraão¹⁴², facilitados por Washington e assinados na Casa Branca em 2020, tiveram suas primeiras movimentações em 2017. O que aparentava se tratar de um diálogo para um *regime tácito de segurança*¹⁴³ era, na verdade, o início de uma aproximação entre Israel e países do Golfo:

[...] um “regime de segurança tácito” (TSR) começou a surgir entre Israel, por um lado, e vários estados do Golfo Árabe, por outro. É um regime que, ao contrário das variantes institucionais liberais que tentam privilegiar a promoção de normas coletivas, permanece configurado em torno de percepções de ameaças a serem combatidas e interesses estratégicos a serem realizados. [...] Israel, atento à contenção regional de Washington, DC, vê o surgimento de tal regime como redefinindo os

¹⁴⁰ O “Plano de Ação Conjunto Global” (traduzido livremente do inglês: *Joint Comprehensive Plan of Action – JCPOA*). Disponível em: <https://eeas.europa.eu/headquarters/headquarters-homepage_en/32286/Nuclear%20Agreement>. Acesso em: mar/2022.

¹⁴¹ Trecho original: *It is the threat of hegemonism emanating from the Middle East's non-Arab forces that gives Arabs-Israel a common ground to talk of, whether from Iran or Turkey. Having a specific form of political partnership in which they continue to see things in a very similar way will influence all side nations.*

¹⁴² *The Abraham Accords Declaration*. Disponível em: <<https://www.state.gov/the-abraham-accords/>>. Acesso em mar/2022.

¹⁴³ Conforme explicado em: “Um ‘*tacit security regime*’ (TSR) [...], embora baseado em interesses de hard power, não impede a competição ou cooperação em outras áreas entre os atores envolvidos (Joshi, 2016). A própria ideia do que constitui um TSR permanece contestada; interesses geoestratégicos, bem como fatores ideacionais, determinam a intimidade ou não das relações entre os atores envolvidos. Mesmo assim, um consenso é claramente discernível em torno de como os adversários – que normalmente evitariam meios mais formais de intercâmbio diplomático – gerenciam suas relações por meio de uma série de acordos e entendimentos informais e onde, apesar de não escritos e não codificados, regras e limites em busca de interesses compartilhados mais amplos são facilmente compreendidos. Da mesma forma, tais regimes não precisam privilegiar princípios normativos geralmente associados a teorias de regimes internacionais muito além da manutenção da segurança nacional para serem eficazes” (JONES; GUZANSKY, 2017, pg. 02 – tradução nossa)

contornos políticos e estratégicos das relações de Israel com grande parte do Oriente Médio (JONES; GUZANSKY, 2017, pg. 01 – tradução nossa¹⁴⁴).

A partir dessa época, retomou-se o uso da expressão “normalização das relações”, indicando uma (re-)aproximação diplomática entre as partes, com possível envolvimento também nas áreas de economia, segurança, política, etc. “Os Acordos de Abraão são declarações formais de normalização diplomática e econômica assinadas pelos líderes do Bahrein, Israel, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Estados Unidos [...]” (FRAIOLI, 2020, s/p. – tradução nossa¹⁴⁵).

Daquelas que se tornariam as assinaturas postas lado a lado com a de Tel-Aviv (e de Donald Trump ou Jared Kushner, enquanto testemunhas) nas declarações, a primeira e mais completa foi do Chanceler dos EAU¹⁴⁶ (em agosto de 2020, como um “tratado de paz, relações diplomáticas e completa normalização” entre as partes), seguida dos chanceleres bahreinita¹⁴⁷, marroquino¹⁴⁸ e sudanês¹⁴⁹.

O mapa a seguir (Fig. 11) apresenta as relações diplomáticas de distintos países do Oriente Médio (MENA) com Israel. Em roxo claro estão os dois atores que já possuem relações diplomáticas mais longevas e acordos de paz com Tel-Aviv: Egito (1979, sob os Acordos de Camp David) e Jordânia (1994, com o Acordo de Wadi Araba) (LOOSE, 2019). No tom roxo mais escuro, aqueles países signatários dos Acordos de Abraão (2020): Bahrein, EAU, Marrocos e Sudão. E, por fim, um destaque em lilás para a Arábia Saudita, com quem o governo israelense vem fortalecendo suas relações diplomáticas de forma extraoficial nos últimos anos.

¹⁴⁴ Trecho original: [...] a “*tacit security regime*” (TSR) has begun to emerge between Israel, on the one hand, and several Gulf Arab states, on the other. It is a regime which, unlike liberal institutional variants that attempt to privilege the promotion of collective norms, remains configured around perceptions of threats to be countered and strategic interests to be realized. [...] Israel, mindful of Washington, DC’s regional retrenchment, sees the emergence of such a regime as redefining the political and strategic contours of Israel’s relations with much of the Middle East.

¹⁴⁵ Trecho original: *The Abraham Accords are formal declarations of diplomatic and economic normalization signed by the leaders of Bahrain, Israel, the United Arab Emirates (UAE) and the United States [...].*

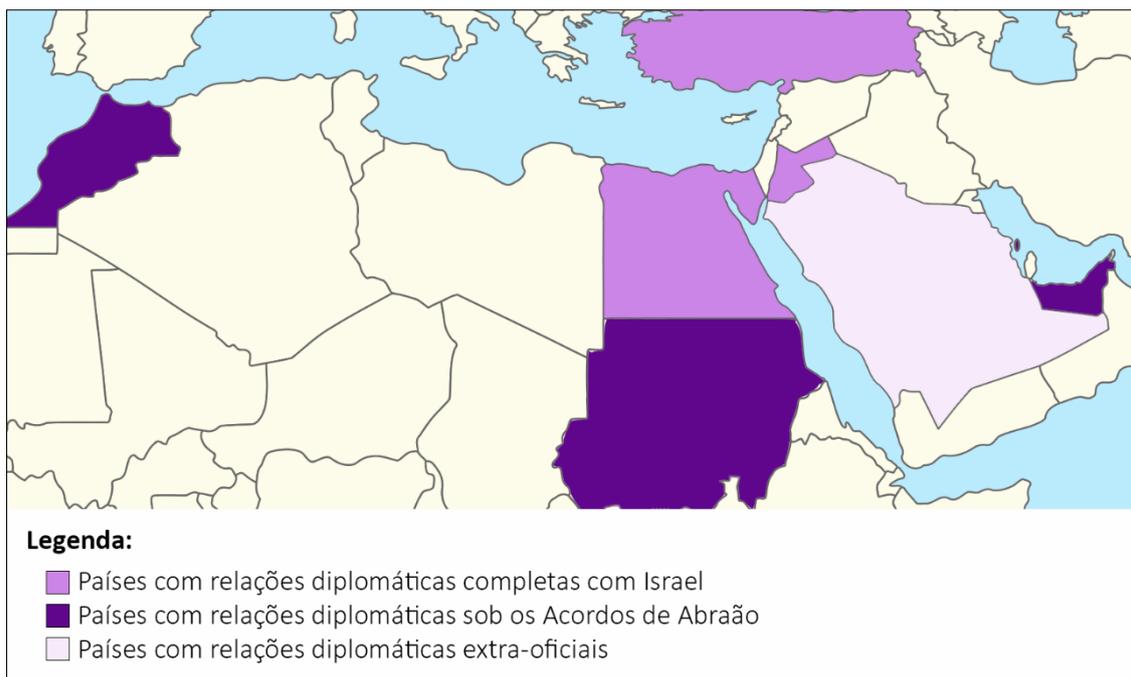
¹⁴⁶ Acordos de Abraão – EAU. Disponível em: <https://www.state.gov/wp-content/uploads/2020/09/UAE_Israel-treaty-signed-FINAL-15-Sept-2020-508.pdf>. Acesso em mar/2022.

¹⁴⁷ Acordos de Abraão – Bahrein. Disponível em: <https://www.state.gov/wp-content/uploads/2020/09/Bahrain_Israel-Agreement-signed-FINAL-15-Sept-2020-508.pdf>. Acesso em mar/2022.

¹⁴⁸ Acordos de Abraão – Marrocos. Disponível em: <<https://www.state.gov/wp-content/uploads/2021/01/Joint-Declaration-US-Morocco-Israel.pdf>>. Acesso em mar/2022.

¹⁴⁹ Acordos de Abraão – Sudão. Disponível em: <<https://www.state.gov/wp-content/uploads/2021/01/Sudan-AA.pdf>>. Acesso em mar/2022.

Figura 11 – Países do MENA com relações diplomáticas com Israel (2020)



Fonte: elaboração própria, com dados de U.S. DEPARTMENT OF STATE (2020) e RAHMAN, 2021

Dentre os demais atores estatais não hachurados no mapa, destaca-se que a maior parte dos Oriente Médio Central sequer reconheceu o estabelecimento de Israel (assim segue em 2020). Em 2002, uma conferência da Liga Árabe (conhecida como a Conferência de Beirut¹⁵⁰) unificou os vizinhos da região contra novos acordos de paz bilaterais, até que Israel se compromettesse a uma série de compromissos, de maneira mais resolutiva no conflito contra a Palestina (especialmente após a ineficácia dos Acordos de Oslo¹⁵¹, de 1993): “Primeiro, um Estado Palestino sob as fronteiras de 1967, depois a normalização com o mundo árabe como um todo” (RAHMAN, 2021, s/p – tradução nossa¹⁵²).

Pela primeira vez, o mundo árabe ofereceu coletivamente paz, reconhecimento e relações normais a Israel em troca de sua retirada das terras árabes capturadas desde 1967, o estabelecimento de um estado palestino com Jerusalém Oriental como sua capital e uma "solução justa" para os 3,8 milhões de refugiados palestinos (JEFFERY, 2002, s/p – tradução nossa¹⁵³).

¹⁵⁰ UNITED NATIONS. Arab Peace Initiative. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-181223/>>. Acesso em mar/22.

¹⁵¹ UNITED NATIONS PEACEMAKER. Declaration of Principles on Interim Self-Government Arrangements (Oslo Accords). Disponível em: <<https://peacemaker.un.org/israelopt-osloaccord93>>. Acesso em mar/22

¹⁵² Trecho original: *First a Palestinian state on the 1967 borders, then normalization with the entire Arab world.*

¹⁵³ Trecho original: *For the first time the Arab world collectively offered Israel peace, recognition and normal relations in return for its withdrawal from Arab lands captured since 1967, the establishment of a Palestinian state with east Jerusalem as its capital and a "fair solution" for the 3.8 million Palestinian refugees.*

Analisando os Estados diretamente envolvidos, os resultados tendem a configurar de fato uma *win-win situation*: enquanto Israel ganha mais dois aliados na região mais próxima (além de Cairo e Amã) e amplia sua rede tanto diplomática quanto securitária, os demais Estados passam a contar com a fiança de um potencial salvaguardas do aliado mais próximo do hegemon estadunidense, potencialmente aumentando, por consequência, suas capacidades tanto de poder de influência soft, quanto de *hard-power* – a ver como se seguirão os próximos anos, diplomática, securitária e politicamente.

O que se viu nos momentos seguintes aos acordos foi um Oriente Médio ainda bastante dividido em se tratando de segurança e construção concisa de ameaças (os inimigos regionais) entre Israel e Irã – agora, é claro, com um pequeno fortalecimento anti-Iraniano. De todas as formas, inevitavelmente, aquele subcomplexo regional de segurança pode ter sido alterado, assim como a balança de poder pode estar sofrendo uma pequena desestabilização para uma futura reorganização. “A unidade árabe contra Israel pode começar a quebrar, por um lado, enquanto a cooperação em termos de segurança entre os países árabes do Golfo e Israel está crescendo” (REHMAN, 2020, pg. 77 – tradução nossa¹⁵⁴).

Ainda que essa visão ainda não seja consensual dentre os principais analistas, em especial porque não altera o longo conflito com os palestinos – cuja história e presença é cada vez mais apagada, tanto por Israel, quanto por seus aliados –, e se sobrepõe aos acordos de paz.

O acordo era transacional e não transformacional. Serviu claramente aos interesses de curto prazo do presidente dos EUA, Bahrein, Israel e Emirados Árabes Unidos. Israel continua sendo um estado democrático para seus cidadãos judeus (e, em menor grau, árabes). Mas é improvável que o acordo mude – e pode de fato reforçar – a “realidade de um Estado” de ocupação e direitos desiguais. Enquanto o governo Trump considera os Acordos de Abraham um triunfo digno do Nobel, o presidente eleito dos EUA, Joe Biden, e sua equipe são mais moderados e ambivalentes em relação a eles devido a preocupações com as apostas e reações dos palestinos. Mesmo que os acordos estimulem acordos de normalização adicionais com outros estados árabes, é extremamente improvável que promovam um acordo de paz viável entre Israel e os palestinos (FRAIOLI, 2020, s/p – tradução nossa¹⁵⁵).

¹⁵⁴ Trecho original: *The wall of Arab unity against Israel could begin to break, on the one hand while cooperation in terms of security between the Gulf Arab countries and Israel is growing.*

¹⁵⁵ Trecho original: *The agreement was transactional rather than transformational. It clearly served the short-term interests of the US president, Bahrain, Israel and the UAE. Israel remains a democratic state for its Jewish (and to a lesser extent, Arab) citizens. But the deal is unlikely to change – and may in fact reinforce – the ‘one-state reality’ of occupation and unequal rights. While the Trump administration regards the Abraham Accords as a Nobel-worthy triumph, US President-elect Joe Biden and his team are more subdued and ambivalent about them due to concerns about the Palestinians’ stakes and reactions. Even if the accords spur additional normalization agreements with other Arab states, they are extremely unlikely to advance a viable peace settlement between Israel and the Palestinians.*

Assim como:

Apesar da euforia inicial, as previsões de Jared Kushner e outros políticos americanos e israelenses de que os Acordos de Abraham desencadearão um efeito dominó arrebatador de acordos de paz regionais bilaterais com Israel parecem prematuras. Kushner, por sua vez, insistiu que outros países muçulmanos assinarão tratados de paz com Israel nos próximos meses e que todos os 22 Estados da Liga Árabe normalizarão gradualmente as relações.²⁸ O próprio Trump disse que espera entre sete e nove países, incluindo a Arábia Saudita, para fazer o mesmo. Apesar dessas esperanças iniciais e relatos de discussões em andamento entre as partes, há boas razões por parte de líderes árabes não identificados para sua hesitação em assinar tratados de paz ou acordos comerciais. Apenas alguns dias após o anúncio do acordo Israel-EAU, o ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, príncipe Faisal bin Farhan, insistiu que Israel deve primeiro chegar a um acordo com os palestinos com base na API. Como observado anteriormente, o Kuwait e o Catar rejeitaram a normalização sem uma resolução para o conflito israelense-palestino (GUZANSKY; MARSHALL, 2020, pg. 07 – tradução nossa¹⁵⁶).

De fato, as informações até agora disponíveis nos mostram que ainda é cedo para uma análise mais efetiva das consequências (especialmente securitárias) dos acordos.

3.3.CAPACIDADE MATERIAL vs. INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PODER PÓS-PRIMAVERA ÁRABE E ACORDOS DE ABRAÃO

Analisado o contexto regional permeável (Primavera Árabe e repercussões, e os Acordos de Abraão) e os elementos subjetivos dos Estados (capacidade de influência e *soft power*), este item tem como objetivo revisitar os mesmos elementos analíticos objetivo-quantitativos do capítulo I, readequados temporalmente para a segunda década do século XXI: dados dos campos econômico (particularmente via PIB) e militar (em termos de investimentos proporcionais ao PIB, por exemplo) dentre o mesmo grupo de 10 países presente até aqui, ligando a capacidade econômica ao peso e poder dos atores Estatais na região.

¹⁵⁶ Trecho original: *Despite the initial euphoria, predictions by Jared Kushner and other American and Israeli policymakers that the Abraham Accords will spark a sweeping domino effect of bilateral regional peace agreements with Israel appear premature. Kushner, for his part, has insisted that other Muslim countries will sign peace treaties with Israel in the coming months, and that all twenty-two Arab League states will gradually normalize relations.²⁸ Trump himself has said he expects between seven and nine countries, including Saudi Arabia, to do the same. Despite these initial hopes and reports of ongoing discussions between the parties, there is good reason on the part of unnamed Arab leaders for their hesitation to sign peace treaties or commercial deals. Only days after the Israel–UAE deal was announced, Saudi Foreign Minister Prince Faisal bin Farhan insisted that Israel must first reach a settlement with the Palestinians based on the API. As previously noted, Kuwait and Qatar have rejected normalization without a resolution to the Israeli–Palestinian conflict.*

A tabela a seguir utiliza dados¹⁵⁷ da agência SIPRI para expor o cenário instável e complexo pós-Primavera Árabe, possibilitando uma visualização do quadro¹⁵⁸ de *Hard Power* do Oriente Médio entre 2010 e 2020.

Tabela 05 – Despesas militares por país em porcentagem do PIB (2010-2020)

	2010	2012	2014	2016	2018	2020
Arábia Saudita	8.6%	7.7%	10.7%	9.9%	9.5%	8.4%
Bahrein	3.3%	3.8%	4.4%	4.7%	4.1%	4.1%
Catar	1.5%	-	-	-	-	-
EAU	6.0%	5.1%	5.6%	-	-	-
Egito	2.0%	1.6%	1.7%	1.7%	1.2%	1.2%
Irã	2.8%	2.8%	2.3%	3.0%	2.5%	2.2%
Iraque	2.7%	1.9%	3.0%	3.5%	3.9%	4.1%
Israel	5.9%	5.7%	5.8%	5.5%	5.3%	5.6%
Kuwait	3.8%	3.4%	3.6%	5.9%	5.1%	6.5%
Síria	4.1%	-	-	-	-	-
Turquia	2.3%	2.0%	1.9%	2.1%	2.5%	2.8%

Fonte: Elaboração própria, com dados de SIPRI (2021)¹⁵⁹

A esses dados, soma-se também um quadro amplo do final da década, publicado pela plataforma *Global Fire Power*¹⁶⁰, com um ranking das potências militares no Oriente Médio Central, permitindo assim uma análise macro das capacidades duras dos atores.

As setas da lista (Fig. 12) indicam a comparação de tendências com os anos anteriores (aumento, estabilidade, ou declínio) e apresentam um importante elemento na perspectiva securitária macro da região: um aumento contínuo e relativamente generalizado das capacidades de força dentre os atores estatais.

¹⁵⁷ Apesar da falta de dados de alguns atores (EAU, Síria e Qatar).

¹⁵⁸ No qual se recomenda cautela a conclusões precipitadas apenas pela análise objetiva, dados os complexos, contínuos e múltiplos conflitos regionais e nacionais desde os levantes da P.A.

¹⁵⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/3AcVeWs>>. Acesso em: mar/2022.

¹⁶⁰ “A lista GFP utiliza mais de 50 fatores em nossa fórmula interna para determinar a pontuação do Índice de Poder de uma determinada nação ('PwrIndx'). Isso fornece a classificação final, ao mesmo tempo em que permite que nações menores e mais tecnologicamente avançadas concorram com nações maiores e menos desenvolvidas. Alguns bônus e penalidades são adicionados para refinamento que, no final, esperamos que apresente uma visão imparcial da potencial força militar convencional de uma potência mundial.”

Figura 12 – Poder militar do Oriente Médio Central (2021/22)

1	Egypt	▲		PwrIndx Score: 0.1869
2	Turkey	▲		PwrIndx Score: 0.1961
3	Iran	↔		PwrIndx Score: 0.2104
4	Israel	▲		PwrIndx Score: 0.2621
5	Saudi Arabia	▲		PwrIndx Score: 0.2966
6	Iraq	▲		PwrIndx Score: 0.5597
7	United Arab Emirates	▲		PwrIndx Score: 0.5859
8	Syria	▲		PwrIndx Score: 0.6953
9	Kuwait	↔		PwrIndx Score: 1.2988
10	Jordan	↔		PwrIndx Score: 1.3989
11	Qatar	▲		PwrIndx Score: 1.4429
12	Oman	↔		PwrIndx Score: 1.4453
13	Yemen	↔		PwrIndx Score: 1.4754
14	Bahrain	↔		PwrIndx Score: 2.3269
15	Lebanon	↔		PwrIndx Score: 2.8681

Fonte: GLOBAL FIRE POWER (2022)¹⁶¹

Alguns elementos chamam a atenção na comparação dos dois gráficos. Em primeiro, aqueles mesmos 5 atores elencados para a análise mais dedicada do cap. I, se mantêm como as principais potências regionais (Egito, Turquia, Irã, Israel e Arábia Saudita); em segundo, a manutenção de Teerã no 3º posto e a ascensão da Turquia para o 2º corroboram com a justificativa e o medo dos vizinhos pela perda da hegemonia árabe; mais abaixo, o fato de que das posições 9 a 15, todos os atores minimamente mantiveram suas capacidades, com exceção do Catar – o que auxilia na fundamentação do terceiro eixo da ordem regional atual como sendo

¹⁶¹ Middle East Military Strength. Disponível em: <<https://www.globalfirepower.com/countries-listing-middle-east.php>>. Acesso em: mar/2022.

formado por atores não-centrais em ascensão (Catar e Turquia). O que conecta esses atores segue sendo, em suma, o desejo por aumento de influência na esfera político-securitária regional:

A retirada parcial dos EUA do Oriente Médio certamente levou os atores regionais – particularmente os aliados que haviam se acostumado ao intenso engajamento dos EUA no Oriente Médio – a assumir uma postura mais ativa nos assuntos regionais. [...] Acionados por dinâmicas regionais genuínas relacionadas aos levantes árabes, os atores regionais, particularmente do Golfo, despojaram-se de sua cautela anterior ao desdobrar e usar suas capacidades de poder em assuntos regionais (BECK; RICHTER, 2020, pg. 69 – tradução nossa¹⁶²).

E mesmo mais de uma década após os levantes da Primavera Árabe, a balança de poder do Oriente Médio segue multipolar:

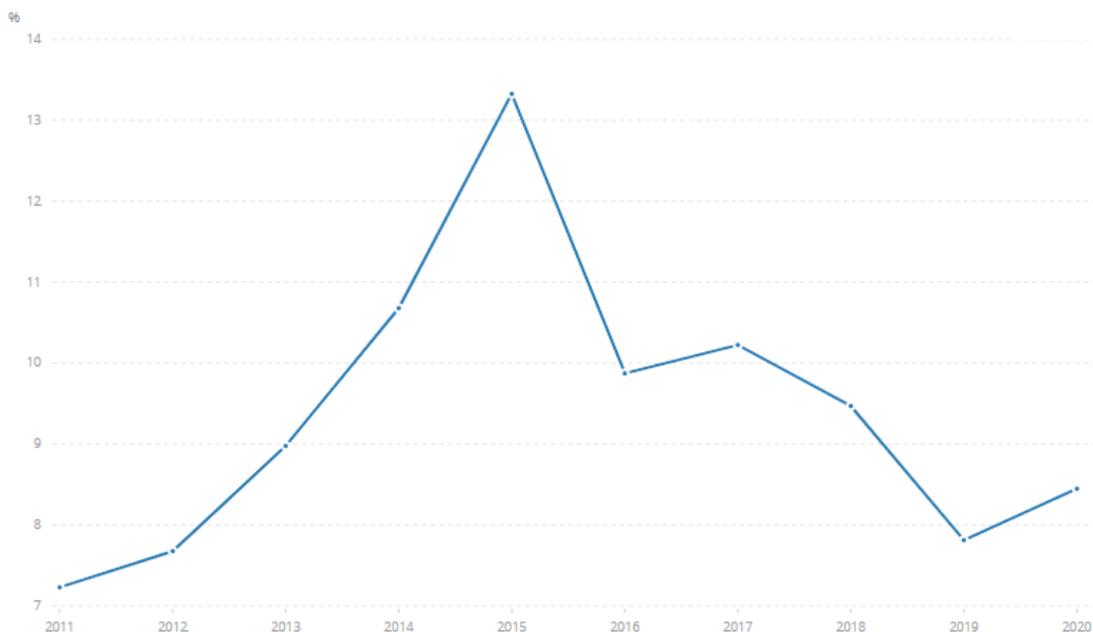
No caso da região do MENA, conforme discutido a seguir, a Primavera Árabe não produziu o surgimento de nenhum ator hegemônico com capacidade de desafiar antigas normas de justiça processual, nem representou um ponto de virada em um processo de erosão de longa duração que data de até antes de 2011. Mesmo os atores que anteriormente questionavam esta e outras instituições fundamentais da ordem regional, sendo o Irã revolucionário o melhor exemplo, o fazem dentro da própria ordem (esses são atores que desafiam o funcionamento do sistema, mas o fazem dentro do sistema; não renunciam à sua parte nela, nem abandonam totalmente as vantagens e responsabilidades associadas à ordem vigente) (SZMOLKA, 2017, pg. 261 – tradução nossa¹⁶³).

Os gráficos a seguir utilizam os mesmos atores e moldes daqueles apresentados no capítulo 01 (Gráficos 03 a 12), com o intuito de comparar as capacidades materiais individuais (investimentos militares em % do PIB nacional) com os investimentos em desenvolvimento nacional da mesma época para os 5 atores-chave entre as duas décadas.

¹⁶² Trecho original: *The partial US retreat from the Middle East certainly pushed regional actors – particularly allies who had become accustomed to intense US engagement in the Middle East – to take a more active stance in regional affairs. [...] Triggered by genuine regional dynamics related to the Arab uprisings, regional actors, particularly from the Gulf, have stripped off their previous caution in deploying and using their power capabilities in regional affairs.*

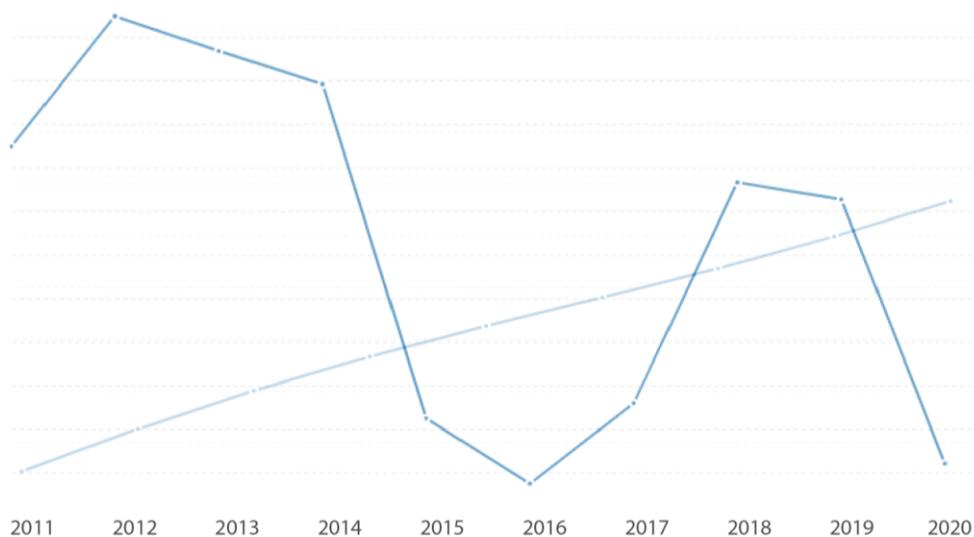
¹⁶³ Trecho original: *In the case of the MENA region, as discussed below, the Arab Spring has not produced the emergence of any hegemonic actor with the capability of challenging former norms of procedural justice, nor has it represented a turning point in a long-lasting erosion process dating back to before 2011. Even actors who formerly question this and other fundamental institutions of the regional order, revolutionary Iran being the best example, do so within the order itself (these are actors who challenge how the system works but do so within the system; they do not renounce their part in it, nor fully abandon the advantages and responsibilities associated with the prevailing order).*

Gráfico 13 – Capacidades materiais da Arábia Saudita: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)



Fonte: Banco Mundial¹⁶⁴

Gráfico 14 – Desenvolvimento econômico da Arábia Saudita (2011-2020)



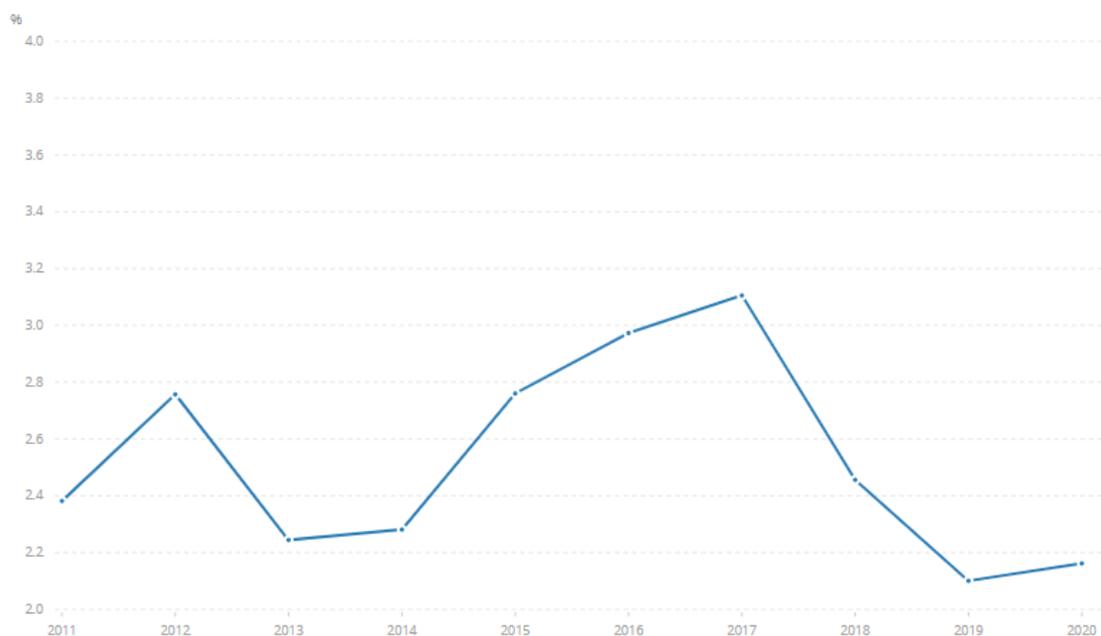
LEGENDAS:

- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados do Banco Mundial

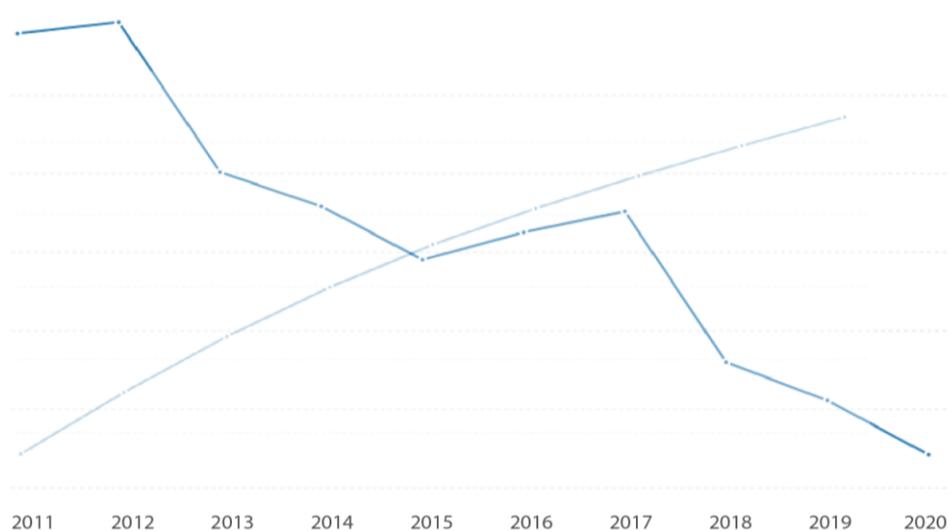
¹⁶⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/3jeyihW>>. Acesso em: dez/2021.

Gráfico 15 – Capacidades materiais do Irã: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)



Fonte: Banco Mundial¹⁶⁵

Gráfico 16 – Desenvolvimento econômico do Irã (2011-2020)



LEGENDAS:

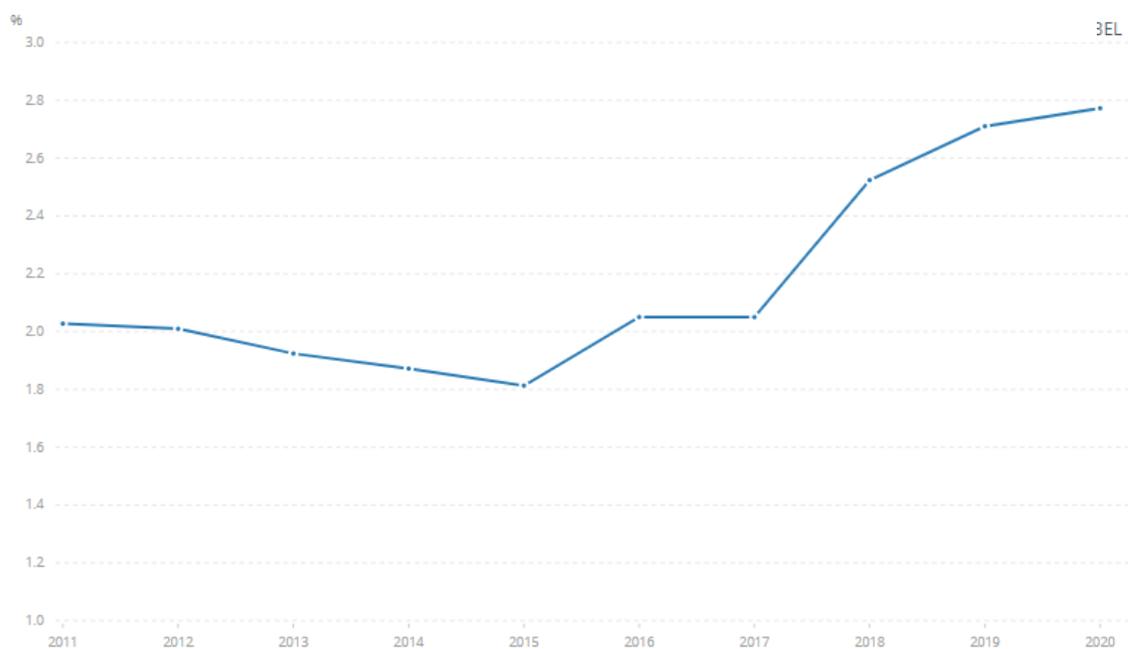
- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados¹⁶⁶ do Banco Mundial

¹⁶⁵ Disponível em: <<https://bit.ly/3KjxwMv>>. Acesso em: dez/2021.

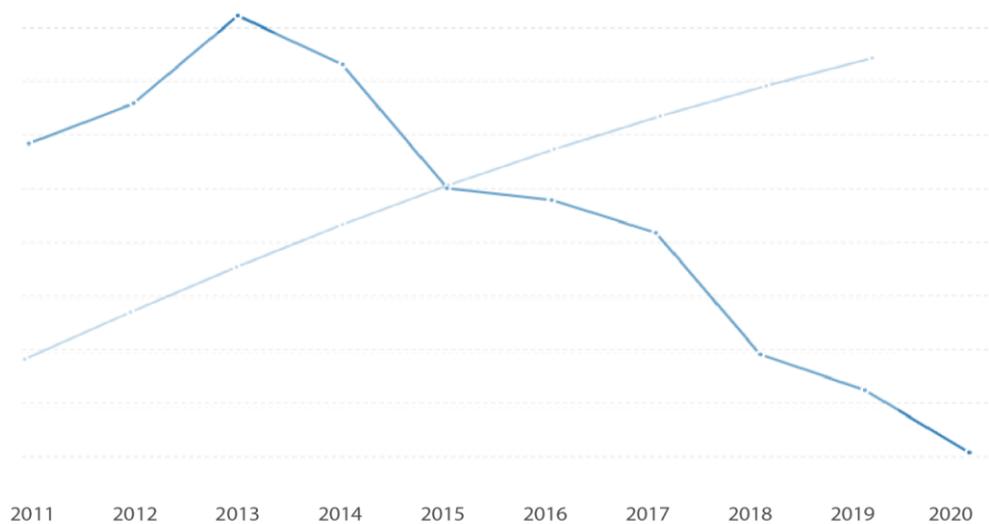
¹⁶⁶ Em abril/2022, o indicador “expectativa de vida” ainda não contia os dados iranianos de 2020.

Gráfico 17 – Capacidades materiais da Turquia: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)



Fonte: Banco Mundial¹⁶⁷

Gráfico 18 – Desenvolvimento econômico da Turquia (2011-2020)



LEGENDAS:

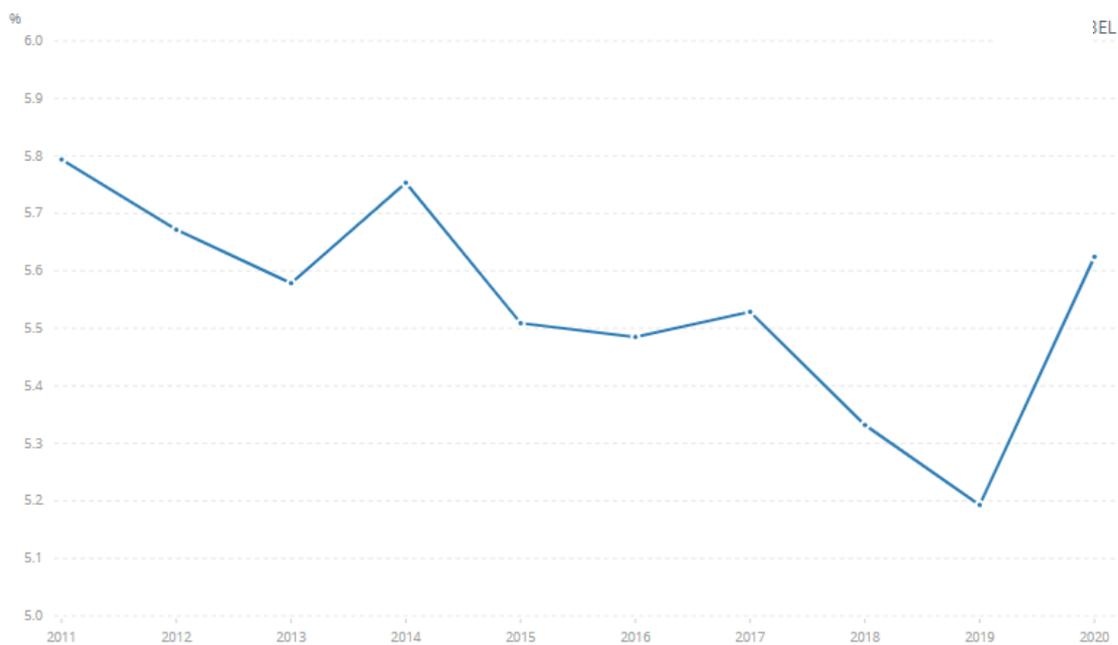
- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados¹⁶⁸ do Banco Mundial

¹⁶⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/3raKe8T>>. Acesso em: dez/2021.

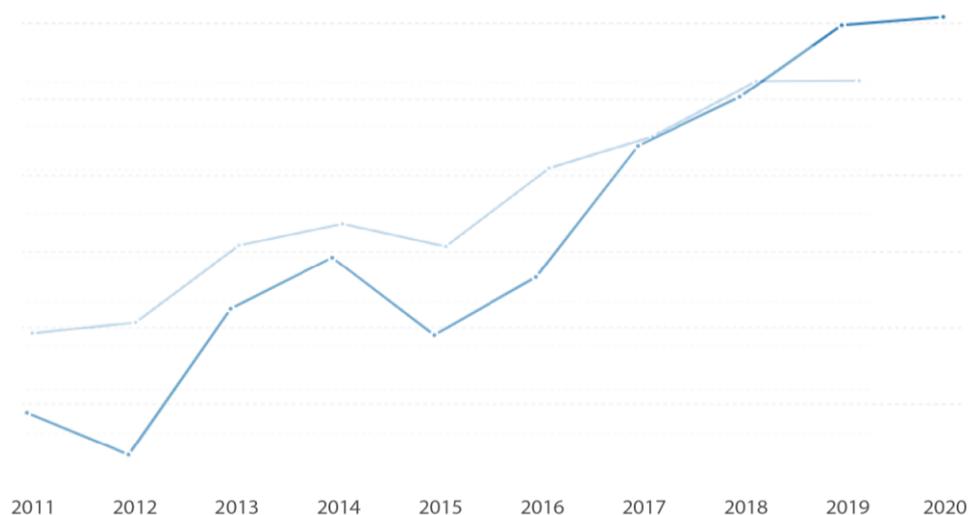
¹⁶⁸ Em abril/2022, o indicador “expectativa de vida” ainda não contia os dados turcos de 2020.

Gráfico 19 – Capacidades materiais de Israel: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)



Fonte: Banco Mundial¹⁶⁹

Gráfico 20 – Desenvolvimento econômico de Israel (2011-2020)



LEGENDAS:

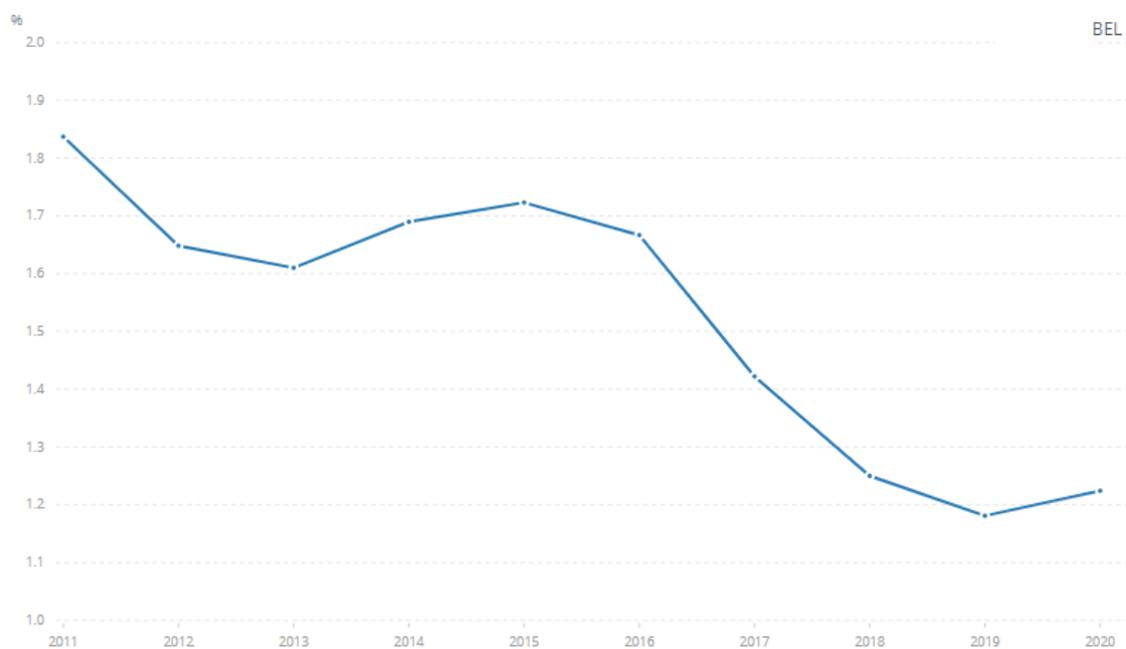
- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados¹⁷⁰ do Banco Mundial

¹⁶⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/3xdGebw>>. Acesso em: dez/2021.

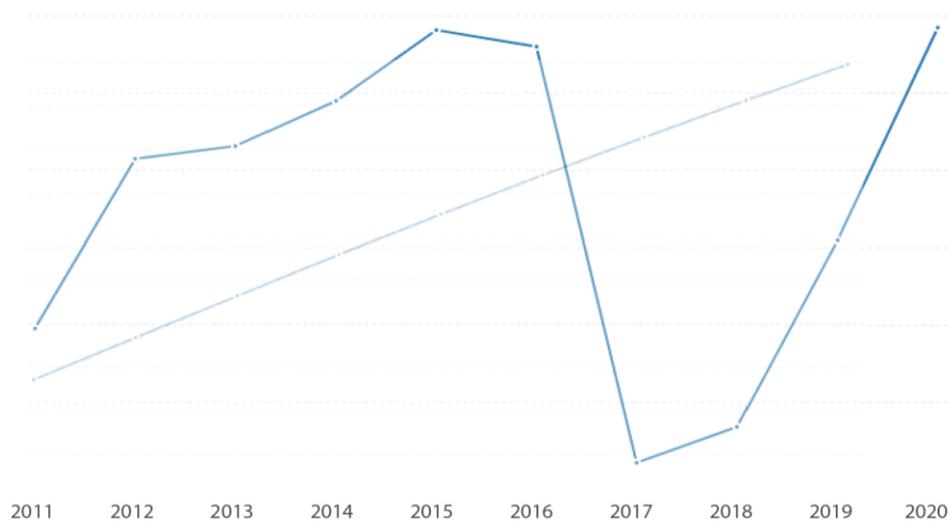
¹⁷⁰ Em abril/2022, o indicador “expectativa de vida” ainda não contia os dados israelenses de 2020.

Gráfico 21 – Capacidades materiais do Egito: investimentos militares (em % do PIB nacional) (2011-2020)



Fonte: Banco Mundial¹⁷¹

Gráfico 22 – Desenvolvimento econômico do Egito (2011-2020)



LEGENDAS:

- Expectativa de vida ao nascer
- PIB per capita

Fonte: Formulação própria, com base nos dados¹⁷² do Banco Mundial

¹⁷¹ Disponível em: <<https://bit.ly/3DJVNsQ>>. Acesso em: dez/2021.

¹⁷² Em abril/2022, o indicador “expectativa de vida” ainda não contia os dados egípcios de 2020.

No tocante aos investimentos no setor militar dos países, houve uma queda em 4 dos 5 atores (com exceção da Turquia), sendo os pontos de inflexão em momentos distintos – que refletem as peculiaridades dos contextos nacionais de cada um: enquanto Arábia Saudita, Israel e Egito atingiram seus picos entre 2014-15 (e só então a partir dali diminuíram), o cenário iraniano prolongou-se por mais alguns anos (2017). Um dos principais pontos que justificam esse prolongamento nos investimentos militares no caso de Teerã pode ter sido a saída do presidente Donald Trump (representando os EUA), o que levou a uma derrocada generalizada do acordo e a retomada das sanções. Por outro lado, Ankara, em sua busca por aumento de influência securitária, seguiu aumentando suas aplicações em capacidades materiais.

Na questão econômica, Riad, Teerã e Ankara tiveram considerável retração de seu PIB; enquanto Israel e Egito tiveram largo aumento (ainda que o Cairo tenha tido um período conturbado de retração entre 2017-2018). Contudo, o desenvolvimento nacional não foi de todo mal: todos os atores mantiveram ou aumentaram seu ritmo de expectativa de vida ao nascer.

Em suma, ainda que cada potência tenha tido distintos contextos e resultados de capacidade material, a institucionalização de seu poder aumentou visivelmente nos dois níveis: nacional e regionalmente (em retomada aos dados da Figura 13). As aproximações político-securitárias vistas durante a Primavera Árabe, contudo, aos poucos desvaneceram e entregaram à região um cenário multipolar:

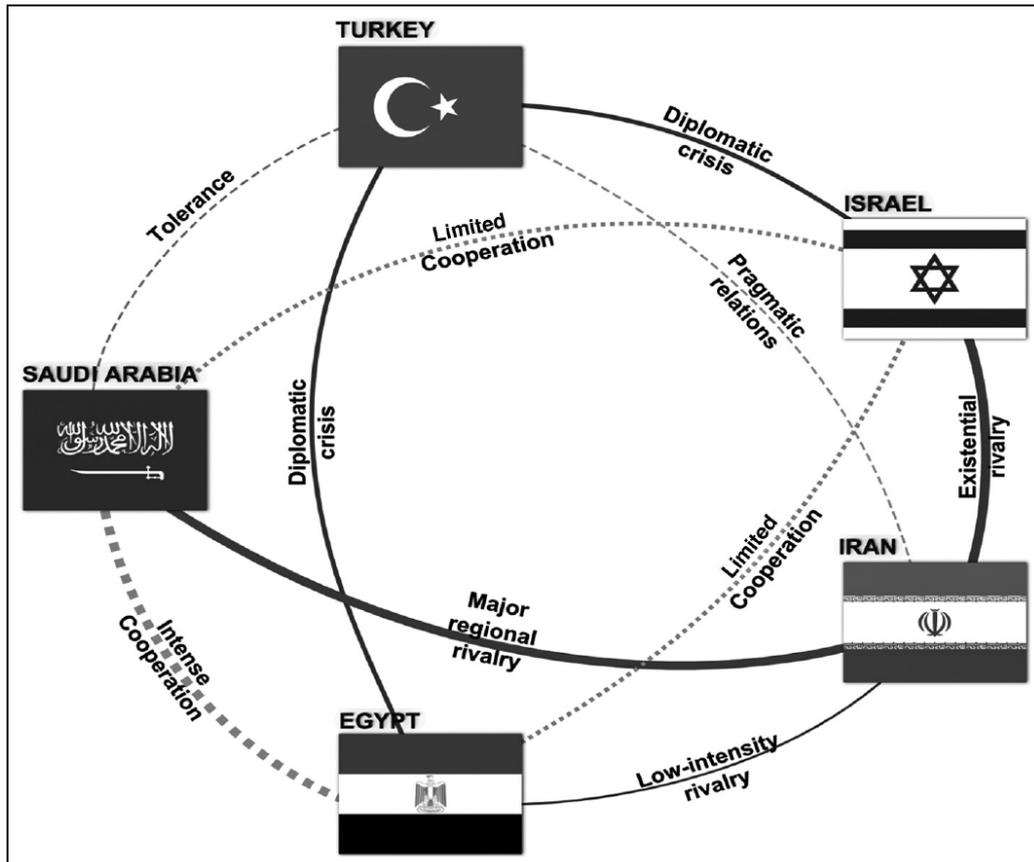
O multilateralismo também é reconhecido como uma instituição fundamental da ordem regional [...]. A Primavera Árabe foi temporalmente vista como um catalisador para a cooperação regional multilateral e bilateral institucionalizada, inclusive no campo crítico da segurança. De alguma forma, essas expectativas se desvaneceram com a mesma rapidez com que se evaporaram as esperanças de um impulso regional para a democratização (QUERO; SOLER in: SZMOLKA, 2017, pp. 268-269 – tradução nossa¹⁷³).

Em 2015, os autores Quero e Soler formularam diagrama a seguir (Fig. 13) correlacionando os 5 atores sob relações de: cooperação, diplomacia, tolerância, crise e rivalidade em diferentes níveis para cada conexão bilateral. Quanto às razões, há uma infinidade de traços a serem destacados, como o papel dos atores não-estatais alinhando Estados (como

¹⁷³ Trecho original: *Multilateralism is also recognized as a fundamental institution of the regional order [...]. The Arab Spring was temporally seen as a catalyst for regional multilateral and bilateral institutionalized cooperation, including in the critical field of security. Somehow, these expectations faded away with the same rapidity as hopes for a region-wide push for democratization evaporated.*

a Irmandade Muçulmana na Turquia e no Egito em 2011/12) (QUERO; SOLER, 2017), a influência de atores extrarregionais (como os EUA com Arábia Saudita e Israel, e em oposição ao Irã) ou a participação em organismos regionais importantes (como Arábia Saudita e Egito na Liga Árabe).

Figura 13 – Relações dos poderes regionais do Oriente Médio (2015)



Fonte: QUERO; SOLER in: SZMOLKA (2017)

Essa multipolaridade em 5 pontas abre espaço para uma nova percepção do Oriente Médio no final da década (2020), após as consequências da Primavera Árabe (por vezes mais prolongadas/perenes, como guerras civis, crises políticas duradouras, ou a Guerra Fria Regional entre Riad e Teerã; por outras, mais pontuais e apagadas pelos Estados – especialmente pelas monarquias do Golfo), as aproximações árabe-israelenses dos Acordos de Abraão e a ascensão e manutenção das potências saudita, iraniana, turca, egípcia e israelense (não necessariamente nessa ordem).

Assim, o que se tem em 2020 é um Oriente Médio mais uma vez com uma reconfiguração político-securitária (diferente dos anos 1990, de 2001 e de 2010). O capítulo a seguir, portanto, irá tratar dessas conexões – um potencialmente novo subcomplexo regional de segurança da região, e a nova ordem regional tripartite – e a nova face que elas introjetam àquele espaço e atores (pelo diagrama das relações políticas entre os 10 maiores atores em 2020, em continuação e contraste às figuras 01 e 03, das décadas anteriores), e exportam ao restante do mundo (em especial EUA, Rússia e agora China – agora mais ativamente participativa nas relações desse novo cenário).

3.4.CONCLUSÃO PRÉVIA

A partir dos primeiros movimentos da Primavera Árabe (2010-11), já era possível perceber abalos não apenas na balança de poder, mas na forma como vizinhos no Oriente Médio agora se relacionavam. Aquele cenário de menores interações estatais do século XX aqueceu-se por um breve momento: enquanto os levantes ocorriam de forma concomitante pela região, via-se uma fluência de aproximações – tanto entre os manifestantes, via redes sociais, quanto entre os governos, para resolver as reivindicações (Egito e Líbia) ou abafá-los (especialmente os países do Golfo) de distintas formas. As expectativas nesse início da década de 2010 era de convergências maiores e da construção de uma segurança coletiva mais bem desenvolvida e estruturada.

O que se viu ao final da década, contudo, foi completamente diferente: em contraponto às perspectivas iniciais, a região se constituiu em 3 grupos de relações: vizinhos distantes e novamente voltados para suas próprias questões nacionais (em especial aqueles em guerras civis ou crises político-securitárias mais prolongados), alianças mais superficiais (utilizando do exemplo dos Acordos de Abraão, onde as consequências – mesmo dois anos depois – ainda não chegaram a causar grandes impactos), e, por fim, as relações de hostilidade com um grande peso (em especial contra Teerã, como na Guerra Fria Regional Saudita-Iraniana).

O Oriente Médio de 2020 representa, portanto, o somatório de um sistema multipolar em fortes fricções que mantem instável os demais elementos securitários – seja a construção de uma segurança coletiva regional mais eficaz e eficiente, ou da evolução diplomática nos organismos regionais –, uma vez que conserva em flutuação a ordem regional até que não defina de fato as correlações de influência e força hierárquicas necessárias.

4. CAPÍTULO III: O COMPLEXO REGIONAL DE SEGURANÇA DO ORIENTE MÉDIO E A ORDEM REGIONAL TRIPARTITE NA BALANÇA DE PODER DO ORIENTE MÉDIO EM 2020

Partindo da análise final do segundo capítulo, que indicou um sistema multipolar no Oriente Médio ao final de 2020, esta seção seguirá agora para uma análise mais aprofundada dos principais elementos dessa balança de poder regional: o sistema tripartite atual e o Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (CRSOM), examinando as aproximações e distanciamentos entre os subgrupos regionais – mais do que, necessariamente, as relações bilaterais vistas nos capítulos anteriores.

Conforme demonstrado na introdução deste trabalho, a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança de Buzan tem papel complementar na análise da atual ordem regional tripartite do Oriente Médio, uma vez que o entendimento das visões de segurança (ameaças, relações e polaridades) de cada eixo correspondem àquelas recortadas pelos subgrupos do Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio. Assim sendo, esta seção tem como intenção apresentar os debates sobre o CRSOM moderno, para então aprofundar em suas similitudes com a ordem tripartite atual.

Desta forma, partindo do questionamento sobre quais são os principais elementos securitários regionais atuais e de que formas eles conformam e são conformados pelas dinâmicas entre esses três eixos – considerando também conceitos da TCRS, como segurança coletiva, Estados insuladores, segurança regional e sub-regional, efetividade e implicações dos padrões de amizade e inimizade, etc. –, este capítulo busca oferecer uma visão securitária mais multifatorial à composição atual da balança de poder médio oriental, após a construção de suas variações durante o século XXI. Em suma, as seções anteriores investigaram os principais elementos político-securitários no contexto de cada década, e agora parte-se para o cenário resultante do final de 2020.

4.1.A ORDEM REGIONAL TRIPARTITE DO ORIENTE MÉDIO

Desde sua formação embrionária moderna, o caráter multipolar do Oriente Médio esteve presente e regeu as relações de poder regionais. Por uma diversidade de razões históricas (como formações autóctones, ingerências neocoloniais, conflitos regionais e influência de atores do

SI), a distribuição de poder na região se alicerçou de forma mais heterogênea, com poderes de curta e média ciclicidade.

Pontuando brevemente, desde meados do século XX, a balança de poder regional nunca teve um claro hegemon, mas sim pequenos grupos de Estados com maior influência que se permutaram entre as décadas, conforme suas próprias questões nacionais (como eleições, conflitos ou guerras civis) ou o aumento exponencial das capacidades de outro vizinho regional. A descrição do autor Raymond Hinnbusch, aprimorada por Malmvig, Quero e Soler anos depois, é categórica ao classificar a evolução da estrutura do subsistema MENA:

Tabela 06 – Balança de poder do Oriente Médio entre 1945-99

NOMENCLATURA	ÉPOCA	BALANÇA DE PODER (composição e contexto)
Multipolaridade Oligárquica	1945-55	Egito, Arábia Saudita e Síria em um polo e o eixo Hashemita de Iraque e Jordânia no outro – também considerando o papel dos novos poderes turco, iraniano e israelense em ascensão, e um alto nível de penetração de atores externos
Sistema Panárabe	1956-70	Com a ascensão e queda da centralidade do poder egípcio na região, apoiado por Síria, Jordânia e Líbano – um aumento da solidariedade intra-árabe e redução do controle ocidental na política regional
Triângulo Árabe	1970-73	Egito, Arábia Saudita e Síria combatendo as forças israelenses na região (até perderem a Guerra Árabe Israelense em 1973 e cada ator reformular suas relações com Tel-Aviv e/ou os EUA)
Multipolaridade Fragmentada sem um centro claro	Década de 1980	Dois blocos que giravam em torno do conflito Irã-Iraque, um mais pró-Occidente e Iraque (Iraque, Egito, Arábia Saudita, países do GCC, Yemen do Norte e Jordânia) e a Frente Inabalável (composto por Líbia, Iêmen do Sul, Argélia, Síria e Irã)
Alta hegemonia estadunidense	Década de 1990	Invasão do Iraque ao Kuwait deixara Bagdad isolada, e Arábia Saudita, Egito, Síria, Irã, Israel e Turquia como o outro polo – ainda que não se sentissem compelidos a montar uma aliança de fato

Fonte: Formulação própria com base em HINNEBUSCH (2003) e MALMVIC et al in: SOLER et al (2016).

O século XXI, contudo, trouxe a ascensão do cenário explorado ao final do capítulo II, com uma multipolaridade mais estável e distribuída entre 3-5 atores: Arábia Saudita, Egito, Israel, Irã e Turquia (BUZAN, WEAVER, 2003; FURTIG, 2014; ZAHREDDINE, TEIXEIRA, 2014) – sendo os três primeiros, atualmente parte do mesmo eixo. O Oriente Médio com um caráter mais arabocêntrico do século anterior transformou-se em um sistema tripartite, onde cada um dos três principais atores estatais não-árabes (Irã, Israel e Turquia) passaram a fazer parte de um eixo – com diferentes níveis de liderança intragrupo; e cujas clivagens serão exploradas nas próximas páginas deste capítulo – assim como feito com os elementos históricos nos caps. anteriores. Contudo, essa divisão atual se dá essencialmente pelo somatório dos três fatores que definiram os demais e múltiplos agrupamentos e reagrupamentos do século XX:

Na região MENA, pode-se argumentar que algumas das principais clivagens que guiaram as relações de amizade/inimizade da região são o conflito árabe-israelense, as divisões entre árabes e não árabes, entre sunitas e xiitas, entre pró-ocidentais e antiocidentais e entre o *status quo* e os Estados revisionistas. Em termos deste último, a região está, desde a década de 1950, dividida entre os chamados Estados de *status quo* e Estados revisionistas ou revolucionários. Essa clivagem inicialmente girava em torno de diferenças no tipo de regime e nas relações com as potências ocidentais. Assim, dos anos 1950 aos anos 1970 a região foi dividida entre as potências do *status quo* (as monarquias do Golfo, Jordânia e Marrocos) e Egito, Iraque, Síria, Iêmen e Argélia, que constituíam as potências revolucionárias. A partir da década de 1980, a região viu uma mudança nessa dinâmica, em parte devido ao acordo de paz do Egito com Israel e em parte devido à Revolução Islâmica no Irã. As duas potências regionais mudaram de posição, por assim dizer, quando o Irã passou a liderar o campo revolucionário antiocidental e o Egito as potências pró-ocidentais do status quo. Ao mesmo tempo, a região também testemunhou a ascensão de atores islâmicos ou não estatais como competidores na ordem regional. A Irmandade Muçulmana, o Hamas e o Hezbollah, por exemplo, todos desafiaram a legitimidade e as alianças dos regimes de status quo com o Ocidente, assim como o Islã político, de muitas maneiras, substituiu o nacionalismo árabe como a ideologia mobilizadora mais eficaz e o marcador de identidade coletiva no arena regional (MALMVIG et al in: SOLER et al, 2016, pp. 43-44 – tradução nossa¹⁷⁴).

¹⁷⁴ Trecho original: *In the MENA region one might argue that some of the main cleavages that have guided the region's amity/enmity relations are the Arab- Israeli conflict, divisions between Arabs and non-Arabs, between Sunni and Shia, between pro- Western and anti-Western, and between status quo and revisionist states. In terms of the latter, the region has since the 1950s been split between so-called status quo states and revisionist or revolutionary states. This cleavage initially revolved around differences in regime type and relations with Western powers. Thus, from the 1950s to the 1970s the region was divided between the status quo powers (the Gulf monarchies, Jordan and Morocco) and Egypt, Iraq, Syria, Yemen and Algeria, which constituted the revolutionary powers. From the 1980s the region saw a shift in this dynamic, partly due to Egypt's peace agreement with Israel and partly due to the Islamic Revolution in Iran. The two regional powers changed positions, as it were, as Iran came to spearhead the revolutionary anti-Western camp and Egypt the pro-Western status quo powers. Concurrently the region also witnessed the rise of Islamist or non-state actors as contenders in the regional order. The Muslim Brotherhood, Hamas and Hezbollah, for instance, all challenged the status quo regimes' legitimacy and alliances with the West, just as political Islam in many ways came to substitute for Arab nationalism as the most effective mobilizing ideology and collective identity marker in the regional arena.*

O cenário tem como bases um jogo de soma zero – onde a ascensão de um grupo no poder significa necessariamente a perda dos outros dois na mesma intensidade – e essa multipolaridade do sistema suscita ainda mais essa disputa pelo topo da balança de poder – seja pela manutenção ou pela revisão do *status quo*. Paralelamente, dada a ausência de um claro hegemon, essa disputa constante pela maior capacidade de influência regional (o que pode ser visto em cenários como a construção da ameaça ao redor apenas do programa nuclear iraniano, ou dos envoltimentos *proxy* por parte de diversas potências nas guerras civil síria e iemenita) resulta em um tensionamento que mantém o sistema impassível (BECK, 2020; MAHER, 2020).

No século XXI, Arábia Saudita, Israel e Irã não apenas ganharam recursos de poder em nível regional, mas também os projetaram na região de forma mais ativa, como fica evidente, por exemplo, no aumento do engajamento das potências regionais na guerra civil síria (BECK, 2020, pg. 85 – tradução nossa¹⁷⁵).

Essa nova ordem, portanto, não significa a descontinuação dos demais conflitos bilaterais e regionais dentre aqueles atores – particularmente aqueles entre (não intra) grupos, como a cisão catari-saudita (BASKAN, 2019), as tensões turco-emiradenses (AYDINTASBAS; BIANCO, 2021) ou a Guerra Fria Regional iraniano-saudita (CHEREM, 2019); ela apenas os mantém ou mesmo acentua – já que expande as alianças oficiais e não oficiais intragrupos, aumentando as capacidades dos demais envolvidos do eixo em suas disputas particulares. Assim, essa reorganização garantiu não apenas um maior alinhamento entre atores com interesses securitários semelhantes, como também a possibilidade de apresentarem uma frente unida contra agentes com interesses opostos em seus territórios – fossem eles regionais ou extrarregionais.

Atualmente, os eixos seguem a seguinte divisão estatal:

- **Eixo pró-*Status Quo***, composto por Arábia Saudita, Egito, Israel, Bahrein e Kuwait;
- **Eixo de Resistência**, composto por Irã, Iraque e Síria;
- **Eixo Islamita-Sunita**, composto por Turquia, Catar.

¹⁷⁵ Trecho original: *In the 21st century, Saudi Arabia, Israel, and Iran not only gained power resources on a regional level but also projected them on the region more actively, as for instance becomes apparent in the increased engagement of regional powers in the Syrian civil war.*

Cada eixo, é claro, possui características próprias e diferentes níveis de proximidade interna, afinidades com os demais atores não-estatais da região e potências extrarregionais (em especial, EUA e Rússia).

Em se tratando do primeiro grupo, o somatório de capacidades (*hard e soft*) dos atores retroalimenta sua força e poder de influência regional de modo geral, enquanto também conta com alianças estratégicas intraeixo (dos Acordos de Abraão, das relações diplomáticas de décadas entre Egito-Israel, ou mesmo da condução do GCC) e extraeixo com os EUA (sendo Arábia Saudita, Egito e Israel os maiores aliados de Washington na região); somados a isso, a partilha do mesmo objetivo final (manutenção do *status quo* regional) e a construção do mesmo inimigo comum (Irã), propiciam a formulação de estratégias conjuntas para seu sucesso coletivo (ZILBER, 2019; RAHMAN, 2021; YEE, KINGSLEY, 2022)

A Arábia Saudita, como parte desse eixo de Estados com ideias semelhantes que buscam objetivos coordenados de política externa, compartilha motivações estratégicas com os Emirados Árabes Unidos e o Bahrein em relação a Israel. De fato, Riad e Tel Aviv cooperaram secretamente por anos, principalmente em torno de questões de segurança e compartilhamento de inteligência [...]. O Egito tem sido um exemplo de longa data para os Estados do Golfo do que uma aliança formal com Israel pode equivaler a Washington. Depois de assinar um tratado de paz com Israel em 1978-79, o Egito passou para a órbita estratégica dos EUA e se tornou o segundo maior receptor de ajuda econômica e assistência militar americana, apesar de sua política autoritária e histórico de direitos humanos. Embora os Estados do Golfo já sejam parceiros de Washington e não precisem de assistência financeira dos EUA, eles reconhecem que o papel do Egito como parceiro de paz de Israel o tornou aparentemente indispensável na política externa regional estratégica dos EUA (RAHMAN, 2021, s/p – tradução nossa¹⁷⁶).

Antes da aproximação de Israel, a força que conformava o grupo era, ao mesmo tempo, uma vantagem e um problema: vantagem porque dificultava o desenvolvimento de ameaças não-árabes (Irã, Israel, Turquia) e mantinha o *status-quo* árabe da região; mas problema por igualmente dificultar o diálogo e a formulação de estratégias com aqueles mesmos atores – justamente por isso a estratégia de se aproximar de Israel provou-se mais uma vez exitosa:

¹⁷⁶ Trecho original: *Saudi Arabia, as part of this axis of like-minded states pursuing coordinated foreign policy objectives, shares strategic motivations with the UAE and Bahrain in regard to Israel. Indeed, Riyadh and Tel Aviv have cooperated covertly for years, mostly around security issues and intelligence-sharing [...]. Egypt has been a longstanding example for the Gulf states of what a formal alliance with Israel can equate to in Washington. After signing a peace treaty with Israel in 1978-79, Egypt moved into the U.S. strategic orbit and became the second largest recipient of American economic aid and military assistance, despite its authoritarian politics and poor human rights record. While the Gulf states are already partners of Washington and do not need U.S. financial assistance, they recognize that Egypt's role as peace partner to Israel has made it seemingly indispensable in America's strategic regional foreign policy.*

pois trouxe como aliado um ator com capacidades e potencial para contribuir com (e não apenas contrapor-se a) aquele grupo árabe.

O segundo eixo atua na contramão do primeiro, visando a reformulação do atual *status quo*, contando com a potência iraniana à frente das capacidades de *hardpower* e acrescido de um atributo peculiarmente poderoso: uma grande lista de alianças com atores não-estatais – que, ao mesmo tempo em que aumentam seu poder de influência e *softpower* por possuírem maior poder de penetração e permeabilidade dentre as mais diversas sociedades civis (e não apenas aquelas dos 3 atores estatais principais do eixo), também pontuam por serem ameaças desterritorializadas difíceis de serem vencidas/eliminadas pelos opositores. Ainda, a aproximação com o governo de Putin lhes garante o apoio de um grande ator sistêmico (a Rússia). Seu nível de convergência e proximidade interna, por fim, conta com quase todas as mesmas características do eixo anterior: alianças longevas entre os Estados, mesmo objetivo entre todos – inclusive os atores não-estatais – (contestar o atual *status quo*) e inimigo em comum (o Ocidente e seus aliados do primeiro Eixo); em cenários pontuais, alinhavam estratégias conjuntas, como a manutenção do regime de Assad no governo sírio ou do partido Hezbollah no Líbano; o que os retarda nesse último quesito, são apenas algumas diferenças em relações bilaterais e na forma como se relacionam com os atores não-estatais do grupo (KALIN, 2015; MAHER, 2020; GRAJEWSKI, 2021).

A influência do Irã no Oriente Médio ganhou impulso a partir de 2011. Percebendo a Primavera Árabe como uma oportunidade para ampliar sua presença na região, Teerã aproveitou a Primavera Árabe como uma oportunidade para consolidar sua influência em alguns países sunitas, seja diretamente ou por meio de seus procurações (MAHER, 2020, s/p – tradução nossa¹⁷⁷).

E:

No final de setembro [2015], Moscou anunciou o estabelecimento do Centro de Informações de Bagdá – um centro conjunto de compartilhamento de inteligência em Bagdá entre Rússia, Irã, Iraque e Síria com a função principal de coordenar inteligência contra o Estado Islâmico e operações ao redor da fronteira sírio-iraquiana (GRAJEWSKI, 2021, s/p – tradução nossa¹⁷⁸).

¹⁷⁷ Trecho original: *Iran's influence in the Middle East has garnered momentum after 2011. Perceiving the Arab Spring as an opportunity to spread its presence in the region, Tehran took the Arab Spring as an opportunity to consolidate its influence in some of the Sunni countries whether directly or through its proxies.*

¹⁷⁸ Trecho original: *By late September, Moscow announced the establishment of the Baghdad Information Center—a joint intelligence-sharing center in Baghdad between Russia, Iran, Iraq, and Syria with the primary function to coordinate intelligence against the IS and operations around the Syrian-Iraqi border.*

Em se tratando de segurança coletiva no Oriente Médio, esse eixo expressa constantemente (direta ou indiretamente) seu desejo por aumento de influência securitária regional – com elaborações estratégias sequenciais para tal. Nos últimos anos, destaca-se aqui 2 cenários em particular: o *Hormuz Peace Endeavour/Initiative*¹⁷⁹ iraniano em 2020 (GRAJEWSKI, 2020) e a *Baghdad Conference for Cooperation and Partnership*¹⁸⁰ iraquiana.

Impulsionados pelas tensões no Golfo, em 2019 os governos começaram a se interessar ativamente pela necessidade e possibilidade de um exercício coletivo [de segurança]. [...] O Irã apresentou ideias em seu *Hormuz Peace Endeavour*, lançado na Assembleia Geral da ONU no final de setembro, e convidou os países árabes do Golfo a participarem de um exercício coletivo. Pouco depois, o chanceler iraquiano propôs a convocação de uma conferência regional de segurança focada no Iraque, contatando seus pares na Turquia, Irã, Arábia Saudita, Jordânia e Kuwait para divulgar a ideia. A liderança de Bagdá fazia sentido, pois o Iraque é a costura do Oriente Médio, atravessando a divisão sunita-xiita e formando uma ponte entre árabes e persas. Embora a ideia tenha recebido o apoio da UE, ela nasceu morta – no momento em que este texto foi escrito, Bagdá ainda aguardava a resposta de Riad (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2020, pg. 02 – tradução nossa¹⁸¹).

O terceiro eixo é um pouco mais singular: sua conformação, mais do que por afinidades e aproximações dos atores estatais – ainda que suas relações sejam amigáveis¹⁸² –, se dá por possuírem o mesmo objetivo (revisão do atual *status quo*, assim com o grupo iraniano) e construir, de forma concomitante mas não necessariamente conjunta, estratégias para alcançá-lo. Também são atores conhecidos por possuírem relações complexas, porém não definidoras de sua política externa, tanto com o Ocidente, quanto com a Rússia. Assim, são tidos como uma terceira dimensão na ordem regional como Estados sem grandes alianças

¹⁷⁹ TEHRAN TIMES. Iran's Hormuz peace initiative: a dialogue-based catalyst for durable security. Disponível em: <<https://www.tehrantimes.com/news/444425/iran-s-hormuz-peace-initiative-a-dialogue-based-catalyst-for>>. Acesso em abril/2022.

¹⁸⁰ GOVERNMENT OF IRAQ. Final Statement of the Baghdad Conference for Cooperation and Partnership. Disponível em: <<https://gds.gov.iq/final-statement-of-the-baghdad-conference-for-cooperation-and-partnership/>>. Acesso em: abril/2022.

¹⁸¹ Trecho original: *Prompted by tensions in the Gulf, in 2019 governments began to take an active interest in the need for, and possibility of, a [security] collective exercise. [...] Iran laid out ideas in its Hormuz Peace Endeavour, launched at the UN General Assembly in late September, and invited Arab Gulf states to join it in a collective exercise. Shortly thereafter, the Iraqi foreign minister proposed convening a regional security conference focused on Iraq, contacting his counterparts in Turkey, Iran, Saudi Arabia, Jordan and Kuwait to press the idea. Baghdad's leadership made sense, as Iraq is the seam of the Middle East, straddling the Sunni-Shiite divide and forming a bridge between Arabs and Persians. While the idea received EU backing, it was stillborn – at this writing, Baghdad was still awaiting Riyadh's response. Moreover, it was soon overtaken by mass protests in Iraq that paralyzed and eventually brought down a government that was dysfunctional even in more propitious times.*

¹⁸² Catar e Turquia tornaram-se mais próximos especialmente após o início da Guerra na Síria (2011). Até então, Ankara, que era igualmente próxima dos sauditas, afastou-se de Riad e acabou por escolher Doha como seu aliado regional principal (BASKAN, 2019).

sistêmicas ou regionais (WIEGAND, 2014; DALAY, 2016; THE ECONOMIST, 2021; YÜKSEL, TEKINES, 2021).

Ambos os países irritaram os déspotas do Oriente Médio uma década atrás ao apoiar os levantes da primavera árabe, que deram poder aos islâmicos em vários países. Quando a maré virou contra os islâmicos, muitos encontraram refúgio na Turquia e no Catar. O apoio do Catar a grupos islâmicos como a Irmandade Muçulmana e o Hamas foi uma das razões pelas quais Bahrein, Egito, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos romperam os laços com ele em 2017. [...] As circunstâncias que uniram a Turquia e o Catar não mudaram fundamentalmente, então é provável que eles fiquem próximos. A aliança “é uma das relações mais estáveis que Erdogan estabeleceu desde que chegou ao poder”, diz Galip Dalay, do *think-tank* Brookings Doha Centre (THE ECONOMIST, 2021, s/p – tradução nossa¹⁸³).

A tabela a seguir (06) sumariza dessa explicação, apresentando ao(à) leitor(a) uma visualização macro dos três eixos. Nela, há dois elementos em particular que exigem uma análise cuidadosa: o primeiro, de que a presença do grupo palestino Hamas tanto como participante tanto do Eixo de Resistência quanto do Islamita-Sunita que se dá muito mais por suas aproximações com outros atores não-estatais em cada grupo – sua aliança tradicional é com o grupo libanês Hezbollah, mas por um breve período de tempo, aproximou-se da Irmandade Muçulmana no Egito e ampliou suas associações regionais (KOSS, 2018); enquanto um segundo elemento diz respeito à atribuição do Curdistão iraquiano no Eixo de resistência, já que, apesar de também possui relações relativamente amigáveis com o governo turco no tocante à oposição aos curdos turcos, sua associação ainda é maior com os outros 3 países – especialmente porque também se opõe aos demais grupos curdos em seus territórios (CLINGENDAEL, 2022).

¹⁸³ Trecho original: *Both countries angered Middle Eastern despots a decade ago by backing the Arab-spring uprisings, which empowered Islamists in several countries. When the tide turned against the Islamists, many found refuge in Turkey and Qatar. Qatar’s support for Islamist groups such as the Muslim Brotherhood and Hamas was one reason why Bahrain, Egypt, Saudi Arabia and the United Arab Emirates severed ties with it in 2017. [...] The circumstances that brought Turkey and Qatar together have not fundamentally changed, so they are likely to stay close. The alliance “is one of the most stable relationships Erdogan has established since he came to power,” says Galip Dalay of the Brookings Doha Centre, a think-tank.*

Tabela 07 – Os três eixos do sistema atual do Oriente Médio (2020)

EIXO	Atores estatais (principais)	Atores não-estatais (principais¹⁸⁴)	Proximidade Extrarregional (principal)	Nível interno de Proximidade
EIXO PRÓ-STATUS QUO	ARÁBIA SAUDITA Egito Israel EAU Bahrein Kuwait	– *	EUA e Ocidente	ALTO: - Alianças longevas - Mesmo objetivo - Inimigo comum - Segurança coletiva e estratégias conjuntas
EIXO DE RESISTÊNCIA	IRÃ Iraque Síria	Fatah (Palestina) Hamas* (Palestina) Hezbollah (Líbano) Houthis/Movimento Ansar Allah (Síria) Curdistão iraquiano**	Rússia	MÉDIO-ALTO: - Alianças longevas - Mesmo objetivo - Inimigo comum - Estratégias conjuntas pontuais
EIXO ISLAMITA-SUNITA	TURQUIA Catar	Hamas*** (Palestina) Irmandade Muçulmana (Egito)	Turquia: Eurásia e, pontualmente, Rússia	MÉDIO: - Alianças recentes - Mesmo objetivo - Estratégias concomitantes (mas não conjuntas) semelhantes
<p>* O Eixo Pró-Ocidente não conta, atualmente, com grandes apoios ou aproximações a grupos não-estatais no Oriente Médio.</p> <p>** Nos últimos anos, a relação do governo do Curdistão iraquiano com o Irã ainda está em construção, e não é tão próxima quanto do próprio Iraque. Ademais, os múltiplos grupos curdos dentro dos territórios iraquiano, iraniano, sírio e turco, tem formações e ideologias distintas, por vezes se aproximando ou afastando dos 4 governos estatais (CLINGENDAEL, 2022).</p> <p>*** Durante a ascensão do grupo Irmandade Muçulmana no Egito, sob a figura do presidente Morsi, o partido palestino sunita Hamas viu ali um novo aliado poderoso e optou por distanciar-se do até então aliado libanês xiita Hezbollah. Contudo, após a queda do partido no Cairo, o grupo palestino voltou-se novamente ao seu longo relacionamento com o grupo representado por Teerã (KOSS, 2018).</p>				

Fonte: Elaboração própria, com base em FÜRTIG (2014), SOLER et al (2016), BILGIN (2018), JAROSLAW (2018), CHEREM (2019), BAZOUBANDI (2020), ICG (2020) e RAHMAN (2021).

¹⁸⁴ A decisão de manter curto o quadro de atores não-estatais (apesar de sua grande quantidade e presença pelo Oriente Médio) se dá pela dificuldade de informações claras e fontes confiáveis.

Em relação às aproximações dos grupos com EUA e Rússia, há dois elementos-chave para se considerar: algumas relações já vêm de longa data, com alianças bem estabelecidas e sem conflitos recentes (como é o caso dos EUA com o eixo saudita, ou da Rússia com o Irã); mas há casos em que os *players* regionais utilizam das sinalizações russa ou estadunidense estrategicamente para aumentar seu poder de barganha frente ao outro ator sistêmico – fora do Eixo de Resistência (como em casos com Egito e Turquia), geralmente na ordem Moscou-Washington (SLADDEN, 2018).

Os governos do Oriente Médio desconfiam das intenções russas, mas, apesar dessas preocupações, veem a Rússia como uma alternativa útil aos Estados Unidos, principalmente quando os líderes regionais não recebem os resultados desejados dos EUA. Embora não possamos avaliar as verdadeiras intenções de todos os líderes do Oriente Médio, [...] os governos do Oriente Médio usam acordos políticos e econômicos com a Rússia principalmente como meio de sinalizar aos Estados Unidos que eles têm outras opções [...]. Muitos líderes do Oriente Médio parecem estar conscientes da corda bamba que andam com os Estados Unidos. Eles procuram maximizar seus benefícios com a mais ampla gama de opções em qualquer questão, mas não querem comprometer seu relacionamento com os EUA por causa de um acordo com a Rússia. A Rússia provavelmente está bem ciente desse equilíbrio. Embora não esteja necessariamente tentando usurpar os Estados Unidos na região, Moscou procura minar o poder e a influência dos EUA. No entanto, enquadrar a discussão em termos da Guerra Fria das esferas de influência dos EUA e da Rússia ignora a escolha e o poder dos estados do Oriente Médio. Os estados do Oriente Médio não são simplesmente aliados ou clientes da Rússia, mas sim entidades poderosas por direito próprio, maximizando as opções e os benefícios disponíveis para eles (SLADDEN et al, 2018, pp. 6-7 – tradução nossa¹⁸⁵).

Para além da dimensão político-securitária, de presença em conflitos nacionais (guerras civis síria e líbia) e regionais (GFR Irã-Arábia Saudita), os acordos com Moscou giram em torno de dois bens econômicos principais: armamentos militares e energia (NETO, 2019; RUMER, 2019).

¹⁸⁵ Trecho original: *Middle Eastern governments are wary of Russian intentions, but despite these concerns, they view Russia as a useful alternative to the United States, particularly when regional leaders fail to receive desired outcomes from the United States. While we cannot assess the true intentions of every Middle Eastern leader, [...] Middle Eastern governments use political and economic deals with Russia primarily as means of signaling to the United States that they have other options [...]. Many Middle Eastern leaders appear to be conscious of the tightrope they walk with the United States. They seek to maximize their benefits with the widest range of options on any given issue, but do not want to jeopardize their relationship with the United States for the sake of a deal with Russia. Russia is probably well aware of this balance. While it is not necessarily attempting to usurp the United States in the region, Moscow does seek to undermine U.S. power and influence. However, framing discussion in Cold War terms of U.S. and Russian spheres of influence ignores the choice and power of Middle Eastern states. Middle Eastern states are not simply allies or clients of Russia, but rather powerful entities in their own right, maximizing the options and benefits open to them.*

Retomando o tema dos elementos que configuram (e configuraram) a divisão das ordens multipolares no Oriente Médio com o tempo, há diversas clivagens possíveis – e que, portanto, seguem para além apenas da questão do *status quo* (MALMVIG et al in: SOLER et al, 2016). Na ordem tripartite atual, o elemento que transitou como construção de ameaça comum no século XXI (da primeira para a segunda década) foi essencialmente a conformação do “inimigo do Oriente Médio/mundo árabe” como sendo Israel ou Irã. Durante as primeiras décadas de existência de Tel-Aviv, a presença israelense foi tida como uma grande ameaça, mas – conforme já demonstrado no cap. II – as aproximações diplomáticas (Egito e Jordânia) e os Acordos de Abraão (EAU, Bahrein, Marrocos e Sudão), somados ao medo da ascensão de Teerã e do programa nuclear iraniano (especialmente após a aproximação ocidental no JCPOA), foram deslocando a balança para o cenário que se vê hoje.

A região também contém agendas inter-árabes e inter-islâmicas fortes e distintas. As rivalidades inter-árabes dizem respeito à competição pela liderança do mundo árabe e interpretações do arabismo, bem como tipos mais tradicionais de rivalidade por território, água e ideologia, sem mencionar interesses de clãs e questões de sucessão real. Os islâmicos costumam ser a oposição doméstica nos estados árabes, e os estados islâmicos (Irã) são facilmente vistos como uma ameaça por muitos de seus vizinhos (BUZAN; WEAVER, 2003, pg. 190 – tradução nossa¹⁸⁶).

A transferência de ameaça para Teerã levou algumas décadas e até hoje ainda não é consenso dentro do mundo árabe – a exemplo das aproximações que tem especialmente com os governos xiitas do Iraque e da Síria. No início da década (2010), a publicação “*The Iraqi Effect*” levantou o seguinte quadro quanto às percepções árabes a Teerã:

A “ascensão” percebida do Irã não produziu um consenso de oposição dos regimes árabes sunitas; as respostas dos Estados árabes ao Irã misturaram engajamento, restrição e equilíbrio. Os regimes e públicos árabes responderam à ascensão do Irã de maneiras diversas e muitas vezes contraditórias. O mundo árabe tem duas imagens do Irã. O “mau” Irã reflete a influência do Irã no Iraque e seu desafio aos regimes árabes e à identidade árabe sunita, enquanto o “bom” Irã desafia o Ocidente, se opõe a Israel e critica regimes árabes corruptos (embora sua capacidade de fazê-lo seja severamente limitada pela percepção de que seu próprio governo não é considerado legítimo após a disputada eleição presidencial de 2009) (WEHREY et al, 2010, pg. xiii – tradução nossa¹⁸⁷).

¹⁸⁶ Trecho original: *The region thus also contains strong and distinct inter-Arab and inter-Islamic agendas. Inter-Arab rivalries concern competition for leadership of the Arab world and interpretations of Arabism, as well as more traditional types of rivalry over territory, water, and ideology, not to mention clan interests and issues of royal succession. Islamists are often the domestic opposition in Arab states, and Islamic states (Iran) are easily seen as a threat by many of their neighbors.*

¹⁸⁷ Trecho original: *The perceived “rise” of Iran has not produced a consensus of opposition from Sunni Arab regimes; Arab states’ responses to Iran have blended engagement, hedging, and balancing. Arab regimes and publics have responded to the rise of Iran in diverse and often contradictory ways. The Arab world holds two*

Atualmente, o cenário se intensificou um pouco mais – sobretudo por conta da atenção internacional em cima do JCPOA e da respectiva retirada do presidente Trump em 2018) – e o Irã carrega consigo uma percepção negativa por parte dos vizinhos (TABATABAI et al, 2021) de forma inversamente proporcional às aproximações dos mesmos com Tel-Aviv (que, paulatinamente, deixam de lado a questão palestina e o processo de paz) (REHMAN, 2020). Assim, a tabela a seguir sintetiza os principais elementos de construção de ameaça que tocam cada um dos três eixos, assim como as justificativas encontradas na literatura de apoio.

Tabela 08 – Principais preocupações securitárias de cada eixo (2020)

EIXO	PRINCIPAL AMEAÇA SECURITÁRIA	JUSTIFICATIVA
Eixo pró-Status Quo	A ascensão iraniana	O poder de influência, tanto política, quanto para patrocinar capacidades materiais de grupos não-estatais contrários à configuração atual do <i>status-quo</i> regional (dentro do qual este eixo possui forças mais dominantes) (TABATAI et al, 2021).
Eixo de Resistência	As ascensões israelense e saudita	O poder e as capacidades materiais israelenses, e o relacionamento de seu eixo com o hegemom estadunidense (desde 1979, principal inimigo iraniano) – o que expande ainda mais as possibilidades militares citadas (JAROSLAW, 2018). Em relação ao Estado saudita, o imbróglio se dá de forma muito mais profunda, uma vez que trava com ele uma Guerra Fria Regional com múltiplos elementos de disputa (CHEREM, 2019).
Eixo Islamita Sunita	A ascensão israelense	Assim como o Eixo de Resistência, Turquia e Catar temem o crescimento da potência israelense – especialmente após os Acordos de Abraão e a aproximação com os demais membros do GCC (ECFR, 2021).

Fonte: Elaboração própria, com base em JAROSLAW (2018), CHEREM (2019), ECFR (2021) e TABATABAI et al (2021).

images of Iran. The “bad” Iran reflects Iran’s influence in Iraq and its challenge to Arab regimes and Arab Sunni identity, while the “good” Iran defies the West, opposes Israel, and criticizes corrupt Arab regimes (although its ability to do so will be severely limited by the perception that its own government is not considered legitimate in the wake of the contested 2009 presidential election).

Tendo em vista o somatório desses elementos (ameaças, relações e polaridades) e a conformação do cenário securitário regional atual do Oriente Médio, a conexão com a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança se torna intuitiva. As variações nas lentes que focalizam as principais problemáticas securitárias na região, contudo, indicam a necessidade de uma revisão no Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (CRSOM) proposto por Buzan e Weaver há mais de 30 anos (JEROSLAW, 2018; KOCH, 2019).

4.2.A TEORIA DOS (SUB-)COMPLEXOS REGIONAIS DE SEGURANÇA APLICADA AO ORIENTE MÉDIO

Ainda que o sistema regional do Oriente Médio seja, assim como qualquer outro, anárquico e volátil – uma vez que os direcionamentos e predileções de cada ator (seja ele estatal ou não) podem se alterar a cada novo governo nacional ou vizinho, a cada grande ação de seus aliados ou inimigos, surgimento ou desaparecimento de grupos insurgentes, entre outros –, a cooperação dos Estados se dá na mesma forma que se daria na dimensão sistêmica, via formação de alianças e coalizões, criação de mecanismos de resolução de disputas, estabelecimento (ou distensionamento) de medidas de confiança, assinatura de tratados para o controle de armamentos e para o desarmamento, etc. (BUZAN, 1991). “Uma vez que Estados são essencialmente construções políticas, o sistema político internacional [e, neste caso, regional] é a parte mais importante do ambiente dos Estados” (BUZAN, 1991, pg. 147 – tradução nossa¹⁸⁸).

Para além da distribuição de poder, três elementos dicotômicos-chave compõem a base dos CRS: polaridade (anarquia vs. integração), relações entre unidades (amizade vs. inimizade) e em relação aos processos de construção de ameaças (securitização vs. dessecuritização). Assim, de forma simplificada, pode-se indicar o contexto regional do Oriente Médio (sobre a qual se monta o CRSOM) como multipolar, com intrincadas relações entre os atores intra, entre e extra-eixos e com duas ameaças principais aos vizinhos – Irã e Israel (ver Tabela 06).

A segurança da região também é caracterizada por muito mais, do que na maioria das outras regiões, dinâmica e variabilidade das principais questões de conflito. Isso pode ser claramente percebido quando se olha para as principais fontes de instabilidade na

¹⁸⁸ Trecho original: *Because states are essentially political constructs, the international political system is the most important part of the environment of states.*

região e os motivos dos conflitos nos Estados do Oriente Médio na última década (JARZABEK, 2018, pg. 155 – tradução livre¹⁸⁹).

Em relação à dimensão de relacionamentos entre Estados para se identificar cada CRS, Buzan indica que ela envolve compreender as forças relativas de interdependência securitária entre diferentes países, de muito fortes a relativamente fracas, ou de positivas (apoio mútuo) a negativas (rivalidade visível); o que, por fim, nos leva a uma rede geral intrincada de interdependência securitária (tradução livre para “*overall seamless web of security interdependence*”), com os mais variados níveis de intensidade nas linhas de amizade e inimizade, enquanto os limites se dão entre fronteiras com relativa indiferença (BUZAN, 1991).

Ademais, da mesma forma como o “Oriente Médio” pode ser compreendido enquanto região ou conceito geopolítico de múltiplas formas (Grande Oriente Médio¹⁹⁰, Oriente Médio Central¹⁹¹, MENA¹⁹², etc.), há múltiplas formas de se compreender esse espaço enquanto CRS e seus respectivos subcomplexos. O mapa a seguir (Fig. 14) abarca as definições de Buzan e Waever (2003), no período temporal entre 1970 e 1990 – delineadas especialmente em torno do conflito Árabe-Israelense e antes das invasões estadunidenses ao Iraque e ao Afeganistão, da Guerra Fria Irã-Arábia Saudita e dos prolongados conflitos civis pós-Primavera Árabe.

O conflito árabe-palestino focou, ampliou e, de certa forma, definiu as qualidades transnacionais do nacionalismo árabe que deram ao Oriente Médio como um todo sua coerência geral como um RSC (BUZAN; WEAVER, 2003, pg. 191 – tradução nossa¹⁹³).

¹⁸⁹ Trecho original: *The security of the region is also characterized by much greater, than in most other regions, dynamics and variability of the main issues of conflict. As it is clearly seen when one looks at the main sources of instability in the region and reasons for conflicts in the Middle Eastern states during the last decade.*

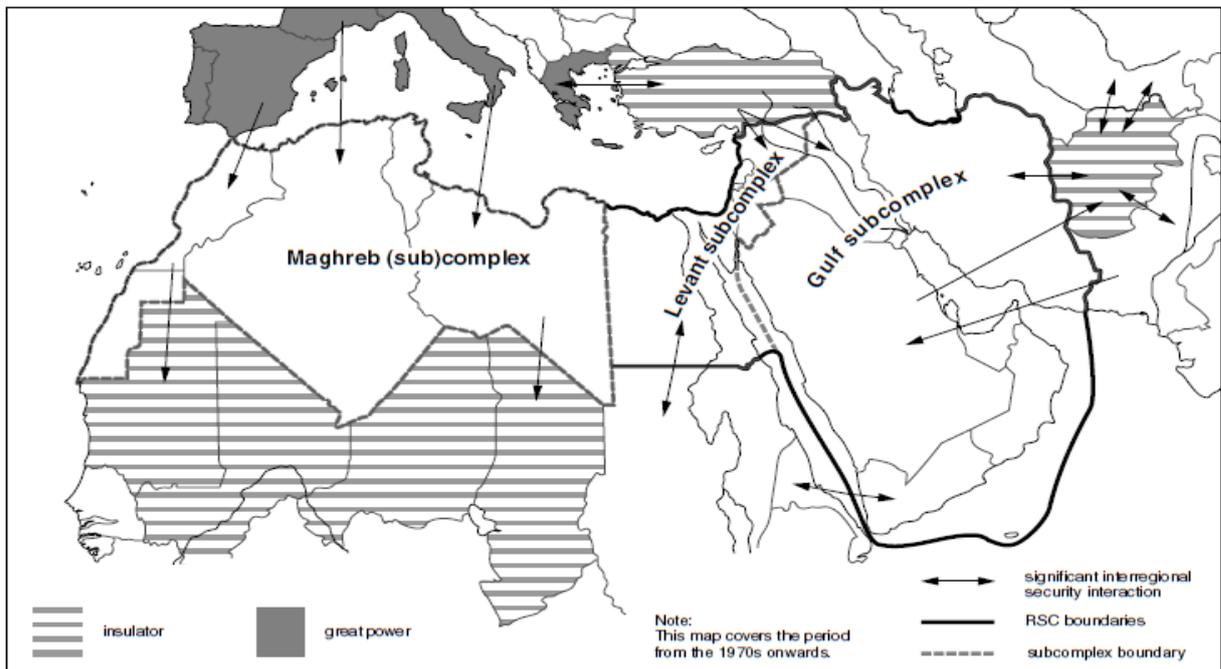
¹⁹⁰ Segundo o autor Mehdi Parvizi Amineh (2007), o termo “*the Greater Middle East*” abrange a maior conexão geopolítica, sociocultural e identitária possível entre Península Arábica, Crescente Fértil, o arco montanhoso ao norte do Crescente Fértil (Azerbaijão, Irã e Turquia), Norte da África, Eurásia Central, Afeganistão e Paquistão.

¹⁹¹ Costumeiramente apenas a Península Arábica, Crescente Fértil e Irã.

¹⁹² Termo mais utilizado pelos principais organismos internacionais (ONU e Banco Mundial), indicando Norte da África e Oriente Médio (Central) (MENA), esta versão costumeiramente não abrange Irã, nem Turquia.

¹⁹³ Trecho original: *The Arab-Palestinian conflict focused, amplified, and in some ways defined the transnational qualities of Arab nationalism that gave the Middle East as a whole its overall coherence as an RSC.*

Figura 14 – O Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (1970-90)



Fonte: BUZAN; WAEVER, 2003.

Nessa conformação, o Oriente Médio é compreendido como MENA (excluindo, portanto, atores estatais importantes como Turquia e Afeganistão – ali indicados apenas como Estados Insuladores), com 3 divisões de subcomplexos: do Maghreb (composto por Marrocos e Saara Ocidental, Argélia, Tunísia e Líbia), do Levante – indicado pelos autores como principal, uma vez que abarca a principal problemática securitária à época – (com Egito, Israel e territórios palestinos ocupados, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque) e do Golfo (somando Irã a todos os Estados da península arábica: Arábia Saudita, Kuwait, Bahrein, Omã, Iêmen, Catar e EAU). Mas além da disposição espacial e geográfica, há outros elementos que também reúnem os atores dentro de cada subcomplexo:

Sem vínculos culturais em comum, é bastante improvável que as preocupações de segurança nacional de um conjunto de pequenas e médias potências com membros tão distantes geograficamente quanto Marrocos e Omã jamais tivessem se unido em um único padrão de interdependência de segurança. Foram os símbolos compartilhados do arabismo e do islamismo, e seu foco no conflito com Israel, que permitiram que a dinâmica de segurança do Oriente Médio se conectasse através de distâncias tão grandes. Em vez disso, a distância teria ditado dois ou possivelmente três CRS menores formados ao redor do Golfo, do Magrebe e do Levante (BUZAN; WEAVER, 2003, pg. 191 – tradução nossa¹⁹⁴).

¹⁹⁴ Trecho original: *Without common cultural bonds, it is quite unlikely that the national security concerns of a collection of small and medium-sized powers with members as geographically far apart as Morocco and Oman*

As explicações para tal divisão em 3 subgrupos de Buzan e Weaver se deram da seguinte maneira:

- I. Compreendido como o grupo mais fraco tanto em termos de vínculos internos de aproximação entre os Estados, quanto de influência externa sobre os demais subcomplexos, a principal questão do Maghreb foi a anexação marroquina do Saara Ocidental;
- II. Em se tratando do Levante, o principal foco securitário do subcomplexo se deu ao redor do conflito árabe-israelense e da aproximação panárabe – mesmo décadas depois de tal pretensão já ter sido resfriada, já que foi elemento estruturante na formação moderna dos países do grupo –, considerando as seis guerras (1948-49, 1956, 1967, 1969, 1973 e 1982) e os constantes conflitos menores nos quais o grupo se envolveu o estabelecimento de Israel; além de elementos como a escassez hídrica, que trazem mais argumentos à explicação, como a confluência dos atores – geofísica e securitariamente estratégica – no Rio Jordão (COSTA; SANTOS, 2013).
- III. Já em relação ao Golfo, a saída do Reino Unido da área em 1971 deixou um certo vácuo de poder na região que foi substituído por uma rivalidade triangular entre Irã, Iraque e o Golfo Árabe (liderado pela Arábia Saudita); ademais, a união de quase todos os países (com exceção do Iêmen: Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos e Oman) desde 1981 no Conselho de Cooperação do Golfo, permitiu a institucionalização de suas parcerias estratégicas como em nenhum outro subgrupo de países Oriente Médio – apesar do enfraquecimento durante a Guerra Irã-Iraque (1980-88) (VURAL, 2010).

Desde então, essas divisões já foram revisitadas por uma série de autores em diferentes esferas (LIMA, 2016; SEEBERG, 2016, SANTINI, 2017; JARZABEK, 2018; KOCH, 2019; SHAYAN, 2019), especialmente por conta das variações sentidas nas relações políticas e

would ever have cohered into a single pattern of security interdependence. It was the shared symbols of Arabism and Islam, and their focus on the conflict with Israel, that enabled the security dynamics of the Middle East to link up across such large distances. Without them, there would almost certainly have been no single Middle Eastern RSC. Instead, distance would have dictated two or possibly three smaller RSCs formed around the Gulf, the Maghreb, and the Levant.

securitárias na região após os abalos da Primavera Árabe em 2011, que impossibilitam a manutenção de configuração original proposta por Buzan e Weaver em 2003. O movimento alterou o padrão das interações (regionais e extrarregionais) do Oriente Médio de forma estrutural, com a ascensão de três elementos em especial: I. Um paulatino e contínuo abafamento da questão palestina, com o desenvolvimento das relações do Eixo Pró-*Status Quo* com Tel-Aviv e dos Acordos de Abraão (2020); II. O deslocamento sistêmico-regional na balança de poder pós-2011, onde as relações e as prioridades político-securitárias entre os atores regionais passaram a ser priorizadas em detrimento das extrarregionais (BECK; RICHTER, 2020); III. A amplificação da já existente Guerra Fria Regional entre Irã e Arábia Saudita no caótico cenário de vácuo de poder, um espaço com múltiplos palcos e *proxies* dentro de conflitos nacionais – registrando um aumento na militarização e uma manutenção da instabilidade regionais como um todo (CHEREM, 2019).

O ambiente regional estratégico do Oriente Médio está passando por uma transição generalizada com o resultado final ainda desconhecido. Potências externas tradicionais como os Estados Unidos ou potências regionais como o Egito estão ajustando seus papéis e mudando seu foco. Atores não estatais proliferaram forçando os estados estabelecidos a forjar novas respostas políticas. Além disso, novas questões surgiram ou assumiram uma urgência renovada, como a necessidade de diversificação econômica e a crescente preocupação com ameaças à segurança cibernética, para citar apenas algumas, que estão ampliando a agenda geral de segurança dos estados da região (KOCH, 2019, pg. 04 – tradução nossa¹⁹⁵).

Além de um quarto ponto adicional sobre o considerável aumento das relações entre atores Estatais e não-estatais (especialmente os NSAA – *Non-State Armed Actors*) (SEEBERG, 2016; YESILTAS, KARDAS, 2018; SALEM, 2022) – complexo de ser medido em termos objetivos, mas inegável após breves análises históricas. O fato é que o Oriente Médio presencia hoje a presença e efetiva participação de um número de atores não-estatais jamais antes visto¹⁹⁶.

Nesta realidade conturbada [pós-Primavera Árabe], vários atores não estatais importantes estão desempenhando um papel cada vez mais significativo. Organizações como Hamas, Hezbollah, IS, Jabhat al-Nusra (de julho de 2016 Jabhat

¹⁹⁵ Trecho original: *The Middle Eastern strategic regional environment is undergoing a widespread transition with the ultimate outcome still unknown. Traditional external powers such as the United States or regional powers such as Egypt are adjusting their roles and changing their focus. Non-state actors have proliferated forcing established states into forging new policy responses. Moreover, new issues have emerged or taken on renewed urgency, such as the need for economic diversification and the rising concern over cyber security threats to name just a few, that are broadening the overall security agenda of the states in the region.*

¹⁹⁶ Apesar de vários terem surgido ainda no final do século XX (Hezbollah, 1982; Hamas, 1987; Houthis/Movimento Ansar Allah, 1992; ISIS, 1999), sua visibilidade e poder de penetração interestatal foram consideravelmente aumentadas com os movimentos do século XXI – especialmente a Primavera Árabe.

Fatah al-Sham), PKK e PYD são exemplos de entidades políticas fortes e bem organizadas que estão participando da política em curso e, em alguns casos, desenvolvimentos militares e confrontos. As organizações têm objetivos diferentes e às vezes pode não ser a ambição de capturar o Estado como tal, mas de participar da contestação por influência dentro de determinadas fronteiras nacionais. Às vezes as organizações têm uma perspectiva parcialmente transnacional, como obviamente é o caso do EI e do Hezbollah, como mostra Aran (2012). Em outros casos, são especificamente locais e/ou nacionais, como no caso de partidos políticos religiosos ou organizações como, por exemplo, o movimento al-Asîr e o Movimento anti-sectário no Líbano, conforme analisado por Meier (2015). Alguns atores não estatais fazem parte de alianças políticas e/ou militares, como por exemplo o Hezbollah [...] (SEEBERG, 2016, pg. 05 – tradução nossa¹⁹⁷).

Frequentemente, atores não-estatais se utilizam do vácuo de poder causado por um conflito (geralmente nacional), resultando em um pluralismo legal que abrange mais atores e representações não necessariamente alinhadas ao *status quo* vigente (KEAR, 2018; SALEM, 2022), o que pode conseqüentemente acarretar em uma mudança no poder estrutural de instituições tradicionais, na relação de controle Estado-sociedade, além de interações sociais e mobilização política como um todo (SALEM, 2017). E é exatamente o medo dessa potencial “desordem” de poder, que leva os atores não-estatais a serem vistos de formas tão negativas por aqueles defensores do (e beneficiados pelo) *status quo* – principal razão pela qual, na Ordem Regional Tripartite, o eixo saudita não possui alianças consideráveis com nenhum NSAA.

[...] os NSAAs permeiam o cenário global em quase todos os níveis. Primeiro, eles permeiam o nível intra-estatal ao desafiar a capacidade/segurança/legitimidade do Estado-nação, levando a estruturas estatais em colapso, fracas ou autoritárias. Em segundo lugar, eles trabalham para desembaraçar os complexos regionais de segurança, levando à mudança no equilíbrio de poder regional. [...] NSAAs são identificados como protagonistas centrais da instabilidade do regime, desordem política, conflito violento dando lugar à grave insegurança e violência. Isso é particularmente verdade na política do Oriente Médio após a era pós-primavera árabe (YESILTAS; KARDAS, 2018, pg. 04 – tradução nossa¹⁹⁸).

¹⁹⁷ Trecho original: *In this troubled reality, a number of important non-state actors are playing an increasingly significant role. Organizations like Hamas, Hezbollah, IS, Jabhat al-Nusra (from July 2016 Jabhat Fatah al-Sham), PKK, and PYD are all examples of strong and well-organized political entities that are taking part in the ongoing political and, in some cases, military developments and confrontations. The organizations have different goals and sometimes it may not be the ambition to capture the state as such, but to take part in the contestation for influence within given national borders. Sometimes the organizations have a partly transnational perspective, as it obviously is the case with the IS and the Hezbollah, as shown by Aran (2012). In other cases, they are specifically local and/or national, as in the case of religious political parties or organizations like, for instance, the al-Asîr movement and the Anti-Sectarian Movement in Lebanon, as analyzed by Meier (2015). Some non-state actors are part of political and/or military alliances, as for instance Hezbollah [...].*

¹⁹⁸ Trecho original: *[...] the NSAAs pervade the global landscape at almost all levels. First, they permeate into intrastate level by challenging the nation-state capacity/security/legitimacy, leading to collapsed, weak, or authoritarian state structures. Second, they work to disentangle regional security complexes, leading to the change in regional balance of power. [...] NSAAs are identified as the central protagonists of regime instability,*

Outra justificativa para a consideração desses grupos como ameaças securitárias por alguns atores é que, diferentemente dos atores estatais, os NSAA são muito mais difíceis de serem combatidos ou eliminados justamente por se tratarem de ameaças desterritorializadas – em outras palavras, as alianças e aproximações que fazem com governos de diversos países e as novas células que surgem dessas relações, mesmo que por vezes assimétricas, dificultam a execução de estratégias destrutivas efetivas por parte de seus inimigos.

Alguns atores não-estatais, contudo, carregam papéis que podem ser melhor explicados no agrupamento de atores da Ordem Tripartite, a exemplo do Hezbollah¹⁹⁹ – que apesar de ter sua maior influência dentro do Líbano (parte do subcomplexo do Levante), tem vínculos extremamente próximos com o Irã (membro do subcomplexo do Golfo) – ou dos diversos grupos dentro dos territórios palestinos (OLP, Hamas, Fattah) – cujas alianças e aproximações estratégicas se dão com diferentes atores Estatais.

A República Islâmica do Irã segue uma política externa e de segurança ambiciosa, por meio do Hezbollah com foco no subcomplexo de segurança do Mashreq [Levante] e em uma intensa competição com a Arábia Saudita (e até certo ponto o Iraque) influenciando o subcomplexo do Golfo. No primeiro contexto, o Irã tentou utilizar suas conexões estreitas com o Hezbollah para contestar o domínio israelense e, novamente principalmente por meio do Hezbollah, para participar da guerra civil na Síria. A aliança tradicional com a Síria é assim mantida, mas também ganha novas dimensões através dos confrontos com os “novos inimigos”, o muçulmano sunita Estado Islâmico (SEEBERG, 2016, pg. 03 – tradução nossa²⁰⁰).

De modo geral, o Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (CRSOM) é caracterizado por uma “alta dinâmica de conflitos locais” (JARZABEK, 2018, pg. 160 – tradução nossa²⁰¹) que mantem a multipolaridade regional – ainda mais quando adensada pela alta quantidade de atores não-estatais envolvidos. O resultado é a complexificação na delimitação exata e dificuldade na atualização do complexo com o passar do tempo; aqueles

political disorder, violent conflict giving way to the severe insecurity and violence. This is particularly so in the Middle East politics following the post-Arab spring era.

¹⁹⁹ Grupo islâmico xiita nascido durante a Guerra Civil Libanesa, em 1982, e aliado estrutural do governo iraniano pós-Revolução Iraniana de 1979. No Líbano, opera também como partido político com participação democrática dos processos.

²⁰⁰ Trecho original: *The Islamic Republic of Iran pursues an ambitious foreign and security policy, via the Hezbollah focusing on the Mashreq security subcomplex and in an intense competition with Saudi Arabia (and to some degree Iraq) influencing the Gulf subcomplex (Maloney, 2015). In the former context, Iran has attempted to utilize its close connections to the Hezbollah to contest Israeli dominance and, again primarily via the Hezbollah, to participate in the civil war in Syria. The traditional alliance with Syria is thereby maintained, but also given new dimensions via the confrontations with the “new enemies,” Sunni Muslim IS.*

²⁰¹ Trecho original: [...] *high dynamics of local conflicts.*

Estados insuladores propostos por Buzan e Weaver (Turquia e Afeganistão, em particular) ainda o são? Ou já se tornaram parte integrante de algum dos três subgrupos? Estaria Israel agora mais perto, tanto em termos securitários quanto econômicos, dos Estados do golfo? Como se daria a formulação de estratégias de segurança e defesa em um cenário contemporâneo onde as alianças dos subcomplexos do CRSOM surpassam as fronteiras contíguas? De modo geral, já desde 2001/2003, já se podia perceber na região uma alteração nos padrões regionais e de segurança:

Desde 2003, a base para amizade e inimizade nas relações ainda prevalecem, mas a transformação dos estados em nível doméstico durante o período árabe, junto com a queda do regime de Saddam Hussein, implica mudanças na polaridade. O resultado é uma possível divisão do Complexo MERSC [*Middle East Regional Security Complex*] em CRSs menores (FAHLANDER, 2011, *abstract* – tradução livre²⁰²).

Além desses questionamentos, há ainda uma infinidade de elementos que indicam a necessidade dessa revisão do CRSOM. A exemplo, JARZABEK (2018) indica ainda uma nova tensão religiosa em duas dimensões: a ascensão da popularidade de ideologias fundamentalistas islâmicas e a hostilidade saudita-xiita, como elementos que alteraram a situação – ainda que não sejam novidade em si, há muitas décadas não eram questão principal no OM: “Nos últimos anos, o conflito sunita-xiita tem mostrado sua face mais sangrenta no Iraque, Síria e Iêmen” (JARZABEK, 2018, pp. 165-166 – tradução nossa²⁰³).

HOLMQUIST; RYDQVIST (2018) e KOCH; STIVACHTIS (2018) também apontam para a relevância dos elementos climático e alimentar dentro da esfera securitária deslocada na região, uma vez que é relativamente comum o aumento de tensões em um conflito por insegurança hídrica, por exemplo:

[...] as mudanças climáticas, a crescente escassez de água doce e o declínio da produção de alimentos são importantes para a segurança interna e externa dos estados do Oriente Médio e Norte da África. [...] O fracasso do governo sírio em ajudar comunidades e indivíduos cujos meios de subsistência foram destruídos pela seca extrema foi um fator chave para motivar muitos desses indivíduos a se juntarem e apoiarem o movimento de resistência popular contra o regime de Bashar al-Assad em 2011 (HOLMQUIST; RYDQVIST, 2018, pg. 56 – tradução nossa²⁰⁴).

²⁰² Trecho original: *Since 2003, the basis for amity and enmity in relations still prevail, but states transforming at the domestic level during the Arab together with the fall of Saddam Hussein's regime, implicates changes in polarity. The outcome is a possible breakup of the MERSC Complex into smaller RSCs.*

²⁰³ Trecho original: *In the recent years Sunni-Shiite conflict shows its most bloody face in Iraq, Syria and Yemen.*

²⁰⁴ Trecho original: *[...] climate change, growing freshwater scarcity, and declining food production hold for the domestic and external security of Middle Eastern and North African states. [...] The failure of the Syrian government to assist communities and individuals whose livelihoods had been destroyed by the extreme drought*

Já KOCH (2018) e QUILLIAMM (in: BAZOOBANDI, 2020) ressaltam a influência das potências internacionais, sugerindo que a variação dos papéis russo (antes menos presente e agora mais) e estadunidense (o oposto), tanto nos conflitos nacionais locais quanto nos regionais, tende a alterar as relações na balança de poder e as estratégias intra, entre e extragrupos no CRSOM, além da segurança regional como um todo.

Uma reorientação está ocorrendo em direção a outras áreas de engajamento, o que indica que o Oriente Médio está perdendo lentamente a classificação vital de segurança nacional que uma vez manteve dentro do pensamento estratégico dos EUA. [...] As revoltas árabes forçaram o governo Obama a enfrentar um dilema político familiar dos EUA, mas de magnitude, escopo e complexidade sem precedentes: determinar se e como, em cada caso, apoiar as aspirações populares árabes e, ao mesmo tempo, proteger os interesses estratégicos dos EUA. [...] Outra consequência direta da reorientação da política americana foi o ressurgimento da Rússia como um jogador de poder no tabuleiro de xadrez do Oriente Médio, primeiro na Síria, mas depois também em outros teatros. [...] Embora os EUA tenham continuado a afirmar-se como interveniente no terreno, fã-lo quase exclusivamente sob a premissa de combater o Estado Islâmico (DAESH) e não em termos de orientar os desenvolvimentos regionais para a emergência de uma nova segurança regional mecanismo (KOCH, 2018, pp. 11-14 – tradução nossa²⁰⁵).

Assim, com base nessa multiplicidade de alterações visíveis, quer seja no deslocamento das prioridades em si, ou simplesmente na sua intensidade e inconstância das dinâmicas, é possível imputar que o CRSOM tem hoje muito mais elementos e subdivisões do que aquele delineado por Buzan e Weaver em 2003. Em especial, resume-se em duas as indicações para tal: a atual multipolaridade na balança de poder da região (BECK; RICHTER, 2020) e a multiplicidade de novos elementos prioritários para além do conflito Árabe-Israelense.

was a key factor in motivating many of these individuals to join and support the popular resistance movement against the Bashar al-Assad regime in 2011.

²⁰⁵ Trecho original: *A reorientation is taking place toward other areas of engagement which indicates that the Middle East is slowly losing the vital national security classification that it once held within US strategic thinking. [...] The Arab Uprisings forced the Obama administration to confront a familiar US policy dilemma but one of unprecedented magnitude, scope and complexity: determining whether and how, in each case, to support Arab popular aspirations while at the same time protecting America's strategic interests. [...] Another direct consequence of the American policy reorientation has been the re-emergence of Russia as a power player on the Middle East chessboard, first in Syria but later also across other theaters. [...] While the US did continue to assert itself as a player on the ground, it did so almost exclusively under the premise of fighting the Islamic State (Daesh) and not in terms of guiding regional developments towards the emergence of a new regional security mechanism.*

4.3.O SOMATÓRIO DAS DUAS VISÕES E A BALANÇA DE PODER REGIONAL RESULTANTE

Partindo do princípio de que atores políticos formam grupos e alianças analisando o custo/benefício daquela relação (onde os custos para se associar e comprometer àquele grupo, mesmo que sem consensos constantes e/ou vitórias individuais, superam a insegurança de um possível insulamento), “as alianças políticas podem servir para reduzir a incerteza, facilitar a troca de informações e simplificar as negociações, confiando números e percepções em campos bem definidos” (KEAR, 2018, pg. 241 – tradução nossa²⁰⁶).

Ao focalizar as lentes para o contexto médio-oriental contemporâneo e sua balança de poder atual, há duas análises possíveis: a primeira de que a região passa hoje por um de seus períodos mais instáveis a níveis nacionais (pelo menos 3 guerras civis – Síria, Iêmen e Iraque; e mais uma série de conflitos internos simultâneos e semelhantes – a exemplos da crise político-econômica libanesa, da crise democrática no Egito, ou da perene questão palestina); mas este trabalho sugere que, concomitante a isso, o Oriente Médio também nunca foi tão estável em suas relações (em termos de acordos, formulação de estratégias conjuntas e aproximações intra-eixos).

O paradoxo da cooperação regional no Oriente Médio e Norte da África é que é uma das regiões menos integradas do mundo, apesar da existência de inúmeros desafios compartilhados – e até mesmo interesses comuns. Em nenhuma área de potencial colaboração esse paradoxo é mais evidente do que na dimensão da segurança interna. [...] Este setor de segurança é muitas vezes descrito como um sistema, em que cada uma das funções componentes está intimamente interligada. [...] Não é de surpreender que a cooperação regional na dimensão de segurança interna fique atrás da cooperação em outros âmbitos. No entanto, existem benefícios reais que podem ser derivados da cooperação bilateral e até multilateral entre as entidades de aplicação da lei no setor de segurança interna em toda a região do MENA (HANLON in: HARRISON; SALEM, 2017, pp. 177-178 – tradução nossa²⁰⁷).

²⁰⁶ Trecho original: *Political alliances can serve to reduce uncertainty, facilitate the exchange of information, and simplify negotiations by conflating numbers and perceptions into clear-cut camps.*

²⁰⁷ Trecho original: *The paradox of regional cooperation in the Middle East and North Africa is that it is one of the least integrated regions in the world, despite the existence of numerous shared challenges – and even common interests. In no area of potential collaboration is that paradox more evident than in the internal security dimension. [...] This security sector is often described as a system, in that each of the component functions are closely interconnected. [...] It is not surprising that regional cooperation in the internal security dimension lags behind cooperation in other realms. Nonetheless, there are real benefits that can be derived from bilateral and even multilateral cooperation among law enforcement entities within the internal security sector across the MENA region.*

A primeira indicação é amplamente apoiada pela bibliografia mais *mainstream* (STIVACHTIS in: KOCH, STIVACHTIS, 2018; INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2018; KOCH, 2019; BECK, RICHTER, 2020; ULRICHSEN, 2020) e traz a preocupação sobre a emergência de zonas de guerra duradouras, com futuros ainda muito distantes e incertos. Segundo essa linha de pensamento, o Oriente Médio atual é definido como palco de múltiplos conflitos paralelos (ainda que quase todos nacionais – com exceção para a Guerra Fria Regional Irã-Arábia Saudita, o conflito Israel-Palestina e os impasses curdos nos 4 países em que se encontram hoje) acima de outras caracterizações.

O Oriente Médio está, [ainda que de forma debatível], em uma condição mais perigosa do que jamais esteve em sua história moderna. Um único incidente poderia desencadear uma escalada, que – descontrolada – poderia desencadear uma reação em cadeia de confrontos violentos, envolvendo poderes locais, regionais e extrarregionais. Mecanismos estabelecidos para trazer conflitos individuais, como as guerras na Síria e no Iêmen, para uma resolução pacífica estão fazendo, ao máximo, progressos brandos (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2018; pg. i – tradução nossa²⁰⁸).

Já em relação ao segundo ponto, somado à estabilidade e segurança geradas por esses laços, percebe-se que o reforço nos padrões de relacionamentos atuais (tanto entre atores estatais, quanto entre esses e aqueles não-estatais) indicam uma região não apenas estrategicamente mais estável no nível macro, como também com tendência a permanecer multipolar – uma vez que as potências mais influentes na esfera regional apresentam um tensionamento complexo e multirelacional. Em outras palavras, o Oriente Médio vive hoje um dos momentos de maior estabilidade securitária regional de sua história: além da multipolaridade entre os poderes, a divisão de ameaça regional entre Tel-Aviv e Teerã, e uma série de outros elementos que a TCRS traz à reflexão, mantêm a estrutura dos 3 eixos relativamente tensionada e equilibrada.

Assim, a atual ausência de uma preocupação securitária convergente a todos os atores (como era o caso do conflito Árabe-Israelense no século XX) e a distribuição de conflitos de forma muito mais pontual (conflitos nacionais decorrentes da P.A. em 2011) acabaram por gerar

²⁰⁸ Trecho original: *The Middle East is, arguably, in as dangerous a condition as it has been in its modern history. A single incident could spark an escalation, which – uncontrolled – could set off a chain reaction of violent confrontations, involving local, regional and extra-regional powers. Established mechanisms for bringing individual conflicts, such as the wars in Syria and Yemen, to a peaceful resolution are making only halting, if any, progress.*

uma atualização do quadro de relações estatais (em relação à Figura 03), reforçando a teoria de um atual Oriente Médio mais estável e multipolar. A figura a seguir demonstra esse elemento de aumento das relações intra-eixos:

Figura 15 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio em 2020

	Arábia Saudita	Egito	Israel	GCC*	Irã	Iraque	Turquia	Catar	Palestina	Síria
Arábia Saudita		Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Inimizade
Egito	Amizade/Aliança		Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento
Israel	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança		Amizade/Aliança	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade	Inimizade
GCC*	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança		Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança
Irã	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade		Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança
Iraque	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança		Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento
Turquia	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade		Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade
Catar	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança		Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento
Palestina	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança		Amizade/Aliança
Síria	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	

LEGENDA:

Amizade/Aliança	Amizade/Aliança
Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento
Inimizade	Inimizade

*Três dos seis países do GCC: Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Kuwait

Fonte: Elaboração própria, com base em AL-MONITOR (2019), CHEREM (2019), ANADOLU AGENCY (2020), ARAB CENTER DC (2020), CORDESMAN (2020), MEPC (2020, 2021), AL JAZEERA (2021), ATLANTIC COUNCIL (2021), ECFR (2021), INSIDE ARABIA (2021), MEMO (2021), THE ECONOMIST (2021).

Ainda no primeiro momento de análises do quadro, há quatro elementos estruturais e estruturantes a se salientar nessa tabela: I. Condicionalidade (para as 3 categorias) – algumas relações são mais profundas e perceptivelmente constantes há décadas (Irã-Iraque, Israel-Palestina, Egito-Iraque, etc.), enquanto outras são condicionais (a maioria em relação a Israel se comprometendo a iniciativas de paz com a Palestina, do (não)apoio a certos *proxies*, ou da manutenção de certos governos no poder); II. Comprometimento extra-eixo – poucos países efetivamente se comprometem com alianças além de seus eixos primários; III. Busca por poder e influência – é visível que não são apenas Irã e Arábia Saudita (em sua guerra fria regional) que buscam a liderança na balança de poder, alguns degraus de influência abaixo, os atuais governos catari e turco também buscam (re)atar laços com diversos atores Estatais da região visando maior poder de influência na balança (THE ECONOMIST, 2021) – em comparação com outros Estados, geralmente aqueles em situação interna mais complicada (falidos ou em guerra civil), que buscam aliados de forma mais rarefeita; IV. Por fim, as relações de inimizade relacionadas a Turquia, Síria e quaisquer outros atores na tabela – quando comparadas à israelense e à iraniana – são muito mais pontuais e, portanto, não são tidas como relevantes quando analisadas no escopo regional macro dos 3 Eixos.

Quanto aos principais elementos situacionais que sofreram alteração da última correlação (Fig. 03) para esta (Fig. 14), estão a melhor redistribuição de relações neutras, para mais bem-estabelecidamente cordiais. O principal exemplo está nas conexões de Israel, que passaram de majoritariamente neutras para mais cordiais (especialmente com seus colegas de Eixo) e com as hostilidades tendo apenas variado de Iraque e Turquia para Catar e Síria. Outras relações também sofreram mudanças pontuais, de estranhamentos para efetivamente inimizadas [como do GCC com Irã, Turquia e Palestina) ou de neutralidade para amizades/alianças (especialmente referente a Egito, Síria e Palestina – apesar de o conflito Árabe-Israelense ter perdido forças do lado árabe, especialmente nos organismos regionais (MASSAD, 2020; THE ECONOMIST, 2021)].

De modo geral, com o menor número de inimizadas desde o século XX, o cenário atual contradiz aquelas indicações supracitadas de que o Oriente Médio contemporâneo é uma região altamente instável – conforme já exposto, essa premissa é apenas componente parcial do quadro mais amplo da balança de poder regional atual. A tabela a seguir fornece a comparação quantitativa entre as três categorias relacionais, nos 3 tempos considerados neste trabalho (Fig. 01, Fig. 03 e Fig. 15).

Tabela 09 – Comparação quantitativa de relações entre Estados do Oriente Médio em 3 tempos (1990-2000, 2001-2010, 2011-2020)

	AMIZADE / ALIANÇA	NEUTRALIDADE / ESTRANHAMENTO	INIMIZADE
1990-2000	11	19	15
2001-2010	10	26	9
2011-2020	16	20	9

Fonte: Elaboração própria, com base nas figuras 01, 03 e 14.

Particularmente em se tratando do Oriente Médio árabe, também houve uma considerável mudança nos padrões de relacionamentos mais tensos do final do século XX (chamada de “Balança de Fraqueza” – HUDSON, 1999) – após a invasão do Iraque ao Kuwait, a crise do golfo e a perda de espaço e influência para os atores não árabes (Turquia, Irã e Israel) a cada conflito; para um cenário mais tépido no início do século XXI (muito mais intenso na dimensão sistêmica, com as invasões ocidentais ao Afeganistão e Iraque, do que entre os próprios atores regionais); e alcançando os níveis da última década, com um redirecionamento ‘para dentro’ a partir da e pós-Primavera Árabe (HUDSON, 1999; BUZAN, GONZALEZ, 2009; LYNCH, RYAN, 2017; JARZABECK, 2018; BECK, RICHTER, 2020).

Essa grande nação árabe também foi analisada por Buzan e Golzalez, em 2009 (pouco tempo antes da Primavera Árabe) como uma comunidade bastante plural e com amplo espaço para trocas.

Essa noção nacionalista árabe sobre laços especiais entre árabes tem, ao longo dos anos, dado origem a uma discussão acalorada sobre a natureza da política árabe, constituindo junto com o Islã uma das problemáticas clássicas no debate mais geral sobre a natureza (não) excepcional da política do Oriente Médio. [...] Quanto ao contexto regional, é anárquico sem uma autoridade centralizada, mas ao mesmo tempo marcado por uma forte comunidade supraestatal baseada em uma filiação comum à nação árabe. Isso se refletiu em um alto nível de interconexão interárabes no nível do estado e da sociedade, tornando o mundo árabe o que Paul Noble (1991: 56) descreveu como uma “vasta câmara de som na qual correntes de pensamento, bem como informação, circulou amplamente e gozou de considerável ressonância através das fronteiras do Estado” (BUZAN; GONZALEZ, 2009, pp. 144-145 – tradução nossa²⁰⁹)

²⁰⁹ Trecho original: *This Arab nationalist notion about special bonds between Arabs has during the years given rise to a heated discussion on the nature of Arab politics constituting along with Islam one of the classic problematiques in the more general debate on the (un)exceptional nature of Middle East politics. [...] As for the regional context, it is anarchic lacking a centralised authority but at the same time marked by a strong supra-state Community based on a common membership to the Arab nation. This has been reflected in a high level of inter-Arab interconnectedness at the state and society level making the Arab world into what Paul Noble (1991:*

Para além da dimensão etnográfica, outro importante fator de conexão político-securitária que aproximou os países árabes foi a necessidade de uma frente unida contra aqueles atores não-árabes revisionistas contrários ao *status quo*. As principais alianças da balança de poder regional, tanto no último século (conforme apresentado nas primeiras duas páginas deste capítulo), quanto após a PA, estavam prontos para proteger a influência árabe na região daquelas que entendiam como ameaças regionais (SZMOLKA, 2017).

Por isso, ainda que nem sempre de forma ativa e altiva, a Liga Árabe se manteve importante e influente durante todo esse tempo – o que também, de certa forma, impede a construção e mesmo uma possível manutenção de um organismo médio-oriental eficiente. Não há interesse por parte dos países árabes – ou pelo menos *não havia* claramente até a assinatura dos Acordos de Abraão com Israel – de expandir o espaço de debates diplomáticos institucionalizados com Turquia, Irã ou Israel.

A Liga Árabe é a principal instituição regional, embora não inclua Irã, Israel ou Turquia – três estados fundamentais para a segurança regional. A liga tentou ser tanto uma instituição de segurança cooperativa (estabelecendo normas de conduta entre os países árabes) quanto, às vezes, coletiva (explorando vários tipos de coordenação militar e de segurança entre os países árabes). Deve-se dizer que a Liga não se saiu particularmente bem em nenhum deles (JONES, 2020, s/p – tradução nossa²¹⁰).

Contudo, ainda que pequenos avanços possam ser percebidos não apenas no aspecto político (como no âmbito institucional da Liga Árabe), mas também no securitário (com estratégias de defesa conjuntas) e no econômico (a exemplo do GAFTA – Conselho de Unidade Econômica Árabe, em português, de 1997), esse cenário atual ainda está longe do ideal.

Na terceira década do século XXI, o regionalismo e a integração regional na região árabe contrastavam com as experiências de outras regiões do mundo. Em vez de facilitar a integração, o nacionalismo árabe parece tê-la obstruído. [...] Um século após a gênese do sistema de Estados árabes, os debates sobre os laços entre os povos árabes e as relações entre os Estados árabes não diminuíram, embora a perspectiva tenha mudado. Os debates não são mais sobre unidade, mas sobre o regionalismo em que os estados árabes estão engajados desde a década de 1940. Os participantes dos debates lamentam que esse regionalismo não tenha resultado, pelo menos, na integração regional árabe (AWAD, 2022 – s/p – tradução nossa²¹¹).

56) *has famously depicted as a 'vast sound chamber in which currents of thought, as well as information, circulated widely and enjoyed considerable resonance across state frontier'.*

²¹⁰ Trecho original: *The Arab League is the premier regional institution, though it does not include Iran, Israel, or Turkey—three states key to regional security. The league has tried to be both a cooperative security institution (setting down norms of conduct between the Arab countries) and, at times, a collective one (exploring various kinds of military and security coordination between Arab countries). It must be said that the League has not done particularly well at either of these.*

²¹¹ Trecho original: *In the third decade of the 21st century, regionalism and regional integration in the Arab region stood in contrast with experiences in other regions of the world. Rather than facilitate integration, Arab nationalism seems to have in fact obstructed it. [...] A century after the genesis of the Arab state system, the debates over bonds between Arab peoples and relations between Arab states have not abated, even though the perspective has changed. The debates are no longer about unity, but bear on the regionalism in which Arab states*

Diversos autores (HOLMQUIST, RYDQVIST, 2016; HARRISON, SALEM, 2017; SALEM, 2019; INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2020, dentre outros) já discorreram em ensaios sobre possíveis “próximos passos diplomáticos” ou de “soluções” para o “impasse” atual do sistema tripartite, mas há duas problemáticas instigantes quanto a eles: I. Costumeiramente, esses escritos partem de uma visão ocidentalista salvadora, ao invés de uma análise que primordialmente considera os interesses e anseios das múltiplas populações do Oriente Médio, em estudos mais aprofundados; II. Como já se propôs neste mesmo trabalho, há distintas formas de se ver instabilidade/estabilidade na balança de poder regional atual, sendo uma delas a compreensão de que é justamente o tensionamento multipolar do sistema tripartite que mantém o Oriente Médio constricto e protegido de um potencial colapso mais abrangente – o que se vê são, majoritariamente, conflitos pontuais/nacionais, e não grandes guerras diretas envolvendo múltiplos atores estatais.

Por fim, o último elemento desta análise diz respeito à relação dos países com as maiores potências globais (EUA e Rússia) – oferecendo uma comparação direta com a Fig. 02.

Figura 16 – Relações políticas entre os governos dos 10 maiores atores Estatais do Oriente Médio e as maiores potências mundiais (EUA e Rússia) entre 2010-2020

	Arábia Saudita	Egito	Israel	GCC*	Irã	Iraque	Turquia	Catar	Palestina	Síria**
EUA	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Amizade/Aliança	Inimizade	Inimizade	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Inimizade	Inimizade
Rússia	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Relativa neutralidade/estranhamento	Amizade/Aliança

LEGENDA:

	Amizade/Aliança
	Relativa neutralidade/estranhamento
	Inimizade

*Três dos seis países do GCC: Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Kuwait
**Governo oficial de Bashar al-Assad

Fonte: Elaboração própria, com base em LIBER (2016), SLADDEN et al (2018), NETO (2019) RUMER (2019) e YOM (2020).

A variação das relações, quando comparando as figuras 02 e 15, se dá por duas razões em particular: para além da aproximação estadunidense muito mais como parceiro comercial e

have been engaged since the 1940s. Participants in the debates lament that this regionalism has not at least resulted in Arab regional integration.

securitário estratégico (especialmente a partir da aproximação dos países árabes com Israel), houve também a retomada da estabilidade interna consequente protusão do poder de influência extranacional russos (já que, na década de 1990, o país ainda se recuperava da queda da URSS) – particularmente com sua intervenção na Síria e a forma como isso remodelou e alterou suas relações com diversos atores regionais (para além do Irã, de forma mais positiva: Israel e Egito, e com foco maior na dimensão econômica, Turquia e Arábia Saudita).

A reviravolta mais dramática nas relações nos últimos anos ocorreu entre a Rússia e Israel; a nova qualidade do relacionamento deve muito à diplomacia pessoal entre o presidente russo Vladimir Putin e o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu [...]. As relações russo-turcas receberam uma atualização como resultado da intervenção da Rússia na Síria [...]. Assim como a Turquia, a Arábia Saudita não teve escolha a não ser atualizar seu relacionamento com a Rússia. Além de sua participação no resultado do conflito da Síria e da rivalidade com o Irã, a Arábia Saudita tem um interesse crescente em coordenar a produção de petróleo com a Rússia em um momento em que ambos estão enfrentando um aumento na produção de energia dos EUA. A relação entre Moscou e Cairo, [...] sofreu uma atualização significativa após o golpe de 2013 no Egito e a ascensão de Abdel Fattah al-Sisi à presidência; criticado no Ocidente por seus abusos aos direitos humanos, Sisi encontrou em Putin um parceiro conveniente para ajudar a fortalecer sua posição doméstica e alavancar vis-à-vis Washington (RUMER, 2019, s/p – tradução nossa²¹²).

Analisando especificamente o lado russo, o país tem agido na última década na forma de abordagens dependentes de recurso e oportunidade, focando mais no curto-prazo, do que em estratégias mais prolongadas; onde os relacionamentos são mais transacionais do que alianças profundas. Ademais, é sabido que Moscou não viu a Primavera Árabe como um evento multifatorial na região, mas como múltiplas “revoluções coloridas”, como visível por suas intervenções mais pontuais nos países que passaram por levantes (SLADDEN et al, 2018; RUMER, 2019).

Embora a Rússia possa não ter uma estratégia regional clara orientada para fins, suas ações sugerem que está aplicando uma estratégia generalizada e funcional: busca constantemente melhorar suas vantagens econômicas, militares e políticas de curto prazo, reduzindo as vantagens de curto prazo de potenciais adversários. Esta é uma abordagem dependente de recursos e oportunidades. Quando os recursos e oportunidades para promover os interesses da Rússia são escassos, as transações diminuem. Quando os recursos e as oportunidades se esgotam, eles aceleram. A lógica prática e a consistência dessa abordagem transacional de curto prazo constituem uma

²¹² Trecho original: *The most dramatic turnaround in relations in recent years has occurred between Russia and Israel; the new quality of the relationship owes a great deal to the personal diplomacy between Russian President Vladimir Putin and Israeli Prime Minister Benjamin Netanyahu [...]. Russian-Turkish relations have received an upgrade as a result of Russia's intervention in Syria [...]. Much like Turkey, Saudi Arabia had no choice but to upgrade its relationship with Russia. In addition to its stake in the outcome of the Syria conflict and rivalry with Iran, Saudi Arabia has a growing interest in coordinating oil production with Russia at a time when both are grappling with a surge in U.S. energy production. The relationship between Moscow and Cairo, [...] underwent a significant upgrade after the 2013 coup in Egypt and the rise of Abdel Fattah el-Sisi to the presidency; criticized in the West for his human rights abuses, Sisi found in Putin a convenient partner to help shore up his domestic standing and leverage vis-à-vis Washington.*

das estratégias de longo prazo mais claras de qualquer ator importante no Oriente Médio (SLADDEN et al, 2018, pg. 02 – tradução nossa²¹³).

Já em se tratando do posicionamento estadunidenses, a década foi majoritariamente coberta pelo governo Obama (2009-2017), que atuou na direção de engajamentos multilaterais e mais diplomáticos e uma restauração da imagem de forma contrária àquela perpetrada pelo presidente Bush. Foram mantidos, contudo, os discursos sobre duas grandes ameaças securitárias (para além das guerras em andamento no Afeganistão e no Iraque) o governo iraniano e Estado Islâmico (ARI, 2020; CHEREM, 2020). Sobre Teerã, Washington levou à frente a assinatura e a cobertura internacional do JCPOA (2015) – futuramente abandonado pela administração de Trump em 2018; enquanto o DAESH foi intensamente combatido por uma miríade de atores liderada pelos EUA (com foco às forças sírias, curdas e iraquianas) – ainda que anos depois tenha havido uma retomada na forma do grupo (BECCARO, 2018). Em contrapartida, houve uma grande falha ocidental em garantir uma mínima estabilidade estrutural nos países da Primavera Árabe que destituíram seus ditadores (particularmente nos casos sírio, egípcio e iemenita).

Portanto, um dos principais eixos do conflito que determinou a região após a Primavera Árabe foi a luta entre os partidos islâmicos e as potências existentes, o segundo foi o conflito sectário liderado pelo Irã xiita e a Arábia Saudita sunita, e o terceiro foi a ameaça da Al Qaeda e do ISIS (ARI, 2020, pg. 56 – tradução nossa²¹⁴).

Entrando na Era Trump, apesar de retrocessos securitários ligados à ascensão de estratégias mais conservadoras (ARI, 2020), a aproximação em dimensões para além da econômica com os países do golfo contribuiu para o cenário que se vê na Figura 15 – com um aumento nas alianças e relações amistosas em relação à Figura 04.

Por fim, dentre os elementos de conexão entre as duas potências globais, estão o relacionamento próximo com Israel (já antigo na história estadunidense, mas recente na russa) e as relações complexas mas relativamente neutras com Turquia e Catar – segundo COOK

²¹³ Trecho original: *While Russia may not have a clear ends-driven regional strategy, its actions suggest it is applying a generalized, functional strategy: It constantly seeks to improve its short-term economic, military, and political advantages while reducing the short-term advantages of prospective adversaries. This is a resource and opportunity-dependent approach. When resources and opportunities to advance Russia's interests are scarce, transactions decrease. When resources and opportunities are flush, they accelerate. The practical logic and consistency of this short-term, transactional approach constitutes one of the clearest long-term strategies of any major actor in the Middle East.*

²¹⁴ Trecho original: *Therefore, one of the main axes of the conflict that determined the region after the Arab Spring was the struggle between the Islamic parties and the existing powers, the second was the sectarian conflict led by Shiite Iran and Sunni Saudi Arabia, and the third was the threat from Al Qaeda and ISIS.*

(2018), “nem amigos, nem inimigos”²¹⁵, o que mais uma vez reforça o posicionamento do Eixo Islamita-Sunita como de Estados sem um alinhamento aparente.

4.4. CONCLUSÃO PRÉVIA

Partindo da compreensão de um Oriente Médio multipolar, e visando expandir as análises de sua balança de poder regional de uma forma multifatorial, este capítulo provou que conexões entre o Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (CRSOM) e a Ordem Regional Tripartite não apenas são possíveis, mas necessárias para uma atualização ao contexto do final da segunda década.

A formatação do equilíbrio atual nos três eixos (pró-status quo, de resistência e islamita-sunita), contudo, não é necessariamente uma novidade à distribuição dos poderes à região: diversos autores já demonstravam o reconhecimento regional e internacional entre 3-5 poderes em pontos diferentes (Arábia Saudita, Irã e Israel, e por vezes Egito e Turquia) (BUZAN, WEAVER, 2003; HINNEBUSCH, 2003; FURTIG, 2014; ZAHREDDINE, TEIXEIRA, 2014; MALMVIC et al in: SOLER et al, 2016; QUERO, SOLER in: SZMOLKA 2017). A mudança, contudo, está nos marcos da Primavera Árabe – responsável por desestabilizar dezenas de governos nacionais e forçar uma reconexão interestatal – e dos Acordos de Abraão – que trouxeram Israel mais próximo do mundo árabe; além de fatores extrarregionais, como a retomada da presença e poder de influência russos na região (especialmente na Síria), e não-estatais como a ascensão de atores não-estatais ao tabuleiro situacional.

Por fim, o principal ponto principal que este capítulo demonstrou foi que o tensionamento causado pelos três eixos (dois revisionistas com menor poder relativo, contrários a um com maior capacidade de poder duro e influência global *pró-status quo*) produz a sobreposição de uma estabilidade multipolar regional, mesmo quando em contraposição à instabilidade causada pelos conflitos nacionais mais duradouros (Síria, Iêmen, Iraque). Desta forma, a balança de poder resultante do Oriente Médio é produto da manutenção dos relacionamentos estatais e não-estatais tripartite – por manterem ativas múltiplas alianças e estratégias securitárias concomitantes – somada aos conflitos internos paralelos – que justamente servem como palcos àquele sistema.

²¹⁵ Expressão original: *Neither Friends, nor Foes*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar de que formas a acentuada mudança na balança de poder do Oriente Médio entre a primeira e a segunda décadas do século XXI foi impulsionada por dois elementos-chave: o redirecionamento sistêmico-regional das relações entre os atores – com a Primavera Árabe (2010/11) – e a reformulação estratégica da retórica da ameaça coletiva – de Israel para Irã.

Em relação à primeira, foi analisada uma ruptura entre o cenário de distanciamentos interestatais da década anterior (vide Figuras 01 e 03) – marcada pela Guerra Global ao Terror, invasões ocidentais ao Afeganistão e ao Iraque, e ausência de mecanismos regionais efetivos na dimensão político-securitária – que introduziu àquele espaço novas interações relacionais, agora com foco em: I. Reforço de alianças estratégicas entre os atores da região (estatais e não-estatais, inclusive), especialmente considerando o elã da Guerra Fria Irã-Arábia Saudita, que de certa forma forçou os atores a escolherem qual potência apoiar – ainda que pesando seus potenciais ganhos relativos a partir de tal decisão; visando a retomada coletiva da economia regional, que passava pela instabilidade pós-levantes (vide Gráfico 01 e Tabela 03) e aproveitando-se do *momentum* criado pelos mesmos. II. Um subsequente distanciamento das influências dos atores globais do SI – que, ainda sim, permaneceram presentes em cenários pontuais como a guerra civil síria; agora, os Estados do Oriente Médio tinham maior poder de decisão sobre seus próprios conflitos e eram vistos de forma menos “passiva” pelo restante do sistema (Figura 12).

Na questão da ameaça coletiva, demonstrou-se a validade de afirmação, uma vez que o mesmo ator que passou por décadas de conflitos diretos com seus vizinhos árabes – Israel – alcançou no final da segunda década o posto de aliado oficial (somando as assinaturas dos Acordos de Abraão àquelas relações já diplomáticas do século XX com Egito e Jordânia) e extraoficial (como no caso saudita) de diversos Estados – aclarando a omissão com os palestinos no conflito. Concomitante a essa profunda variação no pêndulo inimizade-amizade, o governo iraniano percebeu-se em dificuldade de aumentar sua liga de aliados estatais na GFR com Riad – o que, conseqüentemente, fez com que se aproximasse de grandes atores não-estatais para reformular o *status quo* saudita-israelense; somado a isso, a saída do presidente estadunidense Donald Trump e o reforço do antigo discurso que colocava Teerã no “Eixo do Mal” contribuíram para seu constante afastamento dos atores árabes (com a exceção de Iraque e Síria).

O resultado final é uma construção muito mais complexa e aprofundada de relacionamentos – fossem eles de amizade ou inimizade, em seus mais distintos níveis (Figura 13) – do que na década anterior, alcançando três eixos de alianças (Tabela 06): Eixo Pró-*Status Quo* (composto por Arábia Saudita, Egito, EAU, Israel e Kuwait – com apoio de governos de da distribuição de poder majoritariamente estatal e sunita, apesar da conexão com Tel-Aviv), Eixo de Resistência (composto pelos governos de Irã, Iraque e Síria – além de uma série de atores não-estatais com visão revisionista da conjuntura atual, além de majoritariamente xiitas) e Eixo Islamita-Sunita (com Turquia e Catar enquanto atores que também buscam o topo do balança de poder, ao passo em que tampouco carregam as mesmas visões de Riad e Teerã o suficiente para seguir suas estratégias securitárias).

Uma análise histórica mais aprofundada também indicou que, com o passar dos últimos 100 anos de história, Arábia Saudita, Egito, Irã, Israel e Turquia, sempre estiveram de alguma forma dentre posições de maior poder e influência do Oriente Médio – dadas as suas capacidades relativas e absolutas, acordos e alianças. Assim sendo, o processo de formação desse três eixos de alianças ao final de 2020 destaca e reforça a necessidade de que, para uma compreensão mais macro da balança de poder atual do Oriente Médio, é necessário ampliar a rede de conceitos – e não apenas focar em um único elemento.

Um grande exemplo dessa afirmação é o paradoxo instabilidade/estabilidade, onde a região carrega ambas conjunturas, a depender da perspectiva e dimensão analisadas: em se tratando dos cenários nacionais, isolados ou somados, houve de fato uma grande eclosão de conflitos, guerras civis, vácuos de poder e uma generalizada instabilidade político-securitária durante e após a Primavera Árabe (Tabela 03); contudo, ao se observar as interações relacionais entre atores (Estatais e não-estatais) e suas respectivas alianças, é possível afirmar que o Oriente Médio nunca foi tão estável quanto é hoje (Figura 15 e Tabela 08) – a provar pela ordem multipolar tripartite, onde é exatamente a força simultânea dos três grupos que gera o tensionamento necessário para uma estabilidade securitária regional que contrabalança a instabilidade dos conflitos pontuais – que, simultaneamente, também servem de palcos *proxies* para as disputas de *status quo* entre Riad, Teerã e Ancara. Assim, o sistema se mantém.

Para chegar a tais conclusões, portanto, faz-se necessário abrir o leque de elementos de análise, onde o Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (CRSOM), a Ordem Regional Tripartite, os principais marcos históricos dos últimos 50 anos (como a Revolução Iraniana de 1979, o 11 de setembro de 2001 e a Guerra Global ao Terror, a Primavera Árabe e os Acordos de Abraão) e as consequências estruturais de um grande número de conflitos atuais

e passados (guerras árabe-israelenses, invasões no Afeganistão e Iraque, Revolução de Jasmim, guerras civis síria, líbia e iemenita, etc.) sejam os principais constituintes dessa visão multifatorial. Justamente por isso a divisão deste trabalho em dois momentos distintos (2001-2010, cap. I e 2011-2020, cap. II), com três marcos temporais cercando sua amplitude histórica, mostrou-se tão eficiente: pois além de elencar cada um deles como agente de efeitos e repercussões, apresentou também a compreensão de que são, em si, resultados igualmente impactantes de outros contextos situacionais.

Esse argumento também se prova verdadeiro ao revisitar as principais questões teóricas do trabalho e sua conexão com o Oriente Médio. O preceito neorrealista de Waltz, da busca por poder em um cenário de múltiplas unidades em um dado sistema anárquico, já condiz, em si, plenamente com o enquadramento de atores – com a pequena alteração de ser um sistema regional mais fechado, ao invés de internacional; ademais, a escolha de aliar a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança de Buzan integraliza a dimensão relacional da balança de poder realista, já que oferece elementos adicionais à sua compreensão e formulação efetiva (polaridade, amizade/inimizade e ameaças); por fim, a investigação da ordem regional tripartite indicada por Harrison e Salem recebeu uma validação reforçada quando conciliada às propostas de um sistema multipolar regional variável de Beck e Richter e da multipolaridade investigada por Smolka.

Em retrospecto, os aprofundamentos teóricos e elementos empíricos apresentados em cada capítulo auxiliaram na construção desse complexo cenário. Em um panorama geral dos três capítulos, ressalta-se, ainda, (I) que os distanciamentos dos atores regionais e as fortes influências de agentes externos (Guerra Global ao Terror) sentidos na primeira década do século XXI carregam consigo as marcas neocoloniais do século XX; enquanto (II) as alianças políticas e militares regionais se multiplicaram e tornaram-se mais visíveis e enraizadas, após as desestabilizações regionais e o vácuo de poder deixados pela Primavera Árabe na segunda década, ao passo em que também ocorreu o distanciamento paulatino das amarras de influência do Ocidente; e que, por fim, (III), o sistema multipolar tripartite de 2020 é resultado desse somatório de eventos em cadeia, ao mesmo tempo em que define o formato da balança de poder – desde formulações conjuntas de estratégias securitárias, até as características extraoficiais dos relacionamentos políticos entre atores – e do CRSOM atual – delineando, para além das relações em si, quais os papéis resultantes de cada ator, potencialmente utilizados em futuras revisões daquele esquema proposto por Buzan e Weaver em 2003.

Tratados os grandes temas deste trabalho, algumas indicações parecem ser frutíferas para pesquisas futuras. Dentre elas, o aprofundamento do papel dos atores não-estatais dentro de cada um dos três eixos de alianças, com a ideia de uma pesquisa de campo com entrevistas (durante os quatro anos de uma tese de doutorado) para chegar a elementos factuais mais precisos sobre suas capacidades; ou, partindo de uma lógica semelhante, sobre o papel dos atores não-árabes dentro do ordenamento atual, partindo-se do princípio que, uma vez que cada um dos três principais (Irã, Israel e Turquia) carrega um papel de alta importância dentro de seus respectivos blocos (Resistência, pró-*Status Quo* e Islamita-Sunita), são justamente o seu poder de força e a sua influência (*hard e soft power*) que mantiveram – e seguem mantendo – o Oriente Médio interligado e operante após a desestabilização da Primavera Árabe em seus vizinhos daquela etnia.

REFERÊNCIAS

ABOUZZO HOUR, Yasmina. Heavy lies the crown: The survival of Arab monarchies, 10 years after the Arab Spring. **Brookings**, mar/2021. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2021/03/08/heavy-lies-the-crown-the-survival-of-arab-monarchies-10-years-after-the-arab-spring/>>. Acesso em fev/2022.

ABU-RABI, Ibrahim. **O Guia Árabe Contemporâneo sobre o Islã Político**. São Paulo: Ed. Madras. 2011.

AHMAD, Abdullahi; MOHAMMED, Moyosore. Israel Palestine Conflict: Implications of the Political Dynamics in the GCC. **International Journal Of Research And Innovation In Social Science (IJRISS)**, v. IV, n. XII, p. 485-493, dez. 2020. Disponível em: <https://www.rsisinternational.org/journals/ijriss/Digital-Library/volume-4-issue-12/485-493.pdf>. Acesso em: dez/2021

AMINEH, Parvizi (ed.). **The Greater Middle East in Global Politics: Social Science on the Changing Geography of the World Politics**. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2007.

ARI, Tayyar. Comparing the Bush, Obama and Trump Foreign Policies: Continuity and Change in American Middle East Policy. In: **Ultra-Nationalist Policies of Trump and Reflections in the World**. Berlim: Peter Lang GmbH, 2020.

ATAMAN, Muhittin. Turkish-Saudi Arabian Relations During the Arab Uprisings: Towards a Strategic Partnership? **Insight Turkey**, v. 10, n. 4, p. 121-136, out. 2012. Disponível em: <https://www.insightturkey.com/articles/turkish-saudi-arabian-relations-during-the-arab-uprisings-towards-a-strategic-partnership>. Acesso em: dez/2021.

AYDINTASBAS, Asli; BIANCO, Cinzia. Useful enemies: How the Turkey-UAE rivalry is remaking the Middle East. **European Council on Foreign Relations**, mar/2021. Disponível em: <<https://ecfr.eu/publication/useful-enemies-how-the-turkey-uae-rivalry-is-remaking-the-middle-east/>>. Acesso em: abr/2022.

AWAD, Ibrahim. Arab Nationalism, Regionalism, and Regional Integration. **The Cairo Review of Global Affairs**, winter/2022. Disponível em: <<https://www.thecaireview.com/essays/arab-nationalism-regionalism-and-regional-integration/>>. Acesso em: mai/2022.

BARNETT, Michael. Sovereignty, Nationalism, and Regional Order in the Arab States System. **International Organization**, Cambridge, v. 49, n. 3, p. 479-510, Summer/1995.

BAYAT, Asef. **Revolution without Revolutionaries: Making Sense of the Arab Spring**. Stanford: Stanford University Press, 2017.

BAZOOBANDI, Sara (ed.). **The New Regional Order in the Middle East: Changes and Challenges**. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.

BAŞKAN, Birol, Turkey between Qatar and Saudi Arabia: Changing Regional and Bilateral Relations. **Uluslararası İlişkiler**, v. 16, n. 62, pp. 85-99, jun/2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.33458/uidergisi.588947>. Acesso em: dez/2021

BBC. **Por que há uma guerra no Iêmen e qual é o papel das potências internacionais?** 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46322964>>. Acesso em fev/2022.

BECK, Martin. Israel and the Arab Gulf: An Israeli-Saudi Alliance in the Making? **E-International Relations**, nov/2019. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2019/11/08/israel-and-the-arab-gulf-an-israeli-saudi-alliance-in-the-making/>>. Acesso em: abr/2022.

_____ ; RICHTER, Thomas. Fluctuating Regional (Dis-)Order in the Post-Arab Uprising Middle East. **Global Policy**, vol. 11, n. 01, fev/2020, pp. 68-74.

BILGIN, Abdul. Relations Between Qatar and Saudi Arabia After the Arab Spring. **Contemporary Arab Affairs**, v. 11, n. 03, pp. 113-134, set/2018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48599596?read-now=1&refreqid=excelsior%3A2f52917e8b21fc20f3c388bc448a10f9&seq=2#page_scan_tab_content>. Acesso em fev/2022.

BRANDENBURG, Rachel. **Iran and the Palestinians**. 2010. Disponível em: <https://iranprimer.usip.org/resource/iran-and-palestinians>. Acesso em: dez/2021.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Vol. 01, 11ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1983.

BORGES, Anelise. Tunisia grapples with its biggest political crisis in a decade. **EURONEWS**. 2021. Disponível em: <<https://www.euronews.com/2021/08/04/in-tunisia-the-wait-for-a-return-to-democracy-goes-on>>. Acesso em fev/2022.

BUZAN, Barry. **People, States, and Fear: An Agenda for International Security Studies in the Post-Cold War Era**. Boulder: Ed. Rienner, 2ª ed. 2004.

_____ ; WEAVER, Ole. **Regions and Powers: The Structure of International Security**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

_____ ; GONZALEZ-PELAEZ, Ana. **International Society and the Middle East: English School Theory at the Regional Level**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

CALFAT, Natália. Lebanon History, 2021. In: EUROPA. **The Middle East and North Africa 2022**, 68th edition. London/New York: Routledge, pp. 496-508.

_____. Liga Árabe forma Força Militar Conjunta em meio à Crise no Iêmen. **CEIRI News**, 2015. Disponível em: <<https://ceiri.news/liga-arabe-forma-forca-militar-conjunta-em-meio-a-crise-no-iyemen/>>. Acesso em mar/2022

CARLEY, Patricia. **Turkey's Role in the Middle East: A Conference Report**. 1995. United States Institute of Peace. Disponível em: <https://www.usip.org/sites/default/files/resources/pwks1.pdf>. Acesso em: nov/2021.

CHACRA, Guga. Catástrofe econômica da Síria ameaça Assad. **O Globo**, jun/2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/guga-chacra/post/catastrofe-economica-da-siria-ameaca-assad.html>>. Acesso em fev/2022.

CHEREM, Helena. **A Guerra-Fria Do Oriente Médio: Irã e Arábia Saudita na balança de poder regional após a Primavera Árabe**. 2019. 103 f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Internacionais, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019

CLARKE, Richard. The Middle East in Transition – **Middle East Institute**, [S.I.], 2017

CLINGENDAEL (Netherlands Institute of International Relations). Big brother is waching: evolving relations between Iran and the Kurdistan Region of Iraq, mar/2022. Disponível em: <https://www.clingendael.org/sites/default/files/2022-03/Policy_brief_Big_Brother.pdf>. Acesso em abr/2022.

COOK, Steven. Neither Friend nor Foe: The Future of U.S.-Turkey Relations. **Council on Foreign Relations**, 2018. Disponível em: <<https://www.cfr.org/report/future-u.s.-turkey>>. Acesso em: abr/2022.

CORDESMAN, Anthony. The Greater Middle East: From the “Arab Spring” to the “Axis of Failed States”. **Center for Strategic & International Studies**, ago/2020. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/greater-middle-east-arab-spring-axis-failed-states>>. Acesso: fev/2022.

DEBEUF, Koert. **The Arab Spring Seven Years On: A Failure or Just the Beginning?** Istanbul: **Turkish Policy Quarterly**, v. 16, n. 3, pp. 41-48, dez/2017. Disponível em: <<http://turkishpolicy.com/article/876/the-arab-spring-seven-years-on-failure-or-just-the-beginning>>. Acesso em: abril/2019

DRIS-AIT-HAMADOUCHE, Louisa; ZOUBIR, Yahia. The Us-Saudi Relationship and the Iraq War: The Dialectics of a Dependent Alliance. **Journal of Third World Studies**, v. 24, n. 1, pp. 109-135, Fall/2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45194355>. Acesso em jan/2022.

DOOMEN, Jasper. Political Stability After the Arab Spring. **Sociological Forum**, vol. 28, n. 02, jun/2013, pp. 399-408.

FAHLANDER, Patric. **Regional Security in the Persian Gulf: Indications of change in a Regional Security Complex**, 2011. 32 f. Dissertação (Mestrado) – Department of Political Science, Lund University, Lund, 2011.

FARHI, Farideh; BRUMBERG, Daniel (eds.). **Power and Change in Iran: Politics of Contention and Conciliation**. Indianapolis: Indiana University Press, 2016.

FAWCETT, Louise. **International Relations of the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 4ª edição, 2016,

FERABOLLI, Silvia. **A (des)construção da grande nação árabe: condicionantes sistêmicos, regionais e estatais para a ausência de integração política no mundo árabe; 2005**; Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul,; Orientador: Paulo Gilberto Fagundes Visentini.

FRAGILE STATES INDEX. **Country Dashboard**, 2021. Disponível em: <<https://fragilestatesindex.org/country-data/>>. Acesso em fev/2022.

FRAIOLI, Paul (ed.). The Abraham Accords: Israel-Gulf Arab Normalization. **The International Institute for Strategic Studies**, v. 26, comment 30, nov/2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13567888.2020.1853892>>. Acesso em: abr/2022.

FÜRTIG, Henner (ed.). **Regional Powers in the Middle East: New Constellations after the Arab Revolts**. Cham (Suíça): Palgrave Macmillan, 2014.

GRAJEWSKI, Nicole. Iran’s Hormuz Peace Endeavor and the future of Persian Gulf Security. **European Leadership Network**, jul/2020. Disponível em: <<https://www.europeanleadershipnetwork.org/commentary/irans-hormuz-peace-endeavor-and-the-future-of-persian-gulf-security/>>. Acesso em abr/2022.

_____. The Evolution of Russian and Iranian Cooperation in Syria. **Center for Strategic & International Studies**, nov/2021. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/evolution-russian-and-iranian-cooperation-syria>>. Acesso em: abr/2022.

GUZANSKY, Yoel; MARSHALL, Zachary. The Abraham Accords: Immediate Significance and Long-Term Implications. **Israel Journal of Foreign Affairs**, v. 14, n. 03, pp. 379-389, out/2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/23739770.2020.1831861>>. Acesso em: abr/2022.

HALLIDAY, Fred. The Gulf War 1990-1991 and the study of international relations. **Review Of International Studies**, Cambridge, v. 20, n. 2, p. 109-130, abr. 1994.

HANNA, Michael and T. CAMBANNIS, Thanassis (eds.). **Order from Ashes: New Foundations for Security in the Middle East**. New York: The Century Foundation and the Brookings Institution, 2018.

HARB, Imad. **The Return of Strong GCC-U.S. Strategic Relations**. **National Council On U.S.-Arab Relations**, nov/2014. Disponível em: <https://ncusar.org/blog/2014/11/return-strong-gcc-us-strategic-relations>. Acesso em: dez/2021.

HARRISON, Ross; SALEM, Paul (eds.) **From Chaos to Cooperation: Toward Regional Order in the Middle East**. Washington: The Middle East Institute, 2017.

HINNEBUSCH, Raymond. **The international politics of the Middle East**. Manchester: Manchester University Press, 2003.

HOURLANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1991.

_____. **O Pensamento Árabe na Era Liberal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Kuwait: Reform Laws that Restrict Free Speech Rights**, jan/2018. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2018/01/18/kuwait-reform-laws-restrict-free-speech-rights>>. Acesso em fev/2022.

_____. **Egypt**. Disponível em: <<https://www.hrw.org/middle-east/n-africa/egypt>>. Acesso em fev/2022.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. **The Middle East between Collective Security and Collective Breakdown – Middle East Report, nº 212**. Bruxelas: International Crisis Group, 2020.

JARZABEK, Jaroslaw. The Theory of Regional Security Complexes in the Middle Eastern Dimension. **Wschodnioznawstwo (Eastern Studies)**, v. 12, pp. 155-170, 2018. Disponível em: <<http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-04b92a93-42fd-439d-b10b-4f04b1c4ebe6>>. Acesso em: abr/2022.

JEFFERY, Simon. The Arab League Summit. **The Guardian**, mar/2002. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2002/mar/28/israel.qanda>>. Acesso em mar/2022.

JONES, Peter. It is Time to Establish a Middle East Regional Security System. **The Cairo Review of Global Affairs**, abr/2020. Disponível em: <<https://www.thecaireview.com/essays/it-is-time-to-establish-a-middle-east-regional-security-system/>>. Acesso em: abr/2022.

KABBANI, Nader. The high cost of high stakes: Economic implications of the 2017 Gulf crisis. **Brookings**, jun/2017. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/markaz/2017/06/15/the-high-cost-of-high-stakes-economic-implications-of-the-2017-gulf-crisis/>>. Acesso em mar/2022.

KALIN, Stephen. Iraq says Russia, Iran, Syria cooperating on security issues in Bagdad. **Reuters**, set/2015. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-russia-idUSKCN0RQ0RY20150927>>. Acesso em: abr/2022.

KANE, Chen; MURAUSKAITE, Egle (eds.). **Regional Security Dialogue in the Middle East: Changes, Challenges and Opportunities**. New York: Routledge, 2014.

KEAR, Martin. **Hamas and Palestine: The Contested Road to Statehood**. New York: Routledge, 2018.

KIRISCI, Kemal. **Post-revolutionary Iran and Turkey at 40: Pragmatism and convergence**. **Brookings**, abr/2019. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/04/04/post-revolutionary-iran-and-turkey-at-40-pragmatism-and-convergence/>. Acesso em: dez/2021.

KOCH, Betina; STIVACHTIS, Yannis (eds.). **Regional Security in the Middle East**. Bristol: E-International Relations Publishing, 2018.

KOCH, Christian. **The Evolution of the Regional Security Complex in the MENA Region**. Abu Dhabi: Emirates Diplomatic Academy, 2019.

KOSS, Maren. Flexible Resistance: How Hezbollah and Hamas Are Mending Ties. **Carnegie Middle East Center**, jul/2018. Disponível em: <<https://carnegie-mec.org/2018/07/11/flexible-resistance-how-hezbollah-and-hamas-are-mending-ties-pub-76782>>. Acesso em: abr/2022.

LEIJNSE, Tom. The Impact of the Iranian Revolution on Egypt's Foreign Policy. **International Affairs Forum**. Disponível em: https://www.ia-forum.org/Content/ViewInternal_Document.cfm?contenttype_id=0&ContentID=9057. Acesso em nov/2021

LIMA, Murilo. Subcomplexo Regional de Segurança do Golfo Pérsico: Uma Mudança de Polaridade? **Conjuntura Global**, v. 05, n. 02, 2016, pp. 304-318. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/49348>>. Acesso em: abr/2022.

LIU, Chang-Cheng. **Saudi-Iranian Relations, 1977-1997**. 2003. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Institute For Middle Eastern And Islamic Studies - University Of Durham, Durham, 2003.

LOOSE, Julia. **“O Lar do Povo Judeu”: Condicionantes Regionais, Sub-Regionais e Identitários na Definição da Política de Defesa Israelense**. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LYNCH, Marc. **The New Arab Wars: Uprisings and Anarchy in the Middle East**. Nova Iorque: Public Affairs, 2016.

_____; RYAN, Curtis. The Arab Uprisings and International Relations Theory. **PS: Political Science & Politics**, v. 50, n. 3, jul/2017. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/ps-political-science-and-politics/article/introduction/627DDDD34D9F56CB0D6A0F282921E3D6>>. Acesso em: fev/2022.

_____. The New Arab Order: Power and Violence in Today's Middle East. **Foreign Affairs**, v. 97, n. 5, set/2018. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2018-08-13/new-arab-order>>. Acesso em: fev/2022.

MASSAD, Joseph. How the Arab League helped dissolve the Palestinian question. **Middle East Eye**, set/2020. Disponível em: <<https://www.middleeasteye.net/opinion/how-arab-league-helped-dissolve-palestinian-question>>. Acesso em: abr/2022.

MERAL, Ziya. **Turkey and Egypt: Misconceptions & Missed Opportunities. The Tahrir Institute for Middle East Policy**, fev/2014. Disponível em: <https://timep.org/commentary/analysis/turkey-egypt-misconceptions-missed-opportunities/>. Acesso em: dez/2021.

MIDDLE EAST INITIATIVE (MEI). Taking Stock of the Arab Uprisings – Michael Hanna, Century Foundation. **Youtube**, ago/2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rEG9Z7dQOTQ>>. Acesso em fev/2022.

MODIGS, Ronny. **United States Foreign Policy in the Middle East After the Cold War**. 2003. 92 f. Tese (Doutorado) – Master of Military Art and Science, U.S. Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth (Kansas), 2003.

MOHAMMED, Moyosore; AHMAD, Abdullahi. Israel Palestine Conflict: Implications of the Political Dynamics in the GCC. **International Journal of Research and Innovation in Social Science (IJRISS)**, v. IV, n. XII, pp. 485-493, dec/2020. Disponível em: <<https://www.rsisinternational.org/journals/ijriss/Digital-Library/volume-4-issue-12/485-493.pdf>>. Acesso em: abr/2022.

MORAN, Michael. **The Arab League and Iraq. Council On Foreign Relations**, out/2005. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/arab-league-and-iraq>. Acesso em: dez/2021.

NAAZ, Farah. Turkey and the Middle East in the 1990s. **Strategic Analysis**, Londres, v. 23, n. 09, p. 1549-1560, jan/1999.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL (NIC). **Conference Report – Saudi Arabia, Egypt and Jordan: Policies on Regional Issues and Support for US Goals in the Middle East**. Washington, 2008.

NETO, Getúlio. A Volta Da Rússia Ao Oriente Médio: Uma Análise das Vendas de Armamento Russo às Potências Regionais. **7º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI)**, Belo Horizonte, 23 a 26 de julho de 2019. Disponível em: <<https://www.encontro2019.abri.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhemFtcyI7czoZnT0iYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSzVZPIjtzOjQ6IjE5NjUiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMDQ3NzE4MjU5YWI1ZGRjYTU0ZDY4ZW5kOWYzMzVjOWYiO30%3D>>. Acesso em: abr/2022.

NORTON, Augustus Richard. **The Role of Hezbollah in Lebanese Domestic Politics. The International Spectator**, v. 42, n. 4, p. 475-491, dez. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/03932720701722852>>. Acesso em mar/2022.

RAGAB, Eman. An Alternative Approach to Regional Security in the Middle East. **The Cairo Review of Global Affairs**, abr/2020. Disponível em: <<https://www.thecaireview.com/essays/an-alternative-approach-to-regional-security-in-the-middle-east/>>. Acesso em fev/2022.

RAHMAN, Omar. **The emergence of GCC-Israel relations in a changing Middle East. Brookings**, jul/2021. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/the-emergence-of-gcc-israel-relations-in-a-changing-middle-east/>. Acesso em: dez/2021.

REHMAN, Aziz. Causes behind the Abraham Accord and its consequences for the Peace Process in the Middle East. **The Middle East International Journal for Social Sciences**, v. 02, n. 02, pp. 73-83, jun/2020. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/profile/Aziz-Rehman->

11/publication/346879739_Causes_behind_the_Abraham_Accord_and_its_consequences_for_the_Pea
ce_Process_in_the_Middle_East/links/5fd1adc5a6fdcc697bf2aaf3/Causes-behind-the-Abraham-
Accord-and-its-consequences-for-the-Peace-Process-in-the-Middle-East.pdf> Acesso em: abr/2022.

RUMER, Eugene. **Russia in the Middle East: Jack of All Trades, Master of None**. Wahsington,
Carnegie Endowment for International Peace, 2019. Disponível em:
<https://carnegieendowment.org/files/WP-Rumer-MiddleEast.pdf>. Acesso em: dez/2021.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. Nova Iorque: Pantheon
Books, 1978.

SAIF, Ibrahim. **The Oil Boom in the GCC Countries, 2002–2008: Old Challenges, Changing
Dynamics**. Washington: The Carnegie Middle East Center, 2009.

SAINT-PIERRE, Hector. 11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de
Estado. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 23, n. 53, pp. 9-26, mar/2015. Disponível em:
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-
44782015000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782015000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: out/2021.

SALEM, Paul. The Changing Middle East Regional Order. **The Cairo Review of Global Affairs**,
winter/2022. Disponível em: <[https://www.thecairoreview.com/essays/the-changing-middle-east-
regional-order/](https://www.thecairoreview.com/essays/the-changing-middle-east-regional-order/)>. Acesso em: mai/2022.

SANTINI, Ruth. A New Regional Cold War in the Middle East and North Africa: Regional Security
Complex Theory Revisited. **The International Spectator**, v. 52, n. 4, 2017, pp. 93-111. Disponível
em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03932729.2017.1371487?journalCode=rspe20>>.
Acesso em: abr/2022.

SEEBERG, Peter. Analysing security subcomplexes in a changing Middle East—the role of non-Arab
state actors and non-state actors. **Nature (Humanities & Social Sciences Communications)**,
nov/2016. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/palcomms201687>>. Acesso em: abr/2022.

SHARP, Jeremy. **CRS Report for Congress – Egypt: Background and U.S. Relations**.
Washington: Congressional Research Service, 2008.

SHAYAN, Fatameh. Iran and Security Complex in the Persian Gulf. **Journal of World Sociopolitical
Studies**, v. 03, n. 01, jan/2019, pp. 45-74. Disponível em:
<https://wsps.ut.ac.ir/article_72807_f03fe16c36cf5fd1ec805f435d953847.pdf>. Acesso em: mar/2022.

_____. Shift in the Relationship of Power of Actors in Persian Gulf Region. **Political Studies of
Islamic World**, v. 09, n. 04, dec/2020, pp. 99-118. Disponível em:
<https://psiw.journals.ikiu.ac.ir/article_2299.html?lang=en>. Acesso em: dez/2021.

SILVA, Antônio. **Complexos Regionais de Segurança: O Subcomplexo do Levante e o
Declínio da Síria**. 2016. 74 f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Internacionais,
Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2016.

SLACKMAN, Michael. **Influence of Egypt and Saudi Arabia Fades**. **The New York Times**, 2019.
Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/11/11/world/middleeast/11saudi.html>>. Acesso em:
dez/2021.

SLADDEN et al. **Russian Strategy in the Middle East**. **RAND Corporation**, Santa Monica, 2017.
Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE236.html>. Acesso em: dez/2021.

SOLER, Eduardo, et al. (eds). Methodology and Concept Papers: Re-Conceptualizing Orders in the MENA Region. **MENARA Project**, n. 01, pp. 01-114, nov/2016. Disponível em: <https://www.iai.it/sites/default/files/menara_cp_1.pdf>. Acesso em: abr/2022.

STEIN, Kenneth. **Egyptian-Israeli Relations, 1973-1997. Middle East Review of International Affairs**, n. 03, set/1997. Disponível em: https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/meria/meria997_stein.html. Acesso em: dez/2021.

SZMOLKA, Inmaculada (ed.). **Political Change in the Middle East and North Africa After the Arab Spring**. Edinburgo: Edinburgh University Press, 2017.

TABATABAI, et al. **The Iran Threat Network (ITN): Four Models of Iran's Nonstate Client Partnerships**. Santa Monica: Rand Corporation, 2021.

TAVANA, Daniel; PARREIRA, Christiana. **LEBANON'S 2018 ELECTION: New Measures and the Resilience of the Status Quo**. Beirute: Lebanon Support, jun-2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.28943/CSKC.003.00039>>. Acesso em mar/2022.

THE ECONOMIST. How Qatar and Turkey came together, jan/2021. Disponível em: <<https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2021/01/21/how-qatar-and-turkey-came-together>>. Acesso em abr/2022.

_____. The Arab Spring: ten years on, dez/2020. Disponível em <<https://www.economist.com/graphic-detail/2020/12/18/the-arab-spring-ten-years-on>>. Acesso em jan/2022.

_____. The Palestinian cause no longer binds the Arab world, ago2021. Disponível em <<https://www.economist.com/special-report/2021/08/24/the-palestinian-cause-no-longer-binds-the-arab-world>>. Acesso em jan/2022.

THE TAHRIR INSTITUTE FOR MIDDLE EAST POLICY (TIMEP). Ten Years On: Organizing in Tunisia, Egypt, and Syria. **Youtube**, jan/2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R4CrsNalKJM>>. Acesso em fev/2022.

TÜR, Özlem. Turkey and Israel in the 2000s – From Cooperation to Conflict. **Indiana University Press**, v. 17, n. 03, pp. 45-66, fall/2012. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.2979/israelstudies.17.3.45>>. Acesso em: dez/2021.

VEEN, Erwin. **Global Developments in State Failure - A brief analysis of the Failed States Index 2005-2010**. The Hague: Netherlands Institute of International Relations, 2011.

VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da História**. São Paulo: Contexto, 2009.

VISENTINI, Paulo G. **O Grande Oriente Médio: da descolonização à Primavera Árabe**. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2ª tiragem, 2014.

VURAL, Ebru. **The Middle East as a Regional Security Complex: Continuities and Changes in Turkish Foreign Policy Under the JDP Rule**. 2010. 151 f. Dissertação (Mestrado) – The Graduate School of Social Sciences, Middle East Technical University, Ankara, 2010.

WALTZ, Kenneth. Realist Thought and Neorealist Theory, **Journal of International Affairs**, 44, pp. 21-37.

_____. **Theory of International Politics**. Illinois: Waveland Press, Inc., 2010.

WEDDINGTON, Derika. **Rivalry in the Middle East: The History of Saudi-Iranian Relations and its Implications on American Foreign Policy**. 2017. Dissertação (Mestrado)- Curso de Science, Defense And Strategic Studies, Missouri State University, Springfield, 2017.

WEHREY et al. **The Iraq Effect: The Middle East After the Iraq War (Project Air Force)**. **RAND Corporation**, Santa Monica, 2010. Disponível em: https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2010/RAND_MG892.sum.pdf. Acesso em: dez/2021.

WIEGAND, Constantin. **Turkey, Qatar and the Evolution of softpower in a changing Middle East**. 2013. 41 f. Bachelor Thesis – University of Bath, Bath, 2014.

WORLD POLITICS REVIEW (WPR). The Syrian Civil War's Never-Ending Endgame, jan/2022. Disponível em: <<https://www.worldpoliticsreview.com/insights/28041/the-syria-civil-war-might-be-ending-but-the-crisis-will-live-on>>. Acesso em fev/2022.

WU, Bingbing. Change in the Middle East: A Case of Egypt. **Journal of Middle Easter and Islamic Studies (in Asia)**, v. 06, n. 01, pp. 19-34, jul/2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19370679.2012.12023196>. Acesso em: dez/2021.

YEE, Vivian; KINGSLAY, Patrick. Leaders of Israel, UAE and Egypt Meet for Their First Summit. **The New York Times**, mar/2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/03/22/world/middleeast/egypt-israel-united-arab-emirates-summit.html>>. Acesso em: abr/2022.

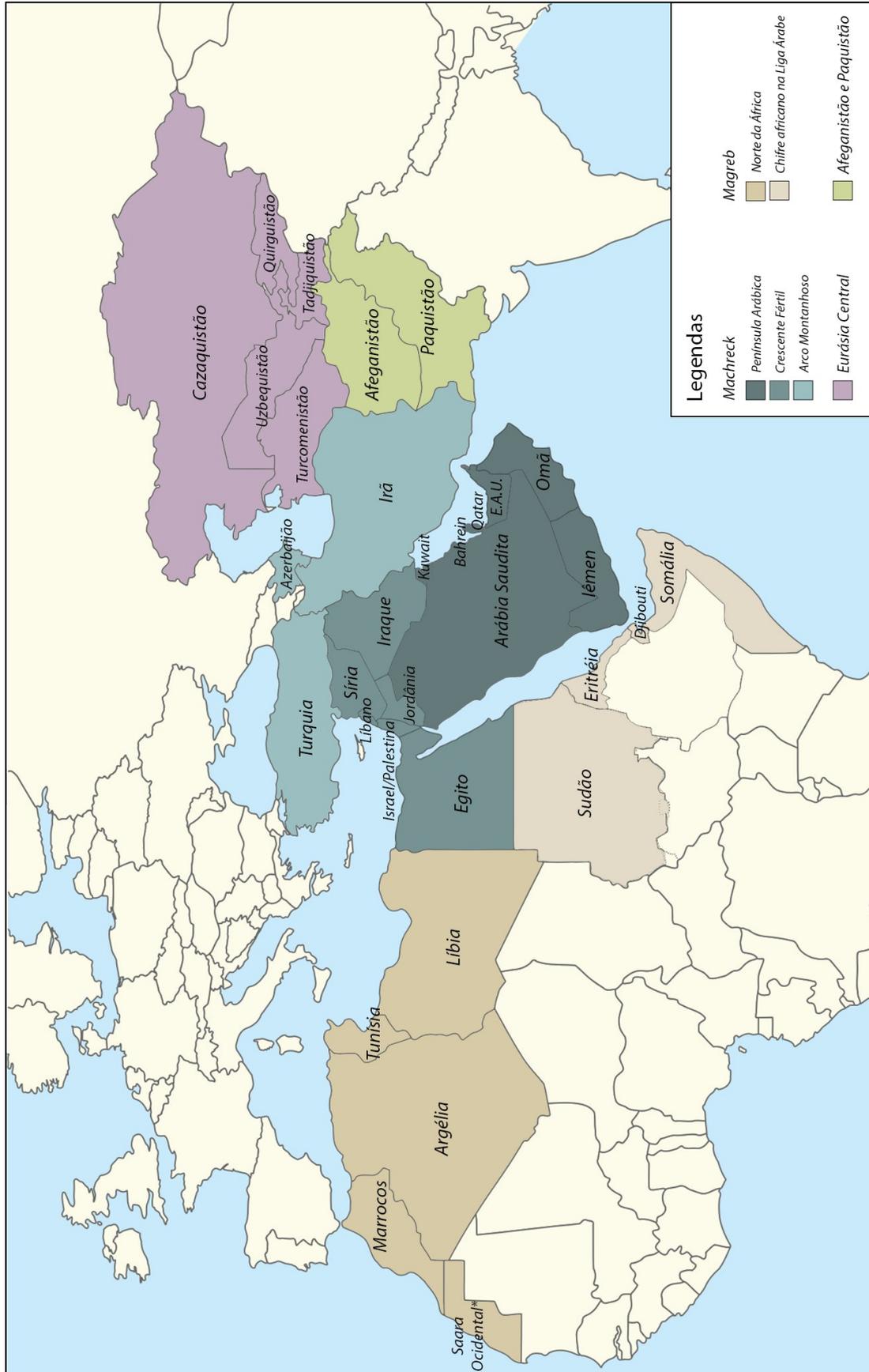
YÜKSEL, Engin; TEKINES, Hasin. Turkey's love-in with Qatar: a marriage of convenience. **Clingendael (Netherlands Institute of International Relations)**, jan/2021. Disponível em: <<https://www.clingendael.org/sites/default/files/2021-03/drivers-of-turkish-qatari-relations.pdf>>. Acesso em: abr/2022.

ZAHREDDINE, Danny. A Crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. **Revista Conjuntura Austral**, v. 04, n. 20, pp. 06-23, out/2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387>>. Acesso em: jan/2022.

ZEIN, Omar. **The Middle-Eastern Cold War: The Religious Struggle Between The Kingdom Of Saudi Arabia And The Islamic Republic Of Iran**. 2015. 1 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Ciência Política, American University In Cairo, Cairo, 2015.

ZILBER, Neri. Gulf Cyber Cooperation with Israel: Balancing Threats and Rights. **The Washington Institute for Near East Policy**, jan/2019. Disponível em: <<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/gulf-cyber-cooperation-israel-balancing-threats-and-rights>>. Acesso em: abr/2022.

ANEXO I: Mapa do Grande Oriente Médio e suas subdivisões



Fonte: CHEREM, 2019